

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)
INSTITUTO DE LETRAS (IL)
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO (LET)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA (PGLA)**

LAUANA CRISTINA DE SOUSA GADELHA

**HISTÓRIAS DE VIDA DE PROFESSORAS/ES SURDAS/OS NO DISTRITO FEDERAL:
EDUCAÇÃO, LÍNGUAS, POLÍTICAS, LUTAS E SONHOS**

**Brasília/DF
2023**

LAUANA CRISTINA DE SOUSA GADELHA

**HISTÓRIAS DE VIDA DE PROFESSORAS/ES SURDAS/OS NO DISTRITO FEDERAL:
EDUCAÇÃO, LÍNGUAS, POLÍTICAS, LUTAS E SONHOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Linguística Aplicada. Área de concentração: Linguagem, educação e sociedade.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Mariana Rosa Mastrella de Andrade

Brasília/DF
2023

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

D
h

De Sousa Gadelha , Lauana Cristina
HISTORIA DE VIDA DE PROFESSORES SURDOS NO
DISTRITO FEDERAL: EDUCAÇÃO, LÍNGUAS, LUTAS,
POLITICAS E SONHOS /
Lauana Cristina De Sousa Gadelha ; orientador Mariana
Rosa Mastrella-De-Andrade . -- Brasília, 2023.
209 p.

Dissertação (Mestrado em Linguística
Aplicada) -- Universidade de Brasília, 2023.

1. História de vida . 2. Professoras/es surdas/os
. 3. Formação de professoras/es surdas/os . 4.
inclusão . I. Mastrella-De-Andrade , Mariana Rosa ,
orient. II. Título.

LAUANA CRISTINA DE SOUSA GADELHA

**HISTÓRIAS DE VIDA DE PROFESSORAS/ES SURDAS/OS NO DISTRITO FEDERAL:
EDUCAÇÃO, LÍNGUAS, POLÍTICAS, LUTAS E SONHOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Linguística Aplicada. Área de concentração: Linguagem, educação e sociedade.

Defendida e aprovada em: Brasília, _____ de _____ de 2023.

Banca examinadora formada pelos professores:

Prof.^a. Dra. Mariana Rosa Mastrella-de-Andrade - Presidente
Universidade de Brasília - UnB

Prof.^a . Dra. Flaviane Reis - Membro Efetivo
Universidade Federal de Uberlândia -UFU

Prof.^a . Dra. Sandra Patrícia de Faria do Nascimento – Membro Efetivo
Universidade de Brasília - UnB

Prof.^a. Dra. Heloísa Maria Moreira Lima de Almeida Salles – Membro Suplente
Universidade de Brasília - UnB

EPÍGRAFE

“Somos pensadores, Surdas (os) Professores! Nova realidade, cores reluzentes de vida que não se apagam, que se evaporam, Dimensão de consciências; Dimensão de que Ensina; que de Acredito e Aprender. Veja luzes; Pássaros revoando ao ritmo da natureza humano em cores de vida; Descoberta de nós mesmo entre corpos; Somos imagens e somos surdos.”

Elias Paulino da Cunha Júnior (2022)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, eu agradeço a Deus, que sempre está comigo, por me guiar a cada dia, por me abençoar. Ele me presenteia com sabedoria, dons e experiências, também faz eu me sentir importante e eu busco sempre depender dEle. Eu sempre sonhei com esse momento e a Deus eu entrego minha sincera gratidão, pois sou surda profunda e Ele me ajudou a me esforçar. Então, lutei e consegui passar na seleção para ser mestranda em Linguística Aplicada na Universidade de Brasília (UnB). Sou grata à UnB e também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que me permitiu ser bolsista. Durante a pandemia, cumprir o prazo foi difícil, mas agradeço por tudo o que aconteceu comigo, inclusive, por ter conseguido estudar e isso mostrar que sou capaz de lutar pela minha própria felicidade.

Agradeço a minha família: minha mãe, Maria Eunice de Sousa, e seu companheiro, João Afonso Sampaio, que sempre cuidam de mim; eles me ajudam e têm muita paciência. Agradeço também ao meu pai, Francisco de Oliveira Gadelha (in memoriam); Ele me ensinou muito e deu conselhos sobre o futuro e sempre me mandava estudar. Além deles, eu sou grata pela minha avó paterna, Francisca de Assis de Oliveira Gadêlha. Ela me trata com amor. Também com ela eu aprendi sobre o que é ser surda e sobre a cultura, a língua de sinais. Ela acreditou que eu seria capaz, teve compreensão. Igualmente agradeço a meus avós maternos, Genésio Francisco de Sousa e Noema Rosa de Souza (in memoriam), que sempre estiveram orgulhos de mim, dizendo para minha mãe sobre a neta, no caso eu, que eu ser surda era normal e que eu seria capaz de construir um futuro para minha vida. Eles tinham razão. Agora, isso é realidade na minha vida. Eu fui a primeira neta surda da família e já conquistei muitas coisas.

À minha querida amiga Amanda, sou muito grata, pois ela sempre me aconselha e ajuda, ela me incentiva a me esforçar, apoia a minha caminhada e o meu desenvolvimento. Aprendo muito com ela, que me motiva a viver meus sonhos. Ao meu querido amigo Matheus Felipe também sou grata. Ele sempre me apoia no meu caminhar, aceita e sempre se esforça para me ajudar e cuidar do meu trabalho. Outros(as) amigos(as) a quem agradeço por tudo: Rodrigo Araújo, Valeria Menezes, Erika Mandetta e outros membros da Casa do Reino, que sempre me apoiam e me aconselham a me esforçar tanto pela minha vida quanto pelos meus sonhos. À querida Mônica Azevedo, eu

agradeço muito, pois ela sempre me ajuda e me dá muito exemplo sobre o que é mais importante na minha vida e no meu desenvolvimento, dando-me mais confiança. À minha querida amiga professora surda Maria de Fátima Félix, que me ajudou a escolher o que proporcionaria o melhor para minha vida; sou muito grata a ela. Pelo meu amigo professor surdo Erliandro. Do mesmo modo, agradeço o muito, porque ele me incentivou a crescer na vida. Eu me desenvolvi muito por causa dele; foi um prazer conhecê-lo.

Meu agradecimento também vai à querida Dra. Jenaína Carvalho; Ela sempre teve muito cuidado comigo e cuida da minha saúde mental; Ela é maravilhosa e me ajuda no meu desenvolvimento, ela me ajuda a ter foco e me motivou a participar de um grupo de estudo, onde fui aceita e me senti muito importante.

Um agradecimento muito especial à minha orientadora de mestrado, Prof.^a Dra. Mariana Rosa Mastrella-de-Andrade, sempre muito atenciosa e conselheira, ela me ajuda a me tornar uma profissional melhor e também quanto à minha identidade surda. Ela é uma pessoa querida, profissional muito dedicada e paciente; Ela me ajuda a ter confiança e me acalma. Eu também agradeço aos meus outros professores do departamento de Linguística Aplicada e Linguística na UnB; sempre aprendi muito ao estudar com eles: os professores Dr. Kleber Aparecido da Silva e Dra. Ormezinda Maria Ribeiro (Aya) do departamento de Linguística na UnB. Agradeço muito pelo ensino e aprendizagem na área de linguística aplicada. Eu amei muito estar em sala de aula com eles, que tiveram muita paciência por eu ser surda. À querida amiga e colega Valdiceia Tavares dos Santos. Ela sempre esteve junto comigo em relação aos estudos, sempre me apoiando e me ajudando a me esforçar e desenvolver. Agradeço, às professoras Dra. Sandra Patrícia de Faria do Nascimento e Dra. Flaviane Reis, membros da minha banca de Qualificação e Defesa de Mestrado. Sou grata por serem tão interessadas em me ajudar, dando conselhos e contribuindo com o meu projeto na área de formação de professores surdos. Agradeço à professora participante, que é suplente na banca de defesa de mestrado, Dra. Heloísa Salles. Ela é uma pessoa muito especial; sou grata por ela ter aceitado o meu convite. Obrigada por tudo a todos esses que me deram firmeza, fé, força, foco para eu não desistir da minha caminhada até conquistar mais bênçãos para minha vida. Agradeço às/aos intérpretes de Libras no Daces/UnB, que fizeram a tradução e transcrição das histórias de vida gravadas em vídeo nesta pesquisa, cujo trabalho foi fundamental. Também agradeço à equipe de intérpretes do Instituto de Letras da UnB, que sempre me acompanhou nas aulas e nos encontros com minha orientadora. Muito obrigada, Pai, por tudo que o Senhor tem proporcionado na minha

vida, tem sido tudo muito bom. Eu fico muito feliz! Obrigada por tudo, deixo aqui, enfim, o meu muito obrigada!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral apresentar e discutir histórias de vida de professoras/es surdas/os do Distrito Federal. Como objetivos específicos, este trabalho pretende dar espaço para as histórias vividas por professoras/es surdas/os do Distrito Federal, a partir do registro e discussão de suas vivências e lutas. Entendendo que ser surda/o no Brasil é enfrentar uma sociedade que estabelece padrões únicos e tem dificuldades para lidar com a pluralidade e a diversidade (GLÁDIS PERLIN, 1998, GESSER, 2009, CASTRO JUNIOR, 2015, ALBRES, 2016, QUADROS E STUMPF, 2018; SKLIAR, 2010). Este trabalho é guiado pela seguinte pergunta de pesquisa: o que dizem as histórias de vida de professoras/es surdas/os no Distrito Federal? Esta é uma pesquisa qualitativa (FLICK, 2011) e interpretativista (MOITA LOPES, 1994), com histórias de vida (NÓVOA, 2007), a qual prevê que pesquisadores/as são parte do próprio processo de pesquisar, o qual não objetiva neutralidade ou objetividade. O material de pesquisa foi gerado através de entrevistas, realizadas em Libras com gravações em vídeo e, posteriormente, transcritas em português. Ao todo, foram entrevistadas/os doze professoras/es surdas/os do Distrito Federal. As entrevistas com as histórias de vida das/os participantes, após transcritas, foram organizadas como material de pesquisa (FLICK, 2011) e analisadas criticamente a partir do estabelecimento das seguintes: vida na infância: chegada na família, relações com familiares; relações sociais interpessoais; educação e vivência escolar; lutas e conquistas; busca por pertencimento; a escolha da profissão de professor/a; sonhos e futuro; a relação com as línguas, Libras e português; política e sociedade. As histórias apontam questões fundamentais para a compreensão da luta da pessoa surda por seus direitos. As histórias mostram, ainda, importantes questões sobre vida, luta, educação e desenvolvimento da pessoa surda, o que torna esta pesquisa importante fonte para sensibilização, informação sistematizada e transformação da área de formação de professores surdos no Brasil e sobre a compreensão do papel da Libras no país.

PALAVRAS-CHAVE: histórias de vida; professoras/es surdas/os; formação de professoras/es surdas/os; Libras; inclusão.

ABSTRACT

The general objective of this study is to present and discuss the life stories of deaf teachers in Distrito Federal. As specific objectives, this study aims to make room for the stories experienced by teachers from Distrito Federal based on the recording and discussion of their experiences and struggles. Considering that being deaf in Brazil is facing a society that establishes single standards and has difficulties in dealing with plurality and diversity. (GLÁDIS PERLIN, 1998, GESSER, 2009, CASTRO JUNIOR, 2015, ALBRES, 2016, QUADROS E STUMPF, 2018; SKLIAR, 2010), this study is guided by the following research question: what do the life stories of deaf teachers in Distrito Federal say? This is a qualitative (FLICK, 2011) and interpretive (MOITA LOPES, 1994) research, with life stories (NÓVOA, 2007), which is grounded on the concept that researchers are part of the research itself, which does not aim at neutrality or objectivity. The research material was generated through interviews, which were conducted in Brazilian Sign Language with video recordings and, later, transcribed into Portuguese. A total of twelve deaf teachers from Distrito Federal were interviewed. The interviews with the life stories of the participants, after being transcribed, were organized as research material (FLICK, 2011) and critically analyzed based on the establishment of the following categories: life in childhood; arrival in the family; relationships with family members; interpersonal social relations; education and school experience; struggles and conquests; a quest for belonging; the choice of the teaching profession; dreams and future; the relationship with Brazilian Sign Language and Portuguese; politics and society. The stories point to fundamental questions for understanding the deaf person's struggle for their rights. The stories also demonstrate important questions about life, struggle, education and development of the deaf people, which make this research a source material for raising awareness and transforming understanding about Brazilian Sign Language and deaf teachers' training in Brazil.

Keywords: Life stories; deaf teachers; deaf teachers' training; Brazilian Sign Language; inclusion.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CEAL	Centro Educacional da Audição e Linguagem
CONADE	Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
INES	Instituto Nacional de Surdos
INOSEB	Instituto Nossa Senhora do Brasil
L1	Primeira Língua
L2	Segunda Língua
LA	Linguística Aplicada
LDB	Lei de diretrizes e bases da educação nacional
LSB	Língua de Sinais Brasileira
PGLA	Pós-graduação em Programa de Linguística Aplicada
ProLibras	Programa Nacional para a Certificação de Proficiência no uso e Ensino da Língua Brasileira de Sinais
PSL	Português como segunda língua
PNE	Plano Nacional de Educação
MEC	Ministério da Educação
SEEDF	Secretaria de Estado Educação do Distrito Federal
UnB	Universidade de Brasília

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Quadro dos dados identificação de professores surdos.	49
QUADRO 2 - Quadros de vídeos: Data e duração das entrevistas.	51

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
OBJETIVO DA PESQUISA	15
JUSTIFICATIVA	19
1. REFERENCIAL TEORIAL	19
1.1. LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA	21
1.2. IDENTIDADE SURDA	23
1.2.1. LUTA PELOS DIREITOS DE PESSOAS SURDAS	27
1.2.2. LUTA POR ESCOLAS BILÍNGUES DE SURDOS.....	28
1.2.3. A LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA: LUTAS E RESISTÊNCIAS.....	29
1.2.4. ENSINO-APRENDIZAGEM EM LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA.....	30
1.3. FORMAÇÃO DE PROFESSORES SURDOS	34
1.4. CAPACITISMO E OUVINTISMO	38
1.4.1. CAPACITISMO.....	39
1.4.1.1. CAPACITISMO LINGUÍSTICO.....	40
1.4.2. OUVINTISMO.....	41
2.METODOLOGIA	44
2.1. PESQUISA QUALITATIVA	44
2.2. PESQUISA INTERPRETATIVA	44
2.3. PESQUISA COM HISTÓRIA DE VIDA	45
3.ENTREVISTAS COM PARTICIPANTES PARA A GERAÇÃO DO MATERIAL EMPÍRICO	48
4. DISCUSSÃO DO MATERIAL DE PESQUISA	52
4.1. Família e amigos	55
4.1.1. Chegada na família.....	55
4.1.2. Relação com a família.....	63
4.1.3. A relação com amigos surdos e a entrada em comunidades surdas.....	73
4.2. Experiências com a escola e a educação em geral	80
4.3. Língua de Sinais Brasileira e português	95
4.3.1. O encontro com a Libras.....	95
4.3.2. A vivência com o português no Brasil.....	105
4.3.3. Oralização.....	113
4.3.4. A relação entre a Libras e o Português.....	120
4.4.Lutas	128
4.5. Relação com a comunidade surda	140
4.6. Empoderamento e Conquista	149

4.7. O porquê da escolha da profissão docente.....	159
4.8. Sonhos e futuro.....	170
4.9. Política e Sociedade.....	179
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	186
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	189
ANEXOS.....	202
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DE PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA.....	204
APÊNDICE.....	206

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo dar espaço para as histórias de vida de professores surdos no Distrito Federal. Ao todo, foram entrevistados 12 (doze) professores surdos. E este estudo está relacionado intimamente com a minha escolha acadêmica. Sou professora surda, nascida e criada em Brasília - DF e, ao longo da minha caminhada na Universidade de Brasília (UnB), tenho buscado pelo ensino aprendizagem e conhecimento em Linguística Aplicada, focada na luta pela oficialização do reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) ou Língua de Sinais Brasileira, pela decolonização da educação de surdos no país. Busco, assim, dar ênfase e espaço às histórias de vida de professores surdos, sua formação e identidade surda, suas lutas e conquistas, vivências e sofrimentos, conforme buscarei mostrar no decorrer deste trabalho.

Escolhi usar o português como minha segunda língua para este meu estudo. Embora eu viva na sociedade brasileira, não participo de todas as práticas sociais em função de ser surda. Considerando que o Brasil possui várias línguas, embora seja comumente conhecido como um país de “língua portuguesa”, isso influenciou minha escolha. Escrever formalmente em português não é algo muito familiar ou natural para o surdo, mas, mesmo assim, escolhi construir meu trabalho em português escrito também para que gere um alcance maior e grande circulação entre diferentes pessoas, tanto surdas quanto não-surdas. A licenciatura em Língua de Sinais Brasileira e Português como segunda língua (LSB-PSL) no Instituto de Letras da UnB foi a minha segunda graduação, sendo a primeira surda formada no curso de LSB-PSL na UnB em 2019. Hoje sou professora surda que leciona a Língua de Sinais Brasileira como L1 e L2. Ensino Libras desde 2014. Libras é minha primeira língua. Sou surda e convívio com a comunidade surda, além da minha experiência no ensino dessa língua visual-espacial. Sempre tive muito desejo de estudar licenciatura em Libras. Comecei com o ensino básico de Libras como segunda língua para não-surdos, ou seja, ouvintes, quando ainda não tinha formação como professora, mas dava aula particular. Atuei por muitos anos como professora-instrutora autônoma, surda, no ensino da Libras, com minha identidade e cultura surda. Enquanto estudava, há 3 anos e meio (de um total de 4 anos) na UnB, fui aprovada e tive contrato como professora temporária da Secretaria Educação do Distrito Federal (SEEDF).A licenciatura em Língua de Sinais Brasileira e

Português como segunda língua sempre foi minha preferência, porque minha experiência de vida e cultura se constrói a partir dessa língua de sinais. Ingressei no curso em 2016. Comecei minha trajetória no campo da formação como professora em Língua de Sinais Brasileira, tendo Português como segunda língua. Fui a única surda que conseguiu entrar no PGLA da UnB, até o momento, porque não tem vagas para surdos, somente para indígenas e negros, mas venci a barreira e como surda tenho direito à minha língua materna, língua de sinais brasileira, e de atuar como linguista aplicada.

Em junho de 2021, em Brasília, comecei a liderar comunidades surdas e professores surdos por meio de apoio à FENEIS¹/DF. Fui responsável pelos grupos de surdos e juntos lutamos para a inclusão da modalidade de educação bilíngue de surdos na LDB e para a promoção do voto em apoio à educação bilíngue de surdos. A modalidade de educação bilíngue de surdos foi aprovada como modalidade independente da modalidade de educação especial. Também lutamos para conseguir o lote da escola bilíngue de surdos, na 912 Sul, no Plano Piloto.

O meu contato com a língua de sinais foi desde a infância, quando as minhas tias me ensinaram a usar o alfabeto em sinais através da música “Abecedário da Xuxa” pelo programa de “Xou Xuxa” na década de 90. Eu era apaixonada e fã da Xuxa e começava a aprender um pouco de gestos. Tive minha primeira consulta na fonoaudióloga aos 3 anos no CEAL/LP, onde comecei a estudar. Aquele local tinha somente o método da comunicação oralizada e os professores não-surdos sempre davam atenção em sala de aula para os surdos, promovendo apresentações teatrais, como Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia das Crianças, festa junina etc. Eles não utilizavam a língua de sinais, mas quando eu tinha 5 anos, comecei a tentar me comunicar com meus colegas surdos, mas nunca aprendi a Língua Portuguesa oral, nunca fui oralizada, mesmo quando frequentava a fonoaudióloga, minhas professoras reclamavam constantemente por eu não querer aprender a língua oral e a minha relação com elas foi difícil por muitos anos, pois eu sempre estava com medo quando estudava lá, pela minha dificuldade de aprender as atividades que nos passavam. Eu tive a oportunidade de aprender de fato a língua de sinais brasileira aos 8 anos, comecei a me comunicar pelos sinais com surdos na escola de inclusão pública na Asa Sul pela manhã e depois recebia o reforço no CEAL/LP à tarde, conduzida por um transporte escolar privado que me levava de

¹ FENEIS é a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, foi criada em 16 de maio de 1987, luta em primeiro lugar pelos direitos dos surdos em diversos meios: em defesa da política linguística e também pela educação, cultura, saúde, emprego, cursos de Libras e assistência social na comunidade surda, também filantrópica, sem fins lucrativos, mas também contempla surdos, pessoas com perda auditiva, professores de Libras, pesquisadores, familiares de surdos e codas, instituições, organizações governamentais suas manifestações sociais, sem distinção e sem discriminação.

uma escola para outra. Quando fui para a escola inclusiva, era difícil também, porque eu era a única aluna surda e os alunos e professores não-surdos tinham barreiras de comunicação comigo, mas eu tinha a atenção deles; eu ficava alegre e brincava com meus colegas não-surdos na escola, que era perto de onde moravam meus avós maternos e meu primo, que ia junto comigo. As atividades na sala de aula não eram fáceis, porque não tinha a educação bilíngue, somente o reforço no CEAL/LP. A minha aquisição da língua de sinais brasileira e da cultura surda veio por meio da comunidade surda no Instituto Nossa Senhora do Brasil – Pastoral dos Surdos (INOSEB) –, no contato com surdos, seus familiares, intérpretes e viagens com a comunidade surda. O meu desenvolvimento foi no convívio com a identidade e comunidade surda. Optei por usar somente a língua de sinais brasileira na minha comunicação, pois foi o que se encaixou melhor para mim, já que é uma língua visual-espacial e a comunicação se torna bem mais fácil. Porém, enfrentei e enfrento diversas barreiras por conta de a sociedade não saber ou conhecer a língua de sinais brasileira; era uma época em que ainda não existia a Lei de Libras e a família não-surda não sabia Libras devido à falta de conhecimento.

Com tudo isso, a minha decisão foi a de ser professora de Libras. Fiquei muito interessada pelo ensino nessa área de Libras já que a língua é o meio mais importante para a comunicação acontecer e, depois, descobri o novo curso de Letras-Libras, informado a mim pela comunidade surda. Minha experiência com a língua de sinais brasileira, por ser minha língua materna e conviver na comunidade surda, me despertou o desejo de estudar. Fiz a inscrição no vestibular para Letras-Libras na Universidade de Brasília e, antes, cursei Administração, porque não existia esse curso em Brasília. Em 2014, fiz um curso preparatório para o ProLibras². Aprendi em um mês com um professor surdo que me trouxe o ensino do conteúdo sobre “como ser instrutor de Libras” e, no mesmo ano, comecei a ensinar Libras no nível básico e como segunda língua para ouvintes, que eram membros na Igreja, ainda sem formação oficial na área, pois já tinha experiência com a língua por ser meu próprio meio de comunicação. Também dei aula particular em universidades e em outros lugares, antes de me formar como professora.

A Língua de Sinais Brasileira (LSB) para surdos é uma língua e sua aquisição pelo ensino e aprendizagem da Língua de Sinais Brasileira é possível, e queremos demonstrar

² ProLibras foi o Programa Nacional para a Certificação de Proficiência no Uso e Ensino da Língua Brasileira de Sinais/LIBRAS, foi criado pelo MEC para promover a acessibilidade da comunidade surda no uso da LIBRAS, dando certificados profissionais para professores de Libras, que antes não era regulamentada e/ou reconhecida pela Lei, também não existia a graduação em Letras/Libras, somente em 2005 foi sancionado o decreto nº 5.626/2005, que regulamenta a formação de professores e ProLibras que teve a última em 2015.

como se dá essa relação entre não-surdos e surdos, que se conhecem e se comunicam por meio dessa língua. De acordo com Bakhtin (2006, p. 15), “Bakhtin coloca, em primeiro lugar, a questão dos dados reais da linguística, da natureza real dos fatos da língua. A língua é, como para Saussure (2012), um fato social, cuja existência se funda nas necessidades da comunicação.” Bakhtin, filósofo da linguagem, teve como interlocutor de seu trabalho o linguista tradicional Saussure, porém, depois o criticou e percorreu outro trajeto, trazendo o conceito de que a língua não é um objetivismo abstrato por ser algo naturalmente humano. No seu histórico sobre a língua, objeto de seu estudo, Saussure (2012) se direcionou apenas para a língua em si e não para o que mais está relacionado a ela, como as enunciações, os diálogos e a própria fala. Bakhtin (2006) defende que a língua está ligada ao fato social, como um direcionamento para outro e que a enunciação também vem pela interação verbal entre indivíduos, de forma ideológica e dialógica. Para Saussure, somente a língua tem que ser o foco de estudo linguístico, porém, a verdade é que também existem outros tipos de linguagem e de vida.

A promoção do ensino-aprendizagem na Língua de Sinais Brasileira e a comunicação com os surdos é importante para ser a primeira língua de surdos, sendo essencial para a comunicação natural e acessível a eles. A aquisição da língua é diferente no seu desenvolvimento como primeira língua, ou seja, destinada para ser a língua materna dos surdos (L1) e, como segunda língua, que deve ser focada para não-surdos (L2) no ensino-aprendizagem.

De acordo com Quadros (2019, p. 153), “a Libras é a língua de interação mais usada entre os surdos”, é a sua língua materna, pois a língua de sinais é natural para nós, por ser visual-espacial, também para a cultura surda, e tornou-se a segunda língua oficial no Brasil por meio de mobilização da comunidade surda. Skliar (1998a, p. 27) comentou que: “Pôr a língua de sinais ao alcance de todos os surdos deve ser o princípio de uma política linguística, a partir da qual se pode sustentar um projeto educacional mais amplo.” E, Quadros (2019, p. 168): “Especialmente na aprendizagem da Libras como primeira pois isso impactará no seu desenvolvimento linguístico e na constituição de sua identidade.”

Segundo Gesser (2009, p. 48), aprender a língua de sinais é algo que faz parte das comunidades surdas, e manter o contato com o mundo dos surdos, por exemplo, é uma iniciativa que pode nos fornecer subsídios para compreender melhor as questões delineadas. E, de acordo com Quadros (2019, p. 41), “o legado da Libras só será mantido se as crianças surdas tiverem contato com adultos surdos sinalizantes em Libras, pois a herança linguística é transmitida pela comunidade surda, não pelas famílias.”

Para Skliar (1998a, p. 26), “Todas as crianças surdas podem adquirir a língua de sinais, desde que participem das interações quotidianas com a comunidade surda, com o que acontece com qualquer outra criança na aquisição de uma língua natural.” Os surdos sempre devem conviver com as comunidades surdas e com a escola bilíngue de surdos, por isso, a comunicação e diálogo entre os surdos têm quer ser pela língua de sinais e, assim, ocorrer a aquisição como língua materna e o seu desenvolvimento.

Objetivos da Pesquisa

Esta pesquisa tem como objetivo geral discutir como professores surdos em Brasília – que têm Libras como L1 – lutam para ganhar espaço em relação ao uso da língua, na comunicação e interação e também na construção de suas identidades, suas lutas e conquistas. Também é objetivo deste trabalho dar espaço para as histórias de vida de professores surdos no Distrito Federal, tornando-as material informativo e inspirativo para a área de formação de professores surdos no Brasil, somando com o que já tem sido feito em termos de pesquisa a esse respeito.

Desse modo, as perguntas de pesquisa que dão rumo a este estudo são:

1. Como são as histórias de vida de professores surdos no Distrito Federal?
2. O que dizem as histórias de vida em relação ao acesso à aquisição de Libras, à educação, às conquistas, lutas e aos sonhos dos professores surdos participantes desta pesquisa?

Justificativa

A história de vida de professores surdos é importante porque ao se conhecer pessoas surdas e suas lutas, é possível compreender e reconhecer a língua em seus meios sociais, de educação, culturais e políticos. Os surdos sofrem por capacitismo, ouvintismo, preconceito e opressão contra a língua de sinais e, além disso, colonialismo.

As vidas dos professores surdos e a reflexão sobre o que passaram em suas famílias, escolas e toda a sociedade até se tornarem profissionais importa e pode ser relevante para entendermos as lutas em torno da aprovação da legislação da Libras. É relevante conhecer, por exemplo, também a história do primeiro professor surdo, francês Jean Massieu, na França, bem como do professor surdo francês Ernest “Eduard” Huet, que foi ex-aluno no Instituto Nacional de Surdos de Paris. No Brasil, o professor ocupou o cargo no Instituto

Nacional de Surdos-Mudos (atualmente Instituto Nacional de Surdo-INES), que foi primeira escola para surdos no Brasil, fundada por Huet, depois que aconteceu o Congresso de Milão em 1880, onde ocorreu a proibição do uso da língua de sinais e também exclusão dos professores surdos. Ainda no Brasil, é preciso saber mais sobre o desenvolvimento da formação de professores surdos após a luta pela comunidade surda.

Os pais não-surdos de crianças surdas, muitas vezes, não conhecem a Língua de Sinais Brasileira e essas crianças enfrentam dificuldades de comunicação e interpretação desde à infância, dentro do ambiente familiar devido à barreira linguística. Além disso, podem ocorrer falhas no desenvolvimento das crianças surdas, por não terem acesso ao português com a segunda língua (L2), ou ter aquisição dessa língua de forma tardia ou ainda passarem por preconceito quanto à sua língua e pelo capacitismo linguístico.

Então, é preciso mostrar que a língua de sinais é a primeira língua dos surdos e que, por meio dela, ele pode se comunicar por completo, já que é uma língua visual-espacial. Por isso, os pais não-surdos precisam aceitá-la e aprendê-la para poderem se comunicar com seus filhos surdos, conhecendo a língua de sinais e a comunidade surda, pois, em muitas situações, os pais-não surdos não conhecem nem essa língua nem a comunidade. E, nisso, a escola tem um papel fundamental de mediar conflitos e ajudar esses pais a compreenderem melhor a cultura surda e como os surdos enxergam e entendem o mundo, além de levá-los a aprenderem a Língua Brasileira de Sinais.

As comunidades surdas apresentam a Língua de Sinais Brasileira, que proporciona a comunicação, identidade e cultura para surdos e eles são empoderados e, por isso, lutam pela sua língua, pela escola bilíngue com acessibilidade e igualdade. Nesse sentido, conhecer e situar as histórias de vida de professoras(es) surdas(os) se torna de grande relevância para se pensar a formação docente e seu currículo. Nesse sentido, a fim de prosseguir, passarei, nas próximas partes, a apresentar o referencial teórico que embasa esta pesquisa, bem como a metodologia que a encaminha.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

Os sujeitos surdos que vivem no Brasil, que usam a mesma língua de sinais do Brasil, que têm costumes, história, tradições comuns e interesses semelhantes, estamos nos referindo ao Povo Surdo do Brasil. (STROBEL, 2018, p. 41)

1.1. Língua de Sinais Brasileira

O americano Stokoe é o primeiro pesquisador da área das línguas e da língua de sinais, durante e após a língua de sinais ser proibida no mundo. Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 31), “naturalmente o trabalho de Stokoe (1960) representou o primeiro passo em relação aos estudos das línguas de sinais”. Stokoe (1960) descreveu sobre o entendimento das línguas em geral e da língua na modalidade visuo-espacial, que aumentou consideravelmente (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 29).

Segundo Brito (1993), sobre a história da língua de sinais, em 1969, o missionário americano Eugênio Oates fez a primeira tentativa de registrar a Língua de Sinais falada no Brasil, publicando o livro “Linguagem de Mão”, pequeno dicionário de sinais, e lutou pelo direito de pessoas surdas.

As línguas de sinais são línguas naturais porque como as línguas orais surgiram espontaneamente da interação entre pessoas e porque devido à sua estrutura permitem a expressão de qualquer conceito - descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato - enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano. (BRITO *et al.*, 1997, p. 19)

De acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 30), as línguas de sinais são consideradas línguas espontâneas, naturais, e, assim, compartilham diversas características que lhes atribui algo específico que as difere das demais.

Para os surdos, a Libras é a língua da comunidade, pois a veem como uma representação cultural legítima de propriedade surda. A Libras continua pertencendo à comunidade surda e isso advém da história da constituição das línguas de sinais no encontro surdo-surdo. (QUADROS, 2019, p. 47; 49)

Lucinda Ferreira Brito é a pesquisadora que realizou um trabalho pioneiro em termos da descrição da Língua de Sinais. Ela iniciou o relato sobre a origem da sigla “Libras”, adotada na sua obra. Essa decisão de adotar o nome Libras no livro (BRITO, 1995), é a sigla advinda da FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos) em outubro de 1993. O nome Libras não é um padrão internacional das línguas de sinais (espaços-visuais), mas os surdos brasileiros divulgam o nome Libras para a língua de sinais do Brasil, ou seja, é uma língua nacional.

Segundo Quadros (2019, p. 32), no glossário da autora, o conceito de Libras é a nomenclatura que foi dada para a Língua Brasileira de Sinais oficializada no Brasil, na Lei da Libras 10.436/2002, e representa a língua nacional nativa e oriunda das comunidades surdas. O nome Libras é usado pelas organizações de surdos no FENEIS e a Letras/Libras usa essa língua em seu nome, pois esse é o foco dos cursos em todos os estados brasileiros.

Em 2002, a chamada Lei da Libras nº 10.436/2002 foi assinada pelo presidente da República Federal e, dois anos depois, em 2005, o Decreto nº 5626/2005 a regulamentou, reconhecendo-a como meio legal de comunicação e expressão a Língua das comunidades surdas brasileiras. O Decreto nº 5262/2005 torna a disciplina de Língua Brasileira de Sinais obrigatória nos cursos de formação de professores de Pedagogia ou curso normal superior de Letras, garantindo à comunidade surda sua linguística e a educação bilíngue de surdos, que é referência, mas a Libras não poderá substituir a modalidade escrita da Língua Portuguesa. Em relação à sigla Libras (Língua Brasileira de Sinais), adotamos LSB (Língua de Sinais Brasileira), porque no mundo é assim que a língua de sinais se espalha. “A Língua Brasileira de Sinais (Libras), graças à luta sistemática e persistente das comunidades surdas, vitoriosamente foi reconhecida pela nação brasileira como a língua oficial do povo surdo, com a publicação da Lei nº 10.436, de abril de 2002.” (STROBEL, 2018, p. 93)

[...] para chegarmos à legitimação e ao reconhecimento, por parte da sociedade como um todo, de que a língua de sinais é uma língua. Certamente a marca linguística não é a única questão nas discussões sobre a surdez, mas é a legitimidade da língua que confere ao surdo alguma “libertação” e distanciamento dos moldes e representações até então exclusivamente patológicos. (GESSER, 2009, p. 9)

De acordo com Quadros (2019, p. 142), a Libras é reconhecida como primeira língua das pessoas surdas e a Língua Portuguesa como segunda, na modalidade escrita. Os espaços de educação para surdos são diversos: escolas bilíngues, classes bilíngues e escolas inclusivas (também chamadas de escolas comuns).

Segundo Strobel (2018, p. 54-55), a língua de sinais é transmitida nas comunidades surdas e, apesar de por muito tempo na história dos surdos ter sofrido a repressão exercida pelo oralismo, não foi extinta e continuou a ser transmitida, de geração em geração, pelo povo surdo com muita força e garra. A língua de sinais do Brasil não pode ser estudada tendo como base a Língua Portuguesa, porque ela tem gramática diferenciada, independente da língua oral, com sua estrutura e organização específica para atender aos surdos.

De acordo com Quadros (2019, p. 25), a Libras é uma língua visual-espacial. Exibe-se em uma modalidade que utiliza o corpo, as mãos, os espaços e a visão para ser produzida e percebida. As palavras, as sentenças e os sentidos da Libras são produzidos por meio das mãos, do corpo e da face dentro do espaço à frente do sinalizante, numa composição de unidades menores combinadas para formar os sentidos, percebidos pela visão. A língua de sinais brasileira tem estrutura gramática linguística e sintaxe, que não são iguais ao português, até a formação das frases da língua de sinais é diferente, pois é com base na forma como o surdo pensa, por ser uma língua natural deles.

Os surdos brasileiros se inseriram em um movimento político de reivindicação do reconhecimento da sua língua. Ao mesmo tempo, os estudos linguísticos da Libras começaram a apresentar evidências do estatuto linguístico desta língua. (QUADROS; STUMPF, 2018, p. 18)

De acordo com Quadros e Stumpf (2018, p. 31), a narrativa dos professores surdos confirma e reforça as conquistas advindas da Lei de Libras e do Decreto nº 5626/2005, o que abriu espaço para a construção de uma nova perspectiva da Educação Bilíngue. Socialmente, tornaram possível a compreensão do que é ser surdo e a valorização da Libras pela sociedade.

Em suma, a Libras é uma língua oficializada pela Lei, usada pela comunidade surda no Brasil pela acessibilidade que proporciona e expressa níveis linguísticos em diferentes graus, assim como as demais línguas; apresenta uma gramática com uma estrutura própria, usada por um grupo social específico (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 47), merecendo seu espaço e valor.

1.2. Identidade surda

Os elementos mais importantes da cultura podem ser destacados como as habilidades dos sujeitos para construir sua identidade

em usar a linguagem. (STROBEL, 2018, p. 23)

Hall (2006, p. 1) desenvolveu um argumento com relação a identidades culturais – são aspectos de nossas identidades que surgem dando a ideia de “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais. Além disso, o autor também explanou o termo de cultura de classe, gênero, sexualidade, idade etc.

Segundo Hall *et al.* (1992, p. 1), o próprio conceito com o qual estamos lidando, “identidade”, é bastante complexo, porém, é pouco desenvolvido e compreendido pela ciência social contemporânea.

Para identificar a marca dos “surdos”, visivelmente presente na comunidade surda, é preciso examinar os fragmentos que constituem o termo e suas possíveis interpretações nos estudos culturais. A concepção do conceito de identidades surdas muda de sujeito para sujeito. Ela muda da mesma forma que não temos uma identidade única de surdos. No meu conceber, não existe um modelo de identidade surda. (PERLIN, 1998a, p. 19)

De acordo com Hall (2006, p. 10), existem três concepções diferentes de identidades: sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. Os autores Hall (2006) e Perlin (1998) abordaram os conceitos de “identidade” e “identidade surda”; sendo a identidade o agente caracterizante de culturas, línguas e etnias. “Identidade, nesta concepção sociológica, preenche a lacuna entre o 'dentro e fora' - entre o pessoal e o público os mundos”. (HALL, 1992, p. 2). Além da identidade descrita por Hall (2000), os surdos têm seu próprio perfil, a identidade surda e também sua cultura e língua. Perlin (1998) conceituou a “identidade surda”, mas são os surdos escolhem o seu tipo de identidade, além dos cinco tipos de identidade surdas, por isso, é preciso usar a língua de sinais brasileira para constituir a linguagem. Segundo Perlin (1998b, p. 44), “pessoas surdas podem ser brancas, indígenas, sul-americanas, mas jamais se separam do caráter político de suas identidades a não ser que sejam obrigadas a viver dispersas”.

Segundo Quadros (2019, p. 32), em seu glossário de pesquisa, o conceito de “identidade surda” se relaciona à identificação da pessoa dentro da comunidade surda, com o sentimento de pertencimento ao grupo sociocultural de surdos de determinado local, região ou país, e até mesmo internacionalmente, ou seja, a identidade é relativa a se sentir parte de um determinado grupo que o

Segundo Ladd (2013, p. XIV), o termo “Surdo” refere-se àquele que nasceu Surdo ou que ensurdeceu cedo (às vezes mais tarde) na infância, para quem as línguas gestuais

(espaço-visuais), as comunidades e as culturas do coletivo Surdo representam a sua experiência primária e a fidelidade, muitos dos quais percebem sua experiência como essencialmente semelhante a outras minorias linguísticas.

O termo “surdo” (minúsculo) refere-se a quem perdeu a audição, aquele que tem surdez, mas experimentou a audição a durante a vida, mais cedo e/ou mais tarde, não se desejou ter contato com a comunidade surda e com a língua de sinais; o que é diferente do termo “Surdo” (maiúsculo), que se refere àquele que tem surdez desde quando nasceu e apresenta identidade e cultura surda, se comunica pela língua de sinais e convive com a comunidade surda (LADD, 2013; WILCOX, P.; WILCOX, S., 2005).

O termo Surdo (com S maiúsculo) tem o significado de empoderamento na comunidade, língua e cultura surdas, mostrando pessoas Surdas com mais respeito e reconhecendo pela sua identidade como sujeitos Surdos, com o seu processo histórico e cultural, além de valores linguísticos, sociais e estratégicos, o termo “Surdo” é utilizado pelos diversos autores (CASTRO JÚNIOR, 2015; LANE, 2008).

Segundo Strobel (2018, p. 40), “a formação das identidades surdas é construída a partir de comportamentos transmitidos coletivamente pelo “povo surdo”, que ocorre espontaneamente quando os sujeitos surdos se encontram com os outros membros surdos nas comunidades surdas”. Reis (2006, p. 19) deu o exemplo do “Povo Surdo”, que significa uma estratégia de poder, de identidade e as associações, organizações locais, nacionais ou mundiais de surdos, assim como as lutas, a cultura e as políticas são os fatores que constituem este povo.

De acordo com Perlin e Miranda (2003, p. 217), os pesquisadores relatam que se deve “olhar a identidade surda dentro dos componentes que constituem as identidades essenciais com as quais se agenciam as dinâmicas de poder. É uma experiência na convivência do ser na diferença”.

Os surdos descobrem a própria identidade surda a partir da relação com outro surdo. Perlin (1998) discute essa descoberta usando a metáfora da descoberta do tesouro, em que os surdos encontram seus adornos e suas preciosidades ao encontrarem outros surdos. A língua é uma prática social que carrega cultura e estabelece identidades. Os surdos herdaram a Libras no coração da comunidade surda, entre os surdos adultos. (QUADROS, 2019, p. 43)

Strobel (2018, p. 29), disse que a cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para definição das identidades surdas e das “almas”

das comunidades surdas. A autora (STROBEL, 1998) afirma que leu a respeito das identidades surdas com Perlin, por isso o conceito de identidade surda varia.

Segundo Perlin (1998b, p. 62), a identidade surda está presente no grupo onde os surdos se encontram e fazem uso de sua experiência visual de fato, e ela disse que percebeu as formas variadas desses surdos utilizarem a sua comunicação visual, que isso os caracteriza.

Os surdos têm sua identidade marcada em sua língua e devem conviver com a comunidade surda e sua cultura, desenvolvendo a sua experiência linguística e identidade surda. É importante se conhecer e a identidade surda ter visibilidade, porque os surdos se unem e se encontram na comunidade surda, fato abordado pela autora Perlin (1998).

De acordo com Perlin (1998b, p. 57), a identidade surda é construída dentro de uma cultura visual e ela disse que essa diferença precisa ser entendida não como uma construção isolada, mas como construção multicultural, a qual não é engessada.

Segundo Gesser (2009, p. 53): “O surdo tem uma identidade e uma cultura própria”, mas não apenas se exprime no singular “uma”, mas também está inscrita no adjetivo “própria”. “Cultura própria” sugere a ideia de um grupo que precisa se distinguir da maioria ouvinte para marcar sua visibilidade, e a única forma de obter coesão é criada a partir de uma “pseudo” uniformidade coletiva. Em grande medida, funciona como “sobrevivência cultural” entre os excluídos e desprovidos, portanto, de poder e voz. É muito comum e natural ouvir discursos de oposição às culturas ouvintes pregando a homogeneidade cultural surda.

De acordo com Strobel (2018, p. 118), o povo surdo quer construir uma nova história cultural, com o reconhecimento e o respeito das diferenças, valorização da língua, a emancipação dos sujeitos surdos de todas as formas de opressão ouvintistas e seu livre desenvolvimento espontâneo de identidade cultural.

Segundo Strobel (2018, p. 48), o contato da criança surda com adultos surdos através de uma língua em comum, que é a língua de sinais, é o que proporcionará o acesso à linguagem e, dessa forma, assegurará a identidade e a cultura, que são transmitidas naturalmente à criança surda em contato com a comunidade surda.

Hall (2000, p. 109) destaca que as identidades são construídas de dentro e não de fora, discursando que nós precisamos compreendê-las como são produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. A identidade surda precisa mostrar e reconhecer o meio social para ter visibilidade e ter sua cultura destacada, com a língua de

sinais brasileira como primeira língua, a comunidade surda precisa de maior desenvolvimento.

Segundo Strobel (2018, p. 28): “[...] mas o importante para eles é o pertencimento ao grupo usando a língua de sinais e cultura surda, que ajudam a definir as suas identidades surdas”.

De acordo com Quadros (2019, p. 44), as lideranças surdas são referências linguísticas, culturais e identitárias para os jovens surdos e promovem encontros surdos baseados em atividades esportivas, lazer, religião, educação e trabalho.

1.2.1. Luta pelos direitos de pessoas surdas – o direito à língua é um direito à existência

O direito de igualdade e acesso à língua dos surdos é para serem tratados como cidadãos que são, e essa luta contempla principalmente: a comunicação, a aquisição de língua, a aprendizagem, o uso da língua materna, o ser bilíngue (língua de sinais brasileira na comunicação e português para leitura e escrita), a compreensão da criança surda (os pais não-surdos autorizam a aprendizagem em língua de sinais e a aprendizagem do português escrito como segunda língua), o direito à educação linguística na formação de professores surdos, na estrutura e no uso da língua de sinais entre surdos.

A Lei nº 10.436/2002, conhecida como a Lei de Libras, foi aprovada e, com ela, os surdos ganham reconhecimento linguístico e a garantia de direitos. Essa lei foi regulamentada pelo Decreto nº 5626/2005, uma legislação que traz informações relevantes para a nossa pesquisa no que diz respeito a quem é o surdo e quais são seus direitos relativos à língua e à linguagem. Sabemos que a língua de sinais brasileira é a língua da comunidade surda brasileira, portanto, é necessário que os surdos tenham acesso a essa língua de forma natural, ou seja, para o “sujeito surdo ter acesso às informações e conhecimentos, e para construir sua identidade, é fundamental criar uma ligação com o povo surdo em que se usa a língua em comum: língua de sinais”, conforme explica Strobel (2018, p. 5).

“As crianças surdas têm o direito a sua entrada nessa comunidade e nesses processos culturais, sem nenhum condicionamento. E políticas linguísticas, do conhecimento, das identidades etc. São uma parte indissolúvel dessas potencialidades ou direitos” (SKLIAR, 1998a, p. 29).

A comunidade surda é empoderada e capaz de lutar pelos seus direitos à língua de sinais, identidade, cultura, comunidades próprias, que são processos que mostram que os

surdos são humanos e permite o campo da sua educação. Os surdos empoderados querem os seus direitos. Por isso, a educação bilíngue, a linguística e a língua materna nas comunidades surdas têm que estar acessíveis.

Segundo Perlin e Miranda (2003, p. 220):

O que caracteriza essa herança cultural da comunidade surda é a língua de sinais, já provada pelos significados realmente diferentes e capazes de carregarem com desenvoltura aspectos de profundidade como qualquer outra língua, mesmo na originalidade que lhe é peculiar. Segue a isso como parte de sua cultura a presença de outros significados que fazem mediação com outras línguas.

1.2.2. Luta por escolas bilíngues de surdos

A educação bilíngue é uma instituição que oferece duas línguas: Língua Brasileira de Sinais/Libras como primeira língua e Língua Portuguesa como segunda língua. Essas escolas contêm a abordagem bilíngue, isto é, as crianças surdas aprendem a língua de sinais de uma forma melhor e mais direcionada. A história da Escola Bilíngue de surdos de Brasília surgiu quando surdos e professores surdos lutaram por ela e pelos direitos linguísticos voltados para os surdos. O movimento de surdos em Brasília foi muito importante para a conquista dos direitos a uma educação linguística para alunos surdos na formação de professores surdos, em Língua de Sinais Brasileira, e também para a cultura surda obter professores bilíngues.

De acordo com Quadros (2019, p. 176), os professores surdos, entre os possíveis papéis que podem ocupar na escola, também assumem o papel de “sinalizantes” de referência, logo, de falantes de referência. Essa representação é importante porque eles passam a ser referência da Libras para os alunos da escola. Os professores bilíngues também desempenham um papel importante no ensino-aprendizagem das crianças surdas, pois são fluentes em Libras e conseguem interagir com os alunos nessa língua, sem precisar dos intérpretes dentro de sala de aula. O processo educacional acontece na língua de com professores surdos e professores bilíngues.

Os alunos surdos têm direito ao processo de aprendizagem da língua materna, língua de sinais, e à aquisição da língua que é sua primeira língua, ensinada e mediada por professores surdos, formados para o ensino para alunos surdos. Nesse sentido, advogo pelas escolas bilíngues, preparadas e abertas para atender às especificidades educacionais, culturais e sociais da comunidade surda.

1.2.3. A Língua de Sinais Brasileira: lutas e resistências

A Língua de Sinais Brasileira é a primeira língua oficial para a comunicação da comunidade surda, a Língua Portuguesa é a sua segunda língua oficial. Língua de Sinais Brasileira/Libras tem estrutura gramatical e representa a cultura e identidade surda, além de ser o caminho para a Educação Bilíngue. O seu reconhecimento está na legislação, segundo a Lei nº 10.436/2002 (BRASIL, 2002, § único):

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual- motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

E, segundo Quadros (2017, p. 43), a Libras é uma língua usada pela comunidade surda brasileira, incluindo pessoas surdas e ouvintes (amigos, familiares e profissionais).

Segundo Skliar (1998a, p. 10), a língua de sinais é, para ambos os casos, um meio eficaz para resolver a questão da oralidade dos surdos, mas não, por exemplo, um caminho para a construção de uma política das identidades surdas. Também sabemos que determinadas representações sobre a educação bilíngue – e não somente no que se refere ao caso dos surdos – podem se constituir numa ferramenta conservadora e politicamente eficaz para reproduzir uma ideologia e uma prática orientada para o monolinguismo: utilizar a primeira língua do aluno para “acabar” rapidamente com ela, com o objetivo de “alcançar” a língua oficial.

A Língua de Sinais Brasileira/Libras é reconhecida de forma oficial pelo seu status linguístico, após a luta e o movimento realizado pelas comunidades surdas, a língua de sinais e língua orais possuem o mesmo status linguístico.

A Libras é usada pelos surdos somente no Brasil e, assim como a língua portuguesa, é uma língua oficial no Brasil, mas os surdos-cegos também usam, só que tocando as suas mãos nas mãos das pessoas fazendo os sinais em Libras, pois eles não podem ver, mas podem sentir pelo tato.

O Brasil tem duas línguas oficiais: a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais, que é a língua materna da comunidade surda. Segundo Quadros (2019, p. 25), a Língua Brasileira de Sinais – Libras – é usada no Brasil pelas comunidades surdas espalhadas por todo o território nacional. Ela não possui localização geográfica específica,

como acontece com as línguas indígenas. Tanto quanto a Língua Portuguesa, é uma língua utilizada em todo o país, especialmente nas grandes cidades brasileiras e onde há concentração de surdos brasileiros que compartilham espaços comuns, tais como escolas, associações, pontos de encontro de surdos, igrejas, entre outros.

No bilinguismo, por exemplo, os surdos brasileiros compreendem que a Língua de Sinais Brasileira é sua língua materna/nativa e o Português escrito como segunda língua (L2), porque a Libras é uma língua oficial no Brasil, é para as comunidades surdas. A importância da Libras como língua oficial é a garantia do direito como língua visual-espacial para os surdos no seu acesso à família, à educação, à saúde, à cultura e ao trabalho, serve para ajudar as comunidades surdas e tem o reconhecimento registrado pela Lei nº 10.436/2002, como já dito anteriormente.

O Brasil fornece o curso de Libras para várias instituições, associações e universidades, e também promove o ensino de professores da Secretaria de Educação do Distrito Federal (DF) e dos demais municípios de seus Estados. Os professores ensinam Libras como primeira e segunda língua e a Linguística Aplicada (LA) pesquisa o ensino/aprendizagem/língua, sendo referência da Língua Brasileira de Sinais/Libras, que tem proposta curricular como disciplina, sendo organizada para o trabalho na escola e o seu ensino, com parâmetros curriculares.

1.2.4. Ensino e aprendizagem em Língua de Sinais Brasileira: primeira e segunda línguas

O ensino e aprendizagem de Língua de Sinais Brasileira, em contexto de sala de aula, tem sido desenvolvido através de pesquisas no âmbito da Linguística Aplicada. O desenvolvimento dos professores-pesquisadores é essencial para a área de formação de professores, através do conhecimento, da postura e da prática e, no caso da Libras, a pesquisa é focada na linguagem durante o processo de ensino e aprendizagem, na pessoa surda e seu contexto sociocultural, histórico e político. Sabe-se que o conteúdo do ensino em sala de aula carece de uma didática visual, com projetor multimídia, videoaulas etc., bem como docentes preparados(as) para atender às necessidades específicas de contextualização de cada discente. Segundo Quadros (2019, p. 29), a disciplina de Libras objetiva familiarizar o aluno com essa língua no Brasil: visão linguística e sociolinguística e sobre por que é importante conhecê-la.

O ensino da Língua de Sinais Brasileira como primeira língua – L1 – para surdos é realizado com o objetivo de a adquirirem como língua materna através da aprendizagem e do desenvolvimento linguístico, cognitivo, psicológico, social e cultural de crianças, adolescentes e adultos surdos, tendo a oportunidade da sua comunicação, aprendendo em contato com os professores surdos e outros surdos na educação bilíngue. Segundo a lei (BRASIL, 2002), art. 2º: “Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras.”

Levando em conta o currículo escolar de uma escola bilíngue, sugere-se que esse deve incluir os conteúdos desenvolvidos nas escolas comuns. A escola deve ser especial para surdos, mas deve ser, ao mesmo tempo, uma escola regular de ensino. Os conteúdos devem ser trabalhados na língua nativa das crianças, ou seja, na Libras. (QUADROS, 2008, p. 32)

Moita-Lopes (2006, p. 90) prefere contrapor a tarefa de renarrar/redescrever a vida social, projeto que tem uma ligação direta com a necessidade de compreendê-la. Nessa linha de raciocínio, o ensino/aprendizagem da Libras é um meio de compreender a diversidade cultural da comunidade surda e poder se atentar ao problema da comunicação e do ensino da língua de sinais.

E o ensino como segunda língua – L2 – para ouvintes é para ser uma língua adicional e/ou tornar-se bilíngue. As relações de ensino-aprendizagem em língua de sinais brasileira são realizadas através do desenvolvimento da modalidade visual-espacial. O processo de aprendizagem da língua de sinais é como segunda língua para as crianças e adultos ouvintes, porém, não é igual entre as crianças ouvintes e adultos ouvintes. Já aconteceu de ter crianças ainda no processo de aprendizagem sem o conhecimento e ter o caso de adultos ouvintes que, por ansiedade e interesse, obtiveram a aprendizagem, de fato, da Língua de Sinais Brasileira como segunda língua.

Ainda que o nosso foco seja a discussão do ensino da Libras para ouvintes, o professor deve estar atento às diversidades, pois certamente atuará em contextos repletos de variedades e usos linguísticos. (GESSER, 2010, p. 54)

De acordo com Quadros (2019, p. 177), existem professores de Libras, em sala de aula, ministrando aulas de Libras como primeira língua para os alunos surdos; aula de Libras como segunda língua para as crianças ouvintes, pais e demais atores da comunidade

escolar. Os professores surdos e os bilíngues ensinam L1 para surdos e ensinam L2 para ouvintes no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Quadros (2019, p. 170), o ensino de Libras como L2 no contexto escolar, para alunos ouvintes, familiares e demais pessoas envolvidas na comunidade escolar, é um dos pilares da educação bilíngue, especialmente nas escolas inclusivas. Considerando um currículo no qual a Libras e a língua portuguesa compartilhem uma carga horária equivalente, os alunos ouvintes contarão com o ensino da Libras como segunda língua.

De acordo com Quadros (2017, p. 54), o ensino de Libras para ouvintes passa a contar com uma produção acadêmica no campo da LA ao ensino de línguas, com foco no ensino da Libras. Zancanaro Júnior (2013) apresenta uma análise das produções de alunos aprendizes da Libras como L2 com foco na fonologia. O autor identificou várias trocas de configurações de mãos, algumas trocas no padrão do movimento e raras trocas no parâmetro da locação. A pesquisa também apresenta uma comparação entre aprendizes iniciantes e avançados, enviando um padrão de desenvolvimento da aquisição.

Segundo Carvalho (2015 *apud* QUADROS, 2017, p. 55), foi desenvolvida uma pesquisa com base em um estudo sobre os tipos de avaliação usados na disciplina de Libras como L2, um estudo no campo da linguística aplicada. Assim, Carvalho (2015) propõe a realização de avaliações que partem da própria língua de sinais como língua do sistema de avaliação usado em alunos que estão aprendendo a Libras como L2.

Figueiredo (2019, p. 32) leva em conta a importância da fala no desenvolvimento cognitivo, emocional, e social dos seres humanos. Vygotsky, em seus escritos, também teceu considerações sobre a linguagem dos surdos. O autor usa o termo ‘natural’, no sentido biológico das capacidades do homem, para classificar a língua de sinais (VYGOTSKY, 1993). De acordo com Quadros (2019, p. 166), nesse contexto, o ensino de Libras como L1 ocupa um espaço não análogo ao ensino de língua portuguesa como L1 nas escolas regulares. O ensino de Libras como L1 tem de compreender a aquisição e o ensino. Assim, precisa estar inserido no currículo escolar desde a educação infantil.

Ainda, segundo Quadros (2019, p. 169), o ensino da Libras como L1, precisa dispor de referências surdas. Isso tem relação com o ambiente bilíngue, que precisa contar com pessoas adultas e crianças usando a língua no espaço escolar. A presença de professores surdos é fundamental. Os alunos surdos precisam aprender a língua de sinais com professores surdos, porque tem a ver com a identidade surda e cultura surda o qual faz parte, ter o contato e o desenvolvimento na aquisição da língua de sinais por professores surdos traz maior visibilidade para crianças surdas. Os surdos adultos têm experiência com

a linguística e a cultura, também com o ensino e a relação com alunos surdos na Educação Bilíngue.

O ensino de L1 para surdos e L2 para não-surdos é um processo aprendizagem visual para cognitivo e aquisição de linguagem, é importante a aquisição de L1 para surdos, porque é a língua materna na educação bilíngue de surdos. O ensino de L2 para não-surdos têm diversidade por quaisquer idades, também “coda” (filhos de pais surdos) na educação bilíngue, um exemplo é o curso de língua estrangeira e/ou adicional para não-surdos, que pode ser bilinguismo nas comunidades surdas.

De acordo com Gesser (2009, p. 8), considerando que já foi possível identificar nosso posicionamento, isto é, o de compreender que a Linguística Aplicada deve se articular com outras áreas, além da articulação teoria/prática; trataremos de compreender em nossas aulas que o ensino/aprendizagem de língua envolve toda uma complexidade de fatores e de situações e que, sendo assim, não podemos simplesmente “passar” teorias que possam solucionar “problemas” da prática.

A relação entre surdos e não surdos gera aprendizagem, a compreensão do processo de ensino/aprendizagem e das pessoas aprenderem como L1 para surdos e L2 para não-surdos, essa relação causa o conhecimento do mundo surdo e do mundo não-surdo e sua língua natural.

Diversos não-surdos, por não conhecerem e/ou terem falta de conhecimento sobre a cultura surda e a língua de sinais brasileira para surdos, em Brasília-DF, causam discriminação e/ou opressão contra os surdos, colocando muitas barreiras, como a falta de comunicação acessível. Também se sentem superiores aos surdos, fazendo com que os surdos sofram pela falta de oportunidade dentro da sociedade em que vivem. A história dos surdos, suas lutas e capacidades trazem a garantia do direito à língua e à política linguística, proporcionando a formação de professores da língua de sinais brasileira, tendo-a como oficial, e o uso dessa língua está na identidade surda e no reconhecimento da cultura surda. A comunicação da Libras como primeira língua, para melhor compreender os surdos, admite a comunicação entre os surdos e isso caracteriza a prática da inclusão social. Essa pesquisa é necessária, porque é muito importante conhecer a formação de professores surdos, também a língua de sinais brasileira para promover a comunicação acessível e ir contra o capacitismo, a barreira e a opressão.

1.3. Formação de professores surdos

A criança surda necessita de professores surdos, usuários naturais de língua de sinais e cultura própria em seu processo de construção de identidade e educação. (STROBEL, 2018, p. 131)

Segundo o Decreto nº 5.626/2005, sobre a formação de docentes no país (BRASIL, 2005): 1) A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores; 2) A formação de docentes para ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior deve ser realizada em nível superior; 3) A formação de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental deve ser realizada em curso de Pedagogia ou curso normal superior, em que Libras e Língua Portuguesa escrita tenham constituído línguas de instrução, viabilizando a formação bilíngue; 4) As pessoas surdas terão prioridade nos cursos de formação de docentes para o ensino de Libras, instrutor de Libras, usuário dessa língua com formação de nível médio e nos cursos de formação bilíngue pelo Ministério da Educação. Os professores de Libras têm que saber sobre a teoria e a prática, porque a formação de professores da língua exige a experiência com a língua para o ensino-aprendizagem, também experiência linguística de língua de sinais brasileira como primeira língua, conhecimento da identidade e cultura surda, sendo responsáveis pelos métodos de língua de sinais brasileira como primeira e segunda língua dentro de sala a aula, lembrando de que o ensino deve ser visual.

Gesser (2009, p. 84) discute sobre o “**Direito do professor surdo e de surdos**”, ressaltando que os surdos devem ter o direito de receber formação sobre a natureza da língua de sinais, sua estrutura e seus usos e de ensinar nessa língua, por ser o meio mais natural de comunicação com e/ou entre os surdos.”

De acordo com Quadros e Stumpf (2018, p. 34):

A partir da zona de conflitos, as políticas afirmativas são desafiadoras. O Decreto 5.626/2002 estabelece que os surdos têm prioridade na formação para o ensino da Libras. Com isso, vários surdos se formaram como professores, mas quando chegavam no mercado de trabalho, os ouvintes acabavam ocupando as posições para o ensino de Libras. Então, o plano nacional de educação (PNE) 13.005/2014 estabeleceu que os surdos têm prioridade para o ensino da Libras.

Albres (2016, p. 237) disse que os surdos que participaram do primeiro curso de formação de professores de Libras (curso Letras Libras licenciatura) foram marcados pela busca do reconhecimento social da língua e da docência dessa língua.

Os professores surdos, entre os possíveis papéis que podem ocupar na escola, também assumem papel de sinalizantes de referência, logo, de falantes de referência. Essa representação é importante porque eles passam a ser referências da Libras para os alunos da escola. (QUADROS, 2019, p. 176).

Na Libras é necessária a decolonização e acessibilidade para surdos, por isso traz a valorização da língua de sinais brasileira e sobre a língua de sinais ter níveis linguísticos foi algo descoberto e destacado pelo pesquisador e autor americano William Stokoe (1960), antes de marcar a história de educação para surdos no Brasil e a dos professores surdos, essa língua foi colonizada há muito tempo e proibida pelo congresso no Milão em 1880, como já citado anteriormente. Nesse Congresso, a proibição foi tanto do uso quanto do ensino para surdos e pais não-surdos, obrigando-os à leitura labial de surdos, mas os surdos continuaram, de forma escondida, a usar a língua de sinais. Segundo Guarinello (2007, p. 28), o oralismo venceu quando a língua de sinais foi oficialmente proibida e esse evento também excluiu direito de voto dos professores surdos. (REIS, 2007, p. 83) disse que “também é importante afirmar a diferença, ou seja, o professor surdo entender melhor a sua formação e a afirmação da postura do professor dentro do processo de identificação.”

“Nessas teorias da história dos surdos travam-se lutas pelo poder e se fazem relações de poder de colonizadores (os sujeitos ouvintes) em cima de colonizados (os sujeitos surdos).” (STROBEL, 2018, p. 113). A conquista da Lei da Libras é um marco importante contra a colonização da história surda no Brasil e trouxe de forma oficial o direito da pessoa surda e dos seus educadores.

“Professores surdos podem atuar como professores de Libras, na gestão escolar ou regentes. Eles são fundamentais na educação de surdos, pois são tanto referências da Libras para as crianças surdas quanto da comunidade surda” (QUADROS, 2019, p. 175). A autora disse que os professores surdos são referências, pois eles têm a língua de sinais brasileira como L1 e sua experiência é algo espontâneo e mais fluido do que um ouvinte que a tem como L2 e, na luta pela igualdade linguística, as crianças podem desenvolver a aquisição de língua de sinais de forma mais fluente, também em contato com a cultura e comunidade surda. O papel dos professores surdos como profissionais na linguística é fundamental para a cultura surda, além disso, a importância da relação entre professores surdos e alunos

surdos na escola é notável. É necessário desenvolver a aquisição/aprendizagem da primeira língua dos surdos, mas junto com o português como segunda língua.

De acordo com Reis (2007, p. 88), “[...] é importante entender uma explicitação do lugar a partir do qual se produz uma nova identificação do professor surdo. É esse profissional que revela sua cultura, sua língua de sinais, sua identidade, e sua alteridade, a partir da qual foi construído seu jeito de ser”. Para Quadros e Stumpf (2018, p. 28), outro fator importante decorrente do Decreto nº 5.626/2005 foi o acesso dos surdos às universidades, prevendo a garantia aos surdos de acessibilidade a diversos tipos de espaços, inclusive as salas de aulas e locais acadêmicos, através da Libras, sua língua nativa. Miorando (2004, p. 149) relata que essa “[...] foi uma das propostas para a formação de professores surdos, com vistas à escola de seus sonhos, e que está sendo colocada em prática.” Além disso, Quadros e Stumpf (2018, p. 24) disse que este curso é muito importante, pois é este profissional que irá atuar com as crianças surdas a partir de uma perspectiva bilíngue, conforme previsto também pelo decreto.

Segundo Scremin (2012, p. 55), “[...] os professores não eram mais surdos, mas, eram ouvintes e considerados ‘audistas’, pois priorizavam a articulação da palavra e submetiam o aluno surdo a uma avaliação diagnóstica de sua perda auditiva.” Scremin (2012, p. 103) disse que o Decreto, além de regulamentar a Lei, permite a criação de cursos dedicados à formação de professores que irão trabalhar com a Libras, com o Curso Letras Libras, Pedagogia Bilíngue, Formação de Intérpretes de Libras e o Curso de Língua Portuguesa, como segunda língua. Além da educação, essa legislação regula os direitos dos surdos brasileiros a terem acesso à informação e ao atendimento público em Libras.

Segundo Quadros e Stumpf (2018, p. 34), com isso, vários surdos se formaram como professores, mas quando chegavam no mercado de trabalho, percebiam que os ouvintes acabavam ocupando as posições para o ensino de Libras. Mas, de acordo Skliar (1998a, p. 26), “o sentido que dou a uma educação e a uma escola possível se refere à criação de políticas linguísticas, de identidades, comunitárias e culturais, pensadas a partir do que os outros, os surdos, representam como possível e do modo como os outros, os surdos, reconstroem o próprio processo de educação.” O autor comentou que sobre a relevância do ensino/aprendizagem pelos próprios professores surdos que têm a língua de sinais brasileira como L1 às crianças surdas, demonstrando o porquê de os professores não-surdos reconhecerem os não-surdos se seu espaço no processo de aprendizagem.

Segundo Quadros (2019, p. 177-178), os professores de Libras, em sala de aula, devem ministrar aulas de Libras como língua materna para os alunos surdos; e fornecerem

aulas de Libras como segunda língua para as crianças ouvintes, pais e demais pessoas da comunidade escolar. Professores surdos também são agentes importantes na gestão escolar, atuando no planejamento administrativo ou no planejamento pedagógico. Em ambos os espaços, é imprescindível contar com professores surdos, pois eles contribuem diretamente para a visão a partir dos próprios surdos sobre o ensino-aprendizagem na relação com os demais colegas.

De acordo com Quadros (2019, p. 178), “as interações entre surdo adulto e alunos surdos, assim como entre surdo adulto e outros alunos, são fundantes da Libras, da identidade e da cultura surda que passa a integrar o espaço escolar em uma escola bilíngue.”

Para Strobel (2009, p. 7), “[...] A história de educação dos surdos nós pesquisamos e investigamos o passado dos povos surdos e das comunidades surdas, procurando obter episódios e compreender as suas realizações linguísticas, educacionais, sociais, políticas e culturais.” Strobel (2009, p. 27) comentou sobre uma história de 1961: “O surdo brasileiro Jorge Sérgio L. Guimarães publicou no Rio de Janeiro o livro “Até onde vai o Surdo”, onde narra suas experiências como pessoa surda em forma de crônicas.”

Segundo Sá (2010, p. 68), a história de vida de pessoas surdas demonstra as relações entre as comunidades surdas e as ouvintes. É, portanto, uma história que expõe uma luta por poderes e saberes. Já Strobel (2009, p. 47) diz que “as narrativas de povo surdo são usadas como fontes para a compreensão da história cultural de surdos!” Porém, segundo Stumpf (2009, p. 437), a língua portuguesa continua hegemônica, e o surdo, um colonizado dentro da grande maioria das escolas brasileiras. Sendo assim, de acordo com Zych (2008, p. 114), “é preciso compreender a história dos sujeitos surdos, considerando as restrições sociais e familiares a que foram submetidos, tendo sua identidade linguística renegada ao descaso de suas reais necessidades.”

Em Almeida (2017, p. 37), considerando as múltiplas identidades, é pertinente relacionar a surdez, a língua de sinais e os relatos de vida sobre o antes e o depois do contato com a Libras de um grupo de sujeitos surdos, com formação superior, com a finalidade de registrar a sua história. Esse histórico, por ele discutido, traz um apanhado de informações retratando a opressão, forçando-os à fala oral e exigindo o local inferior e sem valor que os surdos que deveriam estar, e isso o trouxe à desconfiança de que os relatos que encontrou não foram dos próprios surdos, mas dos ouvintes que se achavam superiores.

1.4. Capacitismo e Ouvintismo

O capacitismo é a discriminação e o preconceito social contra pessoas com qualquer tipo de deficiência (CAMPBELL, 2008, p. 2).

McLaren (1997, p. 212) conceitua preconceito como o pré-julgamento negativo de indivíduos e grupos com base em evidências não reconhecidas, não pesquisadas e inadequadas. Como essas atitudes negativas ocorrem com muita frequência, elas assumem um caráter de consenso ou cunho ideológico que é, muitas vezes, usado para justificar atos de discriminação. Segundo Gesser (2009, p. 73), é nesse sentido que se pode dizer que nem todos os indivíduos com algum tipo de perda auditiva são necessariamente deficientes auditivos ou surdos – estamos falando, é claro, da carga ideológica que as nomeações carregam, e respeitando a filiação na qual cada um se inscreve sócio e historicamente.

De acordo com Quadros (2019, p. 31), o conceito “Deficiência auditiva” é um termo para se referir aos surdos a partir da perspectiva médica. Os surdos que fazem parte das comunidades surdas e usam uma língua de sinais normalmente não utilizam o termo “deficiência auditiva”, pois preferem se referir a si mesmos como “surdos”. Deficiente auditivo é um termo utilizado também por surdos que não aprenderam a língua de sinais; são submetidos à oralização com exclusão da língua de sinais.”

Os termos deficientes auditivos, surdo-mudo, e mudo não são exemplos isolados de demonstração de preconceito somente, mas são indicadores de um mundo mais amplo de redes de significados que estabelecem convenções para descrever relações entre condições, valores e identidades. (GESSER, 2006, p. 45)

Perlin e Miranda (2003, p. 218) comentam o conceito “Ser surdo” como:

[...] um conceito fluido onde a epistemologia esgota o conhecimento presente na essencialidade da comunidade surda (sem esquecer hibridismos) e não mais o conceito da deficiência, da clinalização, da cura, da incapacidade... Não mais o conceito de ser surdo falante ou não falante, mas exclusivamente que pode utilizar-se da fala ou da língua portuguesa para intermediar o intercâmbio cultural.

Segundo Gesser, (2009, p. 45), “[...] é facilmente observável que, para muitos ouvintes alheios à discussão sobre a surdez, o uso da palavra surdo pareça imprimir mais preconceito [...]”, mas, de acordo com Perlin, (1998b, p. 54), o estereótipo surdo jamais acolhe o ser surdo,

pois imobiliza-o a uma reapresentação contraditória, a uma representação que não conduz a uma política da identidade. O estereótipo faz com que as pessoas se oponham, às vezes disfarçadamente, e evitem a construção da identidade surda, cuja representação é o estereótipo da composição distorcida e inadequada.

Lane (1992) comenta que, para a sociedade não-surda, a surdez se parece o com um mundo assustador e os estereótipos dos surdos têm dito, na verdade, de que eles está sozinhos, que não podem se comunicar e que são incapazes de compreender a comunicação (conversa, diálogo, aviso etc.).

Campbell (2001, p. 44) define capacitismo como:

uma rede de crenças, processos e práticas que produza um tipo particular de compreensão de si e do corpo (o padrão corporal), que se projeta como o perfeito, o que seria o típico da espécie e, portanto, essencial e totalmente humano. Deficiência é disseminada como um estado diminuído do ser humano.

Segundo Mello (2016, p. 8),

os estudos recentes sobre o tema definem como capacitismo a forma como as pessoas com deficiência são tratadas como “incapazes”, aproximando as demandas dos movimentos de pessoas com deficiência a outras discriminações sociais como o racismo, o sexismo e a homofobia.

O filósofo grego Aristóteles (385 A.C.) acreditava que os surdos, por não receberem a educação tradicional daquele século, não tinham direitos, entendia a educação possível somente através da audição, dessa forma concluía que os surdos eram incapazes de raciocinar. Desse modo, nenhum surdo seria capaz de aprender nada, por não ouvir e não falar, não pensavam e não poderiam adquirir conhecimento e desde o nascimento os surdos seriam incapazes de adquirir linguagem, os surdos eram considerados “não-humanos”. Já o filósofo Sócrates (360 A.C.) considerava aceitável que os surdos usassem as mãos, cabeça e todo o corpo para se comunicar, demonstrando crer na capacidade dos surdos.

1.4.1. Capacitismo

Campbell (2008a) disse que o capacitismo coloca as deficiências e limitações das pessoas como algo horrível e culpando as próprias pessoas por suas condições, porém, ninguém escolhe isso.

Para Gesser *et al.* (2009), o capacitismo significa fazer um ato de discriminação com pessoas com deficiência, como se fossem incapazes de estudar, trabalhar, cuidar, ensinar,

aprender, desejar, amar, sentir etc. E essa atitude discriminatória pode impedir os diversos direitos das pessoas com deficiência têm.

De acordo com Araújo e Silva (2018, p. 2), “os preconceitos contra o surdo existem em diversas situações, como exemplos podem-se citar: a terminologia que algumas pessoas usam, ao se referirem ao surdo: "mudo", "macaco", "mudinho", "surdo-mudo". Surdo-mudo: é a mais antiga e incorreta denominação atribuída ao surdo.” A pessoa ser surda significa que também é muda, porque os surdos têm voz e são capazes de emitir sons, porém, é difícil oralizá-lo e/ou fazer leitura labial, depende de cada caso, mas a voz de fato existe, ele só não ouve e por isso não emite sons como os ouvintes que podem ouvir. Os surdos falam e em alta voz e isso está presente na cultura surda. “Utilizar a língua dos sinais não significa ser mudo. Posso falar, gritar, rir, chorar, sons saem de minha garganta. Ninguém me cortou a língua! Tenho uma voz particular, só isso!” (LABORIT, 1994, p. 199).

Também os filhos surdos tendem a não serem aceitos pela família, porque não conhecem a língua de sinais brasileira nem a cultura surda, ocasionando em opressão e proibição da língua de sinais por falta de conhecimento da comunidade surda. Araújo e Silva (2018, p. 2) cita que “de certa forma, o preconceito contra os surdos pode acontecer também na própria família. Afinal, a maioria dos pais, ao descobrirem o diagnóstico da surdez de seus filhos, passa por uma fase crítica, pois esse fato exige adaptações e novas prioridades na família.”

De acordo com Strobel (2007, p. 21):

A sociedade não conhece nada sobre povo surdo e, na maioria das vezes, fica com receio e apreensiva, sem saber como se relacionar com os sujeitos surdos, ou tratam-nos de forma paternal, como “coitadinhos”, “que pena”, ou lida como se tivessem “uma doença contagiosa” ou de forma preconceituosa e outros estereótipos causados pela falta de conhecimento.” Também às vezes a sociedade não conhece e/ou não entende que os surdos são capazes, às vezes não é preconceito, só falta conhecimento, ignorância, mas os surdos podem fazer sim se acharem que devem.

1.4.1.1. Capacitismo linguístico

De acordo com Quadros (2019, p. 34), a forma mais adequada de se identificar se a pessoa é por meio daqueles usam a língua de sinais. Mas língua de sinais não é mímica? Segundo Gesser (2009, p. 21), “se a língua de sinais é mímica, entendo que está implícito nessa pergunta um preconceito muito grave, que vai além da discussão sobre a legitimidade linguística ou mesmo sobre quaisquer relações que ela possa ter (ou não) com a língua de sinais.” Isso é capacitismo linguístico. A Língua de sinais sempre sofre preconceito pelos aspectos de linguística, como por exemplo:

Libras é piada, Libras é mímica e é apenas gestos, Libras é linda, Libras é linguagem, mundo surdo não fala, mundo surdo é mudo etc. A linguística de surdos sofre opressão, Libras é muitas vezes considerada como algo sem valor, mas é a língua segunda oficial no Brasil por ser extremamente significativa para a comunidade surda, pois os surdos precisam se comunicar e é por meio da língua de sinais brasileira que eles têm autonomia e acessibilidade, e é a língua que ajuda o ser humano a se desenvolver corretamente, porém, a cultura e a comunidade surda sempre é posta em conversas capacitistas como a piada.

Os surdos sofrem preconceito, bullying, proibições e opressão por pessoas que desconhecem a linguística da Língua de Sinais Brasileira, que se chama gestual, dizendo que é melhor ser oralizado e do que gestual e as escolas de inclusão não tinham Libras, mas somente a oralização. A maioria das pessoas acham que Libras é uma mímica em Português, que não tem Lei no Brasil, ainda passa por muita barreira de comunicação e na aquisição da língua como L1. Pensando em um futuro melhor, a comunidade surda luta pela comunicação por meio da linguística da língua de sinais brasileira, pelo direito acessível à Libras, ao convívio social e familiar, ao desenvolvimento da política linguística pela aprovação da Lei de Libras, tornando obrigatório o ensino, a educação bilíngue, a acessibilidade em Língua de Sinais Brasileira e a história da educação dos surdos (GESSER, 2009; QUADROS, 2018, 2019; STROBEL, 2008; STUMPF, 2009, 2018)

Quando não conheciam a língua de sinais e somente o método oralista que atuavam, em defesa do oralismo, a maioria das pessoas aprenderam a valorizar somente a língua oral, não focando também no método de uso da língua de sinais, por isso, houve prejuízo para o desenvolvimento e a aprendizagem dos surdos e, impossibilitando a educação dos surdos. (LANE, 1992; PERELLO; TORTOSA, 1978; SACKS, 1998; SKLIAR, 1998).

Araújo e Silva (2018, p. 2) comentaram sobre pessoas preconceituosas com “risos e olhares estranhos ao perceberem os surdos se comunicando por meio da Língua Brasileira de Sinais (Libras).” Os surdos sofrem capacitismo linguístico, como incapazes de serem profissionais, gerando proibições e opressões contra a língua de sinais brasileira, que é gestual, ou seja, visuoespacial.

1.4.2. Ouvintismo – cultura que privilegia ouvintes como o padrão único e normal

O termo ouvintismo traz em si a ideia de o ouvinte ser superior aos membros da comunidade surda. O termo “audismo” também é usado em português, tendo sido criado primeiramente pelo americano professor surdo Tom L. Humphries (1977), na Universidade Gallaudet, em inglês “*audism*”, que afirma ser uma forma de preconceito e opressão dos ouvintes contra a comunidade surda. O autor e psicólogo Harlan Lane foi pesquisador desse conceito, Lane (1992) disse que o “audismo é a forma de dominação dos ouvintes, reestruturando e exercendo a autoridade sobre a comunidade surda”, ele pediu emprestado o termo de Humphries. Dessa maneira, alguns autores e autoras apontam para os termos as seguintes definições:

Trata-se de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte. Além disso, é nesse olhar-se, e nesse narrar-se que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte; percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais. Porém, a análise do ouvintismo e do oralismo foi e é realizada, quase sempre, como se se tratasse de um poder vertical, absoluto. Ora, isso conduz a uma simplificação no entendimento da sua vigência atual e a uma leitura apenas superficial das suas estratégias explícitas – a proibição do uso da língua de sinais, o castigo corporal, as brutais metodologias de ensino de língua oral etc. (SKLIAR, 1998a, p. 15-16)

O ouvintismo deriva de uma proximidade particular que se dá entre ouvintes e surdos, no qual o ouvinte sempre está em posição de superioridade. Uma segunda ideia é a de que não se pode entender o ouvintismo sem que este seja entendido como uma configuração do poder ouvinte. (PERLIN, 1998b, p. 58-59)

Os termos “ouvintismo” e “audismo” ambos são referentes ao ouvinte, afirmando que os ouvintes são superiores às pessoas surdas por meio da opressão e do preconceito, (LANE, 1992; PERLIN, 1998; SKLIAR, 1998) afirmando que os ouvintes não compreendem a identidade, história, cultura e língua dos surdos. Os surdos lutam contra o ouvintismo/audismo, sendo uma forma de discriminação. Além disso, outro exemplo, é que nesse caso, os surdos são obrigados a usarem a fala e o ouvido para se comunicarem, proibindo o uso da língua de sinais.

O ouvintismo significa que o ouvinte sente superioridade sobre o surdo, a língua de sinais e a identidade surda, com base em Skliar (1998) e Perlin (1998).

De acordo com Skliar (1998a, p. 30), “o nosso problema, em consequência, não é a surdez, não são os surdos, não são identidades surdas, não é a língua de sinais, mas sim, as

representações dominantes, hegemônicas e “ouvintistas” sobre as identidades surdas, a língua de sinais, a surdez e os surdos.”

Em oposição ao surdo, o ouvinte estabelece uma relação de poder, de dominação em vários graus, onde predomina a hegemonia através do discurso e do saber. Academicamente a palavra “ouvintismo” se refere ao estudo do surdo no ponto de vista da deficiência, da clinalização e da necessidade de normalização, como se o surdo fosse um doente que tem que ser curado. A construção ouvintista nunca está longe daquilo que a ideia de ouvinte significa: uma noção que identifica a “nós ouvintes” em contraste com “aqueles surdos”, que foi comentado por Perlin (1998b, p. 59).

Perlin (1998b, p. 62) ainda afirma que “ouvintismo não é o mesmo que racismo. O racismo existe entre os surdos.” Como termo “racismo”, “sexismo” e “machismo” entre surdos também ocorre, mas o exemplo do termo “audismo” é a reflexão trazida pelo pesquisador Harlan Lane ao abordar sobre que o colonialismo e a opressão feita pelos ouvintes sobre a comunidade surda por quaisquer motivos. Os surdos lutam contra o “ouvintismo”, “audismo” e/ou “surdismo”, mas não existe ainda garantia na Lei a respeito disso, somente sobre o capacitismo, onde descreve que os surdos são capazes e empoderados, lutadores, responsáveis etc. O surdismo significa o mesmo que a palavra de ouvintismo/audismo, o surdismo é uma possível opressão à pessoa surda, apresentando o sufixo “-ismo”.

De acordo com Skliar (1998a, p. 16):

O ouvintismo gerou os efeitos que desejava, pois contou com o consentimento e a cumplicidade da medicina, dos profissionais da área da saúde, dos pais e familiares dos Sujeitos Surdos, dos professores e, inclusive, daqueles próprios Sujeitos Surdos que representavam e representam, hoje, os ideais do progresso da ciência e da tecnologia – o surdo que fala, o surdo que escuta.

De acordo com Perlin e Miranda (2003, p. 221), o conceito de surdismo é: “Surdez”, deficiência, menos valia, deficiência, um mal nocivo, vergonhoso, diabólico. São termos que se sobressaem nas narrativas de surdos de periferia ao referir-se a sua diferença. Mas estas narrativas não estão somente nos espaços surdos, os territórios ouvintes contém esta narração de forma mais insofismável. Há os que assumem posições estereotipadas em relação ao ser surdo. É normal. Nesse viés, citam que isto da política surda é uma forma de organização de gueto, que é “surdismo”, ou que colocam conceitos estereotipados como fazem a maioria.

Quadros e Stumpf (2018, p. 33), os surdos sentem-se ameaçados pelos ouvintes que aprenderam a Libras, pois estes começam a ocupar posições que poderiam (deveriam) ser

ocupadas pelos surdos. Um dos grandes desafios envolve a discussão sobre a quem pertence a Libras. Os surdos falam sobre os ouvintes “roubarem a Libras” deles.

Perlin (1998, p. 61) descreveu os diferentes tipos de ouvintismo: tradicional, natural e crítico. A autora afirma: “Pareceu-me que neste tipo de ouvintismo, em certas formas de saber empírico, se assume melhor a força do ouvintismo, que incide negativamente sobre a comunidade surda”. Os surdos lutam contra ouvintismo/audismo e o surdismo, demonstrando que são capazes e têm direito em igualdade à língua de sinais como primeira língua.

Tendo discutido a respeito dos suportes teóricos que embasam esta pesquisa, apresento, na próxima parte, a metodologia que buscará estruturá-la.

2. METODOLOGIA

2.1. Pesquisa Qualitativa

A Linguística Aplicada é uma ciência social que tem como pesquisa o foco do “uso da linguagem enfrentada pelos participantes do discurso no contexto social, isto é, usuários da linguagem [...] dentro do meio de ensino/aprendizagem e fora dele” (MOITA LOPES, 1996, p. 20). A pesquisa qualitativa é importante para o campo de estudo em Linguística Aplicada, nas pesquisas da história e nos relatos por sujeitos docentes surdos na etnografia, na análise da antropologia, na língua de sinais brasileira e na formação de professores, no ensino de Libras e na experiência da língua de sinais por meio do convívio na comunidade surda.

Segundo Chizzotti (2006), essa pesquisa está dentro dos campos do conhecimento, também de disciplinas científicas e dos campos da pesquisa filosófica, histórica, sociológica e antropológica. A pesquisa qualitativa investiga a ciência social através da formação de professores surdos, da comunicação e da língua.

Moita Lopes (2009, p. 18) afirma que “foram essenciais [...] os insights de teorias socioculturais, na linha de Vygotsky e Bakhtin, sobre a relevância de entender a linguagem como instrumento de construção do conhecimento e da vida social, recuperados em muitas áreas de investigação.” E essas teorias estão incluídas nas pesquisas qualitativas em Linguística Aplicada.

De acordo com Moita Lopes (2006, p. 96):

[...] portanto, ficar à parte das discussões em tais campos. Isso me parece ainda mais pertinente quando muitas das questões mais interessantes sobre a linguagem são levantadas por pesquisadores fora do campo de estudos específicos da linguagem. Se quisermos saber sobre linguagem e vida social nos dias de hoje, é preciso sair do campo da linguagem propriamente dito: ler sociologia, geografia, história, antropologia, psicologia cultural e social etc.

Além desse tipo de pesquisa, também existe, no campo da Linguística Aplicada, o método de investigação interpretativista (MOITA LOPES, 1996), que será explanado a seguir.

2.2. Pesquisa Interpretativa

A Linguística Aplicada é a investigação de áreas de estudo da Antropologia, Sociologia e Ciência Política, e engloba, de forma interdisciplinar a área de estudos e de formação de professores surdos. Moita Lopes (1996, p. 22) acredita na importância de se “[...] impulsionar o desenvolvimento da LA”, e afirma que “o foco neste tipo de pesquisa é no processo de uso da linguagem”. Além disso, também comenta que a Linguística Aplicada é o campo de investigação “[...] que tem um foco na linguagem de natureza processual, que colabora com o avanço do conhecimento teórico, e que utiliza métodos de investigação de natureza interpretativista.”

A pesquisa interpretativista prevê que o pesquisador não é neutro e, portanto, não busca objetividade ou neutralidade. Antes, busca situar sua pesquisa no contexto social, histórico e cultural a que pertence, em perspectivas micro ou macro, a depender das situações pesquisadas. Além disso, a linguagem é condição para a pesquisa interpretativista, isto é, o pesquisador, na e por meio da linguagem constrói sua interpretação e organização do material de pesquisa, fazendo relações com os diversos aspectos sociais presentes nas questões pesquisadas.

2.3. Pesquisa com histórias de vida

De acordo com Soares, Menezes e Freire (2016, p. 429) “(...) o uso da abordagem das histórias de vida como metodologia privilegia a coleta de informações contidas na vida pessoal, não se tratando de mera descrição de fatos, mas um esforço de reconstrução da memória, atribuindo novos sentidos”. Para o pesquisador e educador Nóvoa (2014, p. 155), cuja perspectiva embasa esta pesquisa, as histórias de vida são de extrema relevância para pensarmos contexto de formação de professores e para discutirmos a respeito da relação entre sociedade, sujeitos e o campo da formação docente. Como afirma o autor, essas histórias dizem respeito não somente a uma questão pessoal das pessoas, pois se relacionam com uma amplitude muito maior nos contextos locais, regionais, nacionais e até mesmo internacionais. Nesse sentido, afirma o autor,

Nosso desafio é, a partir das diferenças e sem negá-las, captar como uma história de vida se apresenta e se comunica com outras histórias, como várias vidas são perpassadas por uma mesma história abrangente; enfim, como a presença do

coletivo se explicita nos relacionamentos cotidianos, nas práticas sociais e emergem nas narrativas dos professores (NÓVOA, 1996, p.25).

Nesta parte do trabalho, portanto, encontra-se uma discussão sobre a relevância das histórias de vida como metodologia de pesquisa, justificando o porquê de sua escolha para esta pesquisa. Segundo Chizzotti (2006, p. 101), a “história de vida é um relato retrospectivo da experiência pessoal de um indivíduo, oral ou escrito, relativo a fatos e acontecimentos que foram significativos e constitutivos de sua experiência vivida.” A história vivida pelas pessoas pode ter diversos significados, dependendo dos objetivos ou teorias do pesquisador e a pesquisa é o material empírico na conversa utilizada pelos professores surdos sobre essas histórias e no desenvolvimento da formação de professores de Libras. Como afirma Dominicé (1990),

“A vida é o lugar da educação e a história de vida o terreno no qual se constrói a formação. Por isso, a prática da educação define o espaço de toda a reflexão teórica. O trabalho do investigador e dos participantes num grupo biográfico não é da mesma natureza, na medida em que ele possui mais instrumentos de análise e uma maior experiência de investigação. Mas trata-se do mesmo objeto de trabalho. Dito doutro modo, o saber sobre a formação provém da própria reflexão daqueles que se formam. É possível especular sobre a formação e propor orientações teóricas ou fórmulas pedagógicas que não estão em relação com os contextos organizacionais ou pessoais. No entanto, a análise dos processos de formação, entendidos numa perspectiva de aprendizagem e de mudança, não se pode fazer sem uma referência explícita ao modo como um adulto viveu as situações concretas do seu próprio percurso educativo.” (Dominicé, 1990, p. 167)

Embora este trabalho não tenha como objetivo aprofundar em questões de formação docente, é importante ressaltar, como o faz Dominicé (1990) na citação anterior, que as histórias de vida no campo da educação e da formação docente são valiosas, uma vez que o que vivemos diz respeito a como são nossas comunidades, nossas sociedades, seus discursos, cultura, políticas, histórias e práticas sociais.

Para Josso (2008, p. 26), “o conceito de formação trabalhado pela mediação de uma reflexão sobre a história de vida permite evidenciar a intimidade de uma construção, valorizando uma concepção simultaneamente singular e socioculturalmente marcada de identidade para si”. Ou seja, eles são, então, os representantes dos problemas e das vivências dos grupos sociais com os quais operam, sendo família ou grupos diversos, cada um tem sua história.

De acordo com Reis (2007, p. 96), os professores surdos relatam experiências que marcam a sua vida profissional, ao se descobrirem trabalhando na sala de aula e contribuindo

para os alunos se construírem subjetivamente, identificando sua cultura, sua identidade e se comunicando na sua primeira língua, ou seja, a língua de sinais.

Pesquisar com histórias de vida não se trata de biografia, mas é uma narrativa e o seu registro é muito importante principalmente quando se é relatada por pessoas surdas ou com outras barreiras físicas e/ou psíquicas, porque é necessário mostrar a luta do surdo por acessibilidade e que este, no caso, também é capaz de ser um profissional, possibilitando a formação de professores surdos com excelência.

A pesquisa do tipo qualitativa, interpretativista e com história de vidas é feita com participantes, no caso, os surdos, investigando sua realidade e as complexidades que a cercam e determinam conforme sugerem as próprias histórias relatadas pelos participantes.

3. ENTREVISTAS COM PARTICIPANTES PARA A GERAÇÃO DO MATERIAL EMPÍRICO

As entrevistas, feitas com os professores surdos abordando as experiências destacadas de suas histórias – como a análise da formação de professores de surdos e suas histórias, podem ser utilizadas como metodologia de pesquisa. De acordo com Sussekind e Pellegrini (2018, p. 3), ao se investigar e criar hipóteses para entender e explicar o mundo social, argumenta-se que a tradição científica hegemônica tem criado conhecimentos que espantam a diversidade epistemológica do mundo.

Segundo Sussekind e Pellegrini (2018, p. 4), a conversa é um acontecimento, é onde se encontram os detalhes por meio de uma entrevista, fatos imprevisíveis em meio ao relato e os fatos escondidos nas narrativas. “Somos o que conversamos, e é assim que a cultura e a história se encarnam em nosso presente.” (MATURANA, 1998, p. 91). O conversar é a cultura surda e também a cultura surda é conversar sobre a sua história, porque a conversa é natural, a comunicação existe também e está nos sinais, por isso, a língua de sinais brasileira é a primeira língua e depois vem o português escrito como segunda língua por meio da metodologia.

A metodologia de pesquisa não-extrativista está no desejo de construir esta pesquisa na área de formação de professores surdos, no conversar com participantes docentes surdos sobre suas histórias, suas lutas, suas identidades e seus processos de ensino-aprendizagem em um cenário de luta por existência e contra o preconceito.

De acordo com Sussekind e Pellegrini (2018, p. 5), pesquisar com ênfase nas conversas, de modo não- extrativista, mas buscando horizontalizar as relações com as pessoas que fazem pesquisa conosco, é importante porque [...] envolvem nossas histórias, nossas memórias, os contextos em que vivemos, as alegorias que nos arquitetam (PINAR, 2012; SÜSSEKIND, 2014), expectativas, desejos, e também, os conhecimentos ditos acadêmicos, escolares e científicos, de gênero, de raça, de fé, entre outros, se desdobrando nas escolas e, deslocando e dobrando as linhas abissais que abduzem a vida das pesquisas. (SUSSEKIND; PELLEGRINI, 2018, p. 5)

Nesse estudo, os participantes surdos tiveram suas identidades preservadas, ou seja, foram utilizados nomes fictícios para não os expor. Os participantes são professores surdos no Distrito Federal, são todos docentes, mas não se pode também divulgar as instituições onde trabalham, pois assim torna-se possível o reconhecimento de sua identidade, sua idade, seu gênero, o tempo de trabalho etc. As conversas com os participantes, por meio das entrevistas, foram realizadas de forma virtual e registradas no formato de vídeo, contendo a história de vida

de cada participante, que responderam usando a sua língua materna, a Libras, foram posteriormente transcritas em português após a gravação. As entrevistas foram transcritas em português com o auxílio de profissionais da própria Universidade de Brasília.

As entrevistas foram realizadas a partir da elaboração de uma entrevista semiestruturada. Outras perguntas, porém, ocorreram a partir da maneira como fluía a conversa com cada participante. O roteiro para a entrevista encontra-se no anexo.

Perfil dos docentes surdos:

Os nomes escolhidos pelos próprios participantes como pseudônimos, a fim de evitar sua identificação real, foram os seguintes: Huet, Lucas, Alberico, HPOX, Roberta, Chris Souza, Fatinha, Drika, Nego, João, Elizabeth e Valicia. A seguir, apresento um quadro com o perfil dos participantes.

Quadro dos dados de identificação de professores surdos

Pseudônimo	Idade	Idade de aquisição L1	Autodeclaração de Gênero e Raça	Local de atuação à época da pesquisa	Surdez na família	Formação e atuação profissional	Tempo de atuação na educação	Naturalidade
Huet	43	21	Homem Branco	Ensino Superior pública	Ouvintes	Magistério Pedagogia Letras/Libras mestre e doutor de Linguística Professor de Libras		Brasília, DF
Lucas	47	19	Homem Prado	Curso de Básicas	Ouvintes	Letras/Libras Professor de Libras	Há 4 anos	Recife, PE
Alberico	43	12	Homem Negro	Ensino superior privado	Ouvintes	Língua de Sinais Brasileira Professor de Libras		Rio de Janeiro RJ
HPOX	27	7	Mulher branca		Ouvintes	Pedagogia Especializado em Linguística da Libras	Há 4 anos	

				Educação Básica	um tio é surdo	Professora de Libras com Educação Básica		Brasília, DF
Roberta	47	11	Mulher preta	Educação Básica	Ouvintes	Pedagogia Magistério Pedagogia em Libras Professora de Libras		Brasília, DF

Chris Souza	47	22	Mulher parda	Curso de Básicas e Ensino Superior Pública	Ouvintes	Letras/Libras	Há 12 anos	Taguatinga DF
Fatinha	38	4	Mulher parda	Ensino Superior Pública	Ouvintes tenho apenas um cunhado que é surdo	Letras/Libras	Há 14 anos	Imperatriz, MA
Drika	47	18	Mulher preta	Educação Básica	Ouvintes tenho um irmão é surdo	Magistério Pedagogia Letras/Libras Especializada de educação inclusiva bilíngue	Há 25 anos	Brasília, DF
Nego	48	12	Homem Branco	Ensino Superior Pública	Ouvintes	Magistério Letras/Libras		Guaratuba, PR
João	60	12	Homem Branco	Educação Básica	Ouvintes tenho dois irmãos surdos	Matemática	Há 30 anos	São Paulo, SP
Elizabeth	25	9	Mulher Parda	Educação Básica	Ouvintes	Pedagogia Especializada de Libras	Há 3 anos	Brasília, DF
Valicia	45	8	Mulher Branco	Ensino Superior Privado	Ouvintes tenho um irmão é surdo	Letras /Libras		Brasília, DF

Fonte: pesquisadora

A seguir, apresento a data e a duração da entrevista realizada com cada participante da pesquisa.

Quadros de vídeos: Data e duração das entrevistas

Nomes	Data da entrevista	Duração da entrevista
Huet	22/04/22	01:02:05
Lucas	23/04/22	00:41:30
Alberico	06/05/22	00:58:30 – parte 1 00:06:29 – parte 2
HPOX	09/05/22	00:50:26 – parte 1 00:07:36 – parte 2
Roberta	09/05/22	00:48:27
Chris Souza	22/04/22	01:03:45
Fatinha	21/04/22	00:48:08
Drika	26/04/22	01:10:14
Nego	09/05/22	00:54:35
João	25/04/22	01:11:40
Elizabeth	28/04/22	01:05:02
Valicia	22/04/22	01:19:18

Fonte: pesquisadora

Como já foi mencionado, esta pesquisa tem seu material empírico gerado a partir das entrevistas, feitas com professores surdos no Distrito Federal. O planejamento das entrevistas se deu com um roteiro prévio, semiestruturado, que continha perguntas gerais a fim de conhecer as histórias de vida dos participantes e a maneira como eles e elas olhavam para suas vivências.

Para a análise das entrevistas, foram consideradas as questões relativas aos relatos da família, da infância, da escola, das aprendizagens, das socializações (ou ausência delas), das lutas e dos sonhos, e a maneira como os aspectos sociopolíticos perpassam todas essas questões. Através das Libras, os participantes surdos contaram sua história, sua luta pela acessibilidade da língua materna como L1, a comunicação, interação e identidade surda, também sobre a formação de professores surdos e a relação com pais não-surdos. Além disso, foi relatado seu ensino e aprendizagem em Língua de Sinais Brasileira, o relacionamento e a comunicação na Língua de Sinais Brasileira/LSB como (L1) e (L2), analisando-se. A partir das entrevistas, pontuou-se a luta do surdo pela acessibilidade e o direito à Lei, que permite a sinalização da Libras, para a comunicação da comunidade surda e reconhecimento de sua identidade. A análise da história de sua conquista pela possibilidade de formação de professores de surdos, a relação familiar com surdos, aquisição de linguagem da sua língua materna e a comunicação em Língua de Sinais Brasileira. Profissional intérprete de Libras fez a transcrição, para português padrão, das entrevistas sobre a história de vida de professores surdos/as.

Elaborado pela pesquisadora sobre como sujeitos surdos são capazes de se tornarem profissionais de Língua de Sinais Brasileira/LSB, seu ensino e aprendizagem e a luta para a conquista acessível da língua de sinais brasileira.

4. DISCUSSÃO DO MATERIAL DE PESQUISA

Para esta pesquisa com foco nas histórias de vida de professores surdos no Distrito Federal, a análise se deu a partir das entrevistas das histórias de vida. Como já apontado antes, essa é uma pesquisa qualitativa interpretativista (MOITA LOPES, 1994), que entende que a linguagem é meio de acesso ao material empírico e que por meio dela é que a pesquisadora seleciona, organiza e constrói sua interpretação. Nesse sentido, neste texto não se pretende encontrar a neutralidade ou objetividade, pois trata-se do olhar da pesquisadora sobre o material gerado para a pesquisa. Segundo Moita Lopes (1994, p. 361), “o significado não está nas coisas ou nas pessoas, mas acontece na relação entre as pessoas. Assim, os significados com os quais trabalhamos na sociedade são produtos de um momento histórico, localizado cultural e institucionalmente”.

Como já foi apontado anteriormente, as entrevistas foram realizadas através da gravação de vídeos e os entrevistados somaram doze participantes. De acordo com Nóvoa (1995), Josso (2004; 2014) e Dominicé (2014), o estudo da história de vida é importante para compreender questões sociais, históricas e culturais. Nesse sentido, entendo que as histórias de vida que constituem o material de pesquisa deste trabalho dão espaço para entendimentos a respeito das histórias pessoais de cada entrevistado, mas não apenas isso. Suas experiências de vida e de relações familiares, seus processos de socialização, suas relações com a educação e com o trabalho, seus processos de construção de identidade, de aquisição de língua, suas lutas, conflitos e conquistas são espaços que vão para além do âmbito pessoal e individual. Suas histórias deixam a entrever também as histórias da nossa sociedade, da maneira de entender e tratar pessoas surdas no Brasil e no mundo e a maneira como pessoas surdas têm resistido e lutado incansavelmente por espaços, acessos, dignidade.

Este trabalho, entretanto, não tem como objetivo traçar a história da formação de professores surdos do Distrito Federal a fim de torná-la única e dar conta de todos os seus meandros. Não se pretende aqui, tampouco, contar a história de pessoas surdas a fim de fazer generalizações. Também não é objetivo desta pesquisa abarcar toda a complexidade de vida e

luta das pessoas surdas ou contar a história de professores surdos no Distrito Federal de modo a exaurir todas as possíveis interpretações. Cada história é uma história no tempo e no espaço (NÓVOA, 1995) e é assim também que cada história deste trabalho foi lida por esta pesquisadora, situada dentro de sua perspectiva do momento. A análise trazida neste texto não pretende encerrar toda a discussão sobre as histórias das pessoas que generosamente se tornaram participantes deste trabalho. É uma análise parcial, momentânea, localizada. Muito provavelmente, outras análises poderiam ser feitas por outros pesquisadores e, além disso, outra análise poderia ser feita pela mesma pesquisadora daqui a alguns anos, uma vez que estamos sempre mudando ao longo do tempo.

Segundo Closs e Antonello (2011), o uso do método de história de vida é válido para investigação no campo da educação e aprofundamento da compreensão das questões sociais. Por meio de relatos e narrativas, pode-se encontrar o valor humano desejado, de acordo com a temática de pesquisa a ser enfocada, colocando o sujeito como foco principal em pesquisas educacionais. Os registros escritos desta pesquisa têm abordagem biográfica. O método de história de vida aplicado proporcionou conversas e entrevistas muito significativas. Além disso, reforçou o quanto é importante investigar tanto as experiências de vida pessoais quanto aspectos profissionais. Nesse método, as perguntas de entrevistas foram um auxílio e um guia para favorecerem a compreensão dos aspectos propostos pelo estudo, criados de acordo com os objetivos da pesquisa. Os doze participantes, professores surdos do DF serão citados com nomes fictícios, a saber: Huet, Fatinha, Alberico, Drika, João, HPOX, Chris Souza, Lucas, Nego, Roberta, Elizabeth e Valicia. Todos os participantes assinaram o Termo de Autorização para a Realização da Entrevista (Termo de consentimento de participação).

A trajetória de vida é importante e se torna peça chave para a compreensão de questões sociais, que é o objetivo deste estudo ao propor estudar histórias de vida, lutas e resistências de professores surdos no Distrito Federal. Por meio disso, recorre-se ao passado, à memória histórica para analisar narrativas da vida pessoal e profissional dos professores e pode-se construir inferências, também, através da abordagem biográfica, a respeito dos sentidos das histórias para propostas de mudanças sociais futuras. Nesse sentido, pode-se analisar histórias de vida de professores surdos a fim de obter subsídios para pensar propostas sobre a formação de professores. De acordo com Nóvoa (1991, p.17), ocorre-se uma proximidade relevante ao se considerar uma história de vida em comparação com a formação do docente, já que sua atuação e identidade profissional é construída com base em sua moral, normas deontológicas a que fez adesão em sua trajetória, lutas, sentidos e significados que construiu ao longo da vida.

Diante disso, a pesquisa com histórias de vida e formação de professores(as) surdos(as) traz a necessidade de se conhecer suas lutas pelos direitos à cultura surda, identidade, aquisição linguística, experiência e convívio na comunidade surda, formação profissional, relação familiar, uso da língua de sinais e promoção de políticas sociais. Os relatos dos participantes docentes surdos, baseando-se em Nóvoa (1995), trazem uma metodologia relacionada com a investigação da história de vida para a pessoa do professor, a profissão de professor e a atuação do professor. Os surdos, sua educação, suas lembranças e conquistas de vida, na luta por seus direitos, podem respaldar os seus relatos de história de vida refletidos em sua docência. De acordo com Dominicé (2014, p.188), “a história de vida passa pela família. É marcada pela escola. Orienta-se para uma formação profissional e, em consequência, beneficia-se de tempos de formação contínua”. Ou seja, o estudo de cada uma dessas fases dará sentido a toda a análise empreendida neste trabalho. Por essa razão, este trabalho apresenta categorias de análise das histórias de vida a partir da maneira como os participantes contam suas vidas. Levando-se em conta que os participantes são docentes surdos e têm a língua de sinais brasileira como sua primeira língua, foram realizadas entrevistas em Libras, considerando que os surdos têm direito à língua e a autora deste estudo tem grande respeito por isso. Assim, as entrevistas foram feitas em Libras e transcritas em português, reconhecendo, com Strobel (2018, p. 111), que:

A história dos surdos em padrões tradicionais não produz a história legítima dos povos surdos, que seriam localizadas nos discursos das associações de surdos, de professores surdos, de sujeitos surdos bem-sucedidos, de sujeitos líderes, da pedagogia surda, de movimentos políticos dos povos surdos e outros.

Apesar do que afirma Strobel (2018) na citação acima, é preciso dedicar-se a busca por deixar este trabalho registrado em português, língua majoritária no Brasil, tem-se como objetivo tornar estas histórias e seus sentidos conhecidos no país, mobilizando conhecimentos que sejam empoderadores para a identidade surda. Como será discutido a seguir, as histórias de professores surdos no Distrito Federal mostram uma enorme capacidade de resistência, articulação, luta e de conquista políticas. Por essa razão, é objetivo deste estudo torná-las conhecidas, promovendo engajamento para a continuidade da luta.

A organização do material de pesquisa deste trabalho consiste na criação de categorias, a partir das histórias contadas, as quais se referem a: relações familiares, relações com amigos surdos (lutas, escola, interação e pertencimento, empoderamento e vitória); escolha da profissão de docente (sonho e futuro); Língua Brasileira de Sinais (Libras); a relação com as línguas libras e português; a vivência da oralização; o encontro com libras; política e sociedade. Desse modo, passamos agora à discussão mais propriamente dita.

4.1. Família e amigos

A chegada do bebê surdo, em uma família de pessoas surdas ou ouvintes pode ter diferentes significados e construir diferentes relações, a depender da maneira como a pessoa se insere nas visões construídas socialmente sobre surdez e identidade surda. Como mostram as histórias dos participantes deste estudo, de forma geral, a chegada é permeada por conflitos e dificuldades, muitas vezes resultantes de ignorâncias acerca da surdez e do grande preconceito em relação à pessoas surdas.

4.1.1. chegada na família

As entrevistas com professores surdos mostram como as suas famílias reagiram com a chegada deles, como foram os processos de comunicação e a aprendizagem de Libras, a língua que contribui para a comunicação e a formação da identidade surda. Muitas vezes, a única opção que a família conhece e aceita é a oralização, isto é, mas isso dificulta o acesso da criança à comunidade surda. A oralização, segundo Vieira e Molina (2018, p. 3), é uma prática baseada no Oralismo, uma “abordagem educacional que prioriza a fala e todo o trabalho elaborado visa à reabilitação de surdos, ou seja, torná-los próximos aos ouvintes. Nessa concepção, era e é necessário fazê-los falar como se fossem ouvintes, ainda que sem a mesma fluência e/ou entonação, para que, a partir daí, sejam ensinados. Essa abordagem quando definida como forma de escolarização de surdos atribui a responsabilidade pelo sucesso e/ou pelo fracasso ao indivíduo; inicialmente proíbe o uso dos gestos e, na atualidade, o uso de língua de sinais”.

Os participantes relataram suas recordações sobre a família, se ela sabia ou não que eram ou se tornaram surdos; também se tiveram acesso ou não à língua de sinais, à cultura e à comunidade surda. Foi questionado, por meio das entrevistas, se a família influenciou a aprendizagem pela língua oral ou não e como foi esse processo de aquisição linguística no meio familiar. Segundo Quadros (2019, p. 42), “a maioria dos surdos nasce em famílias de ouvintes que não conhecem a Libras. Dependendo da posição desses pais e das orientações que recebem ao tomarem conhecimento da surdez de seu filho, essas crianças contam com a aquisição da língua de sinais precocemente ou não.”

A língua na família e na escola, um dos participantes, foi muito difícil em relação à comunicação com sua família, pois ela não conhecia a língua de sinais brasileira, por isso, no passado, ninguém o informou sobre a língua de sinais. Assim, a família o influenciou a buscar a

comunicação por meio do desenvolvimento da língua oral. Como também relata Strobel (2018, p. 28),

O nascimento de uma criança surda é uma catástrofe para essa comunidade ouvinte porque está acostumada com padrão “normalizador” para integrar à vida social e também desconhece o “mundo dos surdos”. Por outro lado, na maioria das vezes, o povo surdo acolhe o nascimento de cada criança surda como uma dádiva preciosa e não age como os pais ouvintes que sofrem exageradamente com o desapontamento inicial de gerarem seus filhos surdos; isto é, evidenciam em várias gerações de família com todos os membros surdos. (STROBEL, 2018, p. 28)

Huet teve que estudar em uma escola com o método de aquisição de linguagem oral, que também orientou a família que isso era o certo a se fazer, o que, na verdade, gerou vários problemas e aumentou a barreira de comunicação entre ele e sua família por não conseguirem se entender. Porém, Huet sempre se esforçou em lutar até vencer, conforme ele comenta:

Na minha família, não tem surdos, são todos ouvintes, sou o único surdo. A minha trajetória acadêmica foi composta de várias barreiras, principalmente, porque a comunicação era truncada. Então, não havia comunicação com a minha família, mas com a comunidade surda eu conseguia me comunicar efetivamente. (Huet, entrevista em 22/04/2022).

Huet relatou que, em sua história de vida, por sua família não ter a experiência visual e não saber sobre a língua de sinais e muito menos conhecer o que era ser surdo, sem contato e sem conhecer a comunidade surda, foi forçado a usar a oralização para se comunicar com a família. Na sua escola, a orientadora tornou obrigatório o uso da língua oral porque a fonoaudióloga e a escola acreditaram que era possível a comunicação do surdo por essa via. É importante enfatizar, como o fazem vários autores, que a comunicação poderia ter fluído de maneira bem diferente se, desde o início, houvesse visões diferentes a respeito da língua de sinais. Conforme relata, Huet passou por muito sofrimento devido à barreira na comunicação, que causa difícil compreensão por meio da oralização. Atualmente o participante relata já ter intimidade com a comunicação na comunidade surda e no convívio com outros surdos, porque quanto mais ele se aprofunda na língua de sinais, melhor se torna sua inserção na cultura surda.

Na entrevista de Alberico, realizada em 06/05/2022, pôde-se perceber que sua história retrata um surdo que, quando criança, usava a língua oral por influência da família ouvinte e não a língua de sinais brasileira. O participante relatou: “Eu nasci surdo numa família ouvinte, então, a forma de comunicação predominante era a oralização. Minha trajetória escolar e de meus irmãos era no mesmo ambiente escolar, com método oral.”

Quando uma família ouvinte descobre que o filho é surdo desde o nascimento, mas, por não conhecer o “surdo” em si e como seria sua melhor forma de comunicação, ela tende a achar possível e desejável que ele adquira, pela via da oralização, a língua portuguesa. Isso é ainda mais reforçado pelo fato de a família também não conhecer a comunidade surda e a língua de sinais, não saber onde encontrar ou entrar em contato com ela ou com a escola de surdos. No caso de Alberico, ele já frequentava a escola inclusiva, mas ainda não tinha acesso à libras. A escola apenas o incluía na sociedade de ouvintes. A família não se informou com os professores como a aprendizagem se aplicaria aos surdos; também não ocorreu o contato com um surdo adulto já que os professores eram ouvintes e não entendiam sobre essa necessidade para o desenvolvimento dos alunos surdos.

Segundo Magnani (2007), a comunidade surda é o lugar onde se apresenta “o mundo surdo” e há o compartilhamento da língua e cultura surda; são reuniões entre surdos e ouvintes (bilíngue) que também partilham da mesma luta e interesse pela igualdade e acessibilidade dos surdos, pois usam a língua de sinais, que ressalta a identidade e a cultura surda, como forma de comunicação entre si. De acordo com Perlin (1998a, p.12):

O que é importante para a constituição da identidade é importante para a comunidade surda. Se toda identidade cultural tem uma história, também o processo de história da comunidade surda foi sendo modelado quando era modelada a identidade surda. O encontro com a alteridade é o sinal específico para a constituição de diferentes identidades. Na comunidade surda, esse encontro com a alteridade se torna uma necessidade constante. Na cultura surda a alteridade vai se constituindo, entre outros aspectos, a partir da construção da identidade.

A história de Fatinha, outra participante deste estudo, é diferente das anteriores, pois ela nasceu ouvinte, mas se tornou surda. Ela aprendeu Libras aos 4 anos, porque a família lutou e procurou por uma escola que tivesse o método de aquisição de linguagem pela língua de sinais, adquirindo-a como primeira língua. A participante relatou:

A minha família me influenciou a me mudar para Brasília e estudar na escola 114 sul, onde estudei de manhã e à tarde fiz reforço. Essa foi a luta dos meus pais para que eu aprendesse Libras. Procuraram a escola 114 sul porque tinha Libras; eles não procuraram um certo instituto para surdos, que proibia Libras e incentivava a oralização. (Fatinha, entrevista em 21/04/2022)

A participante Fatinha mudou-se para Brasília - DF, pois os pais já conheciam a escola para auxiliá-la, então, vale destacar o quanto é importante que a família ouvinte com filhos surdos conheça a Libras como língua que propicia a comunicação com e entre pessoas surdas e com a cultura surda. É importante, pelo relato de Fatinha, perceber também a relevância de uma escola que tenha a língua de sinais e permita o contato com a comunidade surda para o processo de construção identitária. As famílias ouvintes precisam deixar que seus filhos surdos aprendam a língua de sinais e tenham contato com outros surdos, gerando respeito à língua deles. Quando uma família age assim, ela promove a oportunidade para a criança surda adquirir a língua de sinais e ter um melhor desenvolvimento. A família de Fatinha buscou comunicação com a sua filha surda a partir de sua própria cultura e identidade, isto é, a cultura e a identidade surda, não uma imposição de uma cultura de ouvintes de língua portuguesa. Assim, ela aprendeu a língua de sinais como primeira língua, sem prejuízo, e não teve problemas familiares porque já havia o respeito à língua dos surdos. Além disso, ela teve direito exercido quando ainda não existia a Lei da Libras, mas agora ela tem sua garantia oficializada com a Lei de Libras. Uma escola pública inclusiva ou de ensino especial que tenha Libras e com professores que saibam e ensinam Libras proporciona maior acesso e melhor educação aos surdos, trazendo acesso à comunicação também a outros ambientes que possam influenciar a importância desse ensino, como se vê em espaços como igrejas, por exemplo. Além disso, o conhecimento de Libras melhora a comunicação entre pais e filhos dentro de casa.

A respeito disso, Gesser (2009, p.83) ressaltou sobre dois direitos importantes, o “Direito à aquisição da linguagem: O surdo tem direito a adquirir sua língua materna, a língua de sinais, mesmo que essa não seja a língua de seus pais”; e o “Direito ao uso da língua materna: o surdo tem direito de usar sua língua materna em caráter permanente.” Nesse sentido, explorar as histórias de vida de professores(as) surdos(as) possibilita compartilhar suas lutas e, assim, fortalecer a relevância da língua de sinais e da comunidade surda diante das dificuldades por que passam as pessoas surdas sem o reconhecimento de sua identidade e da Libras como sua primeira língua.

Enfatizo, aqui, que a formação de professores de Libras precisa conhecer essas histórias para entender quem são as pessoas que estão sendo formadas e quem são os professores e os alunos surdos e seus contextos locais. Conhecer as histórias pode gerar maior conexão entre as pessoas, conforme Nóvoa (1995). Por isso, a área de formação docente não pode prescindir de conhecer e reconhecer as histórias com as quais está lidando ao falar do ensino de Libras no Brasil. Embora as histórias pareçam individuais, pois cada sujeito trilha seu caminho, cada

família tem sua trajetória, elas são também sociais, históricas, políticas e culturais, mostrando, para além da individualidade, a própria sociedade em suas diferentes e múltiplas dimensões.

A história de Drika, outra participante, é que, quando descobriu que era surda, a família não aceitou o ensino de Libras para ela, então, foi obrigada a utilizar somente a língua oral ainda criança, como ela relata:

Eu só oralizo porque nasci ouvinte, mas, aos 6 meses de idade, tive meningite e perdi toda a audição. Os aparelhos auditivos não adiantaram, continuei sem ouvir. Participei dos exercícios de fonoaudiologia por causa da minha família, que me proibia de falar em Libras, estudando em um instituto para surdos com método oral. (Drika, entrevista em 26/04/2022)

A maneira como a família entende o processo de aquisição de língua da criança surda tem implicações sobre a forma como escolhe a escola para essa criança. Como podemos notar no relato de Drika, acima, houve valorização da oralização e proibição de falar em Libras, endossada por profissionais como professores e fonoaudiólogos, que orientaram o uso de aparelhos de auditivos e da oralização, proibindo a língua de sinais. Porém, Drika relata, posteriormente, que os aparelhos auditivos não resolveram sua situação.

Quanto mais demoram os pais ouvintes a descobrir a importância da língua de sinais e da comunidade surda, maior a chance de os surdos serem proibidos de usarem essa língua, impedidos pelos pais ouvintes de se desenvolverem por completo. Como uma solução para lidar com essa questão, chamo a atenção aqui para a importância da formação de professores surdos em língua de sinais.

Segundo Perlin (1998a, p. 79), “a violência contra a cultura surda foi marcada através da história. Constatamos, na história, a eliminação vital dos surdos pela proibição do uso língua de sinais, a ridicularização da língua, imposição do oralismo, inclusão do surdo entre deficientes e inclusão dos surdos entre os ouvintes.” Esse período de opressão linguística marca a maneira como a sociedade ouvinte, como maioria, decide o que é melhor para as minorias, no caso, os surdos, apontando que comunicar-se pelo método oral seria o melhor a ser feito para todos. Skliar (1998) e Perlin (1998) apontam que a prática do oralismo por causa da influência tradicional nas escolas e a uniformização da igualdade no ouvir é um movimento denominado ouvintismo, que influencia a identidade surda no Brasil e outros países há mais de 140 anos. O desconhecimento das necessidades surdas aumenta a falta de vontade ou esforço do mundo ouvinte para se inserir na vida dos surdos. Porém, foi essa realidade que mais estimulou e tem

estimulado os surdos a lutarem pelos seus direitos, mostrando que isso é preconceito e que eles podem usar a língua que quiserem.

Nesse sentido, é muito importante que a área de formação de professores conheça as histórias e as condições socioculturais de sujeitos surdos que se tornam docentes. Acredita-se que essas histórias abrem perspectivas importantes para se entender como incluir professores surdos na docência, uma vez que formá-los em cursos de licenciatura não significa necessariamente incluir.

A história de João, outro participante desta pesquisa, também é bastante relevante nesse sentido. Ele é surdo e tem dois irmãos surdos e pais ouvintes. Tiveram um processo difícil de estabelecimento de comunicação, porque não tinham incentivo a usar Libras na família. João tem relação com seus dois irmãos surdos usando Libras como referência, mas os pais ouvintes não a usam. O participante relatou:

Nasci surdo profundo, não tive nenhuma doença, nasci saudável. Meu pai e minha mãe são primos de terceiro grau e, mesmo assim, eles se casaram; essa é uma das causas de surdez. Meus antepassados eram portugueses e se mudaram para o Brasil. Tenho dois irmãos que são surdos também. (JOÃO, ENTREVISTA em 25/04/2022)

Como mostra a história de João, é necessário que, quando uma família tem filhos surdos, deve buscar informações sobre a cultura surda, mas, além de não fazerem isso, a família de João também não conhecia a Lei da Libras. Com isso, ainda que os surdos já tenham o direito à cidadania no Brasil, o desconhecimento dessa cultura também prejudica a aceitação da língua brasileira de sinais como língua materna para os surdos.

A cultura surda segue sendo construída para quebrar preconceitos e trazer mais respeito à comunidade surda. A pessoa surda pode melhorar com a comunicação visual-motora, a modalidade em Libras, para o desenvolvimento da formação de professores, por isso, para se ter essa experiência linguística a família precisa conhecer a cultura surda. Segundo Muller e Kist (2020, p. 64), “a cultura surda é entendida como um modo de vida, um espaço de constituição de identidades e de comunidades que determinam a vida dos sujeitos e dos povos surdos”. Percebe-se, assim, o quanto o crescimento da pessoa surda e a construção da sua identidade é prejudicada por falta de informação e ênfase nesse assunto. De acordo com Carneiro e Silva (2012, p. 2), “os surdos compartilham uma experiência visual única, por meio da qual fazem significação de mundo. Comunicam-se, vivenciam uma cultura e desenvolvem uma identidade também baseada neste sentido.”

A família pode aprender a língua de sinais, porque possibilitará a comunicação com os filhos surdos. Os pais ouvintes precisam conhecer e descobrir o mundo visual-motor e a língua de sinais, mesmo que naturalmente não tenha sido uma língua usada anteriormente nessa família, ela pode permitir que convivam com outros surdos para que se encontrem no mundo. Segundo Quadros (2017, p. 79):

No caso específico dos surdos filhos de pais ouvintes, eles crescem na família que fala português e começam a ter contato com outros surdos em diferentes etapas da vida. Alguns vão encontrar outros surdos na escola, e outros vão encontrar outros surdos por acaso já quando adultos. De qualquer forma, nesse caso, a língua de herança é herdada a partir de uma comunidade linguística que não necessariamente inclui a família.

HPOX, outra participante desta pesquisa, conta que uma professora descobriu a sua surdez antes de sua própria família. Foi difícil para a mãe aceitar a sua filha surda, então, continuou a usar a língua oral com a filha:

A minha família não percebeu que eu era surda, mas a professora em sala de aula percebeu que havia um problema, ela me chamava e eu não escutava, eu não brincava, não conversava em sala de aula, não prestava atenção. Ela resolveu chamar a minha família, e explicou a situação, dizendo: acredito que a criança tem algum problema de audição porque algo estranho acontece. Minha família me levou ao médico e descobriu que eu era surda. Porém, a minha mãe não aceitava que eu era uma criança surda. (HPOX, entrevista em 09/05/2022).

Os relatos de HPOX mostram a situação familiar onde não a aceitaram como uma criança surda, por preconceito ou por não conhecerem a cultura surda. Ela foi tratada em igualdade as crianças ouvintes porque se pensava que não poderia não falar e não poderia não ter audição. HPOX foi ao médico e, posteriormente, procurou por ajuda para seu desenvolvimento educacional. Sobre isso, a família foi orientada a usar a língua oral com ela, obrigando a criança surda a ser oralizada. A família acreditava que ela era uma criança igual a uma criança ouvinte, por esse motivo, não percebeu que ela era surda e a dificuldade em aceitar a criança surda atrapalhou o seu processo de desenvolvimento no tempo devido. É interessante notar, pelo relato de HPOX, que o desconhecimento e, muitas vezes, a negação da aceitação da surdez produzem o adiamento do investimento familiar na aquisição da linguagem da criança e, conseqüentemente, o adiamento de seu desenvolvimento em outras habilidades e competências (social, emocional, relacional, cognitiva), que poderiam ser adquiridas e desenvolvidas no devido tempo por meio da Libras e da relação, em Libras, no meio social (familiar, educacional etc.). Nisso, por exemplo, vemos a importância da relação com a cultura surda, como enfatiza Strobel (2008, p. 32):

A cultura surda exprime valores e crenças que, muitas vezes, se originaram e foram transmitidas pelos sujeitos surdos da geração passada ou de seus líderes surdos

bem-sucedidos, através das associações de surdos. Infelizmente, elas não são procuradas pelas famílias, que procuram as escolas primeiro porque elas oferecem aos surdos o modelo ouvinte próximo, isto é, “normal”, perante a sociedade ouvintista. (STROBEL, 2008, p. 32).

Na história de Elizabeth, outra participante deste estudo, também ocorreu esse atraso, pois foi somente mais tarde que a família descobriu que ela era surda, depois da dificuldade de entendimento nos processos de comunicação. A estudante faz um relato interessante de sua história a esse respeito:

Eu sempre estudei em escola particular. Até o 2º ano do ensino fundamental, meus pais ainda não sabiam que eu era surda. Eu tinha muita dificuldade com a leitura, não entendia quase nada, pois não conhecia as palavras. Não conseguia me comunicar. Por exemplo, eu perguntava para os professores e não me respondiam, muitas vezes ensinavam de costas para a turma, e eu não conseguia fazer leitura labial. Então, eu sempre ficava quieta. Os professores começaram a me chamar, mas perceberam que eu não respondia. Então, avisaram para minha família que suspeitavam que eu era surda e aconselharam me levarem ao fonoaudiólogo. Minha mãe achou estranho, mas me levou ao médico e constataram que eu era surda. Meus pais ficaram muito angustiados e tristes. Minha mãe algumas vezes não tinha paciência, porque ela explicava a atividade de casa e eu não entendia, então brigava muito comigo. Depois que descobriram que eu era surda, minha mãe mudou e começou a ter mais paciência. Minha mãe ficou surpresa, pois lá era uma escola inclusiva, com ensino especial, com muitos alunos surdos que sinalizavam. Meus pais ficaram surpresos, pois não conheciam a cultura surda, nunca tinham visto. No começo foi difícil, minha mãe chorou muito, porque não queria que eu estudasse em escola pública, que eu estudasse em escola particular, igual a ela e a meu pai, mas aceitou com o passar do tempo. Eu comecei a aprender muito porque meus professores eram muito inteligentes e assim consegui aprender rápido os números, a ler o português claramente e a minha Libras super se desenvolveu. Minha mãe ficou impressionada com o meu desenvolvimento rápido e não esperava que fosse assim. (Elizabeth, entrevista em 28/04/2022).

O relato de Elizabeth narra a dificuldade dos pais em aceitar uma criança surda, o que parece mudar a partir de sua relação com amigos surdos na escola inclusiva. A escola inclusiva com a presença de surdos e com o uso da Libras torna possível o desenvolvimento das crianças surdas, compreendendo a vida em Libras, a Libras como sua primeira língua, e tendo o português como L2. É a partir da constatação da maneira como a Libras permite o estabelecimento da comunicação com e entre pessoas surdas que a família de Elizabeth parece mudar sua forma de entender e sentir a surdez da filha. Isso, a meu ver, sugere a importância do conhecimento a respeito do papel da língua de sinais brasileira para a educação de pessoas surdas. Parece sugerir, também, para a área de formação de professores, a importância da relação entre escola e família na educação de estudantes surdos.

Valicia, outra participante deste estudo, é a primeira pessoa surda em sua família. Seus relatos mostram a dificuldade da inserção social de uma criança surda na escola, tendo em vista a dificuldade de sua família em lidar com a temática da surdez. Sua história mostra, também, a importância do diálogo entre escola e família para a condução dos processos educacionais das pessoas surdas. Como ela mesma relata:

Nasci em Brasília, mas a família dos meus pais é do Ceará. Eles vieram para cá, relacionaram-se e então eu nasci surda, a primeira filha deles. Meus pais começaram a lutar mais por mim do que por meu irmão, porque queriam me incentivar a me desenvolver. Quando eu era mais nova, entre 5 a 7 anos, minha mãe não tinha informação, e achava que eu tinha que frequentar uma escola com ensino especial, junto com deficientes mentais, autistas, Down, paráliticos. Mas essa escola não trazia inclusão para os surdos e cegos, porém, minha mãe achava que estava tudo bem. (Valicia, entrevista em 25/04/2022).

É importante ter conhecimento e respeito à aquisição linguística e à cultura e identidade de pessoas surdas, como previsto na própria Lei nº 9.394/1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que foi recentemente alterada para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos na Lei nº 14.191/2021, a qual diz o seguinte:

Art. 60 - Entende-se por educação bilíngue de surdos, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida em Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua, e em português escrito, como segunda língua, em escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos de educação bilíngue de surdos (BRASIL, 2021)

A comunicação em língua de sinais brasileira, onde a escola interage com a comunidade surda; é muito relevante, pois os surdos começam a crescer pelo seu contato com a comunidade surda com outras crianças surdas e adultos e/ou professores surdos, tendo o seu desenvolvimento mais eficaz e capacitando-as a futuramente, caso queiram se tornar professores da língua. Segundo Quadros (2019, p.142), “os espaços de educação de surdos são diversos: escolas bilíngues, classes bilíngues e escolas inclusivas (também chamadas de escolas comuns)”. Existem vários modelos, mas, a meu ver, o mais importante é o incentivo à liberdade para a aquisição linguística dos surdos, com respeito à sua própria língua e cultura.

4.1.2. relação com a família

Segundo Kelman e Martins (2012, p.125), “96% das crianças surdas brasileiras nascem de pais ouvintes e não têm contato com a Língua de Sinais. (...) Na impossibilidade de aquisição de uma língua, esses indivíduos desenvolvem no seio da família, um sistema gestual para

estabelecer a comunicação”. Após dar espaço, neste texto de dissertação, para os relatos dos participantes a respeito de como foi sua chegada na família como criança surda, nesta seção busco apresentar e discutir relatos a respeito da continuidade da relação com a família. A razão para esta seção se dá, porque os participantes dedicaram tempo durante a entrevista para detalhar a maneira como cresceram em suas famílias, como foram estabelecidas as relações familiares à medida que, como crianças, iam crescendo e como isso trouxe algumas dificuldades para seu desenvolvimento em vários sentidos.

A falta de aceitação da família de que os surdos têm direito à cultura surda, o preconceito e a opressão sobre a cultura surda, a não aquisição da língua de sinais como primeira língua (L1) por pessoas surdas, e o português escrito como segunda língua (L2), o desconhecimento do que é a cultura surda, a falta de relação com e entre as pessoas surdas sobre a cultura surda e a L1; a oralização forçada pelo desejo da família e outros tantos motivos só aumentam a barreira da comunicação do surdo com sua família e com a sociedade, como continuam mostrando os relatos agora nesta seção.

Na história de Huet, relata-se a existência de existem várias barreiras para se comunicar, porque a família desconhece a Libras, então, ele relata ficar sempre em silêncio e se sentindo sozinho:

Minha família não sabe Libras, mas nós interagimos por meio da leitura labial e por gestos também. Cresci e minha família não desenvolveu a Libras, desde quando eu desenvolvi. Existem barreiras de comunicação, sempre, desde que eu era criança, então, a relação é difícil. Quando eu via que não tinha espaço, então, eu ficava em silêncio, quieto, já estava acostumado com isso, sempre sem me manifestar. E a minha família não me dava esse apoio em relação à minha autonomia. Então, eu tive que correr atrás e buscar aquilo que eu queria para progredir; foi uma superação de vida. (Huet, entrevista em 22/04/2022).

A história de Huet mostra o sentimento de solidão que a barreira da comunicação trouxe a ele em relação à família. A dificuldade está em não saber que a falta da Libras gera várias barreiras, causando má comunicação, além da influência escolar, obrigando o uso da língua oral, com atendimentos constantes feitos na área da fonoaudiologia e com outros profissionais

de saúde, buscando atingir avanços no processo de oralização. A oralização é refletida sempre essa busca por aproximar-se da integração com pessoas não surdas, a partir da língua portuguesa. A pessoa surda tem dificuldades com a língua oral, pois não se torna sujeito independente, ficando sempre na categoria de “falante imperfeito”. A modalidade visual que caracteriza a Libras, por

sua vez, é melhor porque permite à pessoa surda se comunicar de forma completa e com autonomia.

De acordo com Strobel (2018, p. 61), “na maioria dos casos, com família ouvintes, o problema encontrado para os sujeitos surdos é a carência de diálogo, de entendimento e a falta de noção do que é a cultura surda”. Entender a cultura surda – sua existência e relevância para legitimar a comunidade e a língua de sinais – proporciona uma melhor comunicação e interação com o movimento surdo, no qual a identidade surda utiliza a Libras e também convive numa comunidade surda. Os surdos são influenciados a viver conforme sua identidade e a respeitar sua própria cultura, diminuindo o preconceito. A cultura surda é um modo de vida, uma forma de viver em sociedade com liberdade na comunicação, sem se sentir sozinho, deslegitimado, alijado da vida social.

“Nós adquirimos uma identidade cultural por meio da interação e pelo intermédio de artefatos simbólicos, dentre eles a língua. Esta língua guia nossa atividade mental, organiza e expressa pensamentos, vontades, intenções e, principalmente, elabora a nossa visão de mundo”, segundo Carneiro e Silva (2012, p. 1). Diante disso, esses mesmos autores também destacam como a língua de sinais é posta em prática de acordo com a visão de mundo do surdo: “numa sala em que a língua de sinais é a língua de instrução, o sinalizante deve estar acessível aos olhos dos interlocutores para percepção da mensagem”. Ainda a respeito da cultura surda, é necessário ressaltar que ela é bicultural e multicultural, conforme SKLIAR (1998) e QUADROS (1997, 2019), pois a aquisição da linguagem ocorre por meio da língua de sinais como L1 em contato com a comunidade surda, mas como a maioria dos surdos nascera em famílias de ouvintes, crescem convivendo com esses dois meios, tendo o português escrito como L2, produzindo uma mescla das duas culturas.

A língua de sinais é a expressão máxima da cultura surda e deve ser a língua de instrução em qualquer atividade que envolva a comunidade surda. Considerando que os surdos possuem uma língua e constroem artefatos culturais próprios da comunidade surda, deve haver um contato/interação entre surdos, para que efetivem trocas e formulem conhecimentos pertinentes à comunidade surda. (CARNEIRO E SILVA, 2012, p. 7)

O que podemos entender, a partir dos relatos dos participantes e também com base nos autores citados, é que a prática do oralismo não favorece o crescimento efetivo dos surdos como seres humanos, pois os vê como deficientes, como também expressa Goldfeld (1997, p. 34):

O Oralismo percebe a surdez como uma deficiência que deve ser minimizada pela estimulação auditiva. Essa estimulação possibilitaria a aprendizagem da língua portuguesa e levaria a criança surda a integrar-se na comunidade ouvinte e a desenvolver uma personalidade como a de um ouvinte. Ou seja, o objetivo do Oralismo é fazer uma reabilitação da criança surda em direção à normalidade.

Na história da participante Fatinha, ela relata que os pais se comunicam com ela, usam gestos e Libras, promovem a sua melhor aquisição linguística, também buscando aprender a língua de sinais para terem uma boa relação. A participante relatou, em sua entrevista em 21/04/2022: “A minha família é ouvinte e tenta com esforço se comunicar comigo por Libras e gestos. Eu não brigo, porque isso é uma consciência geracional”. Os pais de Fatinha se esforçam para se comunicar com ela e isso é importante. Na relação entre os surdos e a familiares ouvintes é preciso haver a comunicação em Libras para manter diálogos, conversas e afeto, quebrando a barreira e a distância da língua. Os familiares também precisam conhecer a comunidade e a cultura surda e, no caso da família de Fatinha, isso ocorreu e, por isso, houve respeito a ela por ser surda. Porém, isso não ocorre de forma perfeita, pois ela relata que eles ainda usam gestos, que não é a língua de sinais. Isso ainda se deve à influência da sociedade ouvinte em que vivemos.

Deve-se ter cuidado, pois o uso de gestos pode ser considerado preconceituoso, como se a mímica e os gestos fossem uma língua, quando não o são. A língua para e das pessoas surdas no Brasil é a Libras, que tem estrutura gramatical e coerência como qualquer outra língua oficial. A família de Fatinha, porém, não sabe como sinalizar, por isso usam os gestos. Nesse caso, é preciso ressaltar a importância do envolvimento da família com a língua de sinais por completo, deixando de usar unicamente gestos inventados, que só existem no interior da família, adquirindo, assim, Libras como L2 para pessoas ouvintes. Segundo Gesser (2009, p. 23):

Para nos desvincularmos da acepção exposta acima, devemos entender que sinais não são gestos. Pelo menos não se pensarmos em gestos de acordo com a definição anterior. Assim, é correto afirmar que as pessoas que falam línguas de sinais expressam sentimentos, emoções e quaisquer ideias ou conceitos abstratos.

Na história de Lucas, outro participante desta pesquisa, nota-se que ele sofreu/sofre preconceito e se sentiu/sente excluído porque a família ainda não tem interesse em Libras, dificultando sua relação com ele. O participante relatou:

Ninguém sabe Libras e a comunicação acontece por meio da oralização. Não sabem Libras e não têm interesse em aprender. Às vezes, eu converso próximo aos meus irmãos por videochamada e eles acham que é bobagem e, quando a família se reúne, eu me sinto excluído. Até hoje é do mesmo jeito, nunca mudou. (Lucas, entrevista em 23/04/2022).

O problema do participante Lucas é se sentir excluído pela família porque ela não tem interesse em Libras. A família acredita que a Libras não é uma língua oficial, deixando-o sempre sozinho e distante por não saber como se comunicar de outra forma e não querer aprender a língua de sinais, gerando uma grande barreira. É nítido o preconceito linguístico em relação do surdo sinalizando. Também vemos no relato de Lucas sobre o uso do celular para fazer videochamada, tecnologia que traz acessibilidade e ajuda os surdos, já que a Libras é uma língua visual, não falada. Antigamente, não existia essa tecnologia no celular, faltava essa forma de se comunicar entre as pessoas surdas. Com essa tecnologia, o surdo pode usar o celular de forma a melhorar a acessibilidade da sua comunicação, tanto por meio de “mensagem” quanto por “videochamada” usando a Libras como a cultura surda. Como a videochamada é visual, ela permite a visualização da expressão facial e corporal e uma completa comunicação. Considerar isso como “bobagem”, como aparece no relato acima, a meu ver, é preconceito, fazendo com que o surdo se sinta sozinho e excluído. De acordo com a pesquisadora Strobel (2018, p. 97), “outras tecnologias que são de domínio da sociedade em geral, mas que são necessárias para o povo surdo, pertencem ao meio digital de comunicação em tempo real à distância.”

A Libras é tão necessária para o povo surdo quanto a fala é para o ouvinte, por isso, se faz importante o reconhecimento da Libras como língua oficial no Brasil, porque a comunidade surda tem direito a ela tanto dentro da sua família quanto entre amigos e professores surdos: em casa, no trabalho, na educação, na vida pública em geral. Quadros (2017, p. 43; 2019, p. 162) afirma que “a Libras é uma língua usada pela comunidade surda brasileira, incluindo pessoas surdas e ouvintes (amigos, familiares e profissionais).” Mas, diante da desinformação, experiências como essa vivida por Lucas são “constantemente vivenciadas pelos surdos e se repetem pelo preconceito em relação à surdez e à Libras.”

Na história de Nego, também participante desta pesquisa, não houve a compreensão da comunicação com a família, trazendo uma difícil relação entre eles. O participante relatou:

Minha família se comunica de maneira falada e eu não consigo compreender, eu não consigo perceber nada, diferente da Libras, que eu podia ver, tudo era visual na comunicação e eu consigo aprender mais do que em casa, em contato com a família. Eu consigo me comunicar com a minha sobrinha por meio da Libras, de maneira básica, mas em geral minha família não sabe Libras, e nos comunicamos por meio da leitura

labial e de alguns gestos; a comunicação ainda é a mesma. (Nego, entrevista em 09/05/2022)

O participante Nego também teve uma difícil comunicação com sua família ouvinte, por ser surdo profundo. Ao começar a usar Libras fora de casa, ele compreendeu o mundo de maneira melhor. A Libras traz clareza na compreensão para o surdo, porque é possível compreender a mensagem que se quer transmitir sem som. Para o surdo, a língua falada não permite compreensão total nem clareza aos surdos, pois lhe impede de se comunicar a partir de sua própria cultura, que é visual, como está reconhecido nos próprios termos da lei:

Art. 1º - É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais-Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único: Entende-se como Língua Brasileira de Sinais-Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002).

Na história de Roberta, a história se repete. Trago aqui a repetição desses relatos feitos por diferentes participantes para dar ênfase à maneira como a Libras faz diferença para a vida das pessoas surdas, mas, ainda assim, essa diferença não parece ser sempre percebida, incentivada ou valorizada pelas famílias. A participante relata:

Sou a única surda da família e eles não sabem Libras, então, nós nos comunicamos por gestos, textos, oralização, expressão facial... Um dia, a minha família foi na APADA/DF e tiveram aula sobre surdos, ficaram impactados e me pediram desculpas por não terem aprendido Libras e falaram que era importante se comunicar em Libras, mas ainda hoje ninguém sabe falar em Libras. (Roberta, entrevista 09/05/2022)

De acordo com Gesser (2009, p. 27), “linguisticamente, pode-se afirmar que a língua de sinais é uma língua porque apresenta características presentes em outras línguas naturais e, essencialmente, porque é humano”. A família precisa aprender Libras para se comunicar com seus filhos surdos, permitir também o seu contato com outros surdos e intérpretes, além dos próprios surdos ensinarem Libras para sua família se ela aceitar. A meu ver, deve ser interesse família querer desenvolver o aprendizado e a experiência com a cultura surda. Segundo Gesser (2009, p. 48), “aprender a língua de sinais fazer parte da comunidade surda, estar em contato com o mundo dos surdos, por exemplo, são iniciativas que podem nos fornecer subsídios para compreender melhor as questões delineadas.” No caso da família de Roberta, algo surpreendente é o pedido de desculpas que ela relata. Após obterem informações qualificadas a respeito do que é a surdez e a pessoa surda, pedem desculpas a ela por não terem jamais aprendido Libras. O que podemos entender a partir desse pedido de desculpas, considerando que as histórias de vida não

são apenas questões meramente pessoais, mas, antes, mostram questões socioculturais e históricas? A meu ver, é importante entender nesse pedido de desculpas a importância que a mobilização de pessoas surdas tem para mostrar à sociedade o que significa ser surdo. É um trabalho não apenas de informação, mas de sensibilização – sensibilizar as pessoas a respeito do que é a cultura e a identidade surda, do que significa aprender uma língua de sinais, seu grande valor cognitivo e neurobiológico, cultural e social, afetivo e identitário. Todo trabalho de sensibilização deve continuar ocorrendo e isso é muito importante para ser pensado também pela área de formação de professores surdos. Quão preparados estão os professores surdos para sensibilizar as famílias de seus alunos e a comunidade escolar a respeito da surdez, da cultura, da Libras e da identidade surda?

Outra questão que também me chama a atenção no pedido de desculpas que Roberta relata diz respeito ao fato de, apesar de terem se desculpado, a família continuou sem aprender Libras. Pedidos de desculpas não são suficientes. É preciso que a sociedade entenda e se mobilize em favor das pessoas surdas, que têm lutado e mobilizado em defesa de sua própria causa. É preciso ir além: é preciso termos a aprovação de leis, inclusão que seja relevante e de fato inclusiva, fim do preconceito.

Na história de Drika, a família não sabia que ela era surda e não conhecia nada sobre o assunto; achava que era apenas um problema de fala e foram influenciados para oferecer a ela pela língua oral. A participante Drika relatou:

Minha história de vida na infância não foi fácil, pois a minha família usava mais a oralização. Na minha infância, fui proibida pela família de falar em Libras até os 18 anos, mas comecei a falar em Libras escondida. Eu sabia um pouquinho da Libras mas não tive contato anterior com surdos, porque a minha família não me levava para conhecer a comunidade e escolas para surdos. Minha família não me aceitava por conta da influência de um instituto inclusivo, escola para deficientes, e a minha família acreditava mais no método oral do que no método visual. Durante o meu crescimento, eu não percebia que era surda, não percebia porque a minha família falava que eu tinha um problema de fala. Minha família nunca falou que tenho problemas com a surdez. Minha mãe nunca falou que eu sou surda. (Drika, entrevista em 26/04/2022)

A família de Drika não aceita a língua de sinais e não admite que sua filha seja surda. Por isso ela estudou em uma escola com influência da oralização. Nota-se o desconhecimento da família sobre o que é ser uma pessoa surda e sobre sua cultura, pois queriam que ela vivesse em igualdade com pessoas ouvintes, obrigando a comunicação pela língua oral. Drika não sabia que era uma pessoa surda, e usou aparelho auditivo para desenvolver a fala como uma pessoa ouvinte. De acordo com Quadros (2019, p. 161):

Existe uma história que justifica essa posição. Os surdos foram proibidos de usarem a Libras por muito tempo nas escolas. Então, os ouvintes, representados por professores e outras pessoas da sociedade, tornaram-se 'perigosos', pois usam o privilégio de ouvir e falar em seu próprio favor, excluindo e prejudicando os surdos.

Na história de João, também se verifica uma relação ruim com sua família diante da tradicional influência entre os ouvintes que obrigam surdos a usarem a língua oral. Conforme ele relata:

Eu não tinha uma boa comunicação com os meus familiares ouvintes, nunca tive, e eu não conseguia interagir. Então eu passava muito pouco tempo com a minha família. Eu perguntava o que é que estava falando no jornal, por exemplo, em casa, minha mãe dava um jeito de me explicar, só que não tinha paciência. Os tios não conversavam comigo, me ignoravam, me deixavam de lado, eu sofria. Eu conversava só com os meus irmãos e nós sofríamos bastante, era difícil a falta de comunicação. Eu me lembro disso. A relação com a minha família é difícil, eles não sabem Libras e eu preciso escrever para me comunicar. Não tenho contato com a família, talvez com um tio ou um sobrinho que tenha paciência, mas a comunicação com a família é complicada. (João, entrevista em 25/04/2022)

A história de João narra o que acontece quando as pessoas ouvintes não acreditam que haja uma melhor forma de comunicação para o surdo além da língua oral e por isso as pessoas surdas passam a se adaptar para se relacionar com os ouvintes. Isso pode ser entendido como opressão do padrão ouvinte, porque o não saber nem conhecer a Libras levou João a ter que escrever para se comunicar com sua família ouvinte. Comunicar-se em Libras é uma forma de o ouvinte se adaptar às pessoas surdas, sem obrigá-las à oralização, e por ser importante o ato de se relacionar para todo ser humano, a comunicação visual faz-se necessária ao surdo. A falta de contato com a comunidade surda e a falta do conhecimento da cultura surda prejudica os surdos, por isso, seguir somente com o padrão ouvinte ocasiona a falta de oportunidade para novas possibilidades de comunicação e de aprendizagem para novas culturas e diversidades.

A sociedade ouvinte tende a se sentir superior aos surdos porque a língua oral está incluída nela há muito tempo. A família ouvinte então acredita ser possível o desenvolvimento da língua oral para os surdos, mas poucos percebem que isso causa angústia aos surdos por não conseguir comunicar com a família completamente. Muitos acham que os surdos são inferiores porque são incapazes de conversar da mesma forma que os ouvintes, com uma família que não quer conversar em Libras por se incomodar ou não ter paciência. A maior parte da sociedade prefere se comunicar com outras pessoas ouvintes do que com os surdos, não dá atenção aos surdos, porque acha mais fácil, não tem empatia nem ajuda a dar acesso à informação para os

surdos com comunicação visual, por preconceito e opressão. Ainda lá familiares que escondem seus filhos surdos, não querem mostrá-los à sociedade. Segundo Gesser (2009, p. 25), “vários estudos têm apontado a difícil relação dos surdos com a língua oral majoritária e com a sociedade ouvinte. Escolas, profissionais da saúde, e familiares de surdos têm seguido uma tradição de negação do uso dos sinais.” Porém, na década de 2002, a língua brasileira de sinais foi conquistada e reconhecida como língua de sinais para os surdos no Brasil.

Na história de HPOX, como única surda da família, não ocorreu aceitação dela como surda, pois a família acreditou que isso não era natural. A participante relatou:

Eu sou a única pessoa na minha família que é surda. Então, eu não tive muito apoio, somente do meu pai, da minha madrasta e de uma tia. Meu pai percebeu que eu era surda, ele me apoiou no meu processo educacional, no aprendizado da Libras, mas, a minha família achava que aquilo não era natural e eles queriam que eu não aprendesse Libras. Apenas minha madrasta sabe Libras. (HPOX, entrevista em 9/05/2022)

A participante HPOX passou por preconceito linguístico e opressão, pois sua família não queria que ela aprendesse Libras, porque acreditava que não era “natural”. As pessoas ouvintes estão acostumadas a um padrão de linguagem que é considerado o natural ou normal, por isso ocorre essa resistência quando o processo de aquisição linguística muda. Gesser (2009, p. 52) afirma que:

se respeitamos a língua de sinais e o direito do surdo a ser educado em sinais, devemos também respeitar o direito daqueles surdos que optam por também falar (oralizar) a língua portuguesa. O perigo está quando certas decisões são impostas, e as imposições e opressões, sabemos, vêm de todos os quadrantes.

O problema está na imposição, na obrigatoriedade, em decidirem algo que o próprio surdo que deve escolher e não barrar algo somente porque é diferente do que se está acostumado. Segundo Dizeu e Caporali (2005, p. 591), “quando a família aceita a surdez e a Libras como uma modalidade comunicativa importante e passa a utilizá-la com a criança, esta irá apresentar condição para realizar novas aquisições, impulsionando seu desenvolvimento linguístico”.

Na história da participante Elizabeth, os pais tentam aprender Libras para se relacionarem com Elizabeth, mas ela não conseguiu ensiná-los. Ela relatou:

Meus pais sempre me pedem para ensiná-los, mas eles até hoje não sabem muito. Eles têm muita curiosidade. Meu pai percebe quando estou fofocando porque ele sabe o básico. Minha mãe também sabe uns simples sinais, o básico também. Por exemplo, trabalho, comidas, vovô, mamãe... Por isso, quando meus amigos surdos vêm na minha casa, a minha mãe não consegue se comunicar com eles. Eles sonham aprender Libras, mas eu não tenho tempo de ensiná-los. Eles me aceitam e é confortável, não têm preconceito comigo. (Elizabeth, entrevista em 28/04/2022)

É importante que os surdos ensinem Libras para sua família e as famílias se esforcem e procurem um curso de Libras e/ou o contato linguístico com a comunidade surda, sem depender do ensino como algo que venha do surdo. Não pertence ao surdo somente essa responsabilidade. Quem tem surdos em casa que aprenderam Libras também pode ter contato com a comunidade surda e desenvolver suas habilidades comunicativas. De acordo com Gesser (2009, p. 83), a respeito do que é o direito linguístico dos pais de crianças surdas: “Direito de aprender e usar sem opressão a língua de sinais, canal natural de comunicação para o filho surdo, para que possa comunicar-se com ele na vida diária e no período em que a interação pais e filhos se faz necessária para a criança.”

Os pais ouvintes de Elizabeth e Fatinha poderiam adquirir a Libras como L2. Segundo Quadros (2017, p. 131), “os pais ouvintes precisam aprender sobre isso e ter oportunidades de adquirirem a Libras. Para que os pais possam recorrer a diferentes espaços em que a Libras seja usada, faz-se necessário empoderar as comunidades surdas brasileiras e dar a elas subsídios para tornarem-se espaços que possam incluir também atividades com crianças surdas.”

Na história de Valícia, a família escolheu que a surda aprendesse a língua oral e o seu irmão também é surdo oralizado, mas Valícia sinaliza escondido com seu irmão. A participante relatou:

Na minha família tem mais pessoas ouvintes e elas preferem a oralização, não a Libras. Por isso eu e meu irmão sinalizamos escondidos, porém, nossa comunicação é sempre falha. Ele já tem 40 anos de idade e eu 45, mas sempre preciso voltar e ensinar o básico, parece uma criança. Eu usava mais a Libras e minha família não aceitava isso, queriam que eu fosse oralizada. Que situação! Até que meu irmão nasceu, eu comecei a suspeitar que ele era surdo também, minha mãe se fez de desentendida e me falou que não sabia ainda. Ele foi crescendo até que eu fui percebendo e perguntei novamente se ele era ouvinte, ela ainda não sabia me dizer. Ele cresceu mais e com 2 anos ele começou a sinalizar! Percebi na hora! Ele é surdo. Falei para minha mãe e ela ficou sem reação. Eu fiquei animadíssima. Mas a relação foi oralizada, minha família usa a língua oral, mas separadamente aqui na minha casa, eu e meu filho, usamos mais a LIBRAS do que a oralização. A minha família tem muita barreira para se comunicar, eu sempre dependi de aparelho auditivo e a barreira continuou, eu não entendia nada e precisava da minha mãe, mas a fala é com palavras mais simples, não por gestos, com ela eu não consegui desenvolver muito isso, mas lá no nordeste eu consegui sim, minha tia mora no Ceará, eu consigo entendê-la por leitura labial porque ela fala devagar. Meu filho é intérprete de Libras e me ajuda, porém, eu ainda tenho que conviver até hoje com a barreira da comunicação. (Valícia, entrevista em 25/04/2022).

Valícia tem um irmão surdo assim como ela e, juntos, conversam em Libras, mas a família ouvinte aceita somente a oralização para os surdos. A Libras entre os irmãos ficou às escondidas. Insistir na oralização dos surdos quando estes só querem se comunicar em Libras apenas aumenta ainda mais a barreira linguística e prejudica a própria família, seu desenvolvimento relacional e afetivo. A falta de respeito quanto à língua dos surdos só reduz a oportunidade de crescerem e avançarem em suas vidas e conquistas. De acordo com BRASIL (2008), no artigo 30: “As pessoas com deficiência farão jus, em igualdade de oportunidade com as demais pessoas, para que sua identidade cultural e linguística específica seja reconhecida e apoiada, incluindo as línguas de sinais e a cultura surda.”

A relação da família dos participantes João, Drika e Valícia, que têm irmãos surdos, não parece ser suficientemente boa (conforme seus relatos) por não conhecerem sobre a cultura e comunidade surda, seja por falta de informação e/ou falta de contato com a comunidade surda, escola ou professores para surdos, associação de surdos, igrejas e vários outros locais. Porém, eles, diferentemente, como pessoas surdas, já convivem na comunidade surda e adquiriram a Libras como L1.

Os participantes Huet, Lucas e Drika adquiriram a língua de sinais de forma tardia. Segundo Quadros (1997; 2019), os surdos que começam a aprender a Libras quando adultos, em contato tardio com a comunidade surda e a língua de sinais em suas vidas, perdem muito em seu processo de desenvolvimento cognitivo, afetivo, relacional, social.

4.1.3. A relação com amigos surdos e a entrada em comunidades surdas

Segundo Quadros (2017, p. 30), “a comunidade linguística passa a ter um papel muito importante na vida das crianças surdas, dos adolescentes surdos, dos adultos surdos (...), no sentido de ser o espaço em que a língua de sinais é sinalizada”. Os participantes recordaram e relataram que, quando começaram a se relacionar com amigos surdos de vários lugares, eles iniciaram o processo de aquisição da língua de sinais, conviveram numa comunidade surda, mesmo vindo de uma família de ouvintes que não conhecia a comunidade surda. A pesquisadora Strobel (2018, p. 139) afirmou:

Conclui-se que a cultura surda é transmitida de geração em geração, através da língua de sinais; portanto, faz-se necessária para a construção da identidade do “Ser Surdo”, sendo um traço próprio do povo surdo, tornando possível a expressão das subjetividades. A cultura surda é profunda e ampla, ela permeia, mesmo que não

percebamos, como sopro da vida ao povo surdo com suas subjetividades e identidades. Podemos senti-la em sua essência nas comunidades surdas.

Mergulhar na comunidade surda é encontrar sua própria identidade, ter amigos surdos, relacionar-se com outros surdos é transformador na vida do surdo, principalmente àquele que acaba sendo isolado dentro da sua família. Skliar (2010, p. 100), a respeito da identidade surda, ressaltou que ela “não pode ser pensada em termos de identidade negativa – todos os surdos têm uma identidade deficitária – ou de identidade positiva – todos os surdos têm uma identidade constituída a partir da identificação com outros surdos e com a língua de sinais”. Ou seja, a identidade surda vai muito além do que se imagina, é como encontrar o seu lugar no mundo, não se limita ou se enfatiza uma deficiência. Segundo Gesser (2009, p. 84), o direito linguístico do surdo de se comunicar com outros surdos é o “direito de usar a língua de sinais para se integrar com os outros surdos, primeiro passo para uma integração na sociedade como um todo.”

Na história de Huet, ele descobriu a comunidade surda e adquiriu a língua de sinais brasileira mais tardiamente, então, foi posteriormente que ele começou a ter uma cultura e identidade surda. Huet relatou:

As pessoas faziam bullying comigo por conta da minha forma de falar como um surdo oralizado, e um outro surdo que também era oralizado me apoiou e nós caminhamos juntos. Eu sentia que algo faltava, parecia não se encaixar, com isso, não me sentia bem, não conseguia me expressar, não me sentia pertencente nas brincadeiras, na natação. O meu amigo era o líder surdo da época, e ele foi me ensinando alguns sinais, alguns significados, me explicando a funcionalidade da Libras. Existia os movimentos na igreja católica, a pastoral do surdo, que me apoiou bastante. Então, não havia comunicação com a minha família, mas com a comunidade surda eu conseguia me comunicar efetivamente. (Huet, entrevista em 22/04/2022)

O participante Huet contou sobre o sentimento de receber bullying por ser surdo, e isso acontece frequentemente, as crianças ouvintes na escola não conhecem nem entendem o colega surdo, porque a voz dele é muito diferente, fica difícil conversar, o que prejudica a relação com colegas ouvintes na escola. Muitas vezes, isso ocorre, porque a escola não explica a respeito disso aos alunos nem ensina sobre a história de surdos, a cultura surda e a língua de sinais para as crianças ouvintes. Por isso este trabalho tem como objetivo dar espaço às histórias de vida de professores surdos no Distrito Federal, mostrando como foi seu processo de desenvolvimento ao longo da vida na sociedade. Com isso, espera-se que a área de formação de professores possa

também abrir espaço para visualizar essas histórias e, assim, compreender como fazer um trabalho mais sensibilizador a respeito da surdez, da cultura e das identidades surdas.

O bullying e o preconceito nascem do desconhecimento, da desinformação e isso se dá da mesma forma contra os surdos. O sentimento de inferioridade e a exclusão dos surdos na escola só aumenta e unido ao distanciamento da própria família do surdo, devido à barreira na comunicação, originam-se os sintomas de ansiedade, depressão, síndrome do pânico e estresse. Em várias situações, a família do surdo não percebe como está a vida do filho surdo e sobre seu sentimento na escola, porque a família não sabe Libras nem entende sobre a cultura surda. Há pouco tempo, na década 80, começou a surgir a liberdade linguística de surdos, porém, o bullying na escola ainda existe e pode ser tratado igual ao capacitismo, assim como o bullying dentro de casa. O participante tem um colega surdo e que também passou pelo mesmo sofrimento, então, eles passaram a andar juntos, mas como colegas surdos somente oralizados, mais tarde conheceu outro amigo surdo, depois aprendeu a língua de sinais e a cultura surda, aceitando sua identidade surda. Segundo Quadros (2017, p. 24), “entende-se a cultura surda como a identidade cultural de um grupo de surdos que se define como um grupo diferente de outros grupos.” Isso significa muito para um líder surdo de comunidade surda, pois ele ensina esse conhecimento para os outros surdos. Por sua experiência ele pode ser o modelo para os demais surdos.

Lucas, em sua história de vida, começou conhecendo os surdos de Brasília, eles sempre frequentavam o shopping, ele começou assim a aprender a língua de sinais e a cultura surda, esforçando-se para conviver com os surdos. Segundo Quadros (2019, p. 44), “as atividades de lazer são realizadas nos encontros surdo-surdo, em pontos de encontro (associações de surdos, bares, shopping, praças, praias, etc).” Na história de Lucas, a relação com amigos surdos ele proporcionou aprender e ensinar a língua de sinais e a cultura surda. O relato de seu primeiro encontro com os surdos foi emocionante:

Em 1994, logo que me mudei para Brasília, um tio me levou ao Conjunto Nacional, um shopping. Eu estava utilizando o aparelho auditivo e conversando com meu tio por meio da leitura labial. Próximo a nós, estava um grupo de surdos sinalizando, eu fiquei admirando aquilo e perguntei ao meu tio o que era aquela movimentação de mãos e ele me disse para ignorar. Não sabia o que significava e deixei de lado. Um surdo veio, cutucou o meu braço e perguntou se eu era surdo, e eu fiquei sem saber como reagir, pois não sabia Libras, ele escreveu no papel a palavra surdo e eu não sabia do que se tratava. Eu me interessei pela temática e voltei ao Conjunto Nacional para encontrar os surdos, e pedi para me ensinarem Libras, aquele surdo foi o primeiro que me ensinou. Hoje, tenho amigos e interajo com todos os surdos das mais variadas identidades, sem frescura. Os meus amigos surdos me ensinaram, eu pude aprender. Isso me faz recordar

a primeira vez que me levaram ao Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), quando eu entrei naquele lugar, uma emoção tomava conta do meu corpo. (Lucas, entrevista em 23/04/2022)

O participante Lucas mostrou o quanto foi importante para ele o seu contato com outros surdos, conhecendo a Libras por meio deles. Ele teve interesse e quis viver como aqueles outros surdos. Começou a conviver com a comunidade surda e a sentir-se melhor. Por isso, o conhecimento sobre a Libras é tão relevante; promove o desenvolvimento do surdo por meio da experiência com a cultura surda; os surdos passam a se socializar, a ter amigos e conseguem mostrar para a família o quanto é necessário saber sobre isso também; mostram também seu valor como ser humano – aprendem, a Libras, desenvolvem-se e têm qualidades e dificuldades com os demais membros da família à qual pertence.

Lucas relata sobre uma emoção que tomou conta de seu corpo por ter tido contato com a cultura surda e ter amigos surdos, isso fortaleceu a sua identidade surda e a comunicação por meio da língua de sinais brasileira, que o permitiu se desenvolver e ser professor de Libras. Diante disso, percebe-se que ele se emocionou porque se encontrou. De acordo com Barbosa (2018, p. 1), “através da linguagem, ao homem é possibilitado a organizar seu pensamento, revelar seus sentimentos, expressar o que conhece e dialogar com os outros homens. Ela possibilita o acesso do homem à cultura, fazendo-o um sujeito qualificado a realizar transformações diversas.” A aquisição de uma língua gera prazer a quem a adquire, abre novas portas para o conhecimento e estimular a formação de seus próprios pensamentos em liberdade, permitindo aprofundar-se em sua própria cultura. Ressalto essa questão das emoções relatadas por Lucas e pelos demais participantes desta pesquisa: quão importante é que possamos reconhecer as emoções que a aquisição de Libras acarreta para o processo de tornar-se alguém que se comunica com outros membros de uma comunidade, que lhe atribui identidade própria. É preciso que essas emoções sejam compreendidas – adentrar ao mundo do pertencimento que a língua nos permite ter é algo que nos marca, como mostram os relatos dos participantes desta pesquisa.

A história de Drika revela sua vontade de sinalizar em a Libras, mas passa por dificuldade, porque a família não aceita a Libras nem o contato com outros surdos. Porém, Drika conta que conseguiu ter contato com os surdos. Gesser (2009) afirma sobre o “Direito à preservação e à defesa da língua materna: como minoria linguística, os surdos têm o direito de preservar e defender o uso da língua materna.” Drika, assim, relatou:

Na minha infância, não tive amigos por conta das dificuldades de comunicação e minha juventude foi mais difícil ainda. Quando criança não temos muita maturidade, mas,

quando crescemos, mudamos e parece que o mundo mudou para mim. Eu me comunicava com as pessoas pela leitura labial, escrita ou perguntava o que foi falado e as pessoas me ajudavam. Eu estudei no Centro 07 à noite por um ano, mas eu não me comunicava com outros surdos porque eu não sabia Libras, Eles ficavam olhando, o professor sinalizava e eu não entendia nada. Então, o que aconteceu? Comecei a estudar muito para preparação da prova e eu me desesperei, porque cinco surdos vieram à minha casa. Fiquei preocupada porque a família não aceitava Libras. Comecei a pensar: “Se os surdos vierem para minha casa estudar e a minha família expulsá-los?” Fiquei desesperada, mas ignorei. Chamei os cinco surdos, eles me ensinaram Libras e eu os ajudava com português escrito, foi uma troca. A minha mãe se aproximou calada e não mexeu comigo porque eu já era maior de idade. Eu falei que a minha mãe não aceitava a Libras, então, a professora convocou a minha família a comparecer na escola. E a mãe disse que posso falar em Libras, mas sob a condição da Libras permanecer proibida dentro de casa do mesmo jeito. (Drika, entrevista em 26/04/2022)

A participante também trouxe no contexto da sua história a importância de se relacionar com surdos e ter colegas/amigos surdos assim como ela. Conviver com amigos surdos traz ao surdo a oportunidade de obter e desenvolver a língua de sinais como sua língua materna. Drika teve amigos e uma escola sábia que a auxiliaram muito nesse processo de aquisição de sua língua; eles mostraram para sua família sobre a cultura surda e sua língua, ainda que a família ainda a tenha proibido a falar em Libras em casa, ela pelo menos conseguiu essa liberdade fora de casa. A família precisa dar a oportunidade aos surdos de conhecer e desenvolver sua cultura. O Brasil já assinou a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e as pessoas surdas têm direitos linguísticos. Segundo BRASIL (2008), no artigo 24, os surdos têm direito à facilitação do aprendizado da língua de sinais e promoção da identidade linguística da comunidade surda.

A história de Elizabeth retrata o quão importante é ter amigos surdos na escola. Ela, sendo surda, pôde se sentir em igualdade com os outros surdos, inserida na cultura surda. A participante relatou:

Fiquei estudando sozinha na minha escola por um ano, mas depois meus pais pediram para meus irmãos irem estudar lá também, para eu não ficar sozinha e me adaptar melhor. Eu fiquei muito feliz, mas queria continuar com meus amigos surdos. Quando cheguei no 8º ano, meu pai me perguntou se eu queria voltar para a escola particular, eu respondi que não e que queria continuar com meus amigos surdos. Ele sempre me perguntava isso, mas eu nunca quis voltar e ele sempre respeitou minha vontade. Eu escolho o que eu quero para mim, eu sei o que é bom para mim e, com a Libras, eu me comunico bem melhor. (Elizabeth, entrevista em 28/04/2022)

Elizabeth recebeu uma oportunidade de aprender a língua de sinais e de conviver com surdos, com permissão da família, e isso foi muito importante para o seu desenvolvimento na

cultura surda. Para ela, comunicar-se em Libras é bem melhor e ter amigos surdos na escola também. A língua de sinais, segundo Quadros (2017), traz ao surdo uma melhor experiência linguística com a comunidade surda, o surdo pode compreender a língua e passar pelo seu processo de aquisição, descobrir que tem uma língua que é visual, adquiri-la como língua materna e acessar essa estrutura linguística para desenvolver também outras competências e habilidades através dela.

Na história de vida de HPOX, em sua entrevista no dia 09/05/2022, ela recordou que começou a conviver com os surdos, mas a família não aceitou, queria que ela se relacionasse com os ouvintes: “Com surdos estou tendo uma relação um pouco distante, eu me distanciei um pouco da comunidade. Mas, eu consigo conviver tanto com os surdos quanto com os ouvintes. E também tenho contato no trabalho com os surdos.”

Inicialmente, a família de HPOX agiu influenciada pelo desejo da oralização e pela escola de ouvintes, depois a mãe não aceitou que HPOX fosse surda. Atualmente, como professora de uma escola bilíngue para surdos, ela convive com os surdos diária e normalmente. HPOX começou a conhecer os surdos na escola inclusiva, mas por causa da família ela é oralizada além da sua aquisição da língua brasileira de sinais. Segundo Skliar (2001, p. 100), “os surdos que vivem somente com ouvintes, que consideram a surdez alguma coisa a ser corrigida, podem constituir identidades diferentes daqueles que têm experiências dentro da comunidade surda ou dentro dos movimentos sociais surdos”. Nesse sentido, é importante que tenham também contato com comunidades surdas a fim de desenvolverem outras perspectivas identitárias.

HPOX conviveu com a comunidade surda e começou a ter experiências no mundo visual, porém, a insistência da família pela língua oral proporcionou o distanciamento dela. É válido discorrer que o mundo surdo e o mundo ouvinte são diferentes e ter o conhecimento disso seria fundamental para que os surdos pudessem viver em plenitude. A respeito da identidade e cultura surda, Quadros (2019, p. 30) afirma que ela “é constituída por manifestações e experiências que partem de um mundo surdo. É o que se passa pela experiência surda. Os surdos explicam o mundo dos ouvintes a partir de sua experiência e, a partir desse lugar, se expressa a cultura surda.”

Na história de vida de João, ele relata que escolheu conviver com a comunidade surda porque sua língua é visual e ele poderia se relacionar com os surdos, já que a sua família não conhecia a cultura e a comunidade surda. Uma associação de surdos o ajudou a obter conhecimento. João relatou:

A associação de surdos de Brasília me ajudou muito, me permitiu interagir e me desenvolver, pude me relacionar amigavelmente com outros surdos e essa união foi prazerosa. Aprender a me relacionar com eles foi legal. Os ouvintes também visitavam e conviviam com os surdos. Eu não tinha uma boa comunicação com meus familiares ouvintes, nunca tive, eu não conseguia interagir. Então, eu passava muito pouco tempo com a minha família e mais tempo na associação porque ali os surdos estavam reunidos, isso era especial. (João, entrevista em 25/04/2022).

É importante o conhecer a associação de surdos porque lá também é possível obter conhecimento e experiência com a cultura surda, a relação com amigos surdos para o desenvolvimento é excelente, porque os surdos mais velhos têm muita experiência em relação à aquisição da língua de sinais brasileira, Libras, ajudando tanto no processo da língua materna para os surdos mais novos quanto para que ocorram diversas aprendizagens da vida social, do interesse e do desejo da pessoa surda. Por isso, a associação de surdos é uma referência. Na maioria das vezes, a família não ajuda muito com informação e/ou comunicação e por isso não conhecem nem aprendem com a cultura surda; o surdo tem que buscar isso por si mesmo. De acordo com Goldfeld (1997, p. 40), sobre a aquisição da língua bilíngue: “a criança surda deve adquirir, como língua materna, a língua de sinais. Esta aquisição deve ocorrer, preferencialmente, através do convívio da criança surda com outros surdos mais velhos, que dominem a língua de sinais”.

Chris Souza, em sua história de vida, não sabia que tinha direitos como surda, por isso não conhecia os surdos nem sabia sobre a cultura surda, não tinha informação sobre a comunidade de surdos. Quando uma pessoa lhe informou, ela teve o primeiro contato com os surdos que se comunicavam em Libras, o que despertou seu interesse. A participante relatou, em sua entrevista no dia 22/04/2022: “Convivi com os surdos muito tarde, não convivia muito. Tive muitos conflitos com surdos.”

De acordo com Gomes (2010, p. 51), “os surdos desejam que um novo olhar recaia sobre o seu corpo e a sua identidade.” Isso se refere na identidade surda. É preciso mostrar isso em prol do combate à colonização e opressão linguística, porque os surdos têm os mesmos direitos dos ouvintes, o seu corpo é como o dos ouvintes, são pessoas que apenas usam outra língua, a de sinais, com a qual podem se expressar como um todo. Ao aceitar a identidade surda, os surdos podem ser empoderados e capazes de construir sua própria trajetória. É muito necessária a luta para acabar com a colonização e opressão e/ou capacitismo que os surdos sofrem; eles precisam se descobrir na sociedade de surdos porque também têm um corpo saudável, não são deficientes, são humanos.

4.2. Experiências com a escola e a educação em geral

Nesta seção, abre-se espaço para as histórias dos professores surdos participantes a respeito de suas experiências da época escolar, sobre as barreiras e dificuldades de comunicação, a relação deles com professores e colegas ouvintes, a escola inclusiva, a escola regular. De acordo com Josso (2004, p. 43), “os contos e as histórias de nossa infância são os primeiros elementos de uma aprendizagem que sinalizam que ser humano é também criar as histórias que simbolizam a nossa compreensão das coisas das vidas”, daí a importância de considerarmos essas histórias.

Segundo Carvalho (2015, p. 25), “a inclusão de surdos tem sido discutida durante várias décadas. Mesmo na atualidade, com tanta inovação no ensino, as escolas inclusivas ainda encontram barreiras e dificuldades na realização desse ensino inclusivo”. Diante disso, foi investigada, a partir das histórias dos participantes surdos, a construção da sua educação no ambiente escolar. Como explica Campello (2012, p. 1),

A educação inclusiva, grande parte das vezes, permite o convívio de todos os alunos entre si, mas não tem garantido o nosso aprendizado, o aprendizado dos surdos. As aulas não são ministradas diretamente em nossa primeira língua e a segunda língua é ensinada na escola numa modalidade da qual não temos acesso pleno. (CAMPELLO et al., 2012 p. 1)

A educação inclusiva parecia ser a solução para incluir, não somente surdos, mas todas as minorias da sociedade que muitas vezes enfrentam preconceito e são desprezadas. Porém, para os surdos, simplesmente ser aceito pelos outros não é o suficiente, pois eles continuam a depender das pessoas sem ter autonomia, já que não pode ouvir. A educação bilíngue vem com uma proposta totalmente diferente e esse é o ponto chave dessa questão.

A época escolar destaca, principalmente, o período da infância, onde ocorrem os primeiros passos do processo de aprendizagem e junto a isso também vêm as barreiras, a desigualdade e o preconceito na escola. Esse momento da vida é importante, pois é possível acompanhar como crianças surdas conheceram novos caminhos e compreenderam a sua língua.

A história da inclusão remonta à Idade Média, época em que ocorriam muitas matanças e perseguições às pessoas que nasciam com alguma deficiência. Portanto, a trajetória das pessoas com necessidades educacionais especiais, ou seja, pessoas com deficiência, é marcada pela exclusão, pois elas não eram consideradas pertencentes à sociedade, sendo, a maioria, abandonadas, escondidas ou mortas. Com o passar dos anos, desenvolveu-se um novo conceito de prática da inclusão social. (CARVALHO, 2015, p. 25)

As pessoas surdas passaram por muitas tribulações de geração em geração até chegar à atualidade, ainda sofrendo preconceito, mas, pelo menos, as muitas lutas têm proporcionado alguns êxitos ao povo surdo, incluindo a criança surda. Segundo Andrade, Pinheiro e Lima (2019, p. 32):

A partir dos anos 70, do século XX, no Brasil, aconteceu nessa época a institucionalização da educação especial quanto aos planejamentos e às políticas públicas, com a criação do Centro Nacional de Educação Especial, em 1973. Assim, pode-se dizer que, no Brasil, a educação como um direito de todos e a igualdade de condições de acesso e permanência na escola, ofertando atendimento educacional especial preferencialmente na rede regular de ensino, é um mérito que vem sendo conquistado de acordo com a legislação nacional. (ANDRADE, PINHEIRO e LIMA, 2019, p. 32)

A educação especial foi um avanço e depois desse período houve ainda outros avanços, mas ainda existem muitas barreiras. De acordo com Skliar (2001, p. 92), “É necessário uma consistência política para entender a educação dos surdos como uma prática dos direitos humanos concernentes a eles mesmos; uma coerência ideológica para discutir as assimetrias do poder e do saber entre surdos e ouvintes.” Nos relatos de Huet, ele conta que sua vida nesse período foi difícil, não tinha relação com a escola, por isso, a barreira da comunicação era grande durante a infância e passava por muito sofrimento com os ouvintes na escola:

Eu me recordo da minha infância e da minha trajetória. Cresci inserido numa realidade ouvinte, fazendo uso da oralização e leitura labial, vivenciei inúmeras barreiras e dificuldades e me comunicava com gestos. A minha trajetória acadêmica foi composta de vários obstáculos, principalmente, porque a comunicação era truncada, eu cresci vivenciando isso mais no contexto da educação. Desde a creche até o ensino fundamental, praticava a oralização e leitura labial até conhecer a língua de sinais. Na quinta série, eu fiquei muito angustiado, porque tinha que ir a um instituto inclusivo, sem Libras, e à escola da 411 norte. Eu percebi que a maioria das minhas notas no boletim eram notas com menções e as que eu consegui, eram médias-inferiores (MI). Eu chorava quando eu via isso, ficava muito chateado e revoltado. Então, da quinta série até a oitava série, fui para uma escola particular e todas as pessoas que frequentavam aquele ambiente eram ouvintes; eu era o único surdo e ninguém sabia Libras. Na sétima/oitava série, as pessoas me passavam as respostas e me ajudavam. As professoras ficavam preocupadas, era um ambiente bastante preconceituoso. (Huet, entrevista em 22/04/2022)

O participante Huet disse que estava angustiado e tinha a comunicação truncada na escola inclusiva, pois, ao incluírem um surdo em meio aos alunos e professores ouvintes, vieram várias barreiras em seu processo de formação. Segundo Strobel (2018, p. 123):

Infelizmente, a maioria das escolas segue com espaços não preparados para essas diferenças culturais, como é o caso da inclusão de alunos surdos em escolas regulares.

Eles se deparam com dificuldade de adaptação e com problemas de subjetividades, porque nessas escolas não compartilham suas identidades culturais.

Chama muito a atenção o relato de Huet ao dizer que “eu cresci vivenciando isso mais no contexto da educação”. Embora o ambiente familiar ofereça também várias barreiras e problemas de relacionamento e aceitação da identidade surda, os relatos dão grande ênfase para o que acontece na escola. São vários anos de enfrentamento a preconceito e exclusão. Quando Huet usava a oralização dentro da escola, tinha muita barreira e preconceito, porque os ouvintes ao seu redor não o compreendiam, já que não conheciam a sociedade e a cultura surda, então, ele passou a ser excluído na escola. É necessário entender o preconceito do ponto de vista não apenas pessoal, mas como algo sociocultural e histórico. Nesse sentido, as histórias de vida podem ser grande aliadas, à medida que fazem referência não apenas ao que é pessoal, uma vez que, nelas, o pessoal se torna social e historicamente situado no tempo e no espaço dos sujeitos, relacionando passado e presente e questionando o futuro.

O sujeito que sofre o preconceito não está imune à sua reprodução. Assim, qualquer reflexão sobre o preconceito deve levar em conta as condições materiais de sua produção, uma vez que sem refletir mais amplamente sobre o preconceito como um fenômeno psicossocial, corremos o risco de culpabilizar a vítima ou de simplificarmos situações bastante complexas. De todo modo, a educação bem como o convívio social são espaços que podem nos levar à humanização e, para tal, necessário se faz encarar os nossos preconceitos, que constantemente desumanizam e empobrecem nossas relações. (NUNES, SAIA E ET. AL, 2015, p. 541)

Durante a infância, o participante Alberico ficou sabendo sobre o INES e foi lá que ele teve contato com a língua de sinais, ele aprendeu e se desenvolveu com a sociedade surda, mas estudou um bom tempo em escola de ensino especial. Sobre isso, relata:

Eu era o único naquele ambiente e não havia de fato um ensino especial, então, eu aprendi o básico, desenhava e aprendia a ter percepções. Na verdade, o processo educacional não acontecia, isso se sucedeu até os meus 10 anos. Fui remanejado para um centro de ensino especial, estudei nesse espaço e assistia à aula de português. Quando eu cresci um pouco mais, com 14 ou 15 anos, eu fui transferido para o INES, onde o ensino era de qualidade. Logo, eu me mudei para Brasília, o ensino especial daqui tinha uma vaga e eu consegui entrar. Nas escolas, minha percepção era de que tudo era misturado, o que gerava uma confusão. Uma situação que acontecia muito era que chovia forte e a escola alagava, então perdiam-se os bens, as mesas, os livros, e ficávamos angustiados porque isso prejudicava os processos de ensino. (Alberico, entrevista em 06/05/2022)

Alberico estudou no INES, que é referência para todos os surdos do Rio de Janeiro, a qualidade de ensino era excelente e ele pôde aprender na sala de aula usando a língua de sinais. Porém, ele teve que se mudar para Brasília e, estudando numa escola de ensino especial, ficou confuso com a péssima qualidade do ensino especial, não tinha acessibilidade e ele já estava acostumado com a língua de sinais na sala de aula do INES, convivendo com surdos. Segundo Nunes, Saia et al. (2015, p. 540), “paralelamente à luta pela educação dos surdos, seja bilíngue ou inclusiva, é fundamental a luta contra o preconceito em relação ao surdo nos mais diversos espaços de convívio social.” A educação bilíngue, a meu ver, é bem diferente da escola de ensino especial, por isso, ele teve dificuldade diante do choque de culturas escolares. De acordo com Campello et al (2012. p. 1), sobre a escola inclusiva, “o Brasil tem que ter 100% das crianças e jovens com deficiência na escola, sim, mas não concordamos que a escola regular inclusiva seja o único e nem o melhor espaço onde todas essas crianças e jovens conseguem aprender com qualidade”.

Na história de Nego, assim como contam os demais, ele foi o único surdo entre colegas ouvintes na escola inclusiva, convivendo com muita barreira comunicativa, como ele mesmo relata:

Tive acesso a uma escola inclusiva, onde era o único surdo. Havia várias barreiras e dificuldades naquele ambiente, onde majoritariamente todos eram ouvintes. Vivenciei isso no ensino fundamental 1, da primeira até a quarta série. Nessa turma inclusiva, eu não conseguia aprender nada, eu fazia as atividades de desenho e escrita sempre copiando de algum colega ao lado porque eu não sabia o que precisava ser feito, faltava informação e nada era acessível. A escola que eu estava inserido no passado era ruim, eu não tinha amigos, não existiam outros surdos, apenas pessoas ouvintes, a comunicação era truncada e havia dificuldade e sofrimento, eu sofria bullying por ser surdo e isso durou muito tempo. (Nego, entrevista em 9/05/2022)

O participante Nego não aprendeu com as atividades na escola inclusiva por falta de acessibilidade e relações, sofrendo com isso e passando por bullying, como ele relata. É interessante que os participantes relatam como dor e sofrimento o fato de serem os únicos surdos na escola inclusiva. Sobre isso, podemos questionar: por que os participantes se sentiam sozinhos se a escola é um lugar de diversidades? A dificuldade da realidade das diversidades ser reconhecida gera e mantém preconceitos. Nesse sentido, a escola inclusiva exclui à medida que não socializa e não possibilita a quebra de barreiras (linguísticas, sociais, identitárias, culturais etc.) para a construção de relações. As identidades padrões são reafirmadas na escola como as únicas – por isso, ser surdo é ser alvo de exclusão e preconceito.

A Lei do Bullying começou a vigorar em 2016 nas escolas do Brasil pelo Ministério de Educação, de acordo com Brasil (2016):

Art. 1º - Fica instituído o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying) em todo o território nacional. § 1º - No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (bullying) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas. § 2º - O Programa instituído no caput poderá fundamentar as ações do Ministério da Educação e das Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, bem como de outros órgãos, aos quais a matéria diz respeito. Art. 2º - Caracteriza-se a intimidação sistemática (bullying) quando há violência física ou psicológica em atos de intimidação, humilhação ou discriminação.

A maioria dos alunos ouvintes faz muito bullying com os alunos surdos. Isso é complicado porque faziam isso sem conhecer o que é ser uma pessoa surda e sem saber sobre a cultura surda, que é por meio da língua de sinais que os surdos se comunicam em plenitude. Quando os alunos ouvintes pensam que Libras é apenas um conjunto de gestos e/ou mímica, fica aberto o caminho para o bullying. Além disso, diante dessa realidade, muitas vezes, a escola não foi orientada sobre a educação das pessoas surdas, assim, a escola, ainda que seja inclusiva, gera muitos conflitos em relação ao aluno surdo. De acordo com Strobel, (2018, p. 127), a respeito da inclusão, que por si só parece algo bom, “é mais difícil quando as crianças surdas não estão preparadas e ficam totalmente à mercê dos professores não usuários de língua de sinais e colegas ouvintes que fazem muitas brincadeiras rotineiras da cultura ouvinte”. A escola ter intérpretes de Libras e/ou ter o ensino especial não significa que consegue incluir os surdos, pois o universo onde o surdo pode aprender de forma autônoma vai muito além disso. Por causa da falta de informação, por exemplo, a escola prepara um certo conteúdo, mas obriga o aluno surdo a aprender como o ouvinte, oralizando e fazendo leitura labial, ou por meio de intérpretes sem que o professor saiba Libras e os ensine diretamente, dividindo a sua atenção. Uma escola ser inclusiva não é a mesma coisa de escola acessível, com a modalidade bilíngue, causando muitas barreiras na aprendizagem e o aluno surdo fica sem se desenvolver em relação ao restante da turma, esse é o maior problema desse tipo de escola, a meu ver, pois:

Os alunos surdos ficarão em classes de ouvintes, sendo que a língua de maior prestígio será a da professora e dos alunos ouvintes. Os surdos, embora possam receber a tradução simultaneamente do “ensinado” que estiver acontecendo em sala de aula, terão de estudar em português e fazer suas provas nessa língua. (FELIPE, 2003, p. 87)

A participante Roberta narra que na sua infância adquiriu Libras, mas sempre se sentiu sozinha em meio a uma turma de ouvintes na escola:

Na minha infância, eu aprendi Libras, tinha uns cinco anos, e isso foi por meio de observar as conversas, assim desenvolvi o aprendizado. Eu quando era mais nova, eu não sabia nada de Libras nem o português, eu não entendia as falas e não conseguia conversar com ninguém. Fui crescendo até aprender a adquirir conhecimentos e, quando era adolescente, já tinha me formado e aprendido. Na minha época, não tinham muitos surdos, eram muito poucos, não havia uma organização de alunos, eu era sempre sozinha numa turma de ouvintes. (Roberta, entrevista 09/05/2022)

Chris Souza, quando criança, ainda não sabia que era surda, passando por muita dificuldade durante o período escolar:

Eu perdi audição aos 3 anos e meio e também a fala, então, dentro da escola, eu tive dificuldade e, na quarta série, o professor oralizava e eu ficava sem escutar, eu não tinha percebido. Comecei a me descobrir quando usei aparelho auditivo e passei a estudar em Brasília. Do quinto ao nono ano, eu tive dificuldade de aprender porque o professor escrevia e falava, enquanto todos escutavam, eu não. Eu não avisei ao professor porque não sabia que era surda. E alguns surdos tinham escola de reforço, que ajudava eles, mas eu não, eu me sentia sempre sozinha na minha escola, para mim foi difícil. (Chris Souza, entrevista em 22/04/2022)

Lucas contou que, no seu caso, ele nunca foi à escola de surdos, também não aprendeu a Libras na infância, somente o português:

Quando eu tinha 13 anos, minha família me matriculou em uma escola onde majoritariamente as pessoas eram ouvintes, não havia outros surdos. Em minha lembrança da sala de aula, quando era criança, eu me recordo do ensino de artes, das brincadeiras, das outras crianças, não existia o ensino de Libras, apenas do português por meio da oralização. Não havia intérpretes de Libras naquele período. Aos três anos, quando eu estava no jardim, fui progredindo e desenvolvendo a prática de leitura e escrita até o ensino médio. (Lucas, entrevista em 23/04/2022)

Os participantes dos relatos anteriores, Roberta e Chris Souza e Lucas contaram que em suas escolas não tinham intérpretes de Libras e os professores não sabiam qual seria a melhor atitude para ajudar os surdos porque na época não existia a Lei da Libras, que obriga ter

intérpretes nas escolas para a educação básica. Em seus relatos, chama a atenção, novamente, o fato de se sentirem sozinhos, os únicos surdos, diante de uma identidade padronizada de ouvintes e falantes de português como língua majoritária e excludente. Muitas vezes, as famílias ouvintes ficam sem saber como lidar com seus filhos surdos e acham que colocá-los em escolas inclusivas e/ou de ensino especial vai ajudá-los, mas isso não acontece na totalidade, pois os surdos permanecem não aprendendo muito e se sentindo sozinhos, tendo prejuízo em sua formação com a obrigação em aprenderem a língua oral.

A escola pública inclusiva que tem alunos surdos tem a obrigação de ter a presença de um tradutor/intérprete de Libras, de acordo com o Decreto 5626/2005: “Art. 23 - As instituições federais de ensino, de educação básica e superior, devem proporcionar aos alunos surdos os serviços de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa em sala de aula.” Também existe outra lei em apoio à acessibilidade e formação de profissionais intérpretes, a Lei nº 10.098/2000 diz: “Art. 18 - O Poder Público implementará a formação de profissionais intérpretes de escrita em braile, linguagem de sinais e de guias-intérpretes, para facilitar qualquer tipo de comunicação direta à pessoa portadora de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação.” Diante disso, é válido ressaltar que a presença dos intérpretes em sala de aula é um grande avanço e uma conquista importante para trazer acessibilidade aos surdos.

Os intérpretes de língua de sinais representam para os surdos a possibilidade de comunicação com a língua auditiva, de dizer nosso pensamento aos ouvintes que não nos conhecem, de contar histórias, de negociar com sujeitos que nem sempre ousam se aproximar temendo a dificuldade na comunicação. O intérprete também conhece a fundo a pessoa surda, as crenças e práticas de sua cultura, e da comunidade. (PERLIN, 1998a, p. 2)

Entretanto, o intérprete de Libras, mesmo sendo extremamente necessário, não é o suficiente para a instrução e comunicação com os surdos em sala de aula. Os surdos têm direito a aulas com a modalidade totalmente visual, ou seja, em Libras, isso possibilita o processo de aprendizagem de forma eficaz, não somente com professores ouvintes e uma pessoa traduzindo-os para os surdos. Embora haja atualmente o respaldo pela legislação para a presença de intérpretes de Libras em salas de aula, que é vantajoso, diante da existência das escolas bilíngues para surdos, o movimento surdo atual está mais voltado para que tenham mais escolas bilíngues. O estudo totalmente em Libras é o melhor para que as crianças surdas adquiram e usem a Libras como L1 e ainda mais com professores também surdos, isso sim é acessibilidade plena, que gera autonomia e

identidade valorizada ao aluno surdo. As escolas inclusivas têm passado a ter intérprete de Libras para os alunos surdos porque a lei as obriga, o que não significa dizer que necessariamente se importam com a garantia da inclusão. Com o passar do tempo, foi conquistado o direito da escola bilíngue para surdos, proporcionando uma melhor forma de educar surdos por meio da comunicação visual, o que, a meu ver, tem que ser mais incentivado ao se tratar de real acessibilidade.

Na história da participante Fatinha, a sua escola inclusiva tinha vários tipos de deficientes, o pensamento era tratar todos os deficientes de forma igualitária, e isso trouxe estranhamento para ela, então, ela mudou-se de estado e foi para Brasília:

Estudei numa turma inclusiva, onde fui a única surda da turma, e não tínhamos uma boa comunicação. No Maranhão, estudei na cidade de Imperatriz, mas logo me mudei a Grajaú e eu senti como se os surdos fossem iguais a deficientes mentais ou com síndrome de down, e eu pensei: “Que cidade estranha”. Então, a minha família me influenciou a me mudar para Brasília e estudar na escola 114 sul, onde estudei com surdos de manhã e à tarde fiz reforço. (Fatinha, entrevista em 21/04/2022)

Fatinha teve a oportunidade de estudar com várias pessoas deficientes. Em seu relato, ela afirma sentir-se como “se os surdos fossem iguais a deficientes mentais ou com síndrome de down”. Essa afirmação de Fatinha leva a questionamentos a respeito do tipo de tratamento que a sociedade pode, de maneira geral, esperar e reconhecer como sendo tratamento devido a pessoas com deficiência intelectual. Mesmo enfrentando preconceitos, não estamos livres de também termos preconceitos com outras pessoas. Por que Fatinha se sentiu como sendo tratada por pessoas com deficiência intelectual e estranhou esse tratamento? Ele não era adequado ou considerado digno para pessoas que não teriam deficiência intelectual, sendo, por outro lado, adequado para quem teria esse tipo de deficiência? Fatinha não deixa entrever a que tipo de tratamento se refere, mas, ainda assim, é possível levantarmos o questionamento a respeito da maneira como a escola insiste muitas vezes em tornar-se um espaço privilegiado apenas para identidades “normais”, desconsiderando que a normalidade é algo inventado e passível de questionamentos (SKLIAR, 1998).

A participante HPOX foi estudar na escola inclusiva com ouvintes, como a única surda, depois ela se mudou para uma escola inclusiva com surdos:

Desde criança sempre estudei em escola inclusiva e desde o jardim estudei com crianças ouvintes. Com isso, minha família procurou algumas escolas inclusivas aqui no DF e encontraram a 114 sul, eles me matricularam nessa escola, onde eu estudei a primeira série. Eu comecei a ter contato com outras crianças surdas e comecei a aprender a Libras. Logo em seguida, eu mudei de cidade e passei a estudar numa escola particular, eu reprovei porque os professores não conseguiam me assistir e eu, sem nenhum acompanhamento, tive muitas dificuldades. Na quarta série, estudando com as pessoas ouvintes na escola pública e tendo bastante paciência, eu avancei para a quinta série, mas eu estava atrasada porque eu tinha inúmeras dificuldades de aprendizado. Eu conversei com a minha mãe para que eu voltasse para Brasília, ela aceitou e eu voltei, porém, eu estava um pouco longe, e como a comunicação era em Libras, percebi que tinha esquecido tudo o que eu sabia de Libras, eu perdi muito nisso tudo. (HPOX, entrevista em 09/05/2022)

Quando não há apoio escolar, o processo de aprendizado do aluno pode sofrer sérios danos. Segundo Quadros e Schmiedt (2006, p. 19), “há, ainda, estados em que professores desconhecem Libras e a escola não tem estrutura ou recursos humanos para garantir aos alunos surdos o direito à educação, à comunicação e à informação.” Quando HPOX mudou para uma escola particular de ouvintes, ela foi muito prejudicada porque perdeu sua aprendizagem de Libras, os professores ouvintes não davam a devida atenção à aluna surda, e numa escola sem ensino especial, ela não desenvolveu sua Libras como deveria ser. Segundo Mota, Conceição, Lima e Pinheiro (2019, p. 80), “os principais problemas da educação dos surdos é a forma de aprendizado, que é um processo lento, e a maioria dos professores não está capacitada para atender as necessidades dos alunos com deficiência auditiva.”

João recordou-se de quando estudava no ensino especial da escola de São Paulo, o método de linguagem era oral, depois de anos, ele se mudou para Brasília, onde estudou num instituto para surdos, mas que também foi obrigado a usar o método de língua oral.

Eu comecei em uma sala de aula especial, numa escola pública em São Paulo. O método de comunicação utilizado era a oralização. Quanto à Libras, na verdade ainda não existia, eram apenas gestos. Eu me recordo de um grupo de surdos sendo ensinados por meio da oralização e de gestos. Então, na sala especial, colocavam fones de ouvido e microfone nos alunos para fazerem testes e eu não compreendia o motivo daquilo. Fazíamos gestos e nos comunicávamos por meio das palavras que conhecíamos, e eu fui crescendo naquele contexto até que me mudei para Brasília. Novamente, eu fui inserido em uma escola pública da região, achava que era uma escola bilíngue e/ou especial porque tinha um grupo considerável de surdos, mas o ensino era o mesmo do fundamental até o ensino médio, a comunicação ainda era por meio de gestos, com um e outro sinal da Libras sendo utilizado. Então, abriu uma nova escola de nível médio e eu comecei a estudar lá, eu tinha 14 anos, e eu permaneci lá até o final do ensino médio. No primeiro ano do ensino médio, a turma era inclusiva, tinha participação de ouvintes. Apesar de acostumado nessa realidade inclusiva, eu fazia reforço em um instituto para

surdos, e lá fomos obrigados a explorar e praticar a oralização, não existiam intérpretes de Libras naquele tempo, principalmente no ensino público. Permaneci assim no segundo ano, e lá um aluno meio com vergonha, começou a fazer sinais da Libras, e eu também tinha vergonha, mas os ouvintes mandavam parar a brincadeira e focar no ensino. Eu tive alguns problemas, mas, por falta de paciência, eu me formei. (João, entrevista em 25/04/2022)

O participante João relata que tinha vergonha em usar a língua de sinais na escola inclusiva porque os colegas ouvintes não entendiam sobre a cultura surda. Os surdos eram assim, envergonhados por usarem uma língua que era própria deles. A pesquisadora Strobel (2018, p. 104) afirma: “O sujeito surdo que tem vergonha de usar a língua de sinais não se reconhece como surdo e sim como um deficiente, ou seja, não conseguiu se libertar da visão de surdez que a sociedade atribui”. Isso não deveria ser assim, mas a influência do mundo ouvinte ainda é muito grande, infelizmente a desinformação ainda impera. Porém, não há mais nenhum motivo para se esconder e permanecer calado ou envergonhado diante de tantas evidências, o surdo precisa da educação à sua altura, não o oposto, ele merece ter respeito. De acordo com Goldfeld (1997, p.34):

A história da educação de surdos nos mostra que a língua oral não dá conta de todas as necessidades da comunidade surda. No momento em que a língua de sinais passou a ser mais difundida, os surdos tiveram maiores condições de desenvolvimento intelectual, profissional e social.

Em Brasília, há institutos para pessoas surdas que têm como referência o método da oralização, obrigando que os surdos desenvolvam a fala, e proíbem a língua de sinais por influência social e da família ouvinte. Entretanto, existem outras escolas públicas com muitos surdos que têm Libras e podem usá-la como L1. Essa situação traz preconceito e/ou opressão, por exemplo: de manhã o surdo vai para a escola pública que tem Libras e à tarde o reforço desse instituto de surdos a proíbe, o que pode ser um grave problema, em minha compreensão. Em Brasília e no Brasil, os surdos têm direito ao respeito à sua cidadania por lei, mas, na verdade, isso se dá desde a Constituição de 1988, além disso, os surdos têm direito garantido pela Lei da Libras, desde 2002, regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005. Os surdos têm direito a estudar numa escola bilíngue para surdos, mas em alguns institutos para surdos em Brasília esse desrespeito ainda ocorre. É preciso respeitar os surdos brasileiros, eles podem usar a língua de sinais brasileira. Forçar o processo de oralização é dificultar mais e mais o seu processo de aprendizagem. No Brasil, há a liberdade em lei, mas os surdos têm direito de serem respeitados também na prática do dia a dia.

A educação é a possibilidade de superação da segregação quando possibilita o desenvolvimento linguístico com aquisição da língua que podem aprender naturalmente - Língua de Sinais - e o letramento na língua da comunidade majoritária - o Português, prioritariamente na modalidade escrita - o desenvolvimento linguístico é rapidamente acompanhado pelo ganho de habilidades sociais que produzem novos modos de relacionamento na comunidade pela apropriação das formas convencionais e alternativas de operação dos instrumentos. (KELMAN E MARTINS, 2012, p. 123)

Ao longo da história, os surdos muitas vezes ficaram escondidos e com vergonha de usarem a língua de sinais, o que permitiu ainda mais o avanço da obrigatoriedade da língua oral e a falta do reconhecimento da cultura surda em muitas escolas, seu valor e sua necessidade para a qualidade de vida dos surdos. Os surdos não podem permanecer escondidos, eles têm que cada vez mais mostrar para a sociedade ouvinte o seu valor e conquistar o seu lugar no mundo. As famílias precisam saber por meio dos próprios surdos o quanto os prejudicam insistindo num método arcaico e que nada ajuda a vida da sociedade surda. Seus filhos precisam conviver com outros surdos e precisam conhecer sua própria identidade, serem livres para serem o que quiserem, não o que os obrigam a ser. Ficar calado não resolve; mostrar o quanto o surdo se desenvolve é poderá fazer a diferença. Por isso, neste trabalho as histórias de vida de professores surdos ganham espaço, para que sejam evidenciadas suas lutas e vitórias. De acordo com Gesser (2009, p. 55), “a verdade é que o surdo fala em sua língua de sinais. É necessário, entretanto, expandir o conceito que temos de língua humana e também redefinir conceitos ultrapassados para enxergar outra dimensão na qual conceber a língua – o canal viso-gestual”.

A história de Elizabeth foi difícil também, pois ela estudava em escola particular regular, mas quando mudou para uma escola pública inclusiva, foi onde descobriu muitos alunos surdos com quem conviver:

Eu estudei em escola particular até o 2º ano do ensino fundamental, pois meus pais ainda não sabiam que eu era surda. Eu tinha muita dificuldade com a leitura, não entendia quase nada e não conhecia as palavras, eu não conseguia me comunicar. Por exemplo, eu perguntava para os professores e não me respondiam, muitas vezes, ensinavam de costas para a turma e eu não conseguia fazer leitura labial. Então, eu sempre ficava quieta. Eu colava o que meus colegas escreviam, mas a escola particular não tinha acessibilidade, lá sofri muito, não me deixavam ir ao banheiro, entre várias outras coisas. Eu só tinha alguns amigos ouvintes, mas os professores não tinham paciência até que, por fim, eles mesmos mandaram me tirar da escola. Minha mãe teve que aceitar, então, começou a procurar escolas públicas. Eu fui para a Escola Classe 01 em Taguatinga, mas avisaram que na Escola Classe 21 tinha outros surdos e que lá eu poderia me desenvolver mais com a Libras. Minha mãe aceitou e mudei para a Escola Classe 21 em Taguatinga. Minha mãe ficou surpresa, pois lá era uma escola inclusiva,

com ensino especial e muitos alunos surdos que sinalizavam. Eu comecei a aprender muito porque meus professores eram muito inteligentes, assim consegui aprender rápido os números, a ler o português claramente e a minha Libras super se desenvolveu. Antes, eu era a única surda na sala, dentro de um processo de inclusão de surdos com ouvintes, fazíamos todas as disciplinas juntos, só pouco mais tarde que, enfim, eu entrei na 3ª série da Escola Classe 21. Eu me lembro de que, quando consegui uma vaga lá e entrei, eu me assustei porque não sabia Libras e todos sinalizavam muito rápido. Achei aquilo muito estranho, mas continuei frequentando. Eu via várias imagens nas paredes da sala de aula, com o alfabeto manual, vários sinais e números. Achava tudo muito estranho, mas aproveitei para aprender os sinais das palavras e ia copiando. Lembro também que os surdos vinham se comunicar comigo, mas eu não entendia muito, mas uma vez quando a professora saiu, um surdo veio me perguntando e oralizando “palavra”, percebi que ele não conhecia a palavra que ele mesmo estava me mostrando, mas não estávamos conseguindo nos comunicar, até que eu olhei melhor para a palavra que ele estava apontando e vi que era “elefante”, então, comecei a gesticular para ele entender que era um animal grande com uma tromba até que ele entendeu e fez o sinal de elefante que eu não conhecia, mas percebi que ele já tinha entendido que animal era e assim íamos nos relacionando. Eu ajudava mostrando o significado das palavras e eles iam me mostrando os sinais, e assim as coisas foram fluindo. Adorei fazer isso. (Elizabeth, entrevista em 28/04/2022)

Elizabeth relata as dificuldades por que passou enquanto estudante de uma escola particular: um sério bloqueio comunicacional com os professores causou a necessidade de mudança de escola, pois os professores perceberam que ela era uma surda imersa numa sala de aula só de ouvintes e a família, que não havia informado isso a eles, teve que procurar outra escola. Para uma família ouvinte, é difícil admitir que se tem um filho surdo, tudo muda e isso se torna bastante desafiador, mas a mudança trouxe um bom resultado: Elizabeth pôde estudar em um local mais adequado, com todos sinalizando em Libras. Seu relato é muito interessante à medida que mostra como ela foi aceita e passou a pertencer à comunidade surda em que agora estudava à medida que foi aprendendo Libras. A meu ver, a escola bilíngue garante ao surdo o direito de comunicar-se com fluidez na língua de sinais, sua língua materna. Com isso, a pessoa surda desenvolve-se não apenas linguisticamente, mas também social, cultural e identitariamente, pois encontra pertencimento entre outros. Isso não significa idealizar a comunidade surda como um espaço livre de conflitos ou confrontos. Significa, no entanto, marcar a cultura surda como um espaço de pertencimento importante para todo o reconhecimento da língua, da cultura e da identidade surda como parte da diversidade da sociedade, como se pode perceber através dos relatos que aqui estão sendo discutidos. Como também explica Skliar (1998a, p. 13),

A distinção entre diversidade e diferente conduz ao debate sobre o lugar que corresponde aos surdos na educação especial e na educação em geral (...), é necessário romper com a tradição segundo a qual, uma vez reconhecido o fracasso da escola especial, aparece de maneira implacável uma única opção: a escola inclusiva. Isto é, a

imperativa da integração escolar dos surdos nas escolas regulares. (SKLIAR, 1998a, p. 13)

Valícia contou que, na sua infância, estudou em escola inclusiva com ouvintes, tendo também passado por dificuldades:

Os professores não entendem a identidade surda e misturam todos os alunos, achando assim que estão promovendo a inclusão, vencendo o preconceito e trazendo acessibilidade. Antigamente, em 1986, não existiam leis de inclusão, eu fui procurar outra escola inclusiva de ouvintes, pois lá eu sempre ficava na mesma turma, repetindo. A 1ª série, por exemplo, eu repeti por 3 anos, ficavam me ensinando a mesma coisa, mas os professores não queriam interagir, não me ensinavam sobre L1 e L2, nada a respeito disso, e eu ia para o fundo da sala. Eu sabia muito pouco, apenas meu nome e coisas muito básicas. Então, ficava admirando quem sabia Libras e, aos 7 ou 8 anos, eu comecei a querer adquirir isso, a minha escola, porém, não aceitava a sinalização, éramos obrigados a oralizar e usar a voz, tive que ter paciência. Voltando ao assunto da escola, eu e uma colega minha fomos passando de série, mas acho que na 7ª ou 8ª série que começou o maior problema, pois tinha português e inglês juntos, eu não entendia e confundia tudo. (Valícia, entrevista em 25/04/2022)

De acordo com Gesser (2009, p. 57), “há quem pregue que o surdo não aprende os conteúdos escolares porque tem mais dificuldades que os ouvintes (...), não se trata de dificuldade intelectual e sim de oportunidade”. O ensino em sala de aula com ouvintes encontra inúmeros problemas na escola inclusiva e na regular, como relata Valícia acima. Sobre isso, Libâneo (2006) também questiona:

Não será temerária essa inserção abrupta e incondicional que acaba por piorar as já insuficientes condições de aprendizagem para os alunos das escolas regulares e, pior que isso, não alcançar os efeitos de inserção social e de aprendizagem desejados dos alunos em condições especiais? A política de inclusão pode virar, se é que isto já não está acontecendo, exclusão, discriminação, marginalização. (LIBÂNEO, 2006, p. 3)

A escola inclusiva tem o papel de ajudar no desenvolvimento socioemocional e ensinar as crianças com deficiência, mas será que é isso mesmo o que tem sido feito? Tem surtido efeito? Tem sido eficaz? Como surda, muitos relatos aqui sobre a dificuldade com a escola inclusiva são também as minhas dificuldades vividas. Assim, levanto críticas em relação ao modelo de escola inclusiva que tem sido imposto a nós, pessoas surdas. Embora a proposta seja interessante em sua mais profunda intenção, na prática o que se vê sendo realizado é muito prejudicial para os surdos.

O movimento mundial pela inclusão é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação [...] visando construir políticas públicas promotoras de uma educação de qualidade para todos os alunos. (PNEE, na Perspectiva da Educação Inclusiva, 2008)

Com base na Declaração Universal dos Direitos Humanos, o ser humano tem direito à educação e à escola inclusiva, mas, em relação às histórias dos surdos já apresentadas, apenas estudar numa escola inclusiva e escola regular não mostra ser a solução. Foram encontradas diversas dificuldades durante a infância de todos aqueles que passaram por essas escolas, seja porque não havia intérpretes de Libras, professores surdos ou professores que sabiam Libras. O movimento surdo luta pela escola bilíngue para surdos, por professores surdos que ensinem Libras e o português escrito, permitindo, assim, que as salas de aula se tornem espaços de comunidade de aprendizagem para os surdos.

A escola inclusiva tem a proposta de incluir os alunos surdos em escolas regulares e de educação especial, mas os alunos e professores são ouvintes. A Declaração de Salamanca, realizada em 1994, na cidade de Salamanca na Espanha, tratou sobre a Educação Especial com o objetivo de reforçar a ideia de que a educação deveria ser para todos e, por isso, incluir surdos, por exemplo, em escolas regulares seria a solução. O problema não é o acesso à escola em si, a questão é mais profunda do que isso e tem a ver com a forma que o conteúdo é passado e se está sendo absorvido para cada realidade da melhor maneira. A falta de conhecimento de libras (e de interesse por ela) pela maioria das pessoas das salas de aula na escola inclusiva, em especial pelos próprios professores, torna-se empecilho para a realização da educação nesse espaço.

Segundo Carvalho (2015), a escola inclusiva trouxe muitas barreiras porque não houve comunicação ou interesse em comunicação; apenas os surdos foram postos em sala de aula, mas o modo de ensino continuou o mesmo para todos. Além disso, os professores não tinham conhecimento a respeito da aquisição linguística para os surdos e que a Libras deveria ser ensinada como sua L1, não o português, pois língua de sinais é muito importante para a socialização dos surdos. Os participantes surdos relatam que, em suas histórias de vida, ainda continuaram a ter dificuldades com a adaptação às aulas e se sentiam excluídos por serem surdos. A meu ver, é preciso ir adiante com essa discussão, entendendo que fazer educação surda (com pessoas surdas) vai além de realizar adaptação linguística (com a presença de intérpretes para mediar a relação com professores ouvintes, por exemplo) ou adequação espacial e metodológica

(com metodologias mais visuais para a sala de aula). Como discute Skliar (1998), é preciso reconhecer que a educação para surdos e com surdos é um campo de estudos próprio, que tem sido desenvolvido a fim de romper com a dependência da ideologia ouvinte. Como afirma o autor:

Pode-se dizer que a educação dos surdos parece se encontrar hoje diante de uma encruzilhada. Por um lado, manter-se ou não dentro de paradigmas da educação especial reproduzindo o fracasso da ideologia dominante – movimento de tensão e ruptura entre educação especial e a educação para surdos. Por outro lado, aprofundar as práticas e os estudos num novo campo conceitual, os Estudos Surdos, quebrando assim a sua dependência representacional com a educação especial. (SKLIAR, 1998a, p.11)

Nas histórias dos participantes surdos Huet, Lucas, Alberico, Fatinha, HPOX, Nego, Roberta e Valícia há relatos sobre as dificuldades, problemas e sofrimentos no período escolar inclusivo com pessoas ouvintes. Os participantes João, Lucas e Chris Souza passaram a maior parte da infância na escola com dificuldades quanto ao ensino especial porque não tiveram acessibilidade na escola e, por não saberem a língua de sinais, não tiveram um bom contato com as pessoas da escola. Segundo Quadros (2019, p. 148), “o problema da inclusão é que, muitas vezes, o conceito é aplicado a partir das escolas regulares de ensino, impondo o isolamento das crianças surdas, que, como consequência, crescem apartadas da comunidade surda, algo perverso para sua constituição como pessoas autônomas”. As participantes Fatinha e Elizabeth, por sua vez, trazem relatos um pouco diferentes, em função da experiência na escola surdos, colegas e professores que sabiam Libras, possibilitando o desenvolvimento linguístico, cultural e interpessoal.

Os participantes, atualmente professores formados e atuantes na docência, narram a maneira como constroem sua luta pela educação de crianças surdas na escola bilíngue para surdos. Os participantes desejaram atuar como professores pela importância encontrada na educação para surdos, na linguística e na cultura surda, tendo a Libras como a L1 e agora a escola bilíngue para surdos como modalidade na Lei Brasileira de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que é independente do ensino especial. Nas próximas seções, isso será ainda discutido e apresentado. Como discutem Quadros e Schmiedt (2006, p. 14):

A narrativa da inclusão no campo dos estudos culturais ou estudos surdos vai assumir a narrativa dos surdos. Através dos relatos, ela vai captar as formas de sofrimento e manifestações de resistência diante da inclusão que refletem a história vivida pelos surdos em épocas que não se respeitava o direito linguístico, o direito ao uso e ensino de Libras. Os estudos surdos aproximando-se dos estudos culturais vão traduzir estes

espaços de resistência e buscar traduzir que aí sobrevive um grupo resgatando sua cultura.

4.3. Língua de sinais brasileira e português

Conhecer a história dos surdos é conhecer a sua luta pela língua de sinais – Libras no caso do povo brasileiro –, é poder contemplar conquistas que alcançaram por direito, é perceber que, quando estão diante de barreiras e dificuldades, os surdos lutam e vencem por sua língua e sua cultura. A comunicação dos Surdos é por meio da Libras, como L1, que faz parte da sua identidade e cultura. Libras é a língua oficial da comunidade surda brasileira e os Surdos lutam por essa língua, que é a experiência linguística deles. Segundo Gomes (2010, p. 46), “de fato, é através da língua que os significados são produzidos e trocados; o acesso comum à língua permite o acesso à cultura.”

4.3.1.O encontro com a Libras

A respeito do direito à aquisição da língua, Gesser (2009, p. 83) afirma que “o surdo tem direito a ter sua língua materna mesmo que essa não seja a língua de seus pais.” Diante disso, a parte das histórias de vida dos sujeitos surdos participantes que aqui será mostrada e que foi analisada é do momento em que encontraram uma nova língua, isto é, a Libras, e como foi recebido esse processo de aquisição de linguagem. Considero importante esta seção, uma vez que dá espaço especial para a chegada da Libras na vida dos professores surdos participantes deste estudo, momento que marca toda a sua trajetória. O interesse nesta seção é dar evidência e destaque a como os participantes entendem o encontro com a Libras e como narram a diferença que essa língua fez e faz em suas vidas. Assim como feito em todo o trabalho, nem todas as histórias de todos os participantes estão aqui, pois não haveria espaço suficiente e não seria conveniente, já que algumas histórias se repetem de forma mais aproximada.

De acordo com Kelman e Martins (2012, p. 135), “a língua de sinais se apresenta como um instrumento cultural alternativo, pelo qual os surdos podem realizar as capacidades humanas e agir na sociedade em condições de igualdade.” A língua de sinais brasileira faz parte da cultura da pessoa surda e, como já dito antes, a Libras é sua língua oficial no Brasil, estando na modalidade visuo-espacial e sendo sua língua natural, por isso, usam-se os olhos para entendê-la, além da expressão facial e corporal como auxílio. Segundo Quadros (2019, p. 43), “os surdos descobrem a própria identidade surda a partir da relação com outros surdos.” Os surdos encontram-se com a

Libras no contato com a comunidade surda, na qual passam a adquiri-la como L1. De acordo com Couto e Fernandes (2013, p. 292):

A visão interacionista de Vygotsky (1991) direciona-se para considerar a aquisição de linguagem fundada na relação do ser humano com o mundo sociocultural. Dessa maneira, vemos que o sujeito se desenvolve por meio da interação com o interlocutor e se constitui pela interlocução entre falantes por meio de uma função organizadora do pensamento. A mediação do outro permite a estruturação da língua num processo de internalização, desse modo, a língua é compreendida como o fruto de uma ação dialógica em permanente construção.

Isso ocorre quando o surdo encontra a língua de sinais, seja desde criança ou de forma tardia, e adquire essa língua na escola, na associação de surdos ou em qualquer lugar que possa ter contato com a comunidade surda. De acordo Pizzio e Quadros (2011, p. 3), “muitas famílias levam muito tempo até conhecer a língua de sinais, podendo implicar na aquisição tardia.”

A aquisição da língua, o desenvolvimento e a experiência linguística dos professores surdos participantes deste estudo foram analisados com base no que compartilharam sobre suas histórias de vida. Pizzio e Quadros (2011) afirmam que é importante conhecer sobre a história de acesso a Libras de cada pessoa surda – quando crianças, adolescentes e/ou jovens de diferentes idades – quando acessaram a língua de sinais, entendendo como foi o processo de aquisição precoce ou tardia.

Na história de Huet, ele encontrou a Libras na escola onde estudava, durante o magistério, depois de ter vivenciado a imposição da oralização como única forma de aquisição de língua:

Comecei a fazer a aquisição da Libras, numa escola de Taguatinga, quando eu estava estudando o magistério. Foi lá que eu comecei a aprender Libras, eu ainda não tinha fluência na língua e era oralizado, mas utilizava gestos. Então, uma professora minha e uma outra aluna me provocavam para sinalizar em Libras. Eu chorava, ficava emocionado, pois eu conseguia ter uma visão de mundo, conseguia entender e tinha percepções por meio da língua de sinais, e aí foi quando eu aprendi e me desenvolvi nela. Então, eu passei a ter uma percepção de vida diferente na escola de Taguatinga, eu conseguia interagir, pude me comunicar com os surdos e isso foi muito bom, e até melhorei no meu estudo do magistério, nos meus projetos. Antes, numa escola da Ceilândia, parecia que eu estava sozinho e tinha dificuldades, pois eu não me comunicava em língua de sinais, essa comunicação somente aconteceu depois da Lei da Libras, aprovada no dia 24 de abril de 2002. Cresci prejudicado pelo fato de que eu não ter aprendido Libras na idade ideal,² mas desenvolvi tardiamente. Eu me apropriei da Libras como uma língua, então, eu cresci oralizado como eu falei antes, era um caminho que eu podia percorrer, mas nunca imaginei que minha trajetória seria alterada depois da aquisição da Libras, e ela foi alterada para algo melhor, eu me sinto salvo porque a Libras me proporcionou uma excelente qualidade de vida. (Huet, entrevista em 22/04/2022)

Huet adquiriu a Libras tardiamente, pois antes ele não tinha contato com a comunidade surda nem com a língua e esse é um problema que a maioria de surdos de famílias ouvintes que desconhecem a experiência linguística, cultural e identitária que a Libras proporciona enfrentam. De acordo com Pizzio e Quadros (2011, p. 46):

Na aquisição da língua de sinais, vários estudos têm se debruçado na aquisição tardia. Isso acontece porque há uma incidência significativa de crianças surdas com pais ouvintes que não adquirem a língua de sinais no período comum de aquisição da linguagem. (...) Caso a criança não adquira língua nesse período, seu desenvolvimento linguístico será prejudicado.

Huet descobriu a Libras enquanto estudava no magistério, a partir disso, teve a oportunidade de aprender essa língua, e mudar sua trajetória se tornando um professor surdo na área de linguística. Ele se desenvolveu porque pessoas fora de sua família o apresentaram a Libras e, ao encontrá-la, recebeu também a chance de ter uma vida melhor, ele teve sua vida transformada, como afirma. É muito interessante perceber a emoção com que relata seu encontro com a Libras: não parece se tratar apenas da aquisição de um código de comunicação. Língua é muito mais que isso: é uma abertura para a vida em sociedade, para a construção de identidade, para o pertencimento e para a inserção social. Após o encontro com a Libras, Huet se “sente salvo”. Estaria ele perdido antes? Do que deveria ser salvo? Podemos explorar os sentidos que o participante deixa em seu relato: salvo do isolamento, salvo da opressão de se adaptar a uma língua da perspectiva de ouvintes, salvo de limitar seu desenvolvimento e sua construção de conhecimento ao que o português na perspectiva ouvintista lhe permitia.

O encontro de Fatinha com a Libras se deu, diferentemente de Huet, mais cedo em sua vida, como ela relata no trecho a seguir:

Eu continuo viva, pois eu aprendi a língua de sinais brasileira ainda quando criança e já fui integrada à comunidade surda, tive contato com outros surdos. Eu sou surda desde o nascimento e tive a oportunidade de aprender a língua de sinais logo. Eu aprendi Libras a partir dos 4 anos de idade. (Fatinha, entrevista em 21/04/2022)

Ainda que os pais ouvintes não saibam sobre a língua de sinais, mas permitem que a criança surda aprenda na escola e/ou em qualquer lugar é muito melhor. Segundo WALLIS (1990, p. 16 apud STROBEL, 2018, p. 47): “Se os surdos têm contato com a língua de sinais desde cedo; assim a criança surda poderia se sentir como as outras crianças, fazer perguntas e obter as respostas, ou seja, a curiosidade da criança surda será satisfeita muitas vezes e terá maior acesso às informações.” Ser surdo desde o nascimento e logo já ter contato com a

comunicação visual, absorvendo a Libras como língua materna, é fundamental para o processo de aprendizagem e aquisição da língua. Na pesquisa de Pizzio e Quadros (2011, p. 50), eles apontam que “os sujeitos que adquiriram a linguagem antes dos 4 a 6 anos de idade apresentam um processo mais estável e consistente em relação ao desenvolvimento do vocabulário.” A criança surda tem total capacidade de aprender a língua de sinais e de alcançar lugares altos na vida, mas quanto mais cedo ela aprender a língua, mais rapidamente ela irá evoluir em todos os outros aspectos, uma vez que aumentará a qualidade de suas interações.

A aquisição da linguagem pela criança se constrói a partir da interação do sujeito com o seu meio, num jogo dialógico das ações do indivíduo. Aqui o aprendiz não é um sujeito passivo, mas ativo e constrói seu conhecimento numa relação de interação com o outro no meio sócio-histórico. O aprendiz e o outro se constituem na interação, em gestos de comunicação natural. (COUTO E FERNANDES, 201, p. 292)

Segundo Gesser (2009, p. 83), em relação ao direito de aprendizagem da língua materna, ela afirma: “Todos os surdos têm direito a ser alfabetizados em tempo hábil e de se desenvolver linguisticamente, segundo preconizado pela educação permanente”. Muitos da sociedade ouvinte desconhecem a Libras e tendem a pensar que se trata de um conjunto de expressão gestual, confundindo com os gestos que normalmente o povo ouvinte já usa, o que também pode levar a família a desprezar a aquisição dessa língua, sendo que ela ajudará a criança surda em toda sua trajetória de vida. Elizabeth passou por uma confusão de línguas, além de ser surda, os pais são de países diferentes e teve que lidar com isso, além das dúvidas e não conhecer bem as palavras.

Ao compartilhar sua história, Alberico relata ter conhecido a língua de sinais em grupos de surdos:

Fiquei admirando, achava legal aquilo, bonita a comunicação e depois eu comecei a ver alguns grupos de surdos, eles me observaram e me perguntaram se eu era surdo e se sabia Libras, mas eu não sabia. Quando fui para o INES, que me marcou, eu aprendi Libras, em três meses, eu já estava fluente, conversando e sinalizando, sou muito grato e tiro meu chapéu para esse instituto. Tenho muitas lembranças e eu me recordo de que, começar a aprender Libras, parece que deu valor à minha vida, sabe? Faltava algo, tinha uma simplicidade aquilo, era importante e me dava um entendimento claro. (Alberico, entrevista em 06/05/2022)

Ao conhecer várias pessoas surdas, Alberico começou a sua aquisição da língua de sinais, como sua língua materna, e ele se sentiu muito grato a respeito do INES, lugar onde nasceu a

primeira educação de surdos por meio da língua de sinais no Brasil. Diante disso, ele traz boas lembranças de quando aprendeu Libras e o quanto ficou tudo mais claro em sua compreensão do mundo, isso gera mesmo um ânimo para viver, um alívio por se sentir mais humano, ou seja, um ser racional capaz de se comunicar e imerso em um grupo que fala a língua que ele então descobre ser sua.

Quando uma pessoa surda se emociona pelo encontro com outra pessoa surda que sabe a mesma língua é uma sensação de encontrar “valor para a vida”, como relata Alberico no trecho anterior. Significa encontrar um outro igual, e isso mostra o quanto vale a pena lutar para ter a liberdade de se comunicar pela língua – como sua L1 – sem nenhum preconceito. Como também afirma Gesser (2009, p. 84), o “direito de usar a língua de sinais para se integrar com os outros surdos é o primeiro passo para uma integração na sociedade como um todo.”

Roberta, assim como relata que primeiro ela aprendeu o português e depois a Libras:

Eu aprendi Libras aos 11 anos em um instituto para surdos, mas, antes, aos 9 ou 10 anos, os professores me ensinaram imagens com palavras em português, aprendi semântica, gramática, fonema e outras coisas. No começo, eu aprendi fazendo gestos, mas os surdos me corrigiam e me mostravam os sinais. (Roberta, entrevista em 09/05/2022)

Segundo Quadros (1997, p. 84), “a Libras é adquirida pelos surdos brasileiros de forma natural mediante contato com sinalizadores, sem ser ensinada (...), conseqüentemente deve ser sua primeira língua.” O processo de aquisição do português para o surdo não é de forma natural, pois não tem a experiência sonora, por isso, ela passa a ser a L2 das pessoas surdas, já a língua de sinais é adquirida de forma natural, sendo, então, a mais adequada para ser sua L1. Segundo Quadros (1997, p. 27), “a língua portuguesa não será a língua que aciona naturalmente o dispositivo devido à falta de audição da criança. Essa criança até poderá vir a adquirir essa língua, mas nunca de forma natural e espontânea, como ocorre com a língua de sinais”. A identidade e a cultura surda são adquiridas a partir da escolha do surdo em se comunicar por meio dos sinais, mas ela não é algo imposto ao surdo, sendo, antes, o que lhe caracteriza como tal, pois “a identidade nunca é dada, é sempre construída a partir daquilo que os outros definem que nós somos” (GOMES, 2010, p.43).

A participante Chris Souza relata ter tido contato com a língua de sinais primeiramente quando encontrou outros surdos e pôde se desenvolver:

Tive contato com uma anã num ônibus, ela percebeu que eu não ouvia. Ela me falou que eu tenho direito ao acesso de transporte gratuito, eu não sabia. Então, fui fazer a inscrição e encontrei com outros surdos, o primeiro contato foi na fila de inscrição, observei como eles falavam em Libras e eu tive curiosidade de saber o que significavam os sinais. Então, no supletivo, eu encontrei dois surdos sinalizando e me interessei. Meu ex-marido é surdo e meu filho é ouvinte, mas o contato continua. (Chris Souza, entrevista em 22/04/2022)

Ao descobrir uma “nova língua”, Chris Souza quis adquiri-la, por ser uma pessoa surda, no contato com outros surdos que sabiam Libras. O mais importante para o surdo é conhecer a língua de sinais, ter contato com outros surdos e perceber o interesse e o sentimento de pertencer que isso gera na vida a fim de prosseguir construindo e realizando outros sonhos. A aquisição de Chris Souza foi tardia, porém, o conhecimento que ela adquiriu após encontrar outros surdos e o seu desenvolvimento diante disso é o que mais importa. Ao surdo, não importa o tempo, é possível adotar essa nova língua, tê-la como L1 e adentrar uma nova cultura, antes desconhecida, pois:

O que ocorre verdadeiramente é que, no encontro do surdo com outro surdo que também usa a língua de sinais, se faz brotar novas probabilidades de subjetividades, de compartilhar a cultura, de aquisição de conhecimentos, que não são plausíveis por meio da língua oral e da cultura ouvinte. (STROBEL, 2018, p. 112)

Nego também relata sobre seu encontro com a Libras e a maneira como ela lhe surpreende:

Eu apenas usava a oralização e foi assim até os meus 12 anos. Então, lá em Curitiba, eu pude aprender Libras e eu amei, mas, minha mãe não aceitou isso por conta de uma professora que a influenciou dizendo que não era bom eu aprender Libras e que eu precisava fazer uso da oralização. Mas conversar em Libras era o que me dava prazer, eu ficava encantado com a visualização, a cultura e a identidade surda. Era algo internalizado em mim e que eu pude perceber nas trocas com os outros Surdos e isso foi bom, legal. Mas eu comecei a aprender português há muito tempo, mas quando eu descobri a Libras, vi que era o contrário do português, e eu gostei, a Libras é visual, clara e leve. (Nego, entrevista em 09/05/2022)

Nego comenta a respeito do caráter visual da Libras, o que lhe chamou a atenção: “ficava encantado com a visualização”. O surdo constrói o seu raciocínio a partir de imagens, as quais torna sua visão ainda mais aguçada, e conversar por língua de sinais é uma forma de conseguir se desenvolver melhor e ser mais independente no processo comunicativo e na construção de seu espaço na sociedade. Segundo Quadros (2017, p. 82)

Esse início de processo de aquisição da linguagem se constitui naturalmente, exceto quando há outros aspectos que possam interferir em tal processo. Por exemplo, no caso de crianças surdas que nasceram em uma família de pais ouvintes, normalmente, os pais não utilizam língua de sinais e, portanto, essas crianças acabam não tendo input linguístico de forma natural.

Mais uma vez, vale ressaltar que a família precisa buscar entender o que é melhor para o surdo e deixá-lo livre, ainda que não concorde com a escolha da Libras como L1. Segundo Campos e Stumpf (2012, p. 177), “pertencer à cultura surda implica dominar, em maior ou menor grau, a língua de sinais que caracteriza o grupo ao qual aquele surdo se integra”.

Nego aprendeu português antes da Libras, pois nem a família nem sua professora concordavam com a língua de sinais. Muitos que desconhecem esse universo da Libras tendem a achar que a língua de sinais não tem valor ou que se trata de um conjunto de gestos sem sentido, o que se caracteriza como preconceito linguístico. É importante ressaltar, porém, que diante da ideologia majoritária, a ouvinte, em um ambiente de proibição da língua de sinais e imposição do português oralizado, há algumas formas de resistências surdas, a respeito do que Skliar (1998a, p. 46) afirma:

Entre essas interpretações aparecem algumas formas de resistência que, no caso dos surdos, expressam-se de múltiplas maneiras. A criação de associações de surdos é apenas um exemplo disso e, curiosamente, todas elas surgiram depois de ter sido imposta a oralidade nas escolas. (...) Atualmente, as lutas pelos direitos humanos e pelo direito específico que têm os surdos à aquisição de uma primeira língua constituem somente a face formal dessa resistência.

Como mostram as histórias dos professores surdos neste trabalho, a resistência sempre esteve presente nas comunidades e culturas surdas, como forma de não se submeter plenamente à imposição e opressão da sociedade ouvinte e ouvintista. É nesse sentido que este trabalho, também, pretende contribuir para dar espaço aos sofrimentos e as resistências, às dificuldades e conquistas, às lutas e vitórias do movimento surdo.

Nos relatos de HPOX, também podemos notar que o encontro com a Libras abre um horizonte para a pessoa surda:

A Libras começou na minha vida quando eu entrei na escola inclusiva. Eu tive uma perda auditiva, e a Libras foi um grande diferencial, ela é uma língua que eu sabia que me ajudaria no futuro e, além disso, ela ajuda nas minhas relações, na minha comunicação, no meu desenvolvimento, e isso aconteceu na escola da 114 sul. Hoje, trabalho com surdos. (HPOX, entrevista em 09/05/2022)

HPOX compartilhou que, após sua perda auditiva, ela teve contato com a Libras na escola inclusiva, ela pôde encontrar professores e alunos surdos, então, conseguiu se desenvolver e se tornar professora de surdos, o que mostra a transformação na sua vida através da comunicação em língua de sinais. A Lei da Libras proporciona a comunicação, a educação e a formação de surdos de uma forma exponencial e transformadora, cada vez mais surdos podem viver essa liberdade, mas vale lembrar que a luta sempre deve continuar. Histórias como a de Nego e HPOX são um incentivo para não se perder a esperança e do quanto a comunicação visual pode mudar a vida do surdo. De acordo com SKLIAR (1998a, p. 26), os surdos têm direitos iguais e o mesmo potencial que os ouvintes, isto é, potencialidades:

(...)como direito à aquisição e desenvolvimento da língua de sinais como primeira língua; potencialidade de identificação das crianças surdas com seus pares e com os adultos surdos; potencialidade do desenvolvimento de estruturas e funções cognitivas visuais; potencialidade para uma vida comunitária e de desenvolvimento de processos culturais debate linguístico, educacional, escolar, de cidadania, etc.

Na história de João, ele recorda que a língua de sinais é chamada de linguagem das mãos quando não existia a Libras na década 70:

Quando não existia a Libras nem a tínhamos como língua oficial no Brasil, a língua de sinais era chamada de linguagem das mãos. Mas nós tínhamos o alfabeto e trabalhávamos as datilologias e, ao longo do tempo, isso foi mudando, nessa época, em 1979, eu tinha uns 12 anos de idade. Depois, em 1986, foi criada a FENEIS e, com isso, houve uma luta pela Lei da Libras, por uma construção de sinais e muitas coisas foram sendo alteradas nos estados da nossa federação. Eu fui me adaptando, foi um processo e, em alguns momentos, as coisas pareciam um tanto confusas, mas a Libras era uma língua nacional, então, era necessário haver essa unificação para que todos entendessem de uma maneira mais clara, isso foi bom. Eu conheci os surdos mais antigos da época e fui internalizando aquela sinalização. Em 1990, começou um movimento dos intérpretes nas igrejas pelas interpretações nas celebrações religiosas, e aí foi quando tudo começou de fato, mas eu já tinha incorporado a sinalização de forma bem pontual, tinham alguns livros na época e, por exemplo, a FENEIS já havia providenciado um mapeamento de sinais e criou um material que foi distribuído nas escolas, para utilizarem. (João, entrevista em 25/04/2022)

João teve sua experiência com a língua de sinais na adolescência e trouxe algo histórico: a linguagem das mãos, criada pelo Padre Eugênio Oates no Brasil, anterior à Libras. O começo da língua de sinais no Brasil era somente com o alfabeto manual e a datilologia, ou seja, soletração e isso tornava a comunicação ainda difícil, mas a comunidade surda foi se desenvolvendo e a Libras foi criada, de onde surgiram os sinais, e com o FENEIS veio a luta para que fosse reconhecida como língua oficial. Atualmente, João já tem a Libras como L1,

muita experiência com a comunidade surda e, inclusive, já participou do FENEIS, encontrou muitos surdos e viveu várias experiências com a língua de sinais em igrejas, as pastorais de surdos. O estado de Minas Gerais foi o primeiro a reconhecer a Libras como forma de comunicação por meio da legislação estadual, depois o Brasil todo passou a garantir a Libras como a língua dos surdos em lei, o que foi um marco muito importante, pois os ativistas surdos venceram e até hoje vêm conquistando seus direitos à língua, cultura, identidade e espaços na sociedade.

A participante Drika também relata o seu sentimento diante da língua de sinais:

Eu confrontei minha professora e disse que foi muito melhor quando aprendi Libras do que oralizar porque os meus ouvidos doíam e tinha que ler os lábios com muita paciência. Aprender Libras foi mais leve, a comunicação visual me facilitou. No intervalo do reforço, eu aprendia a Libras, mas, dentro da sala de aula, aprendia português por causa dos textos. A Libras permite o contato visual com os surdos e isso basta. (Drika, entrevista em 26/04/2022)

Os surdos que não se calam e lutam pelos seus direitos são os que realmente fazem a diferença, confrontando e expondo os preconceitos da sociedade ouvintista. É interessante, assim, perceber como muitas vezes a Libras é encontrada pelos surdos em outros locais, não na escola, como mostra o relato de Drika acima. A escola é um lugar que parece, prioritariamente, reproduzir a ideologia ouvintista e capacitista no que se refere ao ensino de línguas, colocando o português como prioridade acima da ecologia de línguas presente na vida das pessoas em nosso país.

Na história de Valícia, ela foi desafiada a aprender Libras no INOSEB, ainda que a família não o quisesse:

Meu primeiro contato com a Libras foi com uma pessoa no INOSEB, essa pessoa me ensinou e me incentivou a me esforçar a aprender Libras, tanto que, posteriormente, isso me fez cursar Letras-Libras. Quando aprendi essa língua, tive muita emoção, eu pude desenvolver mais e mais a expressão facial até me acostumar. Teve uma vez que, em uma associação de surdos, eu vi alguns adultos surdos interagindo em grupo e não entendi nada, pois, no meu grupo de crianças, não desenvolvemos nossa língua, mas lá os sinais eram tratados como linguagem, e os adultos já tinham a Libras como sua L1. Eu sabia muito pouco, apenas meu nome e coisas muito básicas. Então, fiquei admirando-os, eu com uns 7 ou 8 anos, e comecei a querer adquirir isso. Na minha escola, não era aceita a sinalização, éramos obrigados a oralizar e usar a voz, paciência. Tive uma professora que me incentivou a aprender a língua de sinais, isso me deu coragem, elevou minha autoestima e eu quis aprender. Eu conheci uma escola inclusiva, mas lá misturavam as pessoas com várias deficiências, eu vi a língua de sinais muito pouco e eu sentia que

faltava algo. Depois, minha mãe obteve informação sobre o INOSEB, eu fui lá e comecei a conviver com grupos de surdos da associação de surdos, primeiro com os mais velhos e depois com os mais novos. Eu conheci uma pessoa surda legal que me ensinou Libras e marcou o meu coração. Frequentei o INOSEB e uma igreja, onde pude ter contato e desenvolver a língua de sinais como L1. Quando fui ao INOSEB, eu tinha uns 10 anos e, quando adquiri a língua, eu passei a usá-la mais, mesmo que minha família não aceitasse isso, querendo que eu fosse oralizada. Que situação! (Valicia, entrevista em 25/04/2022)

A família de Valicia a incentivou a oralizar, mas Valicia teve uma professora que a motivou quanto à aquisição da língua de sinais e ela se sentiu mais empoderada para obter sua língua materna. Ela contou também a respeito de uma pessoa surda que marcou sua vida com o aprendizado da Libras. Mesmo diante de desafios, ela conseguiu adquirir a língua de sinais de forma tardia e se tornou professora de Libras. É muito interessante ver como a vida dos surdos muda quando encontram a Libras. Os participantes surdos desta pesquisa falaram sobre como encontraram a Libras e a adquiriram, mostrando o quanto a aquisição dessa língua e o contato com a comunidade surda marcou e mudou suas histórias de vida. De acordo com Quadros (2019, p. 47, 48):

Os sinalizadores em Libras estão em todos os espaços sociais. Eles emergem nas comunidades surdas no encontro surdo-surdo, que inclui também ouvintes. Para os surdos, a Libras é a língua da comunidade, pois a veem como uma representação cultural legítima da propriedade surda. (...) A Libras continua pertencendo à comunidade surda e isso advém da história da constituição das línguas de sinais no encontro surdo-surdo.

A experiência linguística e o desenvolvimento veio do encontro com a Libras, convívio com outros surdos na comunidade surda e também com a formação dos participantes como professores surdos, focados em lecionar Libras para crianças e/ou adultos. Segundo Gesser (2009, p. 48), o aprendizado da língua de sinais, a participação dos surdos na comunidade surda e o contato com o mundo dos surdos são iniciativas que podem contribuir para uma melhor compreensão das questões que vêm sendo destacadas ao longo de todo este estudo.

4.3.2. A vivência com o português no Brasil

Os sujeitos surdos normalmente se relacionam com o português como L2, com o processo de aprendizagem do português escrito, como mostram as histórias dos professores surdos participantes desta pesquisa. Segundo Quadros (2019, p. 153), “a língua portuguesa é usada nos espaços acadêmicos, pois muitos textos estão disponíveis apenas nessa língua. Assim, os surdos usam a língua portuguesa para ler e escrever” e participar das diversas práticas sociais. Os surdos aprendem a língua portuguesa somente na modalidade escrita, eles desenvolvem o

português para a leitura e escrita. De acordo com a mesma autora (QUADROS, 2019, p. 153), “a língua portuguesa também tem sido usada como língua de interação nas redes sociais e em chats de conversação, embora vejamos, cada vez mais, postagens de vídeos para conversas entre surdos ou surdos e ouvintes que usam a Libras.”

Na entrevista com Huet, ele disse que sua relação com o português foi alterada no processo de se tornar bilíngue. O participante relata:

Aprendi as frases em português, eu conseguia entender claramente a língua, o português como uma L2, uma língua de apoio. Isso porque, antigamente, o português era a minha L1, mas isso foi alterado logo depois da Lei da Libras, que aconteceu em 24 de abril de 2002, onde a Libras foi reconhecida como língua oficial no Brasil. Desenvolvi a língua de sinais no magistério e eu lembro que o português já era minha L2, ou seja, eu o usava na modalidade escrita. Depois eu fiz um curso de português como L2 para melhorar a minha escrita e foi importante, então, esse processo do bilinguismo aconteceu comigo, tendo a aquisição do português como L2, e da língua de sinais como L1. Quando eu era oralizado, não entendia nada, mas, depois que eu aprendi a sinalizar, eu passei a me comunicar melhor e aprendi a escrever o português direito. Acredito que o ensino bilíngue, tanto da Libras quanto do português escrito, é uma ideia bem legal, que eu concordo, e isso não é um prejuízo da língua portuguesa. (Huet, entrevista em 24/04/2022)

Quando o surdo adquire Libras como língua materna, percebemos uma maior valorização da identidade e da cultura surda e a Língua Portuguesa passa a ser aprendida e usada como L2. Huet foi oralizado e isso trouxe uma grande dificuldade, pois, como ele afirma: “não entendia nada”. Depois que ele adquiriu Libras e passou a usar o português na escrita, sua relação com o português se transformou, isto é, ele passou a entender essa língua como sua L2, entendendo-se como bilíngue e, assim, pôde desenvolvê-la como pessoa surda – para ler, escrever e ser capaz de transitar nos diversos espaços sociais em que há a comunicação escrita nessa língua. Essa é uma relação importante com a língua portuguesa – aprendê-la como pessoa surda significa aprendê-la da perspectiva surda. Não se trata de tentar apagar sua identidade surda e tornar-se uma forma de “ouvinte deficiente”, isto é, que tenta se adaptar para usar o português da perspectiva ouvinte, como na oralização, por exemplo. De acordo com Quadros (2019, p.150):

As expectativas em relação à língua estão especialmente associadas ao prestígio que o conhecimento da Língua Portuguesa pode oportunizar, por ser a língua majoritária de nosso país. Para o surdo aprendê-la como segunda língua é importante para o futuro, é uma forma de ascensão, de estar inserido em um mundo letrado, em uma sociedade que as relações são permeadas pela escrita. Ser bilíngue é ter várias almas, pois cada língua interpreta diferentes experiências de interação com diferentes comunidades sociolinguísticas, isso é ser bilíngue. A maioria das pessoas no mundo usa mais de uma língua. (QUADROS, 2019, p.150).

Na história de Alberico, uma professora de português o ajudou na escola, mas ele afirma ter aprendido o português de fato na universidade, como podemos perceber em seu relato:

Eu gostava muito de uma professora lá no Rio de Janeiro. Em sala de aula, eu me sentava e ficava em silêncio porque eu não sabia escrever direito, não sabia sinalizar, o português não era minha língua materna, eu até entendia as questões voltadas para o português, mas eu também não sabia Libras ainda. Eu tinha uns 12 anos de idade, ficava angustiado, cansado, desanimado, e essa professora percebia isso pelas minhas expressões enquanto eu estava em silêncio, fazendo as atividades, mas quando acabava, ela me chamava e eu ficava meio sem jeito e pensava: Nossa, ela notou! Ela me acalmava dizendo: Essa estrutura está errada, vamos ajustar isso! Porém, quando eu estava estudando na UnB, aos 38 anos, eu me senti provocado por algumas palavras do autor Foucault, eu não entendia o significado de algumas estruturas nem a contextualização. Então, eu precisava desse ensino mais profundo e a UnB me proporcionou isso quando eu tinha 38 anos e foi bom, eu consegui, enfim, aprender o básico do português e de suas organizações. (Alberico, entrevista em 06/05/2022)

É interessante como Alberico nomeia o que cada língua é para si: “o português não era minha língua materna”. Se ele ainda não tinha adquirido Libras, como afirma, qual era então sua língua materna? É muito importante entendermos como as pessoas em nossa sociedade têm ou não acesso às línguas. Igualmente, é essencial entendermos a maneira como a privação de direitos, como resultado de preconceitos, leva à exclusão e ao sofrimento de sujeitos surdos. No caso de Alberico, o português na escola não lhe possibilitava desenvolver a construção de sentidos e conhecimentos que ele precisava ou desejava. Como resultado, ele afirma sentir-se angustiado, cansado, desanimado.

A professora de Alberico percebeu suas dificuldades com o português por ele ser surdo e resolveu ajudá-lo, mas não conseguiu o suficiente, pois o método de ensino ainda era o da perspectiva dos ouvintes. Antes Alberico não sabia como lidar com o português e os professores que o lecionaram não conheciam a cultura surda, embora a sua professora de português acreditasse em sua capacidade. Na universidade, felizmente, as coisas mudaram à medida que ele entendeu a necessidade do enfoque na leitura e na escrita para o português. É assim que essa perspectiva do português “possibilita à criança surda a liberdade linguística entre as duas línguas, a oportunidade de escolher o bilinguismo e mais ainda, de enxergar a Língua Portuguesa, em sua modalidade escrita, como uma segunda língua, e não como uma língua de opressão, que, por muito tempo, foi a vilã, uma ameaça na educação dos surdos” (NEVES E QUADROS, 2015).

Fatinha relata ter desenvolvido o português por meio da leitura na biblioteca, porém com muitas dificuldades:

Na escola da 114 sul, o que mais recordo é a prática da leitura. Eu me lembro de um livro em que todas quartas-feiras eu ia à biblioteca e lia, seu nome era “A joaninha”. Demorei uns 4 anos para entender, de fato, toda a leitura dela. Eu me esforçava para ler e entender e foi quando finalmente eu pude conseguir entender o livro vi que foram precisos 4 anos para conseguir entender a história e aprender o português. (Fatinha, entrevista em 21/04/2022)

O processo de aprendizagem do português para os surdos é diferente dos ouvintes. A Língua Portuguesa, aprendida como L2, envolve metodologias diferenciadas para a prática da leitura e da escrita em sala de aula. No relato de Fatinha, como acima, podemos pensar na necessidade de mediação para a aprendizagem de português. Como também relatam os demais participantes desta pesquisa, é comum encontrarmos situações de isolamento de alunos surdos na escola de ouvintes, como parece ser o caso do relato de Fatinha, que levou muito tempo para fluir na leitura de um livro e compreender as ideias. Na história de Roberta, o seu processo de aprendizagem com o português foi por meio de palavras soltas, como relata a participante no trecho a seguir:

Antes eu não sabia português, os professores me ensinaram palavras e nomes para facilitar a escrita porque usamos muito o português. Por exemplo, escrever “cachorro”, “casa” e outros me ajudou muito. Porém, eu prefiro Libras, pois eu aprendo mais coisas. Depois vem o português, mas com ele você precisa refletir, e me falta o entendimento visual. Eu me acostumei com o português como sendo a L2. (Roberta, entrevista em 09/05/2022)

Os surdos aprendem rapidamente quando já compreendem o mundo pela Libras; começar pelo português como única língua se torna muito desafiador, por isso, aprender as palavras soltas sem contextualização nem sempre é algo produtivo para a construção do significado para a efetiva participação dos sujeitos na vida social. Gesser (2009, p. 60) afirma que o português como língua única na escola, para os surdos, coloca “ênfase no ensino da língua oral, geralmente ficando os sinais relegados ao plano inferior ou, ainda, à não aceitação e à valorização da realidade bi/multilíngue dos surdos.” O Surdo é bilíngue, é um ser autônomo, não deficiente, não preso à opressão do aprendizado linguístico, mas livre no mundo visual e na sua forma de construir as ideias:

A escrita em Português é muito difícil para os Surdos, pois não compreendem o significado das palavras que utilizam na leitura e na escrita de textos, na escola regular inclusiva. (...) Por ser visual, a Libras possibilita uma aquisição mais rápida pelo Surdo,

enquanto a aquisição da modalidade escrita corresponde à alfabetização em outra língua. (AVELAR E FREITAS, 2016, p. 14, 15)

Na história de Nego, ele relata ter sido obrigado a aprender o português na escola:

Numa turma inclusiva, eu era obrigado a aprender o português e a professora pressionava minha família dizendo que eu precisava aprender as palavras, então, minha família colocava etiquetas com a palavra correspondente em tudo, por exemplo: na televisão tinha uma etiqueta com a palavra “televisão” e assim por diante. O português parecia impossível, faltava algo, era necessária uma relação profunda com a língua para o desenvolvimento do conhecimento, conhecer palavras e caminhar com esse aprendizado e ter as trocas entre as línguas seria melhor. Eu posso dizer que o meu conhecimento da língua portuguesa foi de 20%, essa porcentagem eu me refiro ao período da minha escolarização. Com o passar do tempo, eu me desenvolvi, ingressei no curso de Letras-Libras e adquiri um novo vocabulário, com palavras novas e tive melhor desempenho no processo de aprendizagem. Esse processo foi possível com a L1 sendo base da L2, ambas interligadas, e é isso. Eu aprendi aos 16 anos, com uma professora de português que a minha mãe contratou para me ensinar de forma particular. (Nego, entrevista em 09/05/2022)

Infelizmente, muitos surdos são forçados a aprenderem algo da maneira majoritária, do mundo ouvinte, por isso, muitos acabam sendo tratados como deficientes, uma vez que o surdo não se desenvolve linguisticamente da mesma maneira que o ouvinte. Nego relata que foi a partir da aquisição de sua língua, a Libras, que ele encontrou um processo de desenvolvimento maior do português escrito, vendo-se como um sujeito em desenvolvimento de seu bilinguismo, com acesso a línguas que olhe possibilitavam agora entender melhor o mundo e se expressar. Segundo Lodi (2004, p. 31), “esse aprendizado tem na L1 a base para a compreensão e significação dos processos socioculturais, históricos e ideológicos que perpassam a L2”. O processo de aquisição e aprendizagem do português como L2 é fundamental para os surdos. De acordo com Brasil (2002, p. 72), “muitas comunidades humanas não têm escrita. Mas todas têm uma língua”.

Como vemos, as histórias dos participantes mostram uma relação complicada, muitas vezes sofrida e frustrante com o português como L2. Entretanto, os mesmos relatos também dão indícios de que a aprendizagem dessa língua se desenvolve com mais fluidez após a aquisição da Libras como L1, garantindo o direito da pessoa surda ao desenvolvimento linguístico, cultural e identitário no espaço social.

Na história de HPOX, ela aprendeu o português no jardim de infância com alunos ouvintes, mas o desenvolveu como L2. A participante relatou:

Eu comecei a aprender o português no jardim de infância. E fui progredindo igual aos ouvintes. Hoje, o meu domínio de português não é muito diferente do português dos ouvintes. Na escola, tinha separação entre grupos de ouvintes e surdos, mas os surdos só aprendiam português básico. (HPOX, entrevista em 09/05/2022)

A sociedade ouvinte tem o português como sua língua materna por ser natural para ela, mas os surdos são diferentes, a têm como L2 e, por isso, a sua aprendizagem é mais básica. A escola inclusiva teve a atitude de separar a turma em grupos de ouvintes e surdos, pois o ensino entre eles tinha que ser diferente, os ouvintes aprendiam o português como L1 e os surdos como L2.

O surdo é diferente do ouvinte porque percebe e sente o mundo de forma diferenciada e se identifica com aqueles que também, apreendendo o mundo como Surdos, possuem valores que vêm sendo transmitidos de geração em geração independentemente da Cultura dos Ouvintes, na qual também se inserem. (FIGUEIRA, 2011, p. 47)

Lucas, em sua história, começou a praticar a leitura em português desde o jardim de infância:

Eu comecei a aprender o português com 3 anos, quando eu estava no jardim de infância, e eu fui progredindo. Fui desenvolvendo a prática de leitura e escrita e fui assim até o ensino médio. Por isso, eu conseguia passar de série e me formar, eu gostava bastante de ler, eu amava o português. (Lucas, entrevista em 23/04/2022)

Os participantes HPOX e Lucas relataram que aprenderam português no jardim, o que é muito importante de se aprender desde cedo, embora a aprendizagem para os surdos seja mais básica, pode-se desenvolver com o hábito de leitura e escrita. De acordo com Gesser (2009, p. 59): “Então, a aprendizagem da língua majoritária deve ser pautada no ensino formal em sua modalidade escrita. O ensino da escrita para os surdos, entretanto, tem que ser, indiscutivelmente, promovido na língua primeira de sinais.”

Na história de João, foi difícil ele entender o português, mas depois de ver os significados das palavras lendo jornais e livros, ele começou a aprender. O participante relatou:

Os significados, as palavras... Eu não conseguia entender e eu não conseguia progredir, nem aprender. Por exemplo, eu folheava um jornal ou um livro e era sempre uma dificuldade, então, aí fui aprendendo e fui gostando e era totalmente diferente da Libras, pois com ela eu conseguia contextualizar tudo. Eu lembro que comecei com um certo atraso, acredito que com 9 ou 10 anos de idade, eu não me lembro bem. Eu me lembro da estrutura da frase, mas primeiro eu tinha que aprender a palavra, por exemplo, “sino”, aí eu precisava trabalhar uma questão com imagens e desenhos para saber o que era o sino, somente para depois eu entender a palavra, após esse processo da imagética e do desenho. E, quando tinha mais ou menos uns 11 anos, eu comecei a praticar frases. (João, entrevista em 25/04/2022)

A compreensão do surdo é por meio de imagens e, a partir daí, vem as associações e as construções de frases e histórias. O que muda é a forma de se construir o raciocínio, mas isso não significa incapacidade ou algum problema de aprendizagem. O surdo é capaz de aprender o português, mas a sua relação é diferenciada em comparação ao ouvinte. O surdo entende o contexto em Libras com mais facilidade, pela visualização há maior entendimento do português e das demais disciplinas. É importante seguir a imagética e a palavra juntas para facilitar a aprendizagem do português no mundo surdo.

Drika também relata como se deu seu processo na escola:

Antigamente na escola, eu era a única surda na sala e todos eram ouvintes. Foi muito difícil o relacionamento e eu aprendia mais o português escrito, com a leitura de palavra por palavra. E quando chegava em casa, meu pai me ensinava, e também tive o reforço para me ensinar a oralizar. Eu aprendi o português com meu pai, ele me ensinava desde os meus 4 anos. Comecei com as palavras sobre família, via as fotos e falava mamãe, papai, etc. E assim aprendi as palavras: lendo. Meu pai era rigoroso no contato tátil para auxiliar no sentido do fonema com a leitura. E, aos 10 anos, eu aprendi a ler jornais, revistas, gibis da turma da Mônica. Tudo eu lia porque a família me obrigava a ler e é assim até hoje. Hoje eu gosto mais de ler livros de literatura. (Drika, entrevista em 26/04/2022)

Conviver com ouvintes sendo o único surdo é muito difícil, principalmente no aprendizado do português, pois não há trocas, não há experiências da perspectiva e da maneira surda de ver e entender o mundo. Drika conta sobre seu processo de aprendizagem da língua passar pela oralização, no qual a expectativa era de que ela se desenvolvesse como uma ouvinte. Avelar e Freitas (2016, p.16), a respeito da relação do surdo com o português, afirmam: “Um Surdo, filho de pais ouvintes, precisa aprender a ler e a escrever em língua portuguesa, a fim de melhorar a comunicação com seus pais e irmãos ouvintes, pois o português é a língua natural de sua família.” Essa é a realidade de muitos surdos tendo que viver imersos ainda no mundo ouvinte devido às pressões da família e da escola, justamente os contextos onde deveriam receber mais apoio para a língua de sinais. Assim,

Os surdos vivem uma situação sociolinguisticamente complexa e sua condição de indivíduos bilíngues lhes era negada por serem tratados como “deficientes”, expressando-se “em uma língua que não é reconhecida como língua (a língua de sinais) e em um português (escrito e oral) que não atinge as expectativas impostas e desejadas por uma maioria de ouvintes.” (GESSER, 2006 apud GESSER, 2009, p.60)

Na história de Elizabeth, o aprendizado do português também foi difícil e os pais misturavam as línguas, como relata a participante no trecho a seguir:

Eu tive muita dificuldade com o português e por isso eu demorei muito para entender, mas tive sorte de ter o meu irmão para me ajudar, e assim consegui me desenvolver, lendo bastante livros e histórias, como o gibi da turma da Mônica, dos Dinossauros, entre outros do mundo todo. Daí em diante, comecei a aprender rápido o português, mas a língua de sinais é minha língua natural. Além do português, tinha outras línguas na escola, sei que aprendê-las é importante também. Eu lembro que comecei a entender os significados na escola junto com os surdos. Por exemplo, eu tenho ali um livro guardado que faz perguntas do tipo: Qual é a cor do seu olho? Qual a cor do seu cabelo? Lembro que eu lia as perguntas e não entendia direito, lia várias vezes, mas não entendia, então, eu copiava dos meus amigos. Colava, né? Mas o tempo foi passando e comecei a ler livros junto com outros surdos, e minha mente começou a se abrir e me desenvolvi bem rápido porque eu entendia os significados. Então aquelas perguntas que antes me perguntavam, qual a cor do seu cabelo, aí comecei a responder: Preto. Cresci nisso, mas demorou um bocão. Sorte que eu tinha outros surdos que me ajudaram muito na escola bilíngue e na Escola Classe 21, que era inclusiva. Lembro-me de que também tinha dificuldade com o português por causa da mistura com o castelhano porque minha mãe é brasileira, mas meu pai é colombiano. Eles se casaram e eu cresci com minha mãe me ensinando português e meu pai castelhano. A escrita é bem parecida e eu errava muito, ficava escrevendo as palavras trocadas. (Elizabeth, entrevista em 28/04/2022)

Novamente, vemos no relato de mais uma participante a diferença que a chegada da Libras faz para a vida da pessoa surda. Como ela relata, foi ao “ler com outros surdos”, por meio da Libras, socializando a leitura e a construção do significado, que ela se viu fluir na aprendizagem do português. Quando se aprende o português com professores bilíngues e/ou surdos, o processo de aprendizagem flui mais e o surdo começa a associar melhor as palavras e as frases a fim de construir sentido na L2. Quadros (1997; 2019, p. 159) afirma que a educação bilíngue mostra as diferenças entre duas línguas, as diferenças textuais, linguísticas e políticas das comunidades, suas culturas e identidades: “No ensino das línguas na educação bilíngue, é importante discutir as línguas no espaço educacional. As escolas normalmente estão organizadas [somente] a partir da língua portuguesa”. Para os surdos, a aprendizagem da L2 é possível e essencial, porém, o meio pelo qual elas evoluem mais é com o auxílio de sua língua-base, a Libras.

Valicia, ao contar sua história, compartilhou sua experiência com uma professora de português que não aceitou que ela tivesse a língua portuguesa como L2:

Assim foi indo até que, na 5ª série, eu reclamei para o professor que eu queria aprender português. Ele me ensinou a escrever, a ordenar as palavras, pois eu pensava em Libras, com a influência do grupo de surdos que eu fazia parte, como a associação de surdos, o Instituto Nossa Senhora do Brasil (INOSEB), a igreja, alguns mais velhos da Associação de Surdos de Betim (ASB), esses foram grupos que eu acompanhava por curiosidade na sinalização. Mas, voltando ao assunto da escola, eu e minha colega fomos passando de série e, acho que na 7ª ou 8ª série, começou o problema, pois tinha português e inglês e eu não entendia e confundia tudo, assim foi. Da 8ª série para o 1º ano, eu estava na Escola Educacional 6 de Taguatinga e mudou para lá um professor muito legal, que se preocupava comigo e me procurava para me ensinar português, ele me ensinou muitas palavras que eu não conhecia, passei a ter mais vocabulário e minha mente começou a processar tudo aquilo. Com esse professor, comecei a ter mais interesse em português e aprendi a estruturar as palavras. Fui aprovada em todos esses anos, mas aconteceu que, na escola Elefante Branco - 911/912 sul, que é onde tem o curso de administração, eu participei e estudei lá até o 3º ano. Aproveitei e chamei a professora para estudar português, ela me ensinou pouco a pouco, mas só o básico. O melhor foi quando eu utilizei a Libras, mas minha cabeça traduz Libras para o português, e não tinha isso na escola, mas eu queria alguém para me ensinar português como L2. Eu estava triste porque só me ensinavam o básico e eu queria fazer concurso público, queria me formar, queria entender mais as coisas. Tive uma professora que me desafiou a aprofundar na minha aprendizagem, ela me marcou, eu sentia medo, achava um desafio a língua portuguesa, ela me marcou. E aconteceu um episódio muito chato, foi quando eu tinha uns 15 de idade, comecei a aprender as palavras do português, buscava as palavras que não conhecia, estudava sintaxe e frases, mas eu sempre escrevia as frases de forma errada para o português porque eu escrevi de acordo com a língua de sinais, e uma professora minha não aceitou, ela anulou minha redação e jogou no lixo. Eu fiquei furiosa, disse que tinha escrito com minhas próprias mãos, mas como eu usei a língua de sinais na hora de escrever, ela não gostou. Então, eu procurei um surdo inteligente que sabia português, ele me ajudou e me ensinou como usar as palavras e construir frases. Em 2016, eu comecei a estudar na minha área. Aos 15 anos de idade, eu estava atrasada com o português, mas hoje tenho 45, sempre continuo a desenvolver meu conhecimento. (Valicia, entrevista em 25/04/2022)

Valicia contou sobre a rejeição da professora ouvinte de português quando ela escreveu a redação em Libras e não em português, além disso, ela queria aprender mais, porém, os professores só lhe ensinam o básico. Valicia escreveu o português como L2, mas a professora ouvinte não conhecia sobre como funcionava a estrutura da Libras e como era a estrutura do português para surdos. O pensamento, ao escrever, dos surdos difere dos ouvintes e isso tem que ser respeitado, não obrigar os surdos a pensarem como os ouvintes na produção de textos em português. Os surdos têm direito de usarem o português como L2, precisa-se ter respeito. É importante os professores de língua portuguesa conhecerem sobre o português para surdos e isso vai melhorar a relação entre professores ouvintes e alunos surdos. Concordo com Gesser (2009) quando afirma que:

Para dar conta das questões educacionais na formação do surdo, inclusive a aprendizagem da língua portuguesa em sua modalidade escrita, há a necessidade de inverter a lógica praticada até então nos ambientes escolares e afirmar: “Os professores

ouvintes de crianças surdas é que precisam saber a Libras para poderem educá-la.” (GESSER, 2009, p. 60)

Além do mais, em relação à habilidade da escrita do português para surdos, na qual eles usam sua língua-base, a língua de sinais, a pesquisadora Faria-Nascimento discorreu o seguinte:

Para auxiliar o surdo em sua tarefa escrita, é conveniente que o professor conheça a estrutura linguística da Língua de Sinais Brasileira (LSB), entendendo essa como sendo a L1 do surdo e estabelecendo as diferenças linguísticas entre ela e a língua portuguesa (LP), pois, por meio deste conhecimento, perceberá com mais clareza que o surdo transfere a estrutura da LSB para seus textos em LP, ao que se costuma chamar interlíngua e, assim, o professor terá como criar meios para orientá-lo melhor em sua produção escrita. Tomar consciência das diferenças, bem como das semelhanças entre as línguas em questão é o primeiro passo para se encontrar uma alternativa para o ensino de LP como L2 para o surdo. (FARIA-NASCIMENTO, 2010)

A meu ver, com base no que afirma a autora acima, o professor ouvinte que leciona surdos é quem deveria ser adaptar e favorecer a comunicação e a aprendizagem, e não prejudicá-la, e o foco tem que ir de acordo com o bilinguismo surdo. Segundo Avelar e Freitas (2016, p. 22), “o ensino-aprendizagem da língua portuguesa por meio da escrita e da compreensão na leitura de textos precisa ser mais valorizado no ensino de Surdos, assim como o foco no bilinguismo”.

4.3.3. Oralização

A oralização significa aprender a falar a língua oficial do país, a língua majoritária, podendo ou não usar aparelho auditivo; usar a língua oral ao conversar com surdos, que podem apresentar vários tipos de deficiência auditiva. Na oralização, a comunicação é realizada na modalidade da leitura labial e da língua oral, mas existem surdos que sentem dificuldade com a língua oral e/ou não querem mais usar a língua oral. Os surdos são capazes de usar a oralização para se comunicarem com os ouvintes por meio da leitura labial, e muitos o fazem para conseguirem ter uma vida social, em busca de uma boa relação com a família e/ou na escola, e assim por diante. O uso da oralização depende da compreensão dos mais diversos tipos de surdos, tem aqueles que compreendem e aqueles que não compreendem e acham difícil a comunicação, depende também se eles já nasceram surdos ou perderam a audição ao longo do tempo. De acordo com Goldfeld (1997, p. 33, 34):

O oralismo ou filosofia oralista visa à integração da criança surda na comunidade de ouvintes, dando-lhe condições de desenvolver a língua oral (no caso do Brasil, o Português). (...) O oralismo percebe a surdez como uma deficiência que deve ser minimizada através da estimulação auditiva.

Na história dos surdos, existe o uso da oralização há muito tempo devido à metodologia oral, principalmente, por influência da escola, como os professores, e de profissionais de saúde, como fonoaudiólogos. Acontece que a oralização marcou a história dos surdos por causa da obrigação de aprender a oralizar, passando por muita opressão linguística. Mas, após a década de 60, segundo Strobel (2018, p. 105), houve a libertação linguística dos surdos, utilizando a comunicação total para a educação de surdos: bilinguismo por meio da língua de sinais e oralismo por meio da língua oral: “Na década de 1960, quando surgiu, a Comunicação trouxe o reconhecimento e a valorização da língua de sinais, que foi muito oprimida e marginalizada por mais de cem anos.”

Na análise das histórias de vida dos participantes surdos, foi investigado a respeito de como aprenderam a oralizar, do uso da oralização, da compreensão durante a comunicação, de como foi terem que oralizar e não usar a língua de sinais, da interação com a comunidade ouvinte e da dificuldade no processo de oralizar. De acordo com Lacerda (1998, p. 2, 38):

Eram mais tolerantes diante das dificuldades do surdo com a língua falada e foram capazes de ver que os surdos desenvolviam uma linguagem que, ainda que diferente da oral, era eficaz para a comunicação e lhes abria as portas para o conhecimento da cultura, incluindo aquele dirigido para a língua oral. (...) Os seres humanos se apropriam da cultura a sua volta e têm acesso aos conhecimentos que foram construídos durante toda a história da humanidade.

Na história de Huet, ele teve que oralizar desde criança:

Então, de verdade eu sentia muita dificuldade para aprender e desenvolver a língua. Eu não sabia absolutamente nada, e como eu era ensinado por meio da leitura labial, não conseguia entender os significados. A situação era de que o professor falava a palavra, fazia o procedimento fonético/sonoro na língua portuguesa, mesmo assim, eu continuava sem entender. Acontecia que, na aula, durante o ensino das palavras, eu era ensinado a falar a palavra “bola”, por exemplo, eu precisava pronunciar a palavra e a professora mostrava como era a movimentação da boca, o som que as cordas vocais emitem com o apoio da mão abaixo do queixo, e quando eu pronunciava certo, a professora comemorava. Eu parecia um papagaio, fazendo cópia, mas eu não aprendia nada. Eu sinto que, quando criança, por conta de que fui oralizado, as pessoas me provocavam, falavam e riam do meu processo de vocalização e não oralização. Acontecia por meio da oralização, então, nós crescemos assim, com um acompanhamento do fonoaudiólogo, vivendo inúmeras dificuldades. A percepção que eu tinha disso tudo era ruim. (Huet, entrevista em 22/04/2022)

O processo de oralização de Huet foi difícil, ele imitava o som das palavras, mas não aprendia com elas, não sabia os seus significados. Ao passar na fonoaudiologia e ir à escola

ouvinte, o surdo tende a enfrentar muitas barreiras, pois muitos são exercitados quanto à pronúncia de palavras sem a experiência sonora, e fica difícil internalizá-las. Esse processo de oralização de surdos pode ser errado, pois eles podem até saber leitura labial e emitir sons, mas a barreira da comunicação continua mesmo assim, pois eles não aprendem de fato, não assimilam muitas coisas e a oralização dos surdos nunca ficará 100%. Porém, Huet é um surdo ex-oralizado, ele passou por muitas dificuldades e buscou por sua língua natural, a Libras. A pesquisadora Gesser (2009) dá o exemplo sobre os surdos têm leitura labial ou não? Então sobre a leitura labial para os surdos, de acordo com Gesser (2009, p. 60):

Todos os surdos fazem leitura labial? Falso. Como foi dito anteriormente, a leitura labial e o desenvolvimento da fala vocalizada são habilidades que precisam de treinos árduos e intensos para ser desenvolvidas. todos os estudos referentes à leitura labial estão vinculados aos treinamentos fono-articulatórios e é nesse sentido que poderemos afirmar que não se trata de uma habilidade natural de linguagem, como é a habilidade para o desenvolvimento da língua de sinais.

Na história de Alberico, ele disse que era oralizado e dependia de aparelho auditivo, mas isso o deixava confuso. O participante relatou:

Antes dos 12 anos, eu não sabia nada. Eu era oralizado, usava aparelho auditivo. Certo dia, no ônibus, eu estava sentado na frente da minha mãe, abraçado à minha mochila e, de repente, eu notei um grupo de surdos sinalizando. Chamei a atenção da minha mãe e gesticulei: Olha! Minha mãe visualizou e me advertiu, ela me proibiu e disse que a oralização era melhor. Eu conseguia me comunicar por meio da oralização e conversava com as pessoas pela leitura labial, mas eu me sentia muito confuso nesse processo da oralização, diferente da Libras, que me proporcionava algo gostoso ao me comunicar e eu conseguia compreender melhor. (Alberico, entrevista em 06/05/2022)

Alberico teve que oralizar e usar aparelho auditivo, e na infância ele ainda não sabia nem conhecia a Libras, sua família o induzia a oralizar, mas ele se sentia confuso. Quando a pessoa não sabe qual é o seu lugar e fica tentando se encaixar naquele que o impõem gera, sim, muita confusão e vêm as dificuldades dessa situação. A Libras chamava a sua atenção, mas sua família ouvinte discordava disso. O surdo tende a ter vontade de aprender Libras com outros surdos, o mundo visual desperta curiosidade, mas muitas famílias ouvintes, infelizmente, não ajudam, apenas incentivam a fazer o que já sabem: oralizar. Segundo Sacks (1990, p. 130), a pessoa surda “está perfeitamente adaptada a um modo visual, que pode ser facilmente sinalizado e compreendido a alta velocidade”.

Na história de Chris Souza, ela se acostumou a oralizar e também usou aparelho auditivo ainda bebê, depois que perdeu a audição:

Eu oralizava muito por conta das influências e também usava aparelho auditivo. Eu pedia aos ouvintes para oralizar, então, não temos culpa de escolhermos ser ouvintes ou ser surdos, ou se temos fluência fraca em Libras ou fluência forte porque somos humanos. E, com 1 ano, já falava bem e muito, não sabia como, mas depois perdi a audição gradativamente, mas quis oralizar. (Chris Souza, entrevista em 22/04/2022)

Chris Souza disse que não tem culpa de ter escolhido oralizar e de querer continuar a ser ouvinte. Ela é uma surda oralizada, mas teve experiência auditiva antes da surdez, ela foi influenciada a oralizar, mas depois também quis aprender Libras. Existem diferentes tipos e graus de surdez, podendo ser condutiva, neurossensorial ou mista. Segundo Gesser (2009, p 73):

Um surdo profundo, por exemplo, pode não se identificar com a língua ou cultura dos surdos e optar exclusivamente pela oralização da mesma forma que um surdo com surdez leve ou moderada pode demonstrar uma relação contrária: uma profunda identificação com os traços culturais dos surdos sinalizantes.

Chris Souza é livre para escolher, ela pode ser uma surda oralizada e que também usa a Libras, isso também é ser bilíngue, por exemplo, usar tanto a oralização, quanto a Libras e o português escrito como L2, ainda sim ela pode ter a identidade surda. De acordo com Strobel (2018, p. 51), “inclusivamente, os surdos oralizados também têm esse artefato cultural visual. A maioria deles se apoia na percepção visual para ler nos movimentos dos lábios do interlocutor que articula as palavras e frases da língua portuguesa.”

Na história de Nego, ele também foi oralizado, mas sentia dificuldades. O participante relatou:

A comunicação acontecia por meio da oralização, não tinha uso da Libras. Eu comecei a ter dificuldades com isso e ficar angustiada porque eu aprendia muito pouco. O que fez eu aprender o método de oralização foi a prática, eu estava me apropriando do vocabulário da língua portuguesa e estava decorando essas palavras, mas os detalhes da língua eu não conseguia aprender, eu não tinha acesso a questões que são totalmente diferentes da aquisição de vocabulário. (Nego, entrevista em 09/05/2022)

O participante Nego teve angústia diante da barreira na comunicação, ele foi oralizado, mas não foi algo simples nem que o permitisse se aprofundar, ou seja, ir além do vocabulário.

Nego acredita que a oralização é uma comunicação própria para os ouvintes. De acordo com Gesser (2009, p.50):

A oralização deixou marcas profundas na vida da maioria dos surdos. Pode-se dizer que a busca desenfreada pela recuperação da audição e promoção do desenvolvimento da fala vocalizada pelo surdo são objetos que podem se traduzir em vários sentimentos: desejo, dor, privação, aprovação, opressão, discriminação e frustração.

Diante do que Nego sentiu, é válido ressaltar que o surdo não precisa continuar aprendendo a ser oralizado, ele pode ter uma linguagem natural, quando ele sente angústia diante da dificuldade do uso do método oral, isso também pode lhe causar problemas psicológicos e perder o desejo de viver.

Na história de HPOX, ela teve que aprender a oralizar e ser acompanhada na escola, além disso, passou por preconceito. A participante relatou:

Eu já estava no processo de oralização, estava fazendo alguns acompanhamentos, e eu tinha conseguido passar para a quinta série, mas eu percebi que alguns surdos profundos tiveram preconceito comigo porque eu sou oralizada. Eles me olhavam e falavam algumas coisas. Porém, eu consigo me comunicar tanto com surdos quanto com ouvintes. (HPOX, entrevista em 09/05/2022)

HPOX passou pelo método oral para surdos e ela o desenvolveu, aprendeu a oralizar e fazer leitura labial. Segundo Gesser (2009, p. 61), “ainda que a filosofia oralista tenha predominado na educação dos surdos por muitos anos, há uma variação entre surdos mais habilidosos para leitura labial e outros nem tanto.” Acontece que HPOX sofreu preconceito de surdos não oralizados, pois ela oraliza, pois a identidade surda tem como característica o uso da língua de sinais, mas ela teve que aprender a oralizar e hoje ela tem duas línguas para se comunicar tanto com a sociedade ouvinte quanto a surda.

Na história de João, ele contou como aprendeu a oralização, acompanhado pelo fonoaudiólogo, na sala especial. O participante relatou:

Na sala especial, colocavam fones de ouvido e microfone nos alunos para fazerem testes e eu não compreendia o motivo daquilo. Continuávamos com os acompanhamentos com fonoaudiólogo e fomos estimulados à oralização, e eu tinha interesse naquilo, então, eu fui treinando, praticando e consegui aprender. Os professores faziam expressões e oralizavam. Mas, no segundo ano do ensino médio, eu comecei a ter problemas com a oralização e não conseguia entender. (João, entrevista em 25/04/2022)

João disse que não compreendia a língua oral mesmo após testes, ele treinou e aprendeu a oralização, mas depois se distanciou desse aprendizado. Hoje, ele usa a língua de sinais devido a dificuldade com o método oral. Essa sala especial fica em um instituto de surdos em Brasília, que é bem conhecido pela aprendizagem e prática da oralização na educação de surdos. De acordo com Quadros (1997, p. 26):

Ainda hoje estão sendo desenvolvidos o oralismo e o bimodalismo nas escolas brasileiras; porém, há algo que está aflorando nas comunidades de surdos e isto tem afetado os educadores de surdos. As comunidades surdas estão despertando e percebendo que foram muito prejudicadas com as propostas de ensino desenvolvidas até então e estão percebendo a importância e valor de sua língua, isto é, a Libras.

No decorrer do tempo, a educação de Surdos tem sobrevivido e lutado contra as práticas ouvintistas, que obrigam a oralização, sem compreensão e sem real aprendizado. O pesquisador Skliar (1998a, p. 7) afirmou:

Foram mais de cem anos de práticas encarecidas pela tentativa de correção, normalização e pela institucionalização; instituições especiais que foram reguladas tanto pela caridade e pela beneficência quanto pela cultura social vigente, que requeria uma capacidade para controlar, separar e negar a existência da comunidade surda, da língua de sinais, das identidades surdas e das experiências visuais, que determinam o conjunto de diferenças dos surdos em relação a qualquer outro grupo de sujeitos.

Drika, em seu relato, disse que cresceu oralizando e usando aparelho auditivo pela família não admitir que tinha uma filha surda:

Durante o meu crescimento, eu não percebia que era surda, a minha família falava que eu tinha um problema de fala, não dizia que era a surdez. Minha mãe nunca admitiu que eu sou surda e eu fiquei dividida entre opiniões da família e da escola, eles me confundiram, pois na escola tinha Libras e, na minha família, a comunicação era feita pela oralização. Eles me deixaram cheia de conflitos. Um dia, aconteceu da minha ex-professora, a qual eu disse que precisava de cartão assinado para usar o transporte para a escola, mas ela me falou que eu não precisava disso por eu ser surda e eu argumentei: “Espera aí, eu não sou surda, não!”. A minha professora me confrontou e disse que eu era surda sim, mas eu não concordei e brigamos. Dentro de mim eu não aceitava o fato de ser surda por conta da influência da minha família, que falava que não era surda e que tinha problema na fala, mas que problema de fala? Eu não entendia nada porque não me explicavam. Parecia que não tinha identidade surda, mas sim de ouvinte porque interagiu com os ouvintes. A professora discordou e continuamos a brigar. Quando cheguei em casa, perguntei à mãe: “Eu sou surda?”, porém, ela continuava a dizer que não. Noutro dia, cheguei à sala de aula e falei para professora: “Desculpe, mas minha mãe falou que eu não sou surda”. A professora apontou para o meu aparelho auditivo e eu me senti estranha, então, perguntei: “Por que apontou para o aparelho?”, ela pediu para eu olhar em volta e eu vi os outros surdos com os mesmos aparelhos. Eu olhei e comecei a ter muitas dúvidas. O fato de tocar no meu aparelho foi o que me despertou. Depois, voltei para casa e perguntei para minha mãe: “Por que eu uso esse aparelho?”, ela respondeu que eu precisava escutar melhor, falou somente isso, mas faltou dar mais explicações. Voltei para a escola e falei

que usava aparelho para escutar melhor e a professora mandou eu me virar de costas, virei e ela oralizou, mas eu não ouvia nada. Comecei a sentir raiva e fiquei magoada. Fui à minha mãe, joguei no chão o aparelho auditivo e disse que nunca mais usaria. Então, voltei à escola, comecei a estudar mais e os surdos me ensinavam os sinais. Eu senti o quão fácil era aprender com os sinais e fiquei impactada. Aprender Libras foi diferente porque ao oralizar tive problemas com os conceitos das palavras. Agora, tudo é muito fácil, eu aprendi muito mais com a Libras do que com oralização. Na oralização, eu aprendi muito pouco, mas pelo menos eu sei ler. (Drika, entrevista em 26/04/2022)

O que é ser surdo? O surdo tem problemas com a fala? Por que o surdo tem que usar aparelho auditivo? Esses questionamentos são comuns a muitos indivíduos da sociedade, são perguntas boas para se refletir e se aprofundar. O fato da mãe de Drika nunca admitir que ela é surda nem explicá-la sobre isso foi o que causou mais conflitos em sua mente, porém, foram as dúvidas de Drika e o confronto de sua professora que a trouxeram para a solução de sua vida: a Libras. O ouvinte tende a usar a voz para se comunicar, o ouvinte oraliza e geralmente fala bem por ser natural a ele; já o surdo tende a usar os sinais para se comunicar, a visualização que lhe é natural, não a fala. O surdo que não tem experiência sonora não tem necessidade de usar o aparelho auditivo, esse aparelho muitas vezes não resolve nada, principalmente, naqueles que são profundos. Drika, mesmo usando o aparelho, não ouvia nada e a atitude de sua professora em lhe mostrar isso foi importante para sua autodescoberta, pois, se dependesse de sua família, ela provavelmente não descobriria isso. Ela pôde conhecer a cultura e a identidade surda, ter contato com a comunidade surda e se sentir igual às pessoas surdas quando se encontrou. Hoje, ela é uma surda oralizada, mas por adquirir a língua de sinais, carrega a identidade surda e atua como professora surda de crianças surdas. Na maior parte dos casos, a família ouvinte quer criar o modelo de “pessoa ouvinte” até para seus filhos surdos, mas a oralização foi feita para a sociedade ouvinte, e a família persiste em idas às clínicas e à fonoaudiologia. A pesquisadora Strobel (2018, p. 101) afirmou que a pessoa surda é surda e sobre a família negar isso ela disse: “Quando a família nega a participação das crianças surdas ao povo surdo, ela poderá fazer com que essas crianças acreditem que é ruim ser surdo, e isto prejudicará o desenvolvimento sadio de identidade delas.”

É importante apresentar ao surdo o modelo da pessoa surda, pois o sujeito que descobre que é surdo, ele pode conhecer, receber e usar a língua de sinais e a identidade surda. Segundo Strobel (2018, p. 111), “os defensores da língua de sinais para os povos surdos asseguram que é na posse dessa língua que o sujeito surdo construirá a identidade surda, já que ele não é ouvinte.” Então, é válido enfatizar que, quanto aos casos dos surdos que compreendem a oralização, eles ainda podem ser bilíngues porque, como surdos, adquiriram a língua de sinais inerente às pessoas surdas, já receberam, assim, a identidade e a cultura surda.

4.3.4. A relação entre a Libras e o Português

A Libras é o que há de mais importante para a identidade e a comunidade surda. Segundo Goldfeld (1997), a língua de sinais pode ser a única língua que o surdo tem todas as suas necessidades de comunicação e cognitivas atendidas, isso mostra o quanto ela é imprescindível para o povo surdo. O surdo que adquire a Libras como L1, sua língua materna, pode ter consigo a identidade e a cultura surda e, para isso, ele deve ter contato com essa língua e conviver com a comunidade surda, também em seu processo de aprendizagem do português como L2, porque os surdos precisam aprender essa disciplina na escola. De acordo com Strobel (2018, p. 53):

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, e que vai levar o surdo transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal.

A Libras é uma língua de sinais, que os surdos brasileiros utilizam em sua comunicação com a comunidade surda e, quando ela é reconhecida como língua, há inclusão. De acordo com Perlin (1998a, p. 7): “Os surdos possuem identidade surda. Porém, ela se apresenta de formas diferenciadas, pois está vinculada à linguagem. A linguagem não é um referente fixo, pois é construída a cada interpelação feita entre sujeitos.” O mundo do surdo é visual e as expressões faciais e corporais são facilmente percebidas pelos surdos, por isso, são considerados traços linguísticos, e eles têm necessidade de intérpretes de Libras em vários lugares, como por exemplo: universidades, escolas, congressos, palestras, lojas, igrejas, etc. A Libras garante o acesso e a mobilidade na vida da pessoa surda que, por meio dos sinais visuais, pode ser circular com autonomia nos diferentes espaços, desenvolvendo suas capacidades cognitiva e emocional, sendo entendida e incluída na sociedade, não se sentindo uma estrangeira dentro do próprio país. Além disso, os chamados classificadores também têm um papel de destaque no processo de aquisição da língua de sinais. De acordo com Skliar (1997, p.141):

A língua de sinais constitui o elemento identificatório dos surdos, e o fato de constituir-se em comunidade significa que compartilham e conhecem os usos e normas de uso da mesma língua já que interagem cotidianamente em um processo comunicativo eficaz e eficiente. Isto é desenvolveram as competências linguísticas e comunicativas - e cognitivas – por meio do uso da língua de sinais própria de cada comunidade de surdos.

A Libras mostra para a sociedade que é necessário haver livre comunicação entre surdos, assim como qualquer ser humano necessita, por isso, os surdos buscam adquirir a língua de sinais, porém, a sociedade que não conhece a língua própria para os surdos, questiona a aquisição e o uso dessa língua e muitas vezes tenta proibi-la ao invés de se aprofundar para entender os surdos. Além desse fato, a Libras pode ser adquirida por pessoas com qualquer grau de surdez, inclusive aquelas que têm perda auditiva congênita ou neurossensorial, com níveis de perda auditiva bilateral, parcial ou total, de grau leve a profundo. A língua de sinais é muito importante para garantir a comunicação entre os surdos e o relacionamento entre eles, e também já se sabe que é possível ocorrer a aquisição da língua de sinais em qualquer idade, desde que respeitada a comunicação visual dos surdos.

Na própria sociedade, na qual os surdos vivem, não se consideram a língua de sinais, provocando estranhamento, falhas na comunicação nas famílias e entre profissionais e surdos. É necessário que a família e a escola considerem a importância da Libras como meio de acesso às informações existentes, permitindo-se que haja a interação entre as comunidades surdas e ouvintes. (FILHO E OLIVEIRA, 2010)

O português escrito pode ser considerado como inclusão social, seja para a habilidade de escrever, de ler, de emitir mensagem etc. Porém, o processo de aprendizagem do português é feito como L2, ou seja, a comunicação completa com o surdo, no caso do Brasil, ocorre com a língua de sinais, não com o português escrito, no qual ainda podem ocorrer falhas na comunicação devido às grandes diferenças entre as línguas, dentre outras razões. A interação, o contato cognitivo e emocional é o que mais enriquece a comunicação com surdos.

O surdo que tem consigo a identidade surda é chamado de bilíngue por se comunicar por meio de duas línguas; no Brasil, a Libras é sua L1, e o português escrito, sua L2. De acordo com Goldfeld (1997, p. 39), “o Bilinguismo tem como pressuposto básico que o surdo deve ser Bilíngue, ou seja, deve adquirir como língua materna a língua de sinais, que é considerada a língua natural dos surdos e, como L2 oficial de seu país.” Os professores surdos participantes desta pesquisa são todos bilíngues, pois lutaram por isso. Segundo Quadros (2019, p. 160):

A Libras é a língua de interação e o português é para ser lido e escrito quando necessário. Apresentam papéis diferentes para os surdos, mesmo quando eles se apropriam proficientemente do português. O português, além de ser uma segunda língua, é uma segunda modalidade, ou seja, não se apresenta visual-espacialmente, como as línguas de sinais.

A relação entre as línguas para os surdos brasileiros é assim: Libras – L1 – e Língua Portuguesa – L2 –, e não tem como ser diferente, pois é assim que podem se sentir totalmente

humanos, ou seja, seres comunicacionais constituídos na e pela linguagem. O mundo do surdo é sempre o visual, então, é esperado que ele usufrua daquilo que mais se encaixa para ele, ou seja, a língua que tem a modalidade visuo-espacial. A escrita é limitada e a linguagem pode ser truncada, o visual não tem limites, a linguagem pode ser livre e totalmente acessível.

Já se reconhece que a língua de sinais é a primeira língua, que a língua portuguesa é uma segunda língua, já se sabe da riqueza cultural que o povo surdo traz com suas experiências sociais, culturais e científicas. Neste momento pós-colonialista, a situação bilíngue dos surdos está posta, no entanto, os espaços de negociação ainda precisam ser instaurados.” (QUADROS, 2007, p. 8)

Na história de vida de Huet, ele aprendeu as duas línguas quando tinha 21 anos, a primeira que aprendeu foi a Libras e a segunda foi o português:

Eu aprendi a Libras e o Português de forma tardia, eu comecei a desenvolver só quando eu aprendi que a Libras era a minha língua materna e não o português. Antes, eu não sabia e não entendia nada, mas quando eu tive contato com a língua de sinais, eu percebi que era diferente, pois ela eu consegui aprender, entender e internalizar. A Libras é uma língua que eu tenho afinidade e, oficialmente, é a minha L1, é uma língua de apoio com a qual eu consegui aprender os significados das coisas de forma visual e, de fato, entender. Por exemplo, antes, era muito triste aprender, estar inserido no mundo ouvinte, mas depois que passei a estar incluído numa perspectiva que não é a de uma pessoa ouvinte, no bilinguismo, eu realmente aprendi as coisas. Eu aprendi a língua portuguesa aos 21 anos, logo depois que eu internalizei a Libras, ela foi subsídio para o aprendizado do português. Com a aprendizagem da Libras, foi possível internalizar o português, acompanhar a disciplina e praticar a escrita. A língua de sinais é a minha L1 porque ela é visual, então, como eu não ouço, eu sou uma pessoa surda, ela é a visualização da língua, o que a torna a minha língua principal. (Huet, entrevista em 22/04/2022)

Na história de Fatinha, diferentemente de como aconteceu com Huet, percebe-se o quanto é importante ao surdo crescer e aprender a Libras como L1. A participante Fatinha relatou:

A relação do português e da Libras é diferente, pois o português tem a sua própria estrutura, assim como a Libras, não tem nada a ver uma com a outra. Para mim, o importante é a Libras, eu cresci assim e aqui em casa nos comunicamos em Libras, são todos ouvintes, mas todos nós falamos em Libras. Meu filho aprendeu e fala em Libras comigo, meu marido, que é ouvinte, ensinou Libras para meu filho, que também é ouvinte, para se comunicar comigo. Por exemplo, antes, eu não tinha L1 e L2, mas, hoje, com o aprendizado, aprendi melhor assim. Eu percebi que ser bilíngue combina comigo pelo fato de eu ser surda e falar preferencialmente em Libras e como segunda opção escrever em português. (Fatinha, entrevista em 21/04/2022)

Fatinha tem preferência pela Libras como L1 e pelo português escrito como L2, ela é bilíngue por escolha própria, pois viu que assim se adaptou melhor e o mais interessante é que o marido e filho, ouvintes, também se adaptaram a ela adquirindo a Libras como L2. É inerente ao

ser humano a comunicação. Com base em Quadros (2019, p. 153), percebe que para as pessoas ouvintes se comunicarem com as pessoas surdas, quando as pessoas ouvintes sabem Libras, elas deveriam conversar com a L1 das pessoas surdas, não forçá-las a oralizar e falar em português:

No caso específico das pessoas surdas, elas acabam usando a Libras no seu cotidiano entre os próprios surdos e com pessoas ouvintes que sabem a Libras para conversar, assistir, palestras, aulas etc. A Libras é a língua de interação mais usada entre os surdos. A língua portuguesa é usada nos espaços acadêmicos, pois muitos textos estão disponíveis apenas nessa língua. Assim, os surdos usam a língua portuguesa para ler e escrever diferentes tipos de textos.

Para Alberico, em relação à Libras e ao português, a Libras vem em primeiro lugar:

Eu consigo entender o português, mas a Libras vem em primeiro lugar. Conheço o português por conta de que, na UnB, o ensino da língua portuguesa é fortíssimo, embora existam ainda algumas barreiras e dificuldades, o português não é completo para o surdo, mas ainda existe a valorização dele na modalidade escrita pelos surdos, por exemplo, nas provas de concurso, nos processos de mestrado, etc. O ideal seria que nós sinalizássemos tudo, a lei disse que a língua majoritária dos surdos é a Libras, claro, ela é reconhecida como língua base da identidade e da comunidade surda. É importante, depois da aquisição da língua de sinais, na minha opinião, a aquisição do português, mas a língua de sinais ainda continua sendo a mais importante para os surdos. O português é importante para as relações em geral, para o acompanhamento, assim como o inglês. Eu estou acostumado a pensar que a minha cognição, a construção dos meus pensamentos funciona em Libras e, quando eu vou escrever, o meu português acompanha como o meu cognitivo trabalha. Eu não consigo acompanhar o português, acompanho como L2, mas a modalidade que eu penso primeiro é em Libras e transcrevo da Libras para o português, e o apoio para poder fazer essas correções são importantes. (Alberico, entrevista em 06/05/2022)

O participante Alberico adquiriu o português como L2 na universidade, sendo também bilíngue, por compreender as duas línguas, ainda que domine mais a Libras, sua L1, como ele mesmo relata. Segundo Grosjean (2008), por exemplo, quando pessoas adquirem duas línguas, elas trazem diferentes propostas e as permitem se comunicar com diferentes tipos de pessoas em vários aspectos da vida, em diferentes contextos e para diferentes propósitos. Ser bilíngue é a decisão de aquisição de uma outra língua, além da nativa, como L2, e, no Brasil, a língua oficial é o português brasileiro, e quando o surdo a adquire como L2, ele passa a compreender também essa língua e sua proposta. A respeito do direito à aquisição e/ou aprendizagem de uma L2, de acordo com Gesser (2009, p. 83), “todo surdo, após sua escolarização inicial em língua de sinais, tem o direito de aprender uma ou mais línguas (além da materna).”

Na história de Roberta, ela não sabia sobre a relação entre a Libras e o português e que são independentes entre si. Ela relatou:

Eu conheço o português hoje, mas eu não sabia nada de português nem Libras. Atualmente, eu tenho acesso aos materiais, pois aprendi português e Libras. Eu adquiri primeiro a Libras e depois o português. No passado, não tínhamos a Lei de Libras e eu tinha que usar muito o português, porém, hoje em dia é melhor, eu posso usar a Libras como L1 e o português como L2. É muito importante o surdo aprender Libras como L1 e o português como L2, pois o aprendizado mais eficaz dessas duas línguas é feito de forma separada: L1 e L2, eu aprendi melhor assim. Depois que foi aprovada a Lei da Libras, minha vida ficou muito melhor, eu pude usar mais a Libras e ela combina mais comigo pelo fato de eu ser surda, então, eu prefiro me comunicar em Libras e, como segunda opção, escrever em português. (Roberta, entrevista em 09/05/2022)

O Decreto que regulamentou a Lei da Libras precisa ser conhecido cada vez mais, pois ele é essencial para se valorizar as lutas do movimento surdo e entender mais o que é ser surdo e suas necessidades. Quando as pessoas são surdas, seja de nascença ou de perda auditiva após o nascimento — com qualquer grau de surdez e de qualquer idade —, a língua mais usada tem que ser a Libras porque é o único meio de comunicação que as permite ter a experiência visual, o fortalecimento da identidade surda e a comunicação completa e, então, somente depois aprender o português. De acordo com BRASIL (2005): “Art. 2º - Para os fins deste Decreto, considera-se antes pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.”

Chris Souza, em sua história, aprendeu a Libras para desenvolver melhor a sua comunicação:

A língua existe para as pessoas se comunicarem e cada pessoa tem a sua própria língua. A Libras para mim é L2, porque eu nasci ouvinte, mas uso as duas línguas, que é a Libras e português. A Libras foi essencial porque, com ela, eu aprendi muito mais coisas enquanto surda. Eu demorei muito tempo para começar a aprender Libras, mas, quando aprendi, vi o quanto ela me permite interagir e me comunicar. Além disso, há surdos que pensam que português não é importante, mas ele também é importante sim para mim e, com isso, eu me tornei bilíngue. (Chris Souza, entrevista em 22/04/2022)

O relato de Chris Souza é interessante, pois ela perdeu a audição mais tarde, bem depois do seu nascimento, Libras passou a ser sua L2. Seu relato mostra, porém, a importância crucial dessa língua para sua identidade e vida diária: “Libras foi essencial porque com ela eu aprendi muito mais coisas enquanto surda”. É na língua e por meio dela que nossas identidades ganham sentido à medida que passamos também a fazer parte da vida social em que estamos. Segundo Perlin (1998b, p. 40: 41), “o surdo que nasceu ouvinte terá sempre presente as duas línguas, mas a sua identidade teria de ir ao encontro das identidades surdas.” Para Chris Souza, tanto a Libras

quanto o português são importantes, ela escolheu ser bilíngue à medida que ganhou compreensão das vantagens e benefícios do acesso a cada uma delas. De acordo com Quadros (2019, p. 150):

Certas pessoas são bilíngues simplesmente porque crescem em contextos em que aquelas línguas são usadas pelas pessoas com quem convivem. É importante considerar as atitudes das pessoas diante desses diferentes bilíngues, atitudes que variam de acordo com quem fala ou sinaliza e quando fala ou sinaliza.

Segundo Quadros e Karnopp (2004, p.34), é um erro achar que a língua de sinais está abaixo do português, a Libras é tão língua quanto a língua portuguesa. Ainda que haja diferenças entre as línguas (Libras e português), ambas são línguas usadas pelas comunidades surdas, o ser bilíngue está imerso na identidade e cultura surda.

Chris Souza tem uma identidade híbrida, ela carrega consigo duas identidades, tanto a surda quanto a ouvinte, devido à sua perda auditiva tardia. De acordo com Perlin (1998), a identidade híbrida é da pessoa que nasceu ouvinte e depois perdeu a audição, tornando-se surda, a partir disso, ela começa a aprender a Libras através do processo de aquisição da língua, desenvolve-se na comunidade surda, passa a frequentar às associações de surdos e/ou outros locais que possa conviver com surdos e usufruir do direito de ter intérpretes de Libras.

João afirma ter a Libras como L1 e em seu relato discorre sobre o porquê de sua afirmação:

Em primeiro lugar, uso a Libras, ela é importante para mim por conta da experiência visual que a língua de sinais oferece. Nós, surdos, podemos ter um maior entendimento através das expressões da Libras, tudo o que compõe as expressões, como por exemplo: um teatro, uma poesia. Além disso, tenho o português e seus vocabulários como L2, mas ele exige toda uma contextualização. É por meio da Libras que nós, surdos, conseguimos entender claramente as coisas e eu sinto orgulho e alegria pelas experiências que ela me proporciona, ela é a mais importante para mim, sou surdo, então, sou um usuário da Libras. (João, entrevista em 25/04/2022)

A pessoa surda depende da movimentação das mãos e das expressões para se comunicar de forma coesa e precisa; ela precisa usar a visualização para ter autonomia.

A comunicação e a expressão dos Surdos dependem dos meios visuo-espaciais, que estabelecem um conjunto de elementos linguísticos-manuais, corporais e faciais, necessários para a articulação do sinal ao se construir uma sentença. O receptor utiliza os olhos para entender a comunicação, algo da maior importância, visto que o Surdo se

identifica como uma pessoa diferente, que se expressa auxiliada por uma gramática também diferente. (AVELAR E FREITAS, 2016, p. 15)

A comunicação visual está em primeiro lugar para os surdos e as línguas de sinais são expressas também pelos poemas, pelas narrativas e opiniões. Assim, a língua de sinais, de fato, pode expressar emoção, expressão de artes e traços da cultura surda.

Drika, como os demais participantes, ressalta a importância da Libras e o reconhecimento de que ela é diferente do português e, por isso, atende a especificidades também diferentes em sua vida:

Para mim, essas duas línguas são diferentes, porque o português tem sua estrutura feita com base na cultura ouvinte e a Libras tem sua estrutura estabelecida em acordo com a cultura surda. Eu acho mais importante para mim ter a Libras como principal meio de comunicação e conhecimento. Eu aprendi a Libras primeiro e depois o português, mas eu não me importo com os termos L1 e L2... As duas têm estruturas diferentes e palavras diferentes. Eu sei tanto oralizar em português com a estrutura padrão dos ouvintes quanto me comunicar em Libras com a estrutura padrão dos surdos. (Drika, entrevista em 26/04/2022)

Drika faz uma caracterização importante a respeito da língua de sinais e português: “as duas têm estruturas diferentes” e “Libras tem sua estrutura estabelecida de acordo com a cultura surda. Nesse sentido, ressaltamos o termo “estrutura” que caracteriza sua definição de Libras e de língua: não se trata de uma junção de gestos ou sinais inventados individualmente para estabelecer comunicação. Na Libras, os sinais não são gestos, eles têm significados bem estruturados, assim como se vê no português e sua estrutura, o que representa a língua, como também discute Quadros (2019):

Em relação às línguas de sinais, são muitas as atitudes e os valores que minorizam os surdos. O fato de as pessoas pensarem que a língua de sinais não constitui línguas verdadeiras, que são meramente gestos vagos e universais, pode estar relacionada à visão que se tem das pessoas surdas como deficientes que não poderiam ter sua língua. (QUADROS, 2019, p. 151)

Drika e João usam a língua de sinais, que é o padrão dos surdos, pois a comunicação visual para ambos é essencial. De acordo com os pesquisadores Quadros e Karnopp (2004, p. 48), “a diferença fundamental entre línguas de sinais e línguas orais, segundo Stokoe e o grupo de pesquisadores que se dedicou à investigação das línguas de sinais durante os anos de 1960 e 1970, diz respeito à estrutura simultânea de organização dos elementos das línguas de sinais.” A língua de sinais e a língua oral têm diferentes estruturas, sua organização e formulação de pensamento e mensagem se divergem, pois foram criadas para sociedades diferentes.

A participante Elizabeth estabelece uma comparação entre Libras e português:

Olha, na minha opinião, a língua mais importante é a língua de sinais para os surdos porque ela é própria para eles e para sua identidade. É preciso que todos aprendam e conheçam a Libras, e saibam que é diferente do português, não são iguais. Veja, para nós, surdos brasileiros, é importante aprender o português, mas é muito mais importante aprender Libras. (Elizabeth, entrevista em 28/04/2022)

Elizabeth também ressalta sobre a importância da Libras para os surdos, que é diferente da estrutura do português. A língua de sinais é uma língua viva e verdadeira, nela também há o que se chama “sotaques”, sinais que resumem por vezes uma frase, o mesmo sinal que significa várias coisas e/ou outras muitas coisas que podem ser feitas com um mesmo sinal – mudando o sentido com o contexto, assim como ocorre nas demais línguas. Segundo Quadros (2007, p. 8), “a língua de sinais para os surdos é a possibilidade de adentrar e significar o mundo”.

A maioria dos participantes surdos aponta a língua de sinais como L1 devido à comunicação visual e a facilidade e a certeza de pertencimento que a Libras os proporciona no dia a dia, ou seja, eles usam mais a língua de sinais e, como segunda opção, usam o português. Segundo Quadros (2019, p. 163):

As políticas linguísticas ainda mantêm uma hierarquia vertical entre o português e as demais línguas no Brasil, apesar de algumas iniciativas para reconhecer a diversidade linguística do país. A Libras e a língua portuguesa, no espaço educacional em que o surdo está inserido, estão postas. No entanto, os espaços políticos que cada língua ocupa para uns e para outros não são os mesmos.

Como já dito anteriormente, a Libras e a Língua Portuguesa são línguas diferentes e, por isso, devem ser aprendidas separadamente, como L1 e L2. Porém, a Libras é tão oficial quanto o português brasileiro, ou seja, assim como a língua dos ouvintes é respeitada, a língua dos surdos igualmente precisa disso, afinal, uma língua não é melhor do que a outra, apenas são mais adequadas a depender dos sujeitos e dos contextos.

4.4. Lutas

Nesta seção, após imergir sobre as histórias de vida relatadas pelos participantes desta pesquisa, apresento e discuto a maneira como os surdos relatam suas lutas por direitos a língua, identidade, cultura e dignidade. Neste trabalho, não é objetivo relatar todas as lutas por que passam as pessoas surdas no Distrito Federal ou relatar como foi a luta dos professores do Distrito Federal especificamente ao longo da história. Embora esses aspectos estejam de alguma

maneira nesta discussão, o objetivo aqui é caracterizar a maneira como as histórias de vidas de professores surdos no Distrito Federal estão permeadas por lutas, conflitos, confrontos e resistências.

“A luta de determinadas minorias por um lugar no mundo é por isso significativa, pois reconquistar esse lugar é conseguir o reconhecimento do corpo, da identidade e da cidadania”, conforme afirma Gomes (2010, p. 13). Como já dito, o título desta seção é “Lutas” para tratar nessa parte a maneira como as histórias dos professores de surdos participantes desta pesquisa mostram as resistências para adentrar às comunidades surdas, para fortalecer suas identidades e para ganhar espaço de atuação e transformação social e política com a língua, a identidade e a cultura surdas. Strobel (2018, p. 92) afirma que “o povo surdo vê nos movimentos uma possibilidade de caminhada política na luta pelo reconhecimento da língua de sinais e de sua identidade surda contra as práticas ouvintistas.”

As lutas são a marca da história de vida da comunidade surda: lutar pela língua de sinais, lutar pela escola bilíngue para surdos, pelos direitos dos surdos à língua, à história e à cidadania no DF.

A história da atuação de líderes Surdos e as associações representativas evidenciam o papel fundamental dos mesmos em terem feito da Libras uma questão de direito e um meio de acessibilidade para Surdos. Sem a constante mobilização e reivindicação, os contornos para a acessibilidade para Surdos possivelmente seriam outros, poderiam estar centrados exclusivamente no uso da língua portuguesa. Certamente, ao colocar a Libras como um meio de acessibilidade, tal movimento garantiu a solidificação da política linguística que institucionaliza esta língua. (ZOVICO; SILVA, 2013, p. 140)

Os surdos são empoderados quando lutam e têm seus direitos protegidos, seja em relação à língua ou à cultura para surdos. Isso também ajuda as crianças surdas a terem acesso à escola bilíngue por direito, lutando pela formação de professores surdos porque eles já têm a identidade e a cultura surda e cultura em si pela experiência de conviverem com surdos e com a comunidade surda. Segundo Gomes (2010), o corpo do surdo é como o do ouvinte, por isso é preciso ir contra a colonização e a opressão do corpo dos surdos.

A história dos surdos já está cheia de conquistas por tantas lutas que travaram: obtiveram a aprovação da língua oficial dos surdos no Brasil, a Libras; também puderam atuar na educação de surdos; tornaram obrigatória a formação de professores surdos, intérpretes de Libras e instrutores.

Mesmo diante desse quadro de despreparo para o ensino - por conta do Decreto nº 5.626 de 2005, fruto da luta da comunidade surda, com o objetivo da difusão da Libras, que determina que os cursos de Libras se tornem parte obrigatória do currículo de curso de licenciatura, de Fonoaudiologia e de especialização em Educação Especial - os cursos de Libras estão sendo implantados em diversos setores educacionais sem muito cuidado. Apesar do recente movimento de formação, há algumas experiências que merecem ser registradas. (ALBRES, 2016, p. 30)

Na história do movimento surdo, a luta pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) é mais importante porque há muitos anos lutam pelos surdos e, em sua trajetória, fundaram o FENEIS, lutando a favor do desenvolvimento da educação de surdos, e isso marcou sua história, assim, os surdos lutaram tanto que começaram a obter grandes vitórias para o mundo dos surdos. Brito, Neves e Xavier (2013) afirmam que, em 1977, foi criada a Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos (FENEIDA), depois alteraram o nome da organização para FENEIS, em 1987. Foram os primeiros ativistas surdos. A FENEIS foi a primeira a organizar um movimento social-político, com aprovação de leis favoráveis para os surdos. Em seu histórico de protestos, carregam o reconhecimento da Libras e também o direito de garantir às pessoas surdas sua participação na sociedade, seja política ou linguística, além de igualdade de oportunidades em relação aos ouvintes. A FENEIS é uma referência na educação para os surdos bilíngues, a língua de sinais brasileira, a identidade e a cultura surda, também para os ativistas surdos. A Lei de Libras foi marcada pela história no Brasil e enquanto houver luta pelos surdos haverá garantia do direito à língua. De acordo com Brito, Neves e Xavier (2013, p. 91), “a luta é em defesa dos direitos linguísticos, culturais e educacionais do povo surdo, principalmente das crianças surdas.” A exemplo disso, temos: o desenvolvimento das lideranças surdas, o movimento para lutar pela educação para surdos, a escola bilíngue para surdos e a conquista do movimento social-político dos surdos. Segundo Brito, Neves e Xavier (2013, p. 74), “aos poucos se afirmavam como lideranças representativas da defesa dos direitos das pessoas surdas” e, inclusive, o autor Brito (2016, p. 766) revelou um ponto interessante, de acordo com o sociólogo italiano Alberto Melucci, sobre o movimento surdo:

O marco teórico foi embasado, sobretudo, na obra do sociólogo italiano Alberto Melucci, com base na qual descrevemos o movimento surdo como um sistema de relações sociais composto principalmente por pessoas surdas, grupos e organizações de surdos, cuja emergência se deu nos anos 1980, no contexto das lutas por direitos e cidadania das pessoas com deficiência no período da redemocratização pós-regime ditatorial militar (1964-1985). (BRITO apud MELUCCI, 2016, p. 766)

A história da aprovação da Lei de Libras e da educação bilíngue de surdos aconteceu por meio dos movimentos surdos e, em 2002, o então presidente do Brasil, Fernando Henrique Cardoso, garantiu a Lei de Libras e o Decreto 5626/2005 foi assinado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Isso é um grande marco na história dos participantes deste estudo, pois tem a ver com o desenvolvimento e a formação de professores da língua de surdos. Sobre a luta dos participantes narrados, a análise de sua história de vida está relacionada a esses movimentos que geraram conquistas aos surdos.

Na história de Huet, a sua experiência foi como líder que lutava pelo movimento surdo em Brasília. Sua luta tinha como foco a escola bilíngue para surdos, também o direito político e linguístico. Sua narrativa retrata sua participação na manifestação do movimento surdo:

Então, eu me lembro como desenvolvi a fluência na Libras, foi através da visualização na comunidade surda. Eu copiava, tinha as minhas percepções, gostava e tinha interesse. Então, eu lutava para me apropriar da língua e isso acabou fazendo eu me tornar um líder surdo. No ano 2000, foi quando se deu início às lutas da FENEIS. Começou o movimento de líderes aqui em Brasília, com vários segmentos políticos e eu aprendi sobre isso. Eu era diretor da FENEIS e tive a experiência de gerir a FENEIS duas vezes junto a outras frentes das pessoas com deficiência: os surdos se reuniram em frente ao Congresso Nacional num grande manifesto para cobrar a aprovação da Lei de Libras, eu estava ali representando e, então, eu participei à frente das lutas da comunidade surda, pela sociedade e cidadania surda, principalmente pelos nossos direitos. Isso são coisas que eu quero proporcionar à comunidade surda. As lutas pela escola bilíngue, em garantia dos direitos da pessoa surda também, pelas questões pedagógicas, as orientações, a língua de sinais e a clareza. E, claro, nós termos os intérpretes de Libras também. (Huet, entrevista em 22/04/2022)

Huet, a meu ver, é uma das pessoas muito importantes da história surda brasileira porque lutou para salvar o direito dos surdos, pela formação dos professores surdos e pelo desenvolvimento ativista, uma vez que a língua, a escola e a acessibilidade são muito importantes para surdos. De acordo com Brito, Neves e Xavier (2013, p. 85):

A defesa da oficialização da língua de sinais ainda se fundamentava, preponderantemente, no direito das pessoas surdas à cidadania, por meio da integração social, da educação, do acesso à informação, correlacionado ao direito ao acesso aos serviços prestados pelas instituições públicas e privadas, por meio da provisão de intérpretes.

Por isso, a experiência com política e linguística tem muito valor e, Huet, sendo surdo, foi representar o povo surdo em sua defesa, a favor da comunidade surda. Segundo Quadros

(2019, p. 44), “a instituição tem à sua frente lideranças surdas desde 1987, o que lhe dá legitimidade na representação das comunidades surdas.”

Na história de vida de Huet, o que chama mais atenção é sua luta em prol da educação dos surdos, da garantia do direito de pessoas surdas e da acessibilidade. A luta dos movimentos surdos opera, assim, agindo em defesa à comunidade surda, à educação bilíngue e à língua e também defendendo as pessoas surdas e a identidade surda. De acordo com Fraser (2006, p. 232, 233), “lutas de reconhecimento assumem com frequência a forma de chamar a atenção para a presumida especificidade de algum grupo – ou mesmo de criá-la performativamente – e, portanto, afirmar seu valor.”

O participante Alberico também participou do movimento surdo, lutando junto com outros surdos, isso foi um sonho realizado porque esse é o movimento mais importante, o que se luta pela língua, pela educação e acessibilidade. Ele relatou:

Eu participei de uns movimentos junto com o Huet e com outros surdos do Brasil. Eu sonhava em participar de um movimento muito maior e nós passamos isso juntos, todos os surdos, sem preguiça, nós nos unimos e fizemos esse movimento. Nós fomos à luta, arregaçamos as mangas e fomos brigar. Participei dessas lutas, estive presente nesses movimentos, muita coisa rolou, mas foi necessário. (Alberico, entrevista em 06/05/2022)

Alberico sonhava em participar do movimento surdo e o Brasil proporciona a liberdade do povo em poder lutar pelos seus direitos e isso se torna necessário para o acesso à língua, educação e formação de professores surdos. É possível perceber que nos relatos há termos como “sonho”, “união”, “luta”. Termos que mostram pessoas que se envolvem por inteiro por aquilo em que acreditam e que se movem por um sonho de igualdade e justiça diante de tanta exclusão. É interessante que a área de formação de professores não se afaste dessas histórias – elas são fundamentais para entender a identidade surda das pessoas que estão nas escolas e em todos os lugares da vida social.

Segundo Brito, Neves e Xavier (2013, p. 76):

Neste momento histórico, a reivindicação do reconhecimento da Libras era apresentada, sobretudo, como uma questão de direitos humanos, na medida em que o uso desta era um meio de garantir às pessoas surdas a participação na sociedade, em igualdade de oportunidades com os ouvintes. Portanto, a posição do movimento surdo se fundamenta, em grande parte, na configuração discursiva do movimento das pessoas com deficiência do qual esse era originário.

Participar de movimentos, assim como na história de Alberico, é obter o pertencimento da comunidade surda. A liberdade em lutar é muito importante e foi o que proporcionou o reconhecimento do direito das pessoas surdas. O sonho de Alberico em participar é o que promove o sucesso da língua de sinais e da formação das pessoas surdas, abandonando a língua oral e a escola inclusiva, que muitas vezes só exclui, e recebendo a liberdade garantida em lei pela Constituição Federal.

João, em suas memórias, conta como participou da luta e do apoio à comunidade surda. Além disso, ele é uma pessoa importante em Brasília, conhecido por criar a FENEIS na década de 80, lutando há muito tempo até vir a Lei da Libras após os anos 2000:

Depois, em 1986, foi criada a FENEIS, e com isso, houve uma luta pela Lei da Libras, por uma construção de sinais, e muitas coisas foram sendo alteradas nos estados e na federação. Eu fui me adaptando àquilo, foi um processo de formação em readaptação e, em alguns momentos, parecia um tanto confuso, mas era uma língua nacional, precisava ter essa união para que todos entendessem de uma maneira clara e isso foi bom. Nós precisamos continuar lutando e denunciando para que a lei seja cumprida, e que os surdos e a comunidade surda sempre lutem, eles não podem parar. A FENEIS, representando a comunidade surda no Brasil, também precisa lutar e é verdade que nós temos também o Decreto que regulamenta a Lei da Libras, ele proporcionou várias mudanças, eu notei a diferença, me senti bastante feliz, por exemplo, com a presidência da República usando a Libras e as mudanças que vêm acontecendo após isso, eu quero que isso se espalhe para todo o Brasil. Falta bastante, e não é só aqui, no Brasil inteiro acontecem esses problemas, mas eu sigo acreditando e apoiando essas lutas da comunidade surda e eu espero que as melhorias aconteçam. Eu participei pouco, participei de algumas manifestações, algumas eu assisti. Acho que eu participei de uma ou duas. Em uma delas, eu fiquei em cima de um carro de som, dando apoio e sinalizando, vieram surdos de todos os cantos do Brasil, eu conhecia muitas dessas pessoas, tinham alguns amigos e fomos manifestar em frente ao Congresso. Mas foram pouquíssimos os momentos de luta da comunidade surda que eu participei. Na verdade, os surdos têm que ter coragem para lutar, apoiar sua causa e não aceitar que a sociedade toda continue sendo preconceituosa, mesmo que algumas pessoas permaneçam sendo. (João, entrevista em 25/04/2022)

João relatou sua história de luta contra o preconceito, isso foi muito significativo para a formação dele como professor surdo, e ele é o primeiro surdo que se tornou professor em Brasília. A respeito da temática de preconceito sobre os surdos, em 1998, o pesquisador argentino Carlos Skliar criou o termo “ouvintismo” e, no Brasil, em 2015, foi aprovada a Lei contra o Capacitismo. Infelizmente, esses tipos de preconceito ocorrem até hoje em todos os lugares, seja dentro ou fora de casa, na escola, no trabalho, e pouco se faz algo a respeito disso. De acordo com Brito, Neves e Xavier (2013, p. 72), “a pauta de reivindicações específicas dos ativistas surdos incluiu o direito à língua de sinais. A defesa deste modo de comunicação ocorreu

a despeito de toda a discriminação e estigmatização social reiteradas nos sistemas educacionais e na maioria dos círculos familiares ouvintes.”

O povo surdo tem direito à garantia de igualdade política e social, de lutar contra o preconceito e lutar a favor do reconhecimento da Libras, em prol da sua própria proteção e, na história de vida de João, ele pôde deixar sua marca na história, denunciando o preconceito por meio dos movimentos surdos. De acordo com BRASIL (1988), existe o direito de “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”, então, lutar contra preconceitos e exclusões sociais e respeitar as pessoas surdas é colocar esse direito em prática.

Chama a atenção, no relato de João, a maneira como ele repete, algumas vezes, que a luta precisa continuar, pois “falta bastante”. É interessante a maneira como alguém que participou ativamente de lutas e vitórias ao longo de sua vida tenha essa consciência de que ainda há muito por que lutar. Conhecer as histórias de vida de professores surdos, a meu ver, permite entender que a luta já teve, sim, conquistas, mas que de fato ainda há muito por ser feito em relação à garantia dos direitos e da dignidade das pessoas surdas desde os níveis mais pessoais (como nas relações familiares) até nos níveis públicos, como na educação e na política.

Lucas conta que, em sua história, ele sempre sonhou com a liberdade, em viver sem barreiras, em ter direitos iguais aos ouvintes, e poder trabalhar assim tranquilamente, sem problemas com a comunicação:

Foi emocionante! O primeiro movimento de surdos aconteceu em 2006, eu acho. Na esplanada dos ministérios, ocorreu a luta dos surdos do MEC, havia surdos de todo Brasil. Foi muito bom e os surdos precisam continuar lutando. Meu sonho é que os surdos tenham liberdade, lutem, consigam se formar e trabalhar sem barreiras como os ouvintes, em igualdade. Antes existiam várias barreiras e dificuldades e, depois do decreto, continuamos lutando, não podemos dormir, precisamos estar atentos e cobrar do governo. (Lucas, entrevista em 23/04/2022)

Lucas relata que lutar pela liberdade e igualdade dos surdos na sociedade é necessário. É muito interessante notar o que Lucas relata movê-lo: o desejo de que barreiras sejam quebradas. Ele vive, conhece, sente, se importa com as barreiras existentes. Ouvir sua história é importante para entendermos essas barreiras e, assim, entender, apoiar e unir-se à luta de que ele fala. Como no relato anterior, de João, Lucas também percebe a necessidade de que o movimento surdo permaneça em luta. Ele percebe que, apesar de leis e decretos, há algo que produz barreiras: o preconceito, que impede que surdos e ouvintes trabalhem em relações de igualdade. Como

também afirma Perlin (1998b, p. 41), “sem dúvida, o movimento surdo parte para a divisão do mundo surdo em esferas de influência cultural, visto que se aferra à sua cultura nativa, ao poder surdo, poder vindo da resistência que o movimento promove”. Ao se conhecer a história dos surdos, sabe-se que o que aconteceu em 2006 foi um marco histórico, foram feitos movimentos para a garantia da educação bilíngue para os surdos, da língua para os surdos e do reconhecimento dessa língua – Libras – como língua oficial.

Sobre seu entendimento a respeito da luta dos surdos, Roberta relata:

Antes, eu não sabia sobre a Lei da Libras, mas depois que a Feneis divulgou as regras de Libras, então passei a participar da mobilização pela luta e direitos da Libras como lei porque o Brasil ainda não tinha esse direito e seria essencial para as escolas terem o ensino da Libras. Em 24 de abril de 2002, começaram a incluir Libras no ensino acadêmico. Eu já apoiei o movimento para reconhecerem os nossos direitos e lutas no Congresso Nacional, eu não conhecia sobre a realidade dos surdos, mas fomos lá e lutamos pela Lei de Libras, em prol da adaptação, de ter janelas de intérpretes em Libras nas transmissões de vídeo, e essa luta foi marcante. Assim como ouvintes e indígenas lutam pelos seus direitos, devemos lutar pelo que é importante. (Roberta, entrevista 09/05/2022)

Na história de Roberta, é abordada a luta pela Lei da Libras, que está marcada na história dos surdos e foi realizada por ativistas surdos. Mesmo sem conhecer a respeito, ela foi participar do movimento surdos por acessibilidade. Ela foi marcada por esse movimento, depois ela se desenvolveu, pessoal e profissionalmente, e agora ela é formada como professora de Libras. De acordo com Brito, Neves e Xavier (2013, p. 99):

A história da Lei de Libras, assim como das iniciativas pós-lei da Libras – com destaque ao admirável Setembro Azul – são profundamente marcadas pela ação coletiva do movimento social surdo, desde as lideranças surdas mais conhecidas, os ouvintes mais notórios, até os ativistas surdos quase anônimos, os participantes esporádicos e simpatizantes da causa dos surdos, todos que, enfim, transformaram esse movimento em uma força reivindicativa e propositiva que tem sido capaz de produzir e propagar novos códigos culturais, acarretando expressivas transformações culturais, sociais e políticas relacionadas à surdez, à língua de sinais, à educação dos surdos, enfim, à vida de milhares de surdos brasileiros.

A luta trouxe o reconhecimento da Lei de Libras no Brasil, que conquistou o decreto para os professores surdos e a escola bilíngue para surdos, marcando a história desse movimento. Assim, dia 24 de abril de 2002 é um marco histórico na vida de Roberta. Chamo a atenção aqui

para que conheçamos a maneira como professores surdos do Distrito Federal estiveram, direta e pessoalmente, envolvidos na luta pelos direitos das pessoas surdas. É interessante mencionar essa questão, pois esses direitos não são requeridos por todas as outras pessoas, de maneira geral. Quem luta pelos surdos são os próprios surdos. Nesse sentido, surdos são pessoas fortes, à frente de conquistas por seus direitos, conhecendo e exigindo-os na sociedade. É isso que mostram as histórias aqui relatadas, as quais devem ser conhecidas e enfatizadas na área de formação de professores surdos. A meu ver, não existe formação de professores surdos relevante se não conhecermos as histórias das pessoas surdas. Essas histórias precisam ser enfatizadas nas diferentes disciplinas dos cursos de Letras Libras. Elas podem entrar em diálogo com os diferentes conteúdos que fazem parte do currículo de Letras Libras, pois esses conteúdos não podem prescindir das histórias que embasam a própria necessidade da existência desse curso.

Nego, em sua história de vida, foi diretor-financeiro da FENEIS-DF, já participou do movimento surdo e também foi marcado pela aprovação da Lei da Libras, além da luta para salvar a educação dos surdos. Como ele mesmo relata:

Agora a vida está melhor por conta da acessibilidade, tem intérpretes de Libras. No passado, antes de 2002, não havia uma legislação, não tinham intérpretes de Libras, não tinha acessibilidade. Começou a melhorar depois, quando foi criado o decreto, e foi o ponto de partida para Letras-Libras e para a acessibilidade, os processos de ensino e aprendizagem melhoraram e começaram a ser valorizados. É muito bom dizer: “Eu sou capaz! Eu consigo aprender e tenho responsabilidade!” Isso foi bom para a cultura surda, ajudar esses sujeitos a despertarem e lutarem por melhorias e eu lutei bastante, mas, com o passar do tempo, outras pessoas foram surgindo e dando continuidade às militâncias em busca de melhorias. Hoje, o Brasil tem docentes melhores e a comunidade de pessoas surdas precisa valorizar e lutar para que mais docentes surdos ocupem seus espaços. Antes de 2002, era uma situação difícil até para estudar. A Feneis se colocou em luta e no Rio de Janeiro surgiu a proposta de um projeto de lei. Esse projeto de lei foi votado no Congresso Nacional e foi aprovado em 2002. O decreto é mais voltado para a atuação do intérprete e para o instrutor de Libras, havia a preocupação dos profissionais não serem fluentes em Libras, e a necessidade de atuação do instrutor em conjunto com outro instrutor. Então Huet e eu fomos diretores da FENEIS, Huet era o diretor-geral e eu o diretor-financeiro aqui no DF. O INES mandou organizar um movimento e as pessoas começaram a vir, eu conheci todos e logo terminou. Mas isso não significa que a luta acabou. Então nós lutamos no parlamento e os políticos apoiaram nossas lutas e enfrentaram o MEC, que foi proibido de fazer tal ato. Queriam fechar o INES, e nós lutamos novamente, é um marco que eu recordo, a luta das pessoas com deficiência, da pessoa surda. 50% são de lutas e os outros 50% são de atuação, não são coisas iguais, nós temos uma cultura. E que 50 % desses surdos continuem lutando por um caminho melhor. (Nego, entrevista em 9/05/2022)

Nego foi trabalhar no FENEIS porque representa a comunidade surda, participou de movimentos e manifestações em defesa do direito à língua e cultura e também da educação.

Como já dito antes e como reiterado pelos participantes, a luta não pode acabar porque ainda é necessário conquistar mais direitos para os surdos.

Na história de Fatinha, a sua experiência na FENEIS foi com o movimento surdo pela educação dos surdos:

Essa é a imagem que mais representa a luta dos surdos para mim, como ex-diretora da Feneis: o movimento surdo em prol do INES, que marcou a história do Brasil. O Brasil nos enxergou mais nessa luta para não fechar o INES e as escolas bilíngues, foi um movimento que uniu o Brasil todo. (Fatinha, entrevista em 21/04/2022)

Os participantes Nego e Fatinha narram sobre a luta do movimento surdo, evitando fechar o INES, que fica no Rio de Janeiro. O INES é referência no Brasil para a cultura surda, carrega consigo a primeira história da educação para surdos no país e proporciona a igualdade à comunidade surda. Além disso, a luta que relataram também foi contra fecharem a escola bilíngue para surdos, precisamos salvar as crianças surdas para que tenham uma educação linguística correta.

Nego e Fatinha são profissionais hoje, atuam como professores da língua de sinais brasileira (formam professores), eles são surdos conscientes de seus direitos, cultura e identidade e, por isso, compartilharam suas experiências na FENEIS do DF. De acordo com Brito (2016, p. 766), “empoderados por essa experiência formativa de militância política, esses ativistas empunharam, nos anos seguintes, a bandeira da igualdade de oportunidade com relação a uma pessoa sem deficiência, observando ao pleno exercício da cidadania pela pessoa surda.” Nego e Fatinha fizeram parte da história da luta pelo direito dos surdos, para darem a eles igualdade em oportunidades assim como os ouvintes têm, e mostraram o quanto é importante que essas lutas continuem para melhorar vida do surdo como cidadão a começar pela educação, dando oportunidades de educação linguística acessível e plena às crianças e abrindo portas para os surdos no mercado de trabalho.

Drika, sobre a sua luta contra o impedimento do ensino da Libras, relata:

Antes da Lei da Libras, eu entrei na profissão em 98 e já ensinava em Libras, mas algumas escolas não aceitavam esse ensino. Eu estive com a comunidade surda na luta da Lei da Libras no Congresso Nacional em 24 de abril de 2002. O que esse artigo diz é para mostrar o quanto é importante para as pessoas se comunicarem em Libras em qualquer lugar público. Agora que o Decreto nº 5.626 obriga o ensino da Libras nas escolas, é preciso ainda ter intérpretes de Libras e muitos outros avanços. Eu queria complementar com um ponto relevante: ter um novo decreto que obrigue incluir a

Libras, por exemplo, na matéria de história, abordando sobre a cultura da comunidade surda. Já estive por vários anos em manifestações de surdos, em 2002 e 2005. Continuo ativa nas manifestações e lutas, por isso, eu me considero uma líder surda aqui do DF, mobilizando surdos para criarem mais escolas bilíngues porque é preciso trazer essa segurança aos surdos. Precisamos ter intérpretes de Libras, assim como hospitais, órgãos do governo. Temos vários obstáculos. Eu tenho um sonho de ter uma universidade específica para surdos, tipo um modelo da universidade Gallaudet dos Estados Unidos. (Drika, entrevista em 26/04/2022)

Drika narra sobre a luta pelo ensino da Libras e essa é a prioridade dos professores surdos. Quando foi aprovado o Decreto, após a Lei da Libras, que a regulamenta, passou a ser obrigatório o seu ensino para garantir a educação e a segurança dos direitos das pessoas surdas e também a formação de professores surdos. Porém, no Brasil, ainda falta acessibilidade em vários espaços e a história de Drika aponta a relevância do ensino da Libras na vida dos surdos e em sua formação profissional. De acordo com Quadros e Stumpf (2018, p. 34), “o PNE 13.005/2014 estabeleceu que os surdos têm prioridade pelo ensino da Libras, agora o desafio é implementar esta prioridade que está sendo dada legalmente aos surdos. No relato de Drika, também é importante notar a maneira como ela se refere à importância da história das pessoas surdas e do movimento surdo no Brasil: essa história precisa ser contada, precisa ser conhecida, precisa fazer parte dos currículos. Nesse sentido, este trabalho cumpre seu objetivo de dar espaço para essas histórias, de torna-las conhecíveis para diferentes espaços, fazendo, dentre outros, o trabalho de sensibilização e conscientização que as histórias de vida têm o potencial de fazer.

Valicia narra que já participou do movimento surdo sobre a Lei da Libras e sabe que é necessário mostrar a língua para os surdos e para a sociedade:

Em 2002 foi aprovada a Lei da Libras, que a declarou como língua oficial e, a partir daí, começaram as conquistas oficiais do direito dos surdos. Os ouvintes foram calados tendo que respeitar a comunidade surda e nós sempre agimos em apoio aos professores, à política, à associação de alunos. Nossa luta política começou pela Libras, que agora é oficial e está em desenvolvimento. O problema da Lei nº 10.436 é que a luta dos professores para salvar os magistérios não salvou todos, também lutaram e não conseguiram vagas de trabalho para professores surdos, não existe programa de vagas por causa do preconceito. Se aprovassem, teriam programas, mas as pessoas estão caladas, os outros aqui em Brasília no DF não aceitaram também. Em 2003, mais ou menos em abril/maio, ocorreu a liberdade da secretaria da educação, abrindo oportunidades de trabalho porque a Lei nº 10.436 declara que é preciso ter profissionais, como: professores, intérpretes, fonoaudiólogos e professores surdos. Essa Lei traz liberdade, mas parte do povo não aceitou essa Lei, para as coisas mudarem de fato depende-se das circunstâncias. Antes, em 2014, a luta foi pela falta de surdos como professores. A Lei da Libras está ok, o Decreto está ok, mas falta mais acessibilidade, outra política, outra legislação para avançar a educação bilíngue, então, fui ver isso e não encontrei os professores com ensino superior e/ou doutores, eu admito que essa luta

ainda precisa continuar, o povo não entende que os surdos precisam ter programas. Os surdos são muito fortes, empoderados e se esforçam pela cultura surda, mas outros não gostam, existem políticos muito chatos, ministros que não aceitam a ideia de terem programas, tiveram surdos que foram expulsos pelos governos, já ocorreu muita confusão por causa disso, mas a FENEIS e o Conselho Nacional da Pessoa com Deficiência (CONADE), que trata do direito dos deficientes, já pediram pelo direito dos surdos, pelo direito à língua, à escola, à educação, mas a escola ainda precisa aceitar ter uma área para surdos, a educação precisa desenvolver a aprendizagem da língua e é necessário ter trabalho para os surdos atuarem como professores. Eu trabalho para promover os alunos surdos na área de aprendizagem. (Valicia, entrevista em 25/04/2022)

Valicia participou do movimento surdo, o que ela ressaltou que parte dos políticos não aceitam a Libras e suas conquistas. Os surdos são corajosos e são empoderados pelos seus movimentos e, como seres capazes, continuam à luta, também com o apoio da FENEIS e do CONADE recebem mais força para avançar. A história de Valicia retrata a sua luta juntos aos professores surdos para serem mais fortes e conquistarem o seu espaço. Os surdos precisam continuar a ter vontade de lutar, porque a comunidade surda necessita de crescimento para promover maior acessibilidade na comunicação dos surdos. Nesse sentido, as histórias de vida de professores surdos precisam ser contadas, não podem ser silenciadas.

Valicia apoia a Lei da Libras e o Decreto que a regulamenta, também apoia a comunidade surda e a formação de professores surdos, ela apontou que muito preconceito barra todas as conquistas dos surdos e cada vitória deles é um grande marco na história, mostrando que aos ouvintes que também são seres humanos capazes. Assim como o participante Nego relatou, o movimento surdo é o principal meio de empoderamento surdo em Brasília. O governo criou o CONADE e isso mostra respeito às pessoas surdas que têm oportunidade de lutar. O CONADE tem como respaldo principal esse trecho da lei de Brasil (1999): “III - Respeito às pessoas portadoras de deficiência, que devem receber igualdade de oportunidades na sociedade por reconhecimento dos direitos que lhes são assegurados, sem privilégios ou paternalismos.”

Na história de Elizabeth, nota-se que ela era aluna na escola pública inclusiva e ela conta que já participou do movimento surdo pela escola bilíngue para surdos:

Até que nós surdos lutamos, fizemos manifestações e conseguimos aprovar a lei que criou a Escola Bilíngue de Taguatinga para surdos. Tivemos que lutar muito para conseguir isso. Então, eu saí da CED 06 de Taguatinga e fui para lá na metade do 2º ano, onde só tinha surdos e foi bem melhor, pois tudo era apenas sinalizado. Fiquei lá até me formar. Na minha opinião, a escola que mais me marcou foi a Escola Bilíngue de Taguatinga, que nós lutamos tanto para conseguir. As outras escolas tinham inclusão, mas era com intérpretes ruins. Nós tínhamos muitas limitações, pois precisávamos ficar

olhando para o intérprete, que ficava longe, e para o professor, que explicava a matéria virado de costas enquanto escrevia no quadro, dividindo a nossa atenção. Isso é extremamente cansativo, isso não é inclusão de verdade. Nós surdos lutamos muito através de manifestações, a comunidade surda foi ao Congresso Nacional até ser aprovada a escola bilíngue e isso nos emocionou muito! Choramos! Isso foi uma marca gigante para a cultura e identidade surda. Foi o movimento que eu mais gostei de participar. Há muito tempo ficamos na luta pelas escolas bilíngues em que somente surdos frequentassem e que tudo fosse ensinado em Libras, nós lutamos muito por isso. Agora começou a nossa luta para que nas provas de concurso público sejam na nossa L1, que tenha vídeo gravado da prova em Libras. Essa é a nossa luta atual. (Elizabeth, entrevista em 28/04/2022)

A participante Elizabeth contou que foi aluna de uma escola inclusiva, mas lá não tinha inclusão de verdade e, pela experiência ruim, ela foi impulsionada a ir em busca do direito de ter uma escola bilíngue, e isso marcou sua história, migrando de uma escola inclusiva para uma escola bilíngue para surdos em Taguatinga. A participante discute o que é inclusão de fato, pois colocar alunos na mesma sala não é suficiente para o exercício e a vivência da inclusão. Ela foi a primeira aluna surda a lutar por uma escola bilíngue e atualmente é uma professora surda, trabalhando pela educação de surdos. Sobre isso, é preciso questionar: como fazer inclusão de fato sem dar espaço para as histórias, as lutas, os desejos e as necessidades das próprias pessoas com deficiência? É preciso escutá-las, isto é, dar lugar ao que elas têm a mostrar.

Os surdos têm sua cidadania no DF marcada com as histórias da vida de surdos ativistas em prol da escola bilíngue e da formação de professores, por isso, é tão significativa a participação deles na política e na sociedade. Em 2011, lutaram pela escola bilíngue para surdos e foi aprovada a proposta bilíngue, isto é, o direito de ter educação nas duas línguas. Quando a educação para surdos é valorizada e respeitada, a identidade surda também o é. O que caracteriza a escola bilíngue é o conhecimento e uso da Libras de forma direta no ensino de surdos como L1 e o português escrito como L2. A escola bilíngue permite ao surdo o contato direto com o aluno, com aulas todas na modalidade visual-motora, sem professor ensinando de costas e sem precisar de intérpretes para sinalizarem a matéria dada pelo professor, já que o próprio professor é surdo e fala todo conteúdo em Libras, isso é um grande avanço, mas ainda existem poucas escolas assim, a luta precisa prosseguir para mais conquistas e valorização do ensino ao surdo. De acordo com Albres (2016, p. 71), “o FENEIS não tinha interesse em construir com o movimento uma inclusão de alunos surdos em escola regular, mas defendia uma educação bilíngue para surdos.” Em 2020, foi aprovado um novo Decreto nº 10.502/2020, a Política Nacional de Educação Especial (PNEE), em 30 de setembro de 2020, durante o dia dos nacional surdos, mostrando que a educação bilíngue de surdos promove a língua e a cultura dos surdos, aprendendo a língua materna com o uso da Libras e o português escrito como L2.

A história dos surdos mostra a conquista construída pela educação e formação das pessoas surdas, desenvolvendo sua habilidade ao longo do tempo. A pesquisadora Perlin (1998) conta que o movimento é o direito humano de lutar pelo que se almeja, refere-se aos quatro itens mais importantes da vida surda: cultura, educação, trabalho e desenvolvimento. A luta dos surdos, o movimento surdo, garante a identidade cultural dos surdos. Brito, Neves e Xavier (2013 p. 91): “nos dias 19 e 20 de maio 2010, em Brasília, cerca de 4.000 surdos de todo o país se manifestaram contra a política inclusivista do MEC, com uma sessão, numa das Comissões do Senado, passeatas e reunião com o então Ministro da Educação, Fernando Haddad.” Os surdos buscam por acessibilidade linguística e tecnológica, escolas bilíngues e também por políticas educacionais para os surdos. Eles lutam sempre e nunca vão desistir.

4.5. Relação com a comunidade surda: identidade e pertencimento

Os relatos de histórias de vida dos participantes deste estudo ganham espaço nesta seção para mostrar o processo de interação e inserção na comunidade e na cultura surda, processo que confere identidade e pertencimento. Esses relatos são importantes porque, como afirma Strobel (2018),

As comunidades surdas no Brasil têm uma longa história. O povo surdo brasileiro deixou muitas tradições e histórias em suas organizações. Estas organizações iniciaram diante de uma necessidade do povo surdo ter um espaço para se reunir e resistir contra as práticas ouvintistas que não respeitavam sua cultura. (...) Outro artefato cultural influente das comunidades surdas é a política, que consiste em diversos movimentos e lutas do povo surdo pelos seus direitos. Historicamente, o povo surdo brasileiro transmitiu muitas tradições em suas organizações das comunidades surdas. O espaço cultural mais conhecido de todos são as associações de surdos. (STROBEL, 2018, p. 25 e p. 88)

Como não ter um espaço neste trabalho para tratar da inserção nas comunidades surdas, uma vez que os relatos ressoam esse processo de forma muito enfatizada? A importância disso está no que comenta Gomes (2010) ao afirmar que:

Se for permitido aos surdos usarem a sua própria língua, eles terão um desenvolvimento cognitivo igual aos dos ouvintes. Esta é a perspectiva antropológica-cultural. Os membros da comunidade surda lutam por esta nova visão, pelo direito de viverem o tempo e o lugar à sua maneira, com o seu próprio ritmo, com a sua própria língua, e de acordo com as suas escolhas e os seus projetos de vida. (GOMES, 2010, p. 14)

Segundo Padden e Humphries (2000), há diferença entre a comunidade surda e a cultura surda. A cultura surda representa as pessoas surdas, a própria língua de sinais, os valores, as regras, o comportamento e as tradições. Já a comunidade surda é aberta para a sociedade em geral adepta à causa dos surdos, é composta por pessoas surdas que convivem em grupo, aprendendo umas com as outras, também por intérpretes de Libras, familiares dos surdos e outras pessoas e até ouvintes que apoiam a sua causa. Karnopp (2006) explica a esse respeito:

Ao afirmarmos que os surdos brasileiros são membros de uma cultura surda, não significa que todas as pessoas surdas no mundo compartilhem a mesma cultura simplesmente porque elas não ouvem. Os surdos brasileiros são membros da cultura surda brasileira da mesma forma que os surdos americanos são membros da cultura surda norte-americana. Esses grupos usam línguas de sinais diferentes, compartilham experiências diferentes e possuem diferentes experiências de vida. (KARNOPP, 2006, p. 99).

Os participantes deste estudo relatam sobre as experiências com a comunidade surda na e com a qual convivem. Huet narrou a respeito da sua história de pertencimento na comunidade surda, em contato com a língua de sinais de forma tardia. Ele conta como começou sua experiência na aquisição de Libras:

O tempo passou e, aos 21 anos, eu fui introduzido à comunidade surda, comecei a aprender a me comunicar por meio da Libras, comecei a sinalizar e isso foi muito bom. Eu conseguia ter acesso à informação e ter apoio, foi muito importante. Consegui me expressar, conversar com os outros, eles me apoiavam e orientavam, eu ia aprendendo várias coisas, interagia e tudo era novidade para mim. Com isso, fui me apropriando daquilo e me desenvolvendo, fui aprendendo e meu arcabouço linguístico foi aumentando e eu não tinha mais interesse em ver as pessoas conversando pela oralização, mas sim pela língua de sinais na comunidade surda. Quando fui inserido na comunidade surda, aquela minha identidade como surdo oralizado foi rompida. Ela foi alterada pelo fato de que eu estava convivendo com pessoas surdas sinalizadas. Então, esse contato linguístico com a comunidade me possibilitou adquirir as expressões que no passado eu não tinha. Meu desenvolvimento ocorreu em aprender sobre as variadas culturas e fazer aquisição daquilo, e foram aquelas experiências culturais que me fizeram desenvolver uma identidade política, graças àquela experiência cultural que tive. (Huet, entrevista em 22/04/2022)

Huet teve crescente interesse pela comunidade surda porque, assim, poderia se comunicar por meio da língua de sinais, que passou a se tornar sua primeira língua, e encontrar suas múltiplas possibilidades de desenvolvimento após passar a ver em si a identidade surda e a cultura surda.

É muito interessante notar, através dos verbos, a maneira como Huet menciona seu desenvolvimento: “conseguiu” (acesso à informação e apoio), “conseguiu se expressar” e “conversar” e “ter orientação”, “aprendeu”, “interagiu”, “aumentou seu arcabouço linguístico”,

“desenvolveu identidade política”, “foi inserido”. Parece que aqui Huet está falando de uma virada em sua vida, cultura e identidade, que se deu a partir da sua inserção na comunidade surda e da aquisição de Libras, como se um novo universo estivesse se abrindo para ele. Afinal, as ações que ele descreve terem se dado dizem respeito a grande perspectiva de mudança. Como ele mesmo afirma, ele viu sua identidade ser alterada a partir do momento que participava de uma comunidade sinalizada.

Segundo Perlin (1998b, p. 53), “a identidade surda sempre está em proximidade, em situação de necessidade com o outro igual. O sujeito surdo nas suas múltiplas identidades sempre está em situação de necessidade diante da identidade surda.” Aquele que se declara surdo, por sentir dificuldade na oralização como algo que nunca lhe pertenceu de fato, perde o interesse na língua oral e passa a usar somente a Libras para se comunicar. Em Perlin (1998), aprende-se que a identidade de transição é quando o surdo, filho de pais ouvintes, em meio a tantas barreiras na comunicação oral, descobre mais tarde a Libras, sente a necessidade de pertencer à comunidade surda e passa a ter preferência por ela, convivendo com a comunidade surda e entendendo a cultura surda. Segundo Strobel (2018, p. 121), “a preferência dos surdos em se relacionarem com seus semelhantes fortalece sua identidade e lhes traz segurança. É nos contatos com seus semelhantes que eles se identificam com outros surdos e encontram relatos, problemas e histórias semelhantes às suas”.

A participante Fatinha começou a aprender em língua de sinais e, quando estava descobrindo a língua, passou a desenvolver sua identidade surda. A respeito disso, a participante relatou, em sua entrevista no dia 21/04/2022: “Eu ficava chocada, curiosa e questionava o porquê de falarmos em Libras e nisso eu me encontrei. Eu sou surda, minha língua é a Libras, essa é a minha cultura e minha identidade. É a minha identidade surda como uma pessoa surda”.

Fatinha teve muito interesse em Libras, começou por curiosidade e no processo de aprendizagem percebeu que era muito importante essa língua porque, como uma pessoa surda, isso faz parte da sua identidade. Por que os surdos se comunicam por meio da Libras? Pois essa é a comunicação que mais se enquadra dentro do que se pode expressar de forma íntegra por meio da língua dos surdos. A linguagem é geral, inerente a todos os seres humanos, mas a sua língua representa a sua cultura, sua melhor forma de se comunicar e de se fazer entender no mundo. Como comunicação, cultura e sociedade são interdependentes, a aquisição da língua de sinais traz a possibilidade de pessoas surdas construírem a comunicação de maneira adequada e apropriada, autônoma e criativa. De acordo com a pesquisadora Strobel (2018, p. 29), “dentro do

povo surdo, os sujeitos surdos não se diferenciam um do outro de acordo com grau de surdez, mas o importante para eles é o pertencimento ao grupo usando a língua de sinais e cultura surda, que ajudam a definir as suas identidades surdas.” A identidade surda, através do uso da língua de sinais dentro da comunidade surda gera o sentimento de pertencimento dos grupos surdos e também traz a valorização e o reconhecimento da cultura surda. Sendo a primeira língua dos surdos, a Libras promove não apenas comunicação de mensagens, mas, como todas as línguas, é por ela que se dá a construção e partilha de emoções, sentimentos e ideais da comunidade, que se define, no caso dos surdos, como:

um grupo que habita uma região determinada, marcado por características específicas, porém não isolado, vivendo no meio de pessoas ouvintes, que são maioria. Nestas características entram os aspectos antropológicos: história, língua, cultura e arte; porém, entram outros elementos comuns entre a comunidade surda e a comunidade ouvinte: nacionalidade, religião, governo, raça e etnia. Todo este complexo não chega a definir a comunidade surda como autônoma, apesar da aceitação corrente do termo. Um outro pressuposto é a atribuição do termo cultura”. (PERLIN, 1998a, p. 15)

É preciso ressaltar que, com a mobilidade na globalização, a comunidade surda se constrói não apenas em termos de região, mas, como todas as outras comunidades, a partir do estabelecimento de relações de identificação, que podem se dar também por diferentes aspectos, tais como raça, religião, interesses, causas em comum. O participante Lucas também ingressou mais tarde no universo surdo, conheceu a comunidade surda e adquiriu a língua de sinais:

Hoje convivo com a comunidade surda, mas meu ingresso aconteceu somente aos 19 anos, foi quando despertei o meu interesse em aprender Libras e passei a ter vivências com os surdos. Sentia muita vontade de aprofundar o meu aprendizado e o convívio com os surdos, então, viajava para o Rio de Janeiro, São Paulo, Florianópolis, Maranhão. Eu viajava com o grupo de surdos para diversos lugares e gostava bastante. Hoje eu me sinto feliz e acolhido quando eu preciso me comunicar e conversar, hoje em dia, tenho quem possa me dar atenção. (Lucas, entrevista em 23/04/2022)

Lucas, na entrevista, contou sobre seu interesse pela cultura surda, mostrando que é importante conviver com outros surdos para desenvolver a Libras, já que para se aprender essa língua é essencial ter a experiência visual. A convivência com outros surdos de diversos lugares desenvolve também os aspectos socioemocionais da pessoa surda e, como Lucas afirma em seu relato, é nessa comunidade que encontra com quem conversar e quem “possa lhe dar atenção”. Segundo Strobel (2018, p. 22), “partindo do suposto que cultura é a herança que o grupo social transmite a seus membros através de aprendizagem e de convivência, percebe-se que cada geração e sujeito também contribuem para ampliá-la e modificá-la.”

João, em seus relatos de história de vida, explica seu apreço pela comunidade surda:

Eu optei pela comunidade surda por uma questão cultural, é uma coisa que eu gosto muito e eu tenho muito respeito pela trajetória da Libras, da cultura das pessoas surdas. Isso é algo que nunca vai mudar em mim, o sentimento permanece o mesmo. Eu me lembro dos sofrimentos que os surdos viveram para que hoje houvesse a acessibilidade à Libras, isso foi marcante para a comunidade surda, para algumas famílias e também à identidade surda. (João, entrevista em 25/04/2022)

Quando os sujeitos surdos se aceitam como tal a partir da vivência na comunidade surda, é possível, como mostram os relatos, perceber a forma como encontram para si pertencimento. O que podemos entender, também a partir dos relatos dos participantes deste estudo, é que a comunidade surda oferece qualidade de vida aos surdos e suas famílias, uma vez que os envolve em suas lutas e conquistas, oferecendo espaço para se desenvolverem como cidadãos dignos, que podem contribuir e fazer diferença na sociedade. Como relata João, que se lembra “dos sofrimentos que os surdos viveram para que hoje houvesse a acessibilidade em Libras”, a luta surda presente na comunidade é viva e inspiradora. Segundo Strobel (2018, p. 54), “os sujeitos surdos que têm acesso à língua de sinais e participação da comunidade surda possuem maior segurança, autoestima e identidade sadia.”

A comunicação é essencial para o desenvolvimento humano, e a interação com as causas surdas, inserido no movimento surdo, faz a pessoa surda romper seus limites e encontrar sua melhor versão no meio social. De acordo com os autores Muller e Kist (2020, p. 65), “para que a comunicação e o desenvolvimento do surdo aconteçam, é necessário conhecimento da sua língua, bem como as questões que envolvem sua história, cultura, movimentos políticos, educacionais, linguísticos e sociais, compreendendo a surdez como diferença cultural”.

Na história de Nego, ele começou a conhecer a cultura surda com surdos mais velhos e a língua de sinais brasileira o ajudou muito no processo de adquirir a identidade surda e se ver como parte da cultura surda:

Encontrei algumas pessoas que na época eram mais velhas que eu, comecei a reparar que os sinais que eles sinalizavam eram bem diferentes e eu gostei bastante, contribuiu para o meu conhecimento da Libras porque eu fui internalizando aquelas vivências e percepções e esse processo me ajudou na descoberta do caminho que eu queria traçar de maneira mais rápida. (Nego, entrevista em 9/05/2022).

Segundo Strobel (2018, p. 54), “é importante que as crianças surdas convivam com pessoas surdas adultas com quem se identificam e tenham acesso às informações e

conhecimentos no seu cotidiano.” A ideia principal é gerar respeito e empatia à identidade surda, mostrando o quanto o acesso à sua própria língua e cultura pode transformar a vida do surdo para melhor e isso é como está destacado em Brasil (2018, p. 431): “com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas.”

A questão da idade, como ocorre em todas as outras comunidades, também pode ser um aspecto de identificação para as pessoas surdas. O participante Alberico narra que sua relação com surdos começou em associações, ali iniciou o seu processo de pertencimento da comunidade surda. Ele alertou sobre a importância da interação e do contato com os surdos:

Eu frequento as associações, os grupos de surdos mais antigos, maduros, e as associações de esportes dos surdos, que é onde os grupos de surdos se reúnem para conversar, para conviver. Eu aceitei e entendi a identidade surda, é uma coisa que nós precisamos aceitar. Em relação à importância, vejo que as interações, os contatos que a identidade nos proporciona internalizar e essas relações de troca são essenciais. (Alberico, entrevista em 06/05/2022)

É importante a relação entre surdos mais velhos e mais novos porque abre espaço para processos de identificação para e com a comunidade surda, a aquisição da língua e cultura. Sobre isso, de acordo com Quadros (2019, p. 42), “só bem depois, essas crianças encontram seus pares surdos e os adultos surdos da comunidade surda. O encontro com a comunidade surda impacta significativamente suas vidas, pois a relação de pertencimento é imediatamente estabelecida a partir da condição da surdez.”

O relato de Roberta é muito importante para pensarmos sobre a questão da identidade surda. Como ela relata,

Foi com a associação, isso foi muito impactante para mim. Antes eu já tinha começado a aprender muita coisa, minha família me ajudou e, hoje, por exemplo, eu vou na rua e tenho dificuldade de me comunicar com quem não sabe Libras, então, quando estou na associação, peço ajuda e eles facilitam a comunicação. Eles compartilhavam suas histórias e por meio delas fui aprendendo muito, foi um aprendizado mútuo e agradeço primeiramente à associação. Eu lembro que antigamente eu não conhecia o que significava identidade surda, mas quando fui à associação e palestras, eu aprendi que identidade significava ser quem eu sou. Eu não sabia que tinha esse direito de ter minha história, minha cultura respeitadas. (Roberta, entrevista 09/05/2022)

Chama-me muito a atenção quando Roberta diz que antes de sua afiliação com a associação ela “não conhecia o significado da identidade surda”. E o que isso significa, afinal? Para Roberta, essa identidade tem a ver com quem ela é: “identidade significa ser quem eu sou”.

É muito importante que a pessoa surda entenda a surdez como parte de sua identidade, não como uma questão de deficiência. Nesse sentido, a surdez marca uma língua, uma forma de ser (identidade), uma cultura – e não um estigma negativo marcado a partir da cultura ouvintista. Segundo Pôrto e Mastrella-de-Andrade (2020, p. 854),

as identidades dizem respeito às diferentes posições sociais que assumimos e com as quais nos identificamos ou somos identificados/as. Elas são construídas na e pela linguagem, dentro dos discursos, ganhando sentido nas relações sociais. Segundo a autora, a identidade é também relacional, pois, para existir, ela depende também de algo que está fora dela, ou seja, de outra identidade: a diferença. (PÔRTO; MASTRELLA-DE-ANDRADE, 2020, p. 854).

As histórias de Alberico e Roberta se encontram no ponto de onde eles começaram a se desenvolver como surdos: a associação de surdos. E o que faz a associação de surdos? Ela promove o desenvolvimento da identidade surda, permite o convívio entre surdos para a aquisição da língua de sinais e da cultura surda. Todo surdo deveria conhecer uma associação de surdos, pois, por exemplo, ali há espaço para se pensar sobre a educação, a história, o direito e a cultura surda juntamente com a própria comunidade surda. De acordo com Strobel (2018), “quando os sujeitos surdos estão em comunhão entre eles, e quando compartilham suas metas dentro da associação de surdos, federações, igrejas e outros locais dão sentido de estarem em comunidades surdas”.

A participante Chris Souza, por sua vez, relata que adquiriu a Libras, mas ainda está passando por um processo pessoal quanto à sua identidade:

Eu sou surda, não sou ouvinte, e, atualmente, tenho a identidade surda assumida, mas eu não a tenho por completo. Como uma surda, eu falo por meio da língua de sinais brasileira, a Libras, mas eu preciso me aceitar ainda. É importante que cada pessoa tenha sua própria identidade, a minha é surda. (Chris Souza, entrevista em 22/04/2022)

Considero muito importante termos, no espaço deste trabalho, o relato de Chris como está acima. Ao dizer: “sou surda, não sou ouvinte” e, ao mesmo tempo, “eu preciso me aceitar ainda”, encontramos as contradições e conflitos que são parte das identidades, como afirmam Pôrto e Mastrella-de-Andrade (2020). As identidades não são algo fixo, acabado ou sem conflitos. As identidades são relacionais e processuais, ou seja, não são construídas em um único momento no tempo. Esse é um aspecto importante a ser considerado para a área de formação de professores: as histórias a que este trabalho dá espaço dizem respeito a identidades em

construção, em processo. Conhecer esse caráter processual implica abrir-se para conflitos ao longo da jornada e abrir-se para investigar e aprender com eles.

Para a construção da identidade surda, o contato e o convívio com outros surdos na comunidade surda é extremamente necessário, mas cada pessoa surda pode ter uma identidade surda diferente. Segundo Perlin (1998), respeitar as diferentes identidades surdas é o que mais importa, elas são diversificadas, um surdo pode ter também várias identidades, a partir dos diferentes espaços e contextos com os quais convive. Segundo Gomes (2010, p. 52), “depreende-se destas novas construções, que não é Surdo quem não ouve, mas quem quer ser Surdo, ou seja, quem se considera membro de uma comunidade linguística e cultural diferente”. Quando os surdos não têm contato e/ou não convivem com a comunidade surda, desenvolvem um tipo de identidade ou quando têm contato e/ou participam da comunidade surda, desenvolvem outro tipo. As pessoas surdas podem variar em suas identidades e terem diversas delas, mas o surdo não pode ser visto como um deficiente, isso é preconceito. De acordo com Perlin (1998b, p. 31): “As identidades surdas podem ser pensadas a partir do conceito de diferença e não do conceito de deficiência ou diversidade. Essa diferenciação merece ser enfatizada, tendo em vista que, de posse dessa possível verdade, posso chegar ao específico surdo.”

Elizabeth, em seu relato, enfatiza sobre o respeito à língua de sinais e à comunidade surda, também sobre como se sente em relação à identidade surda e à comunicação da língua de sinais no convívio com outros surdos. A história, a identidade e a cultura surda precisam ser valorizadas:

A identidade surda é algo único, pois é ser quem eu sou. Também envolve o respeito à língua de sinais e à comunidade surda, eu me sinto bem à vontade. Consigo me comunicar com todos, é uma sensação ótima. Todos podem expressar os seus sentimentos e eu me sinto livre para me relacionar com eles por causa da minha identidade. (Elizabeth, entrevista em 28/04/2022)

HPOX relata com emoção a maneira como tem construído, a partir da Libras e da vivência na comunidade surda, seu pertencimento e sua identidade:

Na comunidade surda, sinto que eu sou pertencente. Embora eu tenha convivido muito com ouvintes, eu tenho contato com os meus amigos surdos e tenho um sentimento de pertencimento porque eu consigo me comunicar e interagir com os amigos surdos, mas com os ouvintes eu consigo também. Eu consigo conversar, conviver, mas, as relações são muito diferentes, a comunicação por meio da Libras é diferente e até melhor. Com

os surdos, eu tenho um contato que me dá uma leveza, isso me dá muita emoção.
(HPOX, entrevista em 09/05/2022)

A participante HPOX afirma que, quando ela convive com os ouvintes, consegue se comunicar porque desenvolveu a oralização, mas, em relação à comunidade surda, ela se sente melhor se sente emocionada diante da liberdade que encontrou na comunicação visual. Os professores surdos participantes deste estudo contaram que assumiram que são surdos, pois eles se sentem pertencentes à comunidade surda, então, eles vivenciam a identidade e cultura surda por direito, podendo conviver com outros surdos. Entretanto, como podemos também ver nos relatos, essa identidade não é algo livre de problemas, uma vez que a pessoa surda continua pertencente ao mundo social, com seus conflitos e confrontos, desigualdades e injustiças.

Segundo Perlin (1998b, p. 58), “ser surdo é pertencer a um mundo de experiência visual e não auditivo.” Ser surdo não é ser deficiente, ser surdo é se expressar por meio de uma linguagem diferente e ser reconhecido como tal e, de acordo com Quadros (2019, p. 42), “eles se constituem como tais por pertencerem às comunidades surdas brasileiras, por fazerem parte dos grupos de surdos de várias cidades do país, em especial, dos grandes centros urbanos”. Como também afirma Skliar (1998),

A comunidade surda é um complexo de relações e interligações sociais, que diferem de outras comunidades onde existe a possibilidade da comunicação oral, pois as pessoas surdas necessitam da língua de sinais e das experiências visuais para realizarem uma comunicação satisfatória com outras pessoas. (SKLIAR, 1998b, p. 148)

4.6. Empoderamento e Conquista

Pois, na verdade a história dos surdos em padrões tradicionais não produz a história legítima dos povos surdos, que seriam localizadas nos discursos das associações de surdos, de professores surdos, de sujeito surdos. bem-sucedidos, sujeitos surdos líderes, da pedagogia surda, de movimento políticos dos povos surdos e outros. (STROBEL, 2018, p. 111)

O termo empoderamento vem do termo “empowerment” em inglês dos Estados Unidos, da década de 70, e, nos anos 2000, no Brasil, surgiu o termo empoderamento e, de forma mais simples, significa um movimento poderoso, relacionando-se com independência, liberdade, soberania, ser capaz de atuar social, cultural e politicamente. O empoderamento surdo é importante e relaciona-se com ser capaz de fazer escolhas, ser livre para decidir, ter poder para escolher e responder a necessidades e desejos próprios e enfrentar as desigualdades na sociedade

sem ter que sujeitar-se a elas sem possibilidade de resistência. Como afirmam Freire e Shor (1986),

Mesmo quando você se sente, individualmente, mais livre, se esse sentimento não é um sentimento social, se você não é capaz de usar sua liberdade recente para ajudar os outros a se libertarem através da transformação da sociedade, então você só está exercitando uma atitude individualista no sentido do empowerment ou da liberdade. (FREIRE; SHOR, 1986, p. 135)

Segundo Berth (2019, p. 23), a definição de empoderamento diz respeito ao *“processo de ganhar liberdade e poder para fazer o que você quer ou controlar o que acontece com você”*. Da mesma forma, a palavra “empoderamento”, ao pé da letra, significa dar poder ou capacitar. Para a autora, é preciso instrumentalizar certos grupos oprimidos para que possam ter autonomia.

Sobre o conceito de empoderamento, Candau (2009, p. 7) afirma dizer respeito a “liberar a possibilidade, o poder, a potência que cada pessoa tem para que ele ou ela possa ser sujeito de sua vida e ator social”. A ideia de empoderamento não diz respeito a uma força individual apenas, mas uma força que se adquire na comunidade, no movimento coletivo. Nas histórias dos professores participantes desta pesquisa, percebe-se a luta deles e, como resultado, os processos de empoderamento e as vitórias e conquistas que celebram. Eles são sujeitos surdos que atuam ou atuaram como líderes do movimento surdo, também venceram e obtiveram sucesso ao conseguirem se formar como professores surdos, mostrando que são seres humanos tão capazes quanto os ouvintes, o que marca a história de suas vidas e das pessoas ao redor.

É grandioso e admirável ver os surdos que lutam sem cessar nos movimentos surdos, mostrando que são capazes e indo em busca de seus direitos como seres humanos capazes. O empoderamento surdo trouxe várias vitórias aos surdos, como por exemplo: o direito de terem a cultura surda, de usarem a língua de sinais, de formarem professores surdos e de fazerem mestrado e doutorado. O que podemos concluir é que sujeitos que lutam por empoderamento fazem diferença para si e a para a comunidade em geral. Os professores surdos participantes desta pesquisa estudaram Letras-Libras ou fizeram seus estudos outras universidades. Suas histórias mostram que lutaram, se desenvolveram e viveram e vivem dificuldades e vitórias.

Na história de Huet, ele mesmo faz menção a ter vivenciado “superação de vida”, pois conseguiu ser professor na universidade, tem vencido e conquistado espaços:

Isso foi se tornando o meu futuro, a Libras, a aquisição dela me deu essa autonomia, e a minha família não me dava esse apoio em relação à minha autonomia. Então, eu tive que correr atrás por mim mesmo e buscar aquilo que eu queria, tinha que me

desenvolver, progredir e superar, foi uma superação de vida. (Huet, entrevista em 25/04/2022)

Tendo sido bem-sucedido em seus estudos, ele ainda afirma: “estou sempre a lutar para vencer”. Estando consciente de suas lutas e superações e também da situação das comunidades surdas no Brasil, Huet hoje tem acesso a trabalhar na formação de outros professores.

Tendo se tornado professor depois de adquirir Libras como L1, Huet contribui na formação de professores. Segundo Ramalho, Nunez e Gauthier (2003, p. 51): “Os saberes próprios da profissão são os saberes das disciplinas e também os saberes pedagógicos.” Isso mostra o quão importante é o surdo ser empoderado e ter sua própria identidade reconhecida, pois o surdo é capaz e pode se tornar um professor que forma outros professores surdos e ouvintes. De acordo com Nóvoa (1995, p. 16): “A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor”. Nesse sentido, as conquistas de Huet, ligadas à sua luta constante pelo empoderamento das comunidades surdas, falam de confrontos e conflitos da própria identidade surda; além disso, falam também da maneira como essas lutas são relevantes para o próprio processo de formar professores. A área de formação de professores, como já dito anteriormente, não pode prescindir dessas histórias. Nisso, este trabalho encontra seu objetivo e potencial: tornar-se inspiração para todas as lutas que ainda estão por vir.

Na história de Alberico, percebe-se a sua capacidade em ter se tornado um professor surdo, as sociedades ouvintes precisam entender que o surdo só precisa ser tratado em igualdade de capacidade:

É muito bom poder se relacionar, eu gosto disso. Eu desejo que haja igualdade em oportunidades aos surdos como se vê na legislação e que respeitem a Libras. A sociedade em geral precisa ter entendimento de que existe a legislação que respalda os direitos dos surdos, essa é minha opinião. Que haja igualdade entre surdos e ouvintes e respeito à Libras. Eu tinha dificuldade porque eu precisava internalizar o que estava se passando comigo, eu me casei e isso me motivou, me deu calma, eu consegui uma vaga para estudar, então, eu formei no ensino médio, meu pai ficava incrédulo, depois eu fui aprovado na universidade, e meu pai ficou mais chocado ainda. E sabe o que foi mais legal? Sou inteligente e tenho orgulho de mostrar isso, não só mostro porque eu sou capaz, mas nós precisamos nos orgulhar e valorizar isso, a sociedade precisa entender. (Alberico, entrevista em 06/05/2022)

Um aspecto muito interessante no relato de Alberico é sobre a necessidade de igualdade de oportunidades e o respeito à Libras. A sociedade precisa perceber que o surdo merece ser feliz assim como o ouvinte, ele não precisa viver como um ouvinte, mas precisa ter os mesmos

direitos que o ouvinte tem, como ser humano capaz. Alberico lutou e venceu, ele se formou como professor, ele foi capaz e alcançou a vitória, mas nem todos têm essa oportunidade, o desejo dele é que todos os surdos possam viver isso. A sociedade precisa ser mais respeitosa com as pessoas surdas, dar oportunidades iguais para todos: é a garantia dos direitos fundamentais às pessoas com ou sem deficiência no Brasil. As pessoas surdas têm direito à inclusão respaldado pela Constituição Federal de 1988 e pela Lei Federal nº 13.146/2005. De acordo com Brasil (1998): “Art. 1º - A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do DF, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos: III - a dignidade da pessoa humana; Art. 3º - Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. Art. 5º - Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza.”

É necessário romper com as desigualdades sociais que existem para as pessoas surdas, ter respeito e garantir igualdade a elas as permite mostrar que são capazes de se esforçarem por conta própria e vencerem na vida. A história de Alberico é importante, pois mostra o que uma pessoa surda é capaz de fazer para conseguir uma oportunidade de viver seu direito de igualdade e conseguir ser o que sonha ser: ele conquistou sua formação de professor. De acordo com Brasil (2004, p. 8), “a consciência do direito de construir uma identidade própria e de reconhecimento do outro se traduz no direito à igualdade e no respeito às diferenças, assegurando oportunidades diferenciadas (equidade), tantas quantas forem necessárias com vistas à busca da igualdade.” Equidade é a igualdade que se encaixa a cada diferente realidade, é isso que as pessoas surdas precisam receber na sociedade ouvinte.

A história de Roberta mostra uma profissional surda atuando como professora, que tem capacidade de ensinar na escola e ensinar surdos:

Eu sou referência na minha escola para surdos, e os surdos me perguntam se é possível ser um professor surdo, eu digo que é claro, é possível sim! O surdo pode ensinar qualquer matéria, seja educação física ou matemática, ele pode até ser ator, advogado, dentista, médico. Por isso, eu sou vista como um modelo profissional, sou uma referência para os surdos. Antes eu não tinha referências surdas, mas hoje eu posso ser a referência deles. (Roberta, entrevista em 09/05/2022)

Na participação de Roberta, nota-se que ela ter decidido ser uma professora surda se tornou muito importante para outros surdos ao redor dela, pois influenciou os seus alunos surdos a pensarem em seu futuro profissional, mostrando que os surdos têm capacidade de exercerem

qualquer profissão. Os professores surdos se tornam modelos para outros surdos. Roberta, assim, é uma professora formada que educa surdos, ela oferece a oportunidade de aprendizagem linguística às crianças surdas. Os surdos querem ter um futuro profissional e os professores surdos são referências para haver igualdade na cultura surda e para o empoderamento da comunidade surda.

A construção da subjetividade do ser surdo depende, fundamentalmente, da relação que eles estabelecem tanto com seus pares quanto com ouvintes e, nesse sentido, a presença de professores surdos na educação ganha relevância para a construção de uma percepção positiva da surdez pelos alunos. (LODI, 2005, p. 419).

Os professores surdos são importantes, pois constroem pontes para crianças e adultos surdos em relação à sua vida social, elas passam a sonhar com o futuro profissional em qualquer área de trabalho. Quando os professores surdos trabalham ensinando as crianças surdas, elas desenvolvem melhor sua aprendizagem da língua materna na escola, são surdos ensinando outros surdos e isso é maravilhoso. Esses são exemplos de forma de se dar igualdade ao surdo: ver o desenvolvimento do surdo no futuro profissional, poder ser modelo para outros e dar a oportunidade de terem uma profissão. Os surdos têm direito de trabalhar e estudar no ensino superior, de ter um futuro de qualidade e uma profissão no mercado de trabalho. Grande parte dos surdos se formam professores na área de educação (pedagogia, Letras-Libras e Língua de Sinais Brasileira e Português como L2), também tem aqueles que são professores de outras disciplinas, por exemplo, História, Matemática, etc. Isso só mostra o quanto as pessoas surdas são plenamente capazes de realizar quaisquer atividades quando assumem uma responsabilidade. De acordo com a Lei da Inclusão, no artigo 34, a pessoa com deficiência tem direito ao trabalho de sua livre escolha e aceitação, em ambiente acessível e inclusivo, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas.

Na história de Nego, ele relata sobre a importância de mostrar como sua história diz respeito à luta surda por mostrar que pessoas surdas são capazes:

Aqui em Brasília, dando continuidade, eu respondi: Sim! Eu sou capaz! Consigo aprender e tenho responsabilidade, e isso foi bom para a cultura surda, ajudar esses sujeitos a despertarem e lutarem por melhorias, eu lutei bastante, mas com o passar do tempo, outras pessoas foram surgindo e dando continuidade às militâncias em busca de melhorias. Eu conheço uma prima que eu me afastei porque nós tínhamos uma relação difícil, ela falava que eu não sabia me comunicar, ela ria de mim, me chamava de burro. E, agora que eu sou professor federal, ela quebrou a cara. Ela disse que eu preciso me arrepender e perdoá-la. Eu sou professor na universidade de Brasília, eu faço algumas

ações para que as pessoas aprendam a respeitar umas às outras, eu ensino sobre a cultura. (Nego, entrevista em 09/05/2022)

Os surdos têm como característica a compreensão da língua de sinais, não a oralização, e mesmo assim são capazes de lutamos como uma minoria por igualdade, também criam oportunidades, podem ser independentes e terem um futuro profissional. Na história de vida de Nego, a prima não sabia e não conhecia como funciona a pessoa surda, não imaginava que uma pessoa surda seria capaz de se profissionalizar, de se comunicar, de ser independente e poder assumir responsabilidades. Nego disse que sofreu preconceito na família, mas isso não o parou e ele se tornou um surdo empoderado que também mostrou que é possível ser surdo e vencer na vida em todas as áreas. Segundo Brasil (2015): “Art. 84 - A pessoa com deficiência tem assegurado o direito ao exercício de sua capacidade legal em igualdade de condições com as demais pessoas.” Muitas vezes, o surdo é visto como deficiente pela maioria ouvinte e até por pessoas surdas. Ainda assim, tem direito à igualdade segundo a lei, mas, mais uma vez, é válido ressaltar, o surdo não é deficiente. No mundo ouvinte a surdez é uma limitação; porém, no mundo surdo, a surdez é o que faz a língua de sinais ser uma língua viva e completa, sem a necessidade de consertar o que não precisa ser consertado àquele que se assume como surdo, não como um deficiente, e a língua de sinais presenteia o surdo com sua liberdade.

Na história de HPOX, ela mostra como é capaz de superar barreiras:

Eu fui aprovada num concurso. Eu fico emocionada de dizer que eu sou professora, as pessoas acham que é uma profissão ruim e a remuneração não é tão boa. Às vezes, eu fico refletindo antes de entrar em sala de sala e quando eu vejo os meus alunos, eles me dão força para eu continuar trabalhando, esse é o ponto mais alto da minha profissão. Eu tenho orgulho de ensinar Libras e mostrar às pessoas que elas são capazes de conseguir o que elas querem, de se formar, se desenvolver, compreender os conteúdos e toda metodologia. (HPOX, entrevista em 09/05/2022)

A participante HPOX atua como professora surda concursada em uma escola, isso foi emocionante para ela, obteve uma grande vitória porque, de maneira geral, não se espera que uma pessoa surda seja capaz de ser aprovada num concurso nem que ensine Libras para crianças surdas na escola. HPOX é uma pessoa surda vencedora, ela trabalha com a educação e ajuda a salvar a vida de vários alunos surdos por meio de seu ensino. É interessante a maneira como ela vê o seu papel ao ensinar: “mostrar às pessoas que elas são capazes de conseguir o que querem”.

Na história de Lucas, ele demonstra orgulho pela sua formação como professor, passou e ainda passa por preconceito, mas ele não parou por causa disso:

Eu sou surdo e tenho formação em nível superior, sou professor e tenho muito orgulho disso porque foi uma luta muito grande, é uma conquista muito valiosa que eu tenho. Eu corri atrás do aprendizado e me esforcei bastante. Até hoje existe preconceito, a sociedade nunca aprendeu. (Lucas, entrevista em 23/04/2022)

O participante Lucas comentou que ainda existe preconceito na sociedade, ainda existem pessoas que não aprenderam sobre os surdos e tudo o que os envolve. O capacitismo ainda ocorre dentro de fora de casa, e essa é uma luta que os surdos têm que vencer dia após dia. Para Campbell, (2008b) o capacitismo está para as pessoas com deficiência assim como o racismo está para pessoas negras e o sexismo para as mulheres. O capacitismo pode ser associado com a produção de poder e se relaciona com uma ideia de padrão corporal e funcional perfeito, ou seja, uma idealização de eficiência de corpo e de produção a partir da lógica de produção capitalista, da produção para o lucro em detrimento da humanidade das pessoas.

Lucas rompeu barreiras e vencer quando se formou como professor, ele foi capaz de se desenvolver e sente muito orgulho disso. A sociedade precisa aprender a não ter preconceito com as pessoas surdas, elas lutam, elas são capazes e têm empoderamento que a luta delas e a lei as deu. É importante as pessoas surdas lutarem para estudar e conquistar um futuro contra o preconceito junto à inclusão na sociedade. A história de vida de Lucas foi de superação de barreiras e preconceitos, exerceu o seu direito e aprendeu muito enquanto estudava. A Lei da Inclusão garante: “Art. 27 - A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurado sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida.”

Na história de João, ele realizou o seu sonho de ser professor, que se tornou sua vocação e sua causa de luta, como ele mesmo narra:

Meu sonho era conseguir um bom trabalho e eu já conquistei, que é ser professor, esse era o meu sonho, minha vocação, eu me doeí fazendo esse trabalho de ensinar outros surdos. Hoje o surdo pode ser professor. Eu fico orgulhoso com a conquista dos surdos no Brasil e entusiasmado com o progresso que isso tem tomado. [João fala com a autora deste estudo]. Parabéns pelo seu mestrado, pelas conquistas e pelo esforço. Embora seja cansativo, nunca desista, seja corajosa, que Deus te abençoe. Você é muito inteligente, estou feliz e orgulhoso de você, que foi minha aluna, saudade. (João, entrevista em 25/04/2022)

João foi um dos primeiros professores surdos no Distrito Federal e lutou pelo serviço público na Secretaria de Educação. Uma de suas vitórias foi tornar-se professor surdo, mostrando ser capaz e lutando pelo que ele acredita ser sua vocação. Como ele mesmo se refere a mim durante a entrevista, desejando-me sucesso nesta pesquisa de mestrado da qual ele também participa, ele foi meu professor quando ainda estudava em um instituto para surdos em Brasília. É interessante mostrar como a coletividade permeia em todo o tempo as escolhas profissionais dos participantes deste estudo ao se tornarem professores. A história de vida de João mostra que ele não escolheu ser professor só porque a maioria dos surdos tendem a ir para essa área, mas porque ele viu nessa profissão a sua vocação. Poder crescer pessoal e profissionalmente e se identificar com a profissão de professor é algo extraordinário, fazer o que se gosta, isso faz toda luta valer a pena. Garcia, Hypólito e Vieira (2005, p. 54-55) trazem uma definição da identidade do professor que, a meu ver, vem a somar com essa ideia de tornar-se professor surdo:

Uma construção social marcada por múltiplos fatores que interagem entre si, resultando numa série de representações que os docentes fazem de si mesmos e de suas funções, estabelecendo, consciente ou inconscientemente, negociações das quais certamente fazem parte de suas histórias de vida, suas condições concretas de trabalho, o imaginário recorrente acerca dessa profissão.

A participante Drika, ao falar de sua vitória ao se formar como uma professora surda, refere-se a como essa profissão é algo que lhe permite ajudar outros e continuar a luta surda pela garantia dos direitos da comunidade surda:

Muitos me chamam de muda e incapaz. Quando criança, eu me sentia muito mal com isso, mas, quando cresci, eu ignorei e me mantive firme. Eu tenho coragem e capacidade de fazer tudo. Ainda existem preconceitos sim, dentro e fora da escola. Também existem pessoas que têm preconceito com a Libras, mas essa é a língua dos surdos. Eu apoio que haja mais vagas para professores surdos. Tem muitos surdos que já estão formados, são mestres, e já podem entrar em vagas de ensino superior e mostrarem que surdos são capazes e iguais aos ouvintes, temos que nos igualar. (Drika, entrevista em 2/04/2022)

Drika, atualmente, é formada como professora e ensina crianças surdas como uma educadora de Libras. Essa língua tem que ser valorizada, é preciso ver que ela é oficial e é tão importante para os surdos quanto a língua oral é para os ouvintes. Uma mulher surda empoderada promove a comunidade surda e também a sua língua. O apoio de Drika às vagas

para os professores surdos é essencial, pois incentiva outras pessoas surdas a também lutarem por igualdade. Os professores surdos, por serem surdos, devem ter prioridade ao ensino da própria língua a outros surdos, eles são capazes de trabalhar com a educação e de ter o seu espaço reconhecido, pois têm esse direito.

Drika já trabalha como servidora pública na educação básica há um certo tempo, dando aulas na escola de crianças surdas. A sociedade ainda permanece com muito preconceito com a Libras, com as pessoas surdas, mas os surdos já têm mostrado sua excelência e relevância em sua atuação porque já se desenvolveram em várias áreas. Por exemplo, como líderes do movimento surdo, como professores surdos, presidente de associação de surdos, servidores públicos, dentre outras ocupações.

A participante Elizabeth também atua na área da educação para alunos surdos e relata a maneira como se dá seu encontro com os pais e mães de seus alunos, que ficam surpresos ao verem que ela é uma professora surda:

Eu dou aconselhamentos para que aceitem os surdos ou qualquer outra pessoa com deficiência, pois todos temos capacidades iguais, todos somos capazes. E, também, dentro do meu trabalho, os familiares dos meus alunos sempre me procuram, vêm à minha sala e me perguntam se eu sou a professora, eu respondo que sim e começamos a conversar. Logo percebem que eu sou surda e eles ficam impressionados, começam a me questionar: Como você pode ser professora e surda!? E mostro a eles que sim, sou a professora e surda, eles ficam de boca aberta, se emocionam e alguns até choram. Depois me perguntam se o filho deles é capaz de ser igual a mim no futuro e respondo que sim, seu filho é perfeitamente capaz, igual a mim, e no futuro pode ser um profissional e ter um trabalho. Eu percebo que a mente da família muda, ela se abre e passa a perceber que os surdos também são capazes, pois veem isso em mim, eu, tão jovem e já sou professora. (Elizabeth, entrevista em 28/04/2022)

A presença de Elizabeth na sala de aula é motivo de esperança para outras famílias, que podem romper com preconceitos a respeito das pessoas surdas e de suas possibilidades futuras. Nesse sentido, entender os caminhos pelos quais passam professores surdos no Distrito Federal pode ser um ato de esperança no sentido freireano (FREIRE, 1992): esperar não como quem espera, mas como quem acredita em possibilidades e trabalha, luta, se envolve e se engaja a fim de tornar as possibilidades realidades.

Assim como mostram os relatos anteriores, a luta dos surdos se dá em meio ao descrédito e ao preconceito. Além das barreiras que existem na comunicação e no processo de construir

significado com pessoas ouvintes, há, muitas vezes ainda mais intransponível, a barreira do preconceito, de receber, como relata Valícia, palavras como “não achavam que eu venceria na vida”:

Minha família nunca achou que eu venceria na vida, minha mãe e meu pai me viram vencer, eu me esforcei e mostrei que sou forte, não esperei me reconhecerem, eu passei por várias jornadas, não foi fácil e, atualmente, minha mãe disse: Nossa, você trabalha em três empregos como professora! Eu sou corajosa, eu precisei trabalhar para que houvesse mais empatia nas minhas relações, eu fui em busca de aprender mais, minha mãe viu, falei com ela que eu iria fazer mestrado e minha mãe disse: Nossa, que coragem! Eu decidi me esforçar e ir à luta, eu tive filho e isso não me parou, eu não posso parar de lutar e minha mãe está calada. O problema é eu sou a única que se formou, meu irmão parou na 2ª série e minha irmã também parou também na 2ª série, cadê a faculdade? Só eu já fiz pós-graduação, todos não acreditaram na minha vida, por isso, eu vou continuar a lutar pela minha vida, focando na minha área profissional como professora. Minha família me falou que nunca viu na vida uma professora surda no Brasil, eu falei para minha mãe que existem outros professores surdos que são muito especiais e importantes no Brasil. Nossa, que emoção isso me dá! (Valícia, entrevista em 25/04/2022)

É importante, a meu ver, não entender a luta das pessoas surdas, por conquistas tais como profissão, formação, cursos, salários mais altos, como uma questão apenas de provarem suas capacidades diante de uma sociedade incrédula e preconceituosa. Os sentidos dessa luta vão muito além de revidar discursos de reprovação que circulam na sociedade. Seus sentidos estão no próprio desejo de produção e criação, da parte das pessoas surdas no âmbito da sociedade como um todo, que vão sendo construídos a partir das comunidades surdas e das lutas e conquistas que acontecem no decorrer da história. Quanto mais lutas, mais desejos de vitórias; quanto mais vitórias, mais desejos de luta e superação; desejo de igualdade. Desejo de identidade, pois as pessoas surdas são potências, assim como todas as outras pessoas no universo. Valícia mostrou por meio da sua profissão, como professora surda, que uma pessoa surda é capaz de trabalhar, de ter um currículo, de promover a construção da aprendizagem junto com outros surdos. Segundo ela, sua luta foi também para que as pessoas tivessem “mais empatia nas relações com surdos”. Valícia também lutou e se esforçou para ser uma professora surda valorizada, que ensina Libras para que no futuro haja mais acessibilidade a outros surdos. Como afirma Nóvoa (1992, p. 54), a luta docente é importante, pois “o esforço gera uma reorganização de ideias por meio do questionamento crítico em busca da igualdade pessoal, isso mostra importância em se empossar, empoderar uma pessoa e permitir que viva sua própria experiência”.

No Brasil, há muitos professores que são surdos e isso é importante ser relatado. A maior parte dos professores surdos se caracteriza por ter como foco profissional o ensino da Libras tanto como L1 quanto como L2 e também a educação para surdos. A luta da vida dos professores surdos mostra empoderamento, percebe-se que muitos se esforçaram e se tornaram professores surdos, mestres e doutores. De acordo com Quadros e Stumpf (2018, p. 21), esse é “um momento histórico marcado, ao mesmo tempo, pelo ingresso expressivo de professores surdos, mestres e doutores nas universidades e a vivência das mudanças sociais.” Os professores surdos têm um papel relevante como docentes surdos e o seu empoderamento tem permitido que muitos surdos conquistem o direito da formação linguística em Libras, são competentes e têm habilidade como profissionais, trazem enfoques sobre diversidade sociocultural e podem ensinar a Libras como L1 e L2. Os professores surdos podem lidar normalmente com alunos surdos e/ou não-surdos, por isso, é necessário ouvir ao que diz Valícia: “ter empatia nas relações com surdos”.

4.7. O porquê da escolha da profissão docente

Eis-nos de novo face à pessoa e ao profissional, ao ser e ao ensinar. Aqui estamos. Nós e a profissão. E as opções que cada um de nós tem de fazer como professor, as quais cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvendam a nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser. É impossível separar o eu profissional do eu pessoal. (NÓVOA, 1995, p. 17)

De acordo com Goodson (1995), as histórias de vida de professores são importantes porque elas operam diretamente em sua formação. Por essa razão, este trabalho objetiva dar espaço para histórias de vida de professores surdos a fim de se tornar inspiração para a área de formação de professores, dando a conhecer um pouco das histórias por que passam alguns professores surdos e, assim, fortalecer-se ainda mais à medida que entende as dificuldades, os sofrimentos e também as conquistas e vitórias que estão igualmente presentes nessa história. Dessa maneira, esta seção do trabalho dá espaço para entender por que os participantes desta pesquisa decidiram se tornar professores.

Na história de Huet, ele escolheu primeiro ser professor da educação básica para alunos surdos, mas, atualmente, é professor de Libras na educação superior para alunos ouvintes:

Fui evoluindo, ao longo do tempo, esse desejo de ser professor até que me formei em pedagogia. Na faculdade, durante os 4 anos que eu cursei, tinha o entendimento de que

eu seria um bom professor e essa seria minha profissão, que eu me formaria e trabalharia com crianças da 1ª à 4ª série. Eu passei no contrato temporário e trabalhei com crianças numa escola em Brazlândia, no ensino fundamental I, depois eu refleti se poderia ser professor universitário. Então, eu fui buscar isso e lutei para me tornar um professor universitário e, com isso, consegui ser professor substituto em 2010, fui o primeiro professor substituto surdo do DF. Depois que me formei em Letras-Libras, prestei o concurso para a universidade federal, fiz a prova e fui aprovado. Larguei a Secretaria de Educação e descobri que eu tinha um dom para ser um professor universitário, tinha perfil para ser professor de Libras. Na pedagogia, quando trabalhei em Brazlândia, eu me colocava no lugar daquelas crianças, então, eu percebia que elas tinham dificuldade e não existia Libras. Eu que ensinava alguns sinais para elas, eu tive empatia, mas existia um sofrimento igual no tempo de quando eu era criança, mas eu vi que poderia colaborar e apagar essas lembranças de sofrimento, que eu tinha ajudando aquelas crianças naquele momento. Na minha família, não existem mestres e doutores também, apenas eu, surdo, sou o único com essa titulação. Tenho formação em Magistério, Pedagogia, Letras-Libras, tenho especialização, mestrado e doutorado em Libras. Na minha fase acadêmica, eu escolhi ser professor de Libras porque eu me identifico e logo me apropriei do pensamento de que seria professor no futuro, ensinando por meio da língua de sinais, e isso me fez projetar um modelo de professor. Eu trabalho na universidade dando aulas de Libras. Nas minhas aulas, não conto com a participação de intérpretes de Libras e, com isso, tenho contato direto com os alunos ouvintes, e não há preocupação nisso porque eu tenho uma metodologia, estratégias, materiais, por exemplo: apresentação em Powerpoint para trabalhar as questões visuais. E, nas aulas de Libras, eles devem se esforçar e, se houvesse a participação de intérpretes traduzindo as minhas falas, eles se acomodariam. Então, voltando ao meu começo com as crianças, eu era professor no contexto de educação infantil, era triste ver as crianças ouvintes excluírem as crianças surdas, e eu fazia apoio pedagógico, parece que o tempo ia passando, fui fazendo esse trabalho e comecei a gostar. Eu trabalhei com contação de histórias para surdos e percebi que as crianças surdas ficavam caladas, retraídas, de cabeça baixa, observando e eu percebi que era a mesma situação nas aulas com os professores ouvintes. Comecei a trazer desenhos para ajudar na aplicação da metodologia, coleí esses desenhos no quadro e conteí a história em Libras e as crianças começaram a visualizar aqueles desenhos e a internalizar a Libras. Depois que eu fui para a universidade, onde eu trabalhava lecionando ouvintes, eu percebia que os alunos ficavam nervosos. Fui me adaptando a essa nova realidade e pude constatar que a metodologia para ensinar Libras para crianças e para adultos era diferente, exigia uma performance e uma didática diferente, existia também as diferenças entre os públicos, mas logo me acostumei com a situação. (Huet, entrevista em 22/04/2022)

Assim como acontece muito tradicionalmente, Huet iniciou sua trajetória docente com o trabalho com crianças na educação básica. É interessante notar em seu relato que seu olhar sobre as crianças não estava dissociado da criança e do aluno que ele mesmo foi um dia, sendo surdo em uma escola com ouvintes que o excluíam. Nesse sentido, Huet também menciona o termo “empatia”, mas desta vez é ele quem demonstra empatia para com seus alunos, que ele via passar por sofrimentos parecidos com os seus. É interessante notar que professores surdos, em função de suas trajetórias de enfrentamento ao preconceito capacitista e ouvintista, são sensíveis para olharem para seus alunos e entenderem suas necessidades – é uma experiência que nos forma.

Huet teve a atitude e a sabedoria de adaptar seu ensino em sala de aula tanto para crianças surdas na escola no ensino da Libras como L1 quanto para alunos adultos como L2. Sua experiência na área de pedagogia ajudou as crianças surdas a entenderem por meio da visualização e em sua experiência como professor universitário, já formado em Letras-Libras, usa outra metodologia no ensino da L2 para alunos ouvintes com auxílio de outras tecnologias. Isso é ser professor: pegar suas experiências e adaptar metodologias para que haja o melhor aprendizado para cada realidade.

Considero importante que se compreenda o desenvolvimento do professor e do currículo e, para desenhar este último de modo adequado, necessitamos de saber muito mais sobre as prioridades dos professores. Em suma, precisamos de saber mais sobre as vidas dos professores. (GOODSON, 1995, p.66)

Fatinha, assim como já comentado anteriormente, também mostra sua escolha pela profissão docente que começa com o magistério, com o trabalho com a educação básica. Posteriormente, ela desenvolve o trabalho para outros níveis e áreas, como o ensino superior:

No magistério, eu consegui ter um conhecimento muito maior e aprendi como é uma metodologia de ensino aos surdos, foi o que mais me marcou no magistério e também estagiei lá, eu estava com a cabeça fechada para aprender novas coisas, mas uma professora me influenciou e hoje estou formada graças àquela professora. Eu aceitei o trabalho por causa da época do magistério e aprendi como educar crianças. Depois, fiz curso para me tornar professora de curso superior e, hoje, minha formação me gera conhecimento e posso passá-lo adiante. Eu faço cursos sim, estou indo para outros caminhos, mas sempre gostei de lecionar Libras. Minha área é forense, mas minha formação é em Libras porque também tenho esse dom. Se eu não fizesse magistério, eu não saberia ensinar. Mas, na faculdade, eu sabia ensinar, mas aprendi a teoria da linguística da língua de sinais. Hoje, eu, como surda, sou ensinada e também ensino para aumentar o conhecimento de outros surdos. (Fatinha, entrevista em 21/04/2022)

No caso de Alberico, ele relata que sua escolha tem a ver com sua identidade: ver em si alguém com o potencial de ensinar melhor a pessoas surdas por saber o que é ser surdo, como ele mesmo relata no trecho a seguir:

Eu percebia que a maioria dos professores de Libras eram ouvintes e eles não dominavam a língua. Com isso, surgiu a minha vontade de aprender para ensinar de uma forma melhor. Eu consegui aprender, mas eu precisava ter estratégias para ensinar, porque não tinha um dom para isso. Eu persisti, fui atrás e, com apoio de outros surdos,

eu consegui. A minha ex-esposa é professora, então, eu perguntava, tinha curiosidade em saber como era e, quando ela me contava, eu ficava maravilhado com aquilo e eram muito bons os relatos que eu via. Então, eu decidi focar no futuro, essa era a minha motivação. E aí o conhecimento que eu tinha da situação e da necessidade me manteve firme para permanecer com essa responsabilidade. Eu quis ser professor por conta dessa preocupação. Eu me formei como professor na Universidade de Brasília (UnB), tive um pouco de dificuldade quando eu comecei, eu não tinha nenhuma experiência na área, antes eu trabalhei em algumas empresas, mas, quando fui dar aula, tive algumas dificuldades, vi que era algo muito sério. Eu nunca lecionei em outras disciplinas, somente o básico de Libras, e nunca tive a experiência de ensinar outras áreas. Existem vários cursos, vários segmentos, por exemplo, enfermagem, medicina, direito, é uma universidade, não é? Mas eu dou aula ensinando Libras e é onde eu trabalho. (Alberico, entrevista em 06/05/2022)

Alberico percebeu que é importante que o surdo ocupe o seu lugar na formação de professores e no campo da docência, assim como fazem os ouvintes. Como a Libras é a língua dos surdos, pessoas surdas podem fazer um bom trabalho ao ensiná-la. É interessante notar a busca de Alberico por formação – ele não reconhece em si um dom natural apenas pelo fato de ser surdo. Ser surdo lhe faz ver em si alguém com o potencial de participar dessa profissão e fazer diferença nela. Ainda assim, não o torna naturalmente preparado para essa função. Por isso ele relata esforçar-se para se formar, para “aprender a ensinar de uma forma melhor”. Essa é uma discussão importante, pois ser surdo e ter Libras como L1 significa necessariamente estar naturalmente preparado para ensinar essa língua? Como mostram os relatos dos participantes, a resposta é: não necessariamente. Ser professor surdo é ter uma sensibilidade e uma abertura, sim, para as vivências por que passam alunos surdos. Entretanto, ainda assim, ser professor surdo é carecer de formação de qualidade e de reflexão e ação para a construção de um ensino relevante (FREIRE, 1992).

Ainda que Alberico não tivesse “o dom”, a necessidade de ter mais professores surdos foi maior, então ele tomou uma atitude admirável, que muitos surdos que se preocupam com isso deveriam fazer, mas não fazem. Se não tiver interesse em ser professor, ao menos incentivar e lutar para que haja uma melhor educação para surdos já ajudaria bastante. Segundo Quadros e Stumpf (2018, p. 33), “Os espaços do mercado de trabalho são disputados entre surdos e ouvintes que aprenderam a Libras, pois estes começam a ocupar posições que poderiam (deveriam) ser ocupadas pelos surdos. Um dos grandes desafios envolve a discussão sobre a quem pertence a Libras”. A meu ver, é válido ressaltar que os surdos, que possuem a língua de sinais como L1, deveriam ter prioridade diante da oportunidade de ser professor de Libras. O surdo tem experiência linguístico-visual e fazem parte da comunidade e da cultura surda,

podendo ser professores surdos e formar outros professores surdos. Obviamente, não estamos falando aqui de uma profissão sem formação, pois professores surdos, como já dito anteriormente, precisam de formação docente de qualidade nas áreas específicas para as quais vão se formar. Como afirma Freire (1991, p. 58), “Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática”.

Na história de vida de Roberta, ela relata que escolheu ser professora surda para mostrar à sua família o seu potencial e também poder ser referência como professora surda no ensino-aprendizagem de alunos surdos, como mostra o trecho a seguir:

E eu pensei e decidi ser professora porque antes não tinham surdos na família. Minha vontade era trilhar outro caminho na vida, mas isso foi determinante para eu ser professora de alunos surdos e ensinar Libras, transmitindo a identidade e cultura surda e interagindo com eles. Meus alunos me viam como referência para o seu aprendizado e foi importante poder ensinar os alunos, é isso. Comecei no magistério, os professores que me ajudaram por cinco anos nos níveis básico, médio e avançado e depois me formei para atuar como professora. Eu me lembro que no início escolhi ensinar para crianças da 1ª série, quis experimentar como é ensinar crianças desse nível, eu ensinei Libras, não Português, mas eu acabei oficialmente ensinando Libras, matemática e informática. Eu lembro que a formação foi de 180 horas para ensinar métodos, diálogos em Libras para alunos ouvintes para a inclusão de intérpretes de Libras e até hoje atuo como professora de Libras. Eu agradeço aos professores que me desafiaram a aprender mais e me permitiram me formar e ser professora hoje. Foram esses desafios que me marcaram no magistério. (Roberta, entrevista em 09/05/2022)

Um ponto interessante do relato de Roberta também foi que ela agradeceu aos professores que a incentivaram quanto ao ensino da Libras, e isso leva a reflexão do quão essencial é o papel do educador na vida do aluno e também o quão significativo é que um professor surdo ensine outros surdos em sua L1. A experiência de ver surdos em posições importantes, como a de quem ensina outros, é fonte de inspiração para a construção de sonhos e desejos futuros. Além disso, Roberta também menciona em seu relato a respeito do papel do professor surdo ao ensinar outro surdo, sabendo dos sentidos da língua de sinais como L1 e da cultura surda naquela sociedade. De acordo com Rebouças (2009, p. 74), “o profissional surdo é o que há de melhor para o ensino da Libras. Os surdos em todo mundo sabem do fato incontestável da experiência visual como fator importante de fluência comunicativa e identidade.”

Em seus relatos, Chris Souza conta como se encontrou com a profissão docente a partir da escolha por fazer o curso de Letras Libras na universidade. Tendo sido aprovada no vestibular, ela, a partir daí, pôde entrar em contato com a docência e se “apaixonar” por ensinar, como ela mesma relato no trecho a seguir:

Eu me formei em 2010 como professora de Libras e tenho experiência na área acadêmica, mas estou experimentando novos caminhos atualmente. Na minha época, não tinha computador, eu tinha contato com surdos e meu primo disse: Chris Souza, vai abrir uma vaga para o curso de Libras, você sabe essa língua e poderia aproveitar. Então, eu fui na lan house fazer inscrição. Quando cheguei lá, descobri que era o vestibular da UnB, depois fiz a prova e passei. Eu fiquei surpresa, não imaginava que iria passar. E, graças a Deus, eu passei e recebi muitos desafios de outros professores surdos. Esses desafios elevaram a minha autoestima, porque mostraram a minha capacidade e sou apaixonada por ensinar. Eu sou professora e tenho familiares professores também. Fiz estágio de Libras na faculdade, e comecei a ter experiências em cursos de verão e tinham muitos alunos que se inscreveram em minha aula. Então fui seguindo o passo a passo. Não fui 100%, aprendo todos os dias. Eu me formei em Libras na UnB já com um novo decreto. (Chris Souza, entrevista em 22/04/2022)

Os professores surdos que desafiam outros surdos a terem um futuro, uma formação, fazem, a meu ver, algo muito valioso porque proporcionam mais “desafios”, como relata Chris Souza, e o impulsiona a seguir adiante. A Libras é importante, pois promove a salvação das sociedades surdas e, quando os professores ensinam os seus alunos em sala de aula, a relação entre professores e alunos gera influência para que os alunos se profissionalizem no futuro e, quem sabe, também se tornem professores, seguindo sua vocação, e desafiando outros futuros alunos também.

A prioridade dos surdos nos cursos de formação de professores de Libras para todos os níveis de ensino é uma grande conquista dos surdos brasileiros. A formação de professores surdos para o ensino da Libras amplia o mercado de trabalho para as pessoas surdas, admitindo que elas possam ensinar a ouvintes. Os alunos surdos também serão muito beneficiados ao interagir com docentes surdos titulados, capazes de transmitir conhecimentos numa língua de expressão comum. (REBOUÇAS, 2009, p. 72)

O primeiro curso de graduação de Letras-Libras na universidade brasileira ocorreu em 2006, oferecendo a oportunidade de formação para professores surdos em Libras, por isso, a história de vida de Chris Souza mostra uma grande conquista: ela fez parte dessa história, tornou-se professora surda de língua de sinais e hoje oferece essa oportunidade aos seus alunos.

Os relatos de Nego sobre sua escolha pela profissão docente também mostram um início a partir do magistério, movido pela percepção de que faltavam professores que soubessem Libras. A meu ver, talvez sua percepção também tivesse relação com a falta de professores que entendam o que é ser um estudante surdo, o que é viver como surdo em uma escola de ouvintes e de exclusão, como ele relata no trecho a seguir:

Há algum tempo, quando eu estava no ensino médio, senti que faltava uma área de conhecimento específico para Surdos porque os professores não sabiam a Libras, então, decidi cursar o magistério, que tinha duração de 4 anos, logo que formei, quis experimentar a profissão de professor e durante a atuação eu gostei bastante. O processo de ensinar Libras para as crianças é uma das lembranças que mais me marcaram, isso foi quando eu passei no concurso da prefeitura, ao trabalhar, vi que eu tinha o perfil para docência. Eu comecei a trabalhar em um contrato no governo aqui de Brasília, numa escola de Brazlândia, ensinando crianças da 1ª à 4ª série, e continuei nesse processo. Apesar de ter toda uma bagagem de conhecimento, a minha família não tem nenhum professor, eu sou o único docente no meu contexto familiar. Eu agradeço aos professores Surdos e Não-Surdos que me ensinaram a ser uma pessoa esforçada e tentar a cada momento ser melhor, além disso, eles também contribuíram para melhorar minha profissionalização e minhas práticas de ensino para que os Surdos pudessem progredir. Fui aprovado no concurso da universidade, mas a teoria passou a ser um requisito das expressões usadas no contexto. Eu sentia um nervosismo, mas, com o passar do tempo, eu me acostumei. A prática ajudou no aprimoramento da minha experiência e isso me deixou feliz, isso me tornou mais íntimo dos meus alunos e eu amo. E eu tive uma boa experiência com um amigo de infância, que é professor, ele me ajudou, teve empatia quando cursamos o magistério juntos, ele já era experiente e eu pedi que me ajudasse e ele me orientou a fazer a inscrição para instrutor na secretaria de educação porque os Surdos tinham problemas com os métodos orais e que era importante o ensino da Libras. (Nego, entrevista em 09/05/2022)

Segundo Albres (2016, p.171), “os saberes experienciais possuem a especificidade de serem marcados tanto pela prática profissional atuando na docência como pela experiência como acadêmicos, e ainda como alunos da educação básica”. Muito interessante no relato de Nego é o fato de ele, assim como outros participantes, mencionar a escolha da profissão a fim de participar da vida de outros surdos, da formação de outros surdos. Como afirma: “melhorar minha profissionalização e minhas práticas de ensino para que os surdos pudessem progredir” parece estar em seus objetivos de formação e de escolha profissional. Nesse sentido, podemos discutir: que diferença faz para a área de formação de professores surdos entrar em contato com as histórias de professores surdos? As respostas podem ser várias, inclusive indo para além do espaço deste trabalho. Entretanto, considero importante apontar a diferença que faz quando a formação de professores surdos não dá espaço para as histórias de professores surdos: perde-se a

oportunidade de ganhar sentido humanizado para tudo o que se faz nessa área. Perde-se a oportunidade de entender o movimento surdo para além dos decretos e das leis. Perde-se a oportunidade de entender o que a sociedade ouvinte pode se tornar quando reconhecer a riqueza da diversidade da cultura surda que vive entre ela.

O participante Lucas contou que, quando se inscreveu e foi aprovado na universidade para ser professor, ele já sonhava com a educação de crianças surdas. O participante relatou:

Foi o primeiro curso que eu fiz, assim que a universidade abriu vagas para a graduação em Libras, eu me inscrevi e já fui aprovado. Estudei bastante até conseguir me formar porque o meu sonho era ensinar crianças. Lembro-me de uma criança surda excluída no passado e esse foi esse motivo de eu ter internalizado esse sonho. Eu queria ajudar os surdos a se desenvolverem para que eles tivessem acesso ao conhecimento e escolhessem a área de vocação e procurassem uma formação superior, é como um dom que eles precisam cultivar. Quero ver os surdos se desenvolverem e criarem autonomia. Ser professor de Libras é acessar vários lugares ao mesmo tempo, é algo maravilhoso. Eu acho que é um ato de amor ser professor. (Lucas, entrevista em 23/04/2022)

A história de vida de Lucas, em sua formação como professor, destaca o ato de amor em sua profissão em poder ver os surdos se desenvolverem, aprenderem e terem autonomia a partir de uma educação que respeite e considere suas especificidades e características, não as vendo como deficientes a partir do padrão capacitista e ouvintista. Quando as crianças surdas sofrem com a exclusão, professores com uma formação sensível para a identidade e a cultura surda podem ser fundamentais para a superação dos preconceitos e das barreiras que impedem todos os tipos de desenvolvimento pessoal, interpessoal, cognitivo e, posteriormente, profissional. Também é importante destacar, no relato da escolha profissional de Lucas, o que o moveu a ser professor: “Lembro-me de uma criança surda excluída no passado e esse foi o motivo de eu ter internalizado esse sonho”. Seria essa criança ele mesmo? Estaria ele sendo movido por sua própria história, como relatam também outros participantes?

O participante João relata que sempre quis ser professor, mas teve várias barreiras, desde o vestibular e seu ingresso na universidade até conseguir alcançar sua formação como professor em prol de atender à educação para os alunos surdos. O trecho a seguir apresenta seu relato:

Prestei em seguida, alguns vestibulares e de nada adiantou, não tinham intérpretes de Libras naqueles tempos. Na UnB, não tinha ensino remoto, apenas presencial, e eu não dei continuidade porque precisava fazer redação e eu precisava ter um profissional me

acompanhando para que o meu direito de surdo fosse assegurado, mas as provas eram em língua portuguesa e não passei, tentei várias vezes e não obtive êxito. Então consegui passar no vestibular do CEUB. Logo que eu ingressei, existiam várias barreiras e eu não tinha apoio, isso foi me gerando uma preocupação. Eu tinha bastante dificuldade nas disciplinas, alguns alunos me acompanhavam, e me davam um suporte. Não existiam outros surdos, apenas eu. Depois, com aprovação da lei, surgiram os intérpretes, a difusão da Libras. Então, consegui me formar e, em seguida, passei no concurso como professor na Secretaria de Educação, eu já estava formado e tinha práticas de ensino feitas por meio de um estágio numa escola. Eu quis ser professor porque eu sou surdo e eu queria atender alunos surdos iguais a mim, eu tinha vontade de ajudá-los, queria saber se meus alunos estavam entendendo matemática, o que eles estavam sentindo e então eu desenvolvi essa vocação. Eu tinha muita afinidade pela língua de sinais, eu precisava ajudar meus alunos, criando um processo de interação com eles e um processo com a Libras, então, eu desenvolvi essa vontade e amei isso. Eu orientava, aconselhava, dava dicas, eu amei e comecei a me orgulhar da profissão de professor. Primeiro, tive o contato com os surdos e, depois que eu me tornei professor, eu acabei virando um modelo, alguns dos alunos que eu ajudei hoje também atuam como profissionais da educação. Eu fiquei muito feliz depois que alguns surdos me procuraram e falaram que eu fui uma referência como professor para eles. (João, entrevista em 25/04/2022)

Os relatos de João mostram seu esforço e luta numa realidade totalmente contrária aos surdos: sem apoio, principalmente no começo da jornada, passou por muitas dificuldades por conta da língua portuguesa, mas conseguiu e hoje é uma referência como professor para seus alunos. João, como outros participantes também relatam, mostra exercer na profissão de educador “um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais”, conforme descreve Tardif (2010, p. 36) a respeito do que constitui o fazer pedagógico do professor.

Segundo Quadros (2019, p.176), “é fundamental manter a presença de professores surdos durante os anos escolares que incluem alunos surdos.” Onde há um aluno surdo deveria ter pelo menos um professor surdo. O papel principal dos docentes surdos é atender à educação surda e fazer planejamentos com métodos que usam língua de sinais na educação de surdos, seja na escola para crianças surdas ou em outros lugares.

Drika, durante a entrevista, contou como foi sua escolha profissional e como é trabalhar como professora de crianças surdas e com suas famílias ouvintes. A participante relatou:

Antigamente, tinha o sonho de ser policial, era um sonho inocente e não sabia que era proibido para surdos. Então, aos 15 anos, tive vontade de ser professora para ajudar outras crianças surdas. Antes dos 15, eu não sabia da existência da Libras, achei que o

ensino era somente oralizado. Aos 18, passei na prova, eu senti que queria ser professora de surdos, meu sonho era esse e não queria que as crianças surdas sofressem o mesmo passado que eu sofri. Eu queria que as crianças surdas fossem diferentes, que elas aceitassem a identidade surda, fossem protagonistas da própria história e referenciais. Meu sonho era ser professora de crianças surdas, não é fácil, ser professor tem a função e o perfil específicos. Geralmente cada professor tem um dom, eu tenho o dom de ser professora sim, mas a minha preocupação era que o professor tem que ter responsabilidade, preparação, metodologia, flexibilidade. Quero que as crianças surdas aprendam de verdade, ou então para que eu sou uma professora surda? Para mim, foi difícil porque, quando entrei na faculdade, a maioria dos professores apenas oralizavam. Eles falavam mais sobre ensino aos ouvintes e não falavam sobre ensino às pessoas com deficiência. Eu fingia imaginar que iria ensinar uma criança surda ao invés de ouvinte. Comecei a trabalhar com crianças surdas, ajudava na sinalização, mostrava os materiais didáticos. Quando entrei nesse trabalho, já comecei a ensinar Libras e também dava aulas para familiares de surdos até hoje. A minha história me ensinou que aprender com ouvintes e ter interação com eles me permitiu que eu aprendesse novos conhecimentos nos dias atuais. (Drika, entrevista em 26/04/2022)

Drika quis ser professora de crianças surdas, mas também teve a oportunidade de ensinar famílias ouvintes de alunos surdos, sempre em uma relação de apoiar e sustentar a luta surda, no desejo de que a criança surda “não sofressem o mesmo passado que eu sofri” e que “as crianças surdas fossem diferentes, que elas aceitassem a identidade surda, fossem protagonistas da própria história e referenciais”. Como também afirma Quadros (2019, p. 177, 178) a respeito de alunos surdos terem professores surdos,

Nesse espaço, os professores surdos desempenham um papel especial para os alunos surdos. Enquanto referência surda, eles passam a representar a comunidade surda e estabelecem uma relação de identidade com seus alunos. Professores surdos têm papel fundamental nas atividades com os familiares dos alunos surdos, como referência da comunidade surda. (...) O trabalho com as famílias ouvintes de alunos surdos exige um suporte institucional e precisa ser considerado de forma muito cuidadosa. Os pais precisam conhecer a comunidade surda. Assim, com professores considerados referência pela comunidade surda, começam a interagir e a aprender. (...) A presença de professores surdos na escola impacta nas representações tanto dos alunos quanto da comunidade escolar. Os adultos participam efetivamente das tomadas de decisões da escola e representam, de fato, a comunidade surda. Esses adultos apresentam uma compreensão da experiência surda.

Na história de Elizabeth, ela é vista como um modelo de professora para a família, ela é a única filha professora surda e ajuda os surdos, como ela relata no trecho a seguir:

Grande parte da minha família é professor. Sim, são muitos professores, mas eu sou a única que ensina surdos, crianças surdas, eu tenho muito interesse nessa área de ensinar

crianças, porque eu me preocupo muito com os surdos, e desejo no futuro vê-los formados no ensino médio e na faculdade. Eu desejo vê-los passando em concursos públicos, se profissionalizando em qualquer área. Eu desejo e me preocupo com isso, quero que os surdos se desenvolvam mais. Gosto muito de ensinar crianças surdas, eu tenho paixão por isso. Gosto de ensinar. Nós professores surdos precisamos ensinar todos porque futuramente seremos independentes. A sociedade precisa nos aceitar, e nós precisamos entrar nela toda. Professores surdos ensinando a todos, é o que desejo. (Elizabeth, entrevista em 28/04/2022)

Elizabeth teve interesse pela área de educação de surdos, tornando-se a única professora surda da família e buscando mostrar o quanto a educação surda importa, em uma relação mútua, para a Libras, a cultura e as relações sociais. Os professores surdos têm se mostrado cada vez mais essenciais para que as crianças possam aprender e desenvolver a língua de sinais. Segundo Quadros (2019, p. 176), “a escola é o espaço no qual as crianças adquirem a Libras como L1, o espaço onde as crianças vão ter seus primeiros contatos e interações nos anos escolares com representantes da comunidade surda. Assim, os professores surdos desempenham um papel fundamental para concretizar relações constituidoras das crianças ao longo de seu desenvolvimento linguístico e sociocultural.”

As participantes Drika e Elizabeth destacam, por meio de suas histórias, a relevância da educação de professores surdos para crianças surdas. Com base em Skliar (1997) e Quadros (1997:1999), as crianças surdas precisam ter, cada vez mais, a oportunidade de adquirirem a língua de sinais, terem contato com a cultura surda e a comunidade surda e conviverem com outros surdos. Além disso, a escola bilíngue oferece a educação por meio de professores surdos, modelos para os alunos surdos, assim, elas têm acesso a amplo desenvolvimento linguístico, identitário, cultural, social.

“A formação de professores de Libras está inscrita em questões sociais e políticas mais amplas, implicando comunidades surdas compreendidas atualmente como minoria linguística, implicando a ideologia que envolve os grupos que se subscrevem a essa minoria linguística”, segundo Albres (2016, p. 240). A educação para surdos é o que significam essas questões sociais e políticas mais amplas, pois a formação de professores surdos amplia o universo educacional para além do mundo ouvinte, promovendo a aquisição linguística por meio da educação bilíngue, incluindo-a também no ensino superior, desenvolvendo a profissão de educador e o próprio ensino da Libras nos mais diversos ambientes. É por isso que os surdos precisam do ensino da Libras e, principalmente precisa a Libras, aprender com outros surdos para poderem ensiná-la também, e isso é necessário para formarem sua identidade surda, a qual é construída pelo contato

surdo-surdo e pela experiência linguística que a própria língua de sinais proporciona e, com isso, ter sempre materiais visual-espaciais para auxiliarem na aprendizagem em sala de aula. Ser professor é decidir mudar a vida dos alunos e das famílias, é ser um profissional que aceitou aprender todos os dias e trocar experiências e ser professor surdo, além disso, é também lutar pela Libras e educação bilíngue diariamente.

4.8. Sonhos e futuro

Segundo Roosevelt (s.d.), “o futuro pertence àqueles que acreditam na beleza de seus sonhos” e, com base nisso, foi analisado o que os participantes surdos têm como sonhos e desejos para o futuro. Sonhos são desejos, emoções ocultas. Sonhar é acreditar, é pensar no futuro, pois o sonho pode se realizar no futuro. Sonhar significa ser grato, porque sonho nunca se afasta, é qualidade de generosidade; é ser positivo, é pensar em coisas boas para o futuro. Quando se sonha no presente, espera-se grandes mudanças na vida, no presente e no futuro. Sonhar representa boas novas e novidades para a vida, também é projetar novos caminhos e declarar no presente que isso chegará no futuro.

Os participantes surdos relatam sonhos e desejos, principalmente no futuro profissional, em relação à garantia de acessibilidade, às lutas pela igualdade, políticas, escola bilíngue, universidade, às possibilidades de concurso público para pessoas surdas, posições e oferta de trabalho, melhores oportunidades para as comunidades surdas e continuidade e fortalecimento das demais lutas a favor dos surdos. Os relatos também mostram desejos por igualdade com os ouvintes, por quebrar o preconceito e acabar com o capacitismo. Esta seção, portanto, abre espaço para a maneira como sonhos e desejos futuros aparecem nos relatos das histórias de vida dos participantes desta pesquisa. A partir da análise dos sonhos que temos que podemos entender, ao menos em parte, as perspectivas de futuro e as esperanças que nos mantêm vivos. Esse é o sentido que constitui esta seção.

O participante relata a respeito de seus sonhos, como aparece no trecho a seguir:

Sobre meu sonho... Meu sonho maior é a respeito da política, eu internalizei isso, eu segui esse rumo e continuo a lutar em diversos lugares, onde eu consigo visualizar os problemas e me sensibilizar em conjunto com as outras lideranças surdas que eu tenho como modelo, nós incentivamos e buscamos a garantia de melhorias na comunidade surda. Eu me coloco no lugar das pessoas surdas, de suas lutas e vou em busca de ajudá-los. Antigamente, existia um tipo de sofrimento que hoje já foi alterado, que é a

questão da acessibilidade, do acesso que o surdo teve e foi por questão de empatia, e luto em busca de mais melhorias. (Huet, entrevista em 22/04/2022)

Muito interessante no relato de Huet é o fato de ele se mobilizar na luta pelos surdos ao conseguir, como ele afirma, “visualizar os problemas e se sensibilizar em conjunto com outras lideranças surdas”, o que coaduna com o que Pennycook (2001) chama de criticidade: a capacidade de enxergar e compreender os problemas sociais que habitam as diversas relações da vida social. Huet, portanto, é um professor que sonha a partir de um olhar crítico sobre o mundo. Ser crítico, segundo o mesmo autor, é muito importante para a educação, pois contribui para que ela não reproduza as injustiças e desigualdades da sociedade. Outra questão importante a ser notada a respeito dos sonhos de Huet diz respeito ao fator coletividade. Huet não parece ser um professor que sonha sozinho. Ele sonha com outros, compartilhando. A política surda é capaz de fazer propostas pelo direito das pessoas surdas na sociedade e desafia a comunidade surda a ser melhor.

De acordo com Strobel (2018, p. 118), “os povos surdos vivem e levantam desafios para nós, líderes das comunidades surdas, contribuímos para a mudança da visão histórica dos surdos. Então, o desafio para o povo surdo é construir uma nova história cultural, com o reconhecimento e o respeito das diferenças, valorização da língua, a emancipação dos sujeitos surdos de todas as formas de opressão ouvintistas e seu livre desenvolvimento espontâneo de identidade cultural!” A história de vida de Huet é marcada pelo sonho do desenvolvimento surdo, com mais acessibilidade. Sonhar é nunca deixar de lutar, o sonho faz um movimento bom e positivo. A luta oferece um caminho melhor, gera esperança em prol da comunidade surda.

O sonho de Fatinha é pela independência do centro de intérpretes de Libras e que todos os órgãos do governo ofereçam acessibilidade. A participante relatou:

Meu maior sonho é que todos órgãos do governo tenham acesso à Libras, pois nós não precisamos depender da Central de Intérpretes de Libras (CIL), é muita gente, acho isso uma perda de tempo. Eu desejo que cada órgão tenha seus próprios intérpretes de Libras, tudo acessível, tudo mais prático, com mais liberdade aos surdos. (Fatinha, entrevista em 21/04/2022)

Fatinha ressalta um ponto muito interessante, que diz respeito à independência do centro intérprete de libras, ou seja, que a Libras esteja acessível. É importante a sociedade perceber que há falta de acessibilidade para surdos nos órgãos do governo; se isso for feito, cada órgão terá seus próprios intérpretes de Libras, os surdos poderão ter mais autonomia. As pessoas surdas que são professores de língua de sinais podem ensinar Libras num curso, no ensino superior e nos

institutos federais e/ou em outros lugares. Com o estímulo do ensino da Libras, os órgãos públicos podem se desenvolver e ter mais intérpretes de Libras. A sociedade ouvinte que tem contato com a comunidade surda pode aprender e no futuro proporcionar mais intérpretes de Libras em todos os mais diversos lugares. Porém, o intérprete/tradutor de Libras precisa ter formação e habilidade em Libras, ele precisa adquirir experiência para poder trabalhar com a interpretação. É necessário haver maior incentivo para aumentar a quantidade de intérpretes de Libras nos órgãos públicos e noutros lugares. Além disso, a comunidade surda precisa se organizar e em suas lutas pedir por mais intérpretes de Libras nos órgãos públicos de Brasília para mobilizar o Brasil, pois a comunicação em Libras também é essencial, não só a ouvinte. Segundo Quadros (2006, p. 35), “os surdos sonham com espaços em que a língua de sinais seja a língua de instrução, em um ambiente cultural e social, que favoreçam o fortalecimento das heranças surdas para a consolidação de um grupo que se diferencia a partir da experiência visual.”

Os surdos têm direito a ter intérpretes de Libras os acompanhando em órgãos públicos, já existem várias leis que respaldam isso. Os movimentos surdos têm alcançado sucesso em suas lutas, tanto que têm a Lei da Libras, nº 10.436/2002, que fala sobre o direito dos surdos de terem seus intérpretes: “Art. 3º- Fica assegurado o acesso de intérprete ou tradutor de Libras a todas as dependências e serviços de órgãos, entidades públicas e concessionárias de serviço público, desde que acompanhem a pessoa surda ou com deficiência auditiva que necessite de sua assistência.” E também, no ano de 2022, foi aprovada uma nova lei, a Portaria MTP nº 1375/2022, que “regulamenta o acesso de intérpretes e tradutores da Língua Brasileira de Sinais - Libras no acompanhamento de pessoas com deficiência em todas as dependências e serviços no âmbito do Ministério do Trabalho e Previdência e de seus órgãos e entidades vinculados”. Isso dá o direito de liberdade para intérpretes acompanharem as pessoas surdas em todos os órgãos públicos. Fatinha comentou sobre esse sonho e destacou que isso faria os surdos mais independentes e eles não perderiam tanto tempo tentando se comunicar com as demais pessoas. O governo precisa tomar uma decisão para colocar a legislação que defende a comunidade surda em prática. Muito importante esse sonho da Fatinha, as leis já foram aprovadas, agora cabe ao governo fazer a sua parte para que isso de fato ocorra.

O participante Alberico relata sonhos em relação a se realizar como professor, ao reconhecimento e a valorização do trabalho de intérpretes e o fortalecimento da escola bilíngue. O participante relatou:

Meu maior sonho sempre foi ser professor, ensinar Libras, e o que mais desejo é me realizar nessa profissão, possuir um papel mais ativo como professor surdo, com maiores oportunidades. O meu segundo maior sonho é o que os intérpretes e tradutores de Libras consigam ser reconhecidos, e que existam tecnologias assistivas para apoiar todo esse público. No futuro, eu espero que o governo perceba mais o valor das lutas da comunidade surda e crie várias escolas próprias para surdos, no modelo da escola bilíngue, e que os surdos consigam se desenvolver como uma comunidade forte. (Alberico, entrevista em 06/05/2022)

O sonho de Alberico é ser professor, mas como assim se ele já é formado? Ele deseja se realizar nessa profissão, ter um papel de docente que possa mudar o mundo, poder de fato fazer a diferença e se sentir realizado como professor surdo. Os professores em geral são valiosos, eles são capazes de influenciar as pessoas, ajudá-las em sua formação da melhor forma, e o participante Alberico também é capaz de realizar isso como professor surdo, ele também pode influenciar e formar seus alunos, ensinando Libras, desenvolvendo os estudos surdos, fortalecendo a comunidade surda e lutando em prol de existirem mais escolas bilíngues em Brasília.

Outro sonho importante que Alberico disse foi em relação à tecnologia assistiva para dar mais acessibilidade em Libras para o público em geral. Novamente, vemos sonhos que apresentam grandes desdobramentos coletivos e sociais. Alberico sonha em promover a Libras cada vez mais e, com este tipo de tecnologia, aumentar a qualidade de vida dos surdos, o que poderia promover uma grande mudança no país e quem sabe no mundo.

Roberta relata sonhos em prol da educação bilíngue e da universidade bilíngue para os surdos, como podemos ver no trecho a seguir:

Torço que os surdos consigam ter uma universidade no modelo da Gallaudet dos Estados Unidos da América (EUA) e consigam estudar em escolas bilíngues igual como ela, pois nas escolas bilíngues daqui os surdos não se desenvolvem muito. Eu queria que o modelo fosse igual à Gallaudet para conseguir aumentar a quantidade de alunos surdos, do jardim de infância até o ensino superior, pós, mestrado, doutorado, que fosse igual mesmo. Sonho que percebam que lá os surdos evoluem mais, pois nos EUA é mais completo, por isso meu sonho é lutar e conseguir. (Roberta, entrevista em 09/05/2022)

O sonho de Roberta é incrível: uma universidade brasileira para surdos como a Gallaudet dos EUA. O INES é uma grande marca histórica para a educação básica e também para a educação superior entre os surdos, mas a participante Roberta sonha ainda mais alto: que sigam o modelo da Gallaudet. No Brasil, atualmente, existem formações para surdos, como as

graduações, os mestrados e os doutorados nas áreas de linguística, linguística aplicada, tradução, pedagogia. Entretanto, para uma maior e melhor acessibilidade aos surdos, a educação bilíngue seria ideal. Em Brasília, temos a escola bilíngue de Taguatinga para a educação básica e a Universidade de Brasília - UnB com graduação para surdos – Língua de Sinais/Português – além de oportunidades de mestrado e doutorado em linguística e linguística aplicada. Enquanto, porém, não há uma escola bilíngue no “padrão dos EUA”, como relata Roberta, é importante ressaltar que os surdos brasileiros têm direito de terem intérpretes de Libras em todos os institutos – públicos e privados –, tanto na educação escolar quanto na superior, nos cursos em geral e nas universidades. De acordo com Quadros e Stumpf (2018, p. 24):

A própria criação do curso que hoje existe em 27 universidades federais brasileiras foi uma forma concreta de valorização e reconhecimento do estatuto linguístico da Libras, uma vez que é estabelecida como um curso de Letras (cursos que formam professores de línguas). (...) O curso de Pedagogia Bilíngue (Libras e Língua Portuguesa), que forma professores de educação básica em séries iniciais, está começando a ser oferecido em alguns estados brasileiros.

Sobre o que relata Roberta, fica-nos uma questão: seria o padrão americano desejável para nós? Como brasileiros, não teríamos sonhos diferentes de educação, com padrões diferentes de instituição, que não se reduziria a ter um modelo transposto para nossa realidade?

O reconhecimento da Libras vem acontecendo e a Letras-Libras vem se ampliando, embora ainda haja muito o que ser feito e muito o que ser alcançado, é admirável ver onde os surdos já conseguiram chegar, como por exemplo, no caso da Universidade Federal de Santa Catarina, segundo Quadros e Stumpf (2018, p. 29): “No período de 2004 a 2017, a Universidade Federal de Santa Catarina formou 38 mestres surdos e 10 doutores surdos, sendo que alguns vieram de outros estados do Brasil para fazer sua formação, pois outras universidades ainda não oferecem as condições de acesso aos surdos.” Isso é emocionante, ver que os surdos vêm avançando ao longo do tempo, ainda que nem todas as universidades possam atendê-los. Sobre isso, Strobel (2018, p. 26 e 93) também afirmou:

Na década atual, diante de todas estas conquistas, as lideranças surdas incluem surdos acadêmicos, mestres e doutores em diferentes áreas de atuação, vários educadores e linguistas, que se articulam para reivindicar as questões que ainda merecem mais atenção por parte dos gestores que planejam a implementação das ações pertinentes relacionadas com as causas das minorias sociais. (...) A nova lei criou uma grande

demanda por profissionais com essa graduação. Há vários anos, o MEC vem oferecendo capacitação para pessoas preferencialmente surdas que atuam como instrutores da língua de sinais sem a licenciatura. O objetivo do projeto é formar professores com essa graduação. O número de surdos também é um fator relevante. Existem cerca de 170 mil surdos no Brasil, de acordo com último censo realizado, no ano de 2000.

Chris Souza conta sobre o seu sonho em relação à comunidade surda e às escolas para surdos:

Eu espero que as pessoas valorizem mais a comunidade surda. Temos surdos e precisamos de visibilidade, precisamos nos valorizar e sermos valorizados. Somos capazes de nos desenvolver mesmo sendo surdos, não importa o grau da surdez, meu sonho é que todos estejam na comunidade surda, unidos e sem preconceito. Tenho um sonho também de que cada cidade tenha escolas próprias para surdos. Gostaria muito que lá no [fala o nome da região onde mora] tivesse uma escola para surdos e que fosse assim em cada cidade, pois muitos surdos estão distantes das suas escolas, e tê-las por perto vai ajudar mais no desenvolvimento da criança. (Chris Souza, entrevista em 22/04/2022)

Chris Souza tem o sonho de todos os tipos de surdos, com qualquer grau de surdez, estarem juntos na comunidade surda e também das crianças surdas terem uma escola para surdos perto de suas residências. Os surdos precisam gerar e manter esse sentimento de pertencimento e mostrar o seu valor para que sejam cada vez mais reconhecidos. O preconceito acaba quando se é explicado o valor das coisas, o que elas significam e sua importância. Muitos têm preconceito por simples influência das pessoas ao redor e por não conhecerem o que significa aquilo de fato. E, quando se tem todo tipo de surdo, não importando o seu grau de surdez, isso amplia ainda mais o universo da comunidade surda e também sua identidade e cultura, pois a diversidade gera inúmeras possibilidades e oportunidades por meio daquela comunidade. Bom seria estarmos abertos a todas as possíveis realidades para que o alcance da comunidade seja ainda maior, com mais reconhecimento, ainda que hajam pessoas surdas que se considerem surdas ou com deficiência auditiva. Sabemos que esse “é um processo permanente de respeito do “ser surdo”, mudando a visão da história que garante o valor dos direitos culturais para o povo surdo, transformando as relações de poder, desde a vida cotidiana até os espaços mais públicos (Strobel, 2015, p. 70). É preciso que haja maior diversidade surda para que, unidas, as pessoas surdas adquiram a identidade surda sem preconceito, por estarem imersas na comunidade surda. Segundo Miranda (2001, p. 8), “ser surdo, viver nas diferentes comunidades dos surdos,

conhecer a cultura, a língua, a história e a representação que atua simbolicamente distinguindo a nós surdos e à comunidade surda é uma marcação para sustentar o tema em questão”.

O outro sonho de Cris Souza também é relevante: quanto mais perto as crianças surdas estiverem de suas escolas, maior será o seu desenvolvimento, pois as crianças terão mais motivação de irem à escola, muitas que não têm condição de ir de carro ou ônibus ou outro meio de transporte, tendo uma escola próxima, poderão ir mesmo a pé e terão a chance de sonhar com um futuro melhor. E, ainda, se cada escola para surdos de Brasília tivesse ao menos uma classe bilíngue, sem depender de intérprete de Libras, mais poderiam desenvolver sua identidade e cultura surda, e o seu processo de aprendizagem cresceria potencialmente. O mais importante mesmo é que haja várias escolas bilíngues para os surdos espalhadas por Brasília e pelo Brasil. Infelizmente, o Distrito Federal hoje, composto por 33 regiões administrativas, tem apenas uma escola bilíngue.

O participante Nego, no trecho a seguir, descreve seu sonho:

Eu preciso sonhar, eu preciso ampliar os meus conhecimentos no doutorado, sinto falta disso. Após me formar no doutorado, eu sonho em motivar os surdos a participarem do teatro, eles precisam se desenvolver e participar de forma ativa como se vê nos EUA. Sonho para que consigamos derrubar todas as barreiras que impedem de ocuparmos esses espaços. (Nego, entrevista em 09/05/2022)

Nego é professor na área de literatura e teatro e sonha com o teatro para surdos, baseado no modelo dos EUA, onde há espaços de artes e literatura para surdos, diferentemente do Brasil. Segundo Leguari e Santos (2016):

A literatura surda acompanha a trajetória do povo surdo há séculos por meio da sinalidade. Contudo, Strobel (2013, p. 74), cita que esta literatura é resultado da necessidade do povo surdo de “registrar suas atuações do cotidiano, como as várias conquistas, língua de sinais, tradições culturais, entre outras”.

Existem surdos que têm interesse pela cultura, pelas artes e pela literatura e isso ajuda ainda mais com o aprendizado da língua de sinais, pois necessita tanto de expressão facial quanto corporal. De acordo com Strobel (2018, p. 82, 2009, p. 73), o povo surdo faz e se envolve com várias obras artísticas, as quais “sintetizam suas emoções, suas histórias, suas subjetividades e a sua cultura. (...) A arte surda é criada para mostrar ao mundo o que o artista surdo pensa, (...) para cultivar novas formas de “olhar” e interpretar a cultura surda.”

O relato de Nego, como professor surdo doutorando, trouxe uma outra importante perspectiva para este estudo. Sua formação com estudos doutorais na área de arte e literatura destaca um outro grande avanço a ser realizado pela comunidade surda: teatro e literatura em língua de sinais, trazendo o ensino dos surdos aos próprios surdos quanto à cultura surda. Isso também é quebrar barreiras, acabar com as múltiplas formas de preconceito, como o ouvintismo e o capacitismo, entendendo que só é capaz de fazer arte aquele que se encaixa nos padrões de eficiência da sociedade. Como discutem Sutton-Spence e Quadros (2005), Quadros (2019) e Strobel (2018), a literatura surda se manifesta através da cultura surda como forma de pertencimento da comunidade surda. As criações e as ideias geradas pela literatura surda e pelas artes visuais com base nas histórias e experiências dos surdos, como, por exemplo, o teatro como artistas surdos, poesias feitas por surdos, piadas e histórias de surdos, são formas de luta contra as opressões ouvintistas da sociedade. Por meio das artes, o próprio surdo pode contar sua história e disseminar sua cultura a todos que quiserem ver. Segundo Strobel (2018, p. 74):

A literatura surda se refere a várias experiências pessoais do povo surdo que, muitas vezes, expõem as dificuldades e/ou vitórias das opressões ouvintes, de como se saem em diversas situações inesperadas, testemunhando as ações de grandes líderes e militantes surdos, e sobre a valorização de suas identidades surdas.

Drika, em sua entrevista, disse que sonha por vagas de concursos públicos mais acessíveis aos professores surdos e com outros avanços:

Meu maior sonho é que haja vagas em concursos para professores surdos que ofereçam provas adaptadas em Libras como L1 e com plataforma de vídeo tendo tradução de perguntas. Seria ótimo se o surdo não dependesse mais de intérpretes de Libras. Por exemplo, o que aconteceu comigo, quando fiz a prova de concurso, foi que tiveram palavras que eu não conhecia e os intérpretes não podiam me ajudar explicando os conceitos das palavras, eu espero que essas regras mudem para melhor atender os surdos. Precisamos lutar para que os concursos adotem o modelo do ENEM, por exemplo, que já possui maior acessibilidade aos surdos. Eu quero um futuro melhor, que todos continuem evoluindo com as tecnologias. Sonho com tudo novo, uma vida nova para o surdo. Mudar, avançar rapidamente como a tecnologia tem avançado. Sonho muito que os surdos passem em concursos com educação bilíngue. (Drika, entrevista em 26/04/2022)

Drika é uma professora surda concursada e efetiva na educação básica, mas, quando ela fez a prova, passou por dificuldades pela falta de acessibilidade, a prova não tinha a adaptação

que a atendesse, ela teve que fazer a prova em português escrito, sua L2, mas não pôde fazê-la em Libras, que é sua língua principal. Ela sonha pelas vagas em concursos com acessibilidade, como se encontra em provas do ENEM, por exemplo. Para se proporcionar mudanças aos surdos é necessário se ter empatia, assim como um ouvinte precisa do som para entender uma fala, um surdo precisa da Libras para entender uma prova. Ter vagas de concurso mais acessíveis para surdos faz parte da democratização e da promoção da justiça na sociedade brasileira.

As provas do ENEM têm vídeos em Libras desde 2017, e um dos anseios com este estudo é que isso ocorra com todas as provas, que tenham a adaptação em Libras, para que os surdos possam evoluir mais na área educacional e profissional. Este é o objetivo de dar neste trabalho espaço para discutirmos o que sonham os professores surdos do Distrito Federal, pois seus sonhos dizem respeito a toda a sua comunidade.

Elizabeth, ao descrever seus sonhos para o futuro, fala sobre a necessidade de escolas bilíngues, como mostra o trecho a seguir:

Meu maior sonho é com escolas bilíngues que tenham professores surdos em todas as matérias: biologia, história, geografia, matemática, português... Eu choro por esse sonho, e nós estamos lutando muito por isso. Além disso, sonho que os surdos anseiem em ser professores, pois eles são capazes. Eu também sonho em passar em um concurso público e ficar a vida toda nele, sonho com isso e que todos os meus amigos surdos que compartilham do mesmo sonho passem também. Por fim, também desejo que os professores surdos estejam em todas as escolas, 100%. (Elizabeth, entrevista em 28/04/2022)

O sonho de Elizabeth também está relacionado com a educação bilíngue, ou seja, mais uma vez isso mostra o desejo do povo em poder ter uma melhor educação bilíngue para surdos. O surdo bilíngue almeja pela comunicação, didática, materiais na modalidade visual para que o ensino e o processo de aprendizagem, na aquisição da língua de sinais, seja o melhor possível. De acordo com Quadros (2019, p. 178, 179):

As interações entre surdo adulto e alunos surdos, assim como entre surdos adultos e outros alunos, são fundantes da Libras, da identidade e da cultura surda que passa a integrar o espaço escolar em uma escola bilíngue. Portanto, é fundamental manter a presença de professores surdos durante os anos escolares que incluem alunos surdos. (...) Assim como os professores surdos, viabilizam o ensino-aprendizagem tendo a Libras como língua de instrução.

A participante Valícia faz menção a ser aprovada em concurso público ao falar de seus sonhos para o futuro:

Meu sonho é passar num concurso público, ser servidora pública. Minha maior vontade é ter segurança profissional e financeira, e isso o serviço público pode proporcionar. Meu segundo maior sonho é estudar muito mais com foco na minha área e me desenvolver na educação, eu amo, tenho muita vontade disso. (Valicia, entrevista em 25/04/2022)

Tanto Valícia quanto Elizabeth relatam que sonham em passar num concurso público, o que é um direito a que elas têm. O surdo tem direito à prova em língua de sinais, mas, muitas vezes, não é o que ele pode encontrar e isso dificulta ainda mais em passar num concurso e em crescer profissionalmente. Drika disse que apoia a abertura de vagas em concurso público em Libras, que é o sonho das outras duas professoras citadas. Percebe-se aqui que é um desejo não só de uma pessoa surda, mas de várias que veem a importância da acessibilidade em Libras na educação como um todo. Porém, ainda são muitas barreiras a serem vencidas, além das muitas já comentadas anteriormente, vale ressaltar que também faltam professores surdos especializados em outras disciplinas, além do ensino da própria Libras, e também intérpretes mais fluentes, quando não são, também prejudicam muitos surdos. Em 2022, vários surdos foram prejudicados em concurso público no Distrito Federal para serem professores efetivos, por causa dessa barreira: não havia videoprova em Libras e os intérpretes de Libras falharam na oferta da acessibilidade. Nesse mesmo ano, foi aprovada a Lei distrital nº 7.181/2022, alterando a Lei nº 4.949/2012, sobre a realização de concurso público no DF, garantindo às pessoas surdas o direito do uso da Libras. De acordo com a DODF (2022): “§ 7º - A pessoa surda tem o direito de realizar a prova do concurso na Língua Brasileira de Sinais - Libras, devendo a prova ser aplicada por profissional habilitado em Libras de forma presencial e por meio de videoprova.”

O sonho do povo surdo não pode esperar mais e sua vontade é verdadeira. Os maiores sonhos e desejos futuros dos professores surdos participantes estão relacionados à acessibilidade em Libras aos surdos em todas as áreas, quebrando a barreira da comunicação, para que haja igualdade deles com os ouvintes na sociedade, por direito, e que, assim, eles possam avançar na vida profissional.

4.9. Política e Sociedade

Para o movimento surdo, contam as instâncias que afirmam a busca do direito do indivíduo surdo em ser diferente nas questões sociais, políticas e econômicas que envolvem o mundo do trabalho, da saúde, da educação, do bem-estar social. É um desafio contra todas as formas que tendem a limitar, ao invés de prosseguir aprimorando o projeto de emancipação humana. (PERLIN apud SKLIAR, 1998a, p. 71).

As histórias de vida dos professores surdos que participam desta pesquisa, como já pôde ser visto em alguns relatos anteriores, têm sempre relação com questões de política e sociedade no Brasil. Embora aqui as histórias pareçam individuais, todas elas se situam e revelam um cenário mais amplo da sociedade brasileira. Segundo Strobel (2018, p. 88), “historicamente o povo surdo brasileiro transmitiu muitas tradições em suas organizações das comunidades surdas. O espaço cultural mais conhecido de todos são as associações de surdos”, o que mostra a maneira como o movimento surdo faz resistência a perspectivas políticas e sociais de opressão na sociedade.

Os professores surdos que neste trabalho contam suas histórias mostram a maneira como, a cada dia, ganham consciência sobre seus direitos e encaminham, assim, suas lutas, resistências, mobilizações. Segundo Gomes (2010), o direito dos surdos é o direito à cidadania, isto é, o direito à língua, à educação, à formação profissional, à acessibilidade, dentre outros. Em termos de lei, teoricamente, temos que:

É padrão a definição de inclusão social como sendo o processo mais aperfeiçoado da convivência de alguém, tido como diferente, com os demais membros da sociedade, tidos como supostamente iguais. Neste caso, a sociedade se prepara e se modifica para receber a pessoa portadora de deficiência, em todas as áreas do processo social (educação, saúde, trabalho, assistência social, acessibilidade, lazer, esporte e cultura). (BRASIL, Projeto de Lei do Senado nº 640, p. 2).

A história dos surdos no Brasil, entretanto, retrata a exclusão, a segregação e a luta por integração, mas a prática da inclusão, na grande maioria das vezes, coloca como foco a deficiência, e isso ocorre desde a década de 70. Depois das conquistas da comunidade surda, foram aprovadas várias leis para pessoas surdas anexas a várias questões sociais, como, por exemplo: acessibilidade, contra o racismo e/ou discriminação, contra homofobia etc.

Seguem alguns dos direitos conquistados para as pessoas surdas por meio de legislações brasileiras: Direito à educação – ter fácil acesso de pessoas surdas a vagas em escolas, ter matrícula obrigatória de pessoas surdas dos 4 aos 17 anos de idade, possuir educação bilíngue –; Direito à saúde – os surdos têm direito à saúde do Sistema Único de Saúde (SUS) e atendimento em Libras por profissionais que saibam tradução e interpretação para pessoas surdas com garantia do Decreto-lei nº 5626/2005 –; Direito ao trabalho, segundo a Lei Brasileira de Inclusão, no artigo 34, “os surdos têm direito ao trabalho de sua livre escolha e aceitação, em ambiente acessível e inclusivo, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas”.

É fundamental que os surdos possam se comunicar pela língua de sinais, sendo incluídos nas sociedades, pois, como cidadãos, eles têm direito à acessibilidade. Além do mais, a formação de professores surdos em língua de sinais é muito significativa para que a sociedade brasileira possa valorizar ainda mais o povo surdo, que tem direito à comunicação. De acordo com Brasil, 2015, art. V:

Comunicação: forma de interação dos cidadãos que abrange, entre outras opções, as línguas, inclusive a Língua Brasileira de Sinais (Libras), a visualização de textos, o Braille, o sistema de sinalização ou de comunicação tátil, os caracteres ampliados, os dispositivos multimídia, assim como a linguagem simples, escrita e oral, os sistemas auditivos e os meios de voz digitalizados e os modos, meios e formatos aumentativos e alternativos de comunicação, incluindo as tecnologias de informação e das comunicações.

A Lei de Inclusão da Pessoa com Deficiência, Lei nº 13.146/2015, assegura e proporciona condições para a igualdade dos direitos e a liberdade das pessoas com deficiência, inclusive, sua inclusão social e cidadania. Foi essa Lei que fortaleceu os direitos do cidadão com deficiência e também a luta contra a discriminação. A inclusão social é responsável pela garantia dos direitos a todos os cidadãos e pela igualdade contra excluídos na sociedade. A formação de professores surdos representa um dos direitos à cidadania surda, por isso, as suas lutas na sociedade e na política são tão necessárias e, diante disso, os participantes contam suas histórias dentro dessa temática, mostrando os surdos sendo valorizados em suas conquistas.

O participante Huet relata sua compreensão sobre cidadania e a maneira como ele está envolvido na luta por esse direito:

Essas são coisas que eu quero proporcionar à comunidade surda, além das lutas na política, das organizações, por conta da legislação, houve avanços em pontos voltados

para acessibilidade, saúde, educação, cultura e trabalho. A legislação vem proporcionando isso. Ela foi organizada para respeitar a comunidade e para trabalhar em apoio à vida desses sujeitos, e isso foi muito importante. Então, a política está relacionada à comunidade, aos direitos da pessoa com deficiência e à liberdade. (Huet, entrevista em 22/04/2022)

Huet disse que já participou de questões relacionadas à sociedade e à política, com propostas na comunidade surda, pois Brasília precisa desenvolver melhor a acessibilidade aos surdos. Como também ressalta Strobel (2018),

Os motivos para os sujeitos ouvintes decidirem conhecer e promover a cultura surda é que com isto eles podem fortalecer a imagem da marca surda na vida social, aumentar a credibilidade com relação ao povo surdo e também exaltar o relacionamento com a comunidade surda. (STROBEL, 2018, p. 137)

Huet já participou também da política em prol da língua, sendo ela tão importante ao povo surdo, além do apoio à vida. De acordo com Santiago e Andrade (2013, p. 157):

As discussões sobre a participação social da comunidade surda envolvem diversas áreas da sociedade: na cultura, no lazer, na saúde, na educação, no exercício de cidadania, no gozo dos direitos e deveres de cidadão, e esta participação social, em grande parte se deve à possibilidade de alternância de línguas, também para o sujeito surdo bilíngue. Entretanto, mesmo sendo bilíngue e fazendo uso do Português na modalidade escrita, a condição de não ouvir, ainda que para uma pessoa surda adulta, ocasiona desconfortos e exclusão, uma problemática social a ser superada.

É interessante notar que os professores surdos que participam deste trabalho falam da luta surda a partir de dentro, isto é, sua consciência política é desenvolvida ao ponto de estarem todos inseridos na própria mobilização por essa luta. Não se trata de dizerem, do lado de fora, sobre algo que é necessário. Temos aqui histórias de vida de pessoas surdas cujas vidas estão imbricadas na própria luta de que falam. É nesse sentido que a área de formação de professores precisa dar espaço para que essas histórias se tornem, também, currículo, pois formar professores se relaciona, também, com promover consciência a respeito da formação da cidadania surda.

A participante Fatinha, que já participou de movimentos relativos à sociedade e à política, relata: “A minha relação com a sociedade e a política é que eu faço parte dos movimentos surdos.” Ela é uma pessoa surda que é professora de Libras, assim sendo, é muito necessária a sua participação nos movimentos surdos, pois ela passa a propor e agregar valor na

comunidade surda. Strobel (2018), pesquisadora que discute sobre a cultura e a pessoa surda, afirma que um dos artefatos culturais surdos é a vida social e a política, como as associações de surdos que proporciona o desenvolvimento cultural e a política que influencia as comunidades surdas, e é por isso que existem tantos movimentos e lutas surdas em prol dos seus direitos.

Com esse artefato cultural político, vamos refletir sobre as situações em que vivemos e levantar desafios para nós, os membros das comunidades surdas, liderando os muitos movimentos, contribuindo para as mudanças positivas das representações sociais acerca dos povos surdos! (STROBEL, 2018, p. 94)

É a comunidade surda que representa o povo surdo na sociedade e na política, por isso, é muito importante o surdo participar dos movimentos pela cidadania e poder. Segundo Gomes (2010, p. 63), “os surdos, tal como outros grupos minoritários, reivindicam uma cidadania que respeite as gramáticas das suas formas de vida: sua língua, as suas vivências, as suas particularidades e os anseios surdos”.

O participante Alberico traz uma discussão interessante a respeito de como se dão as questões internas na luta surda. Como em todo movimento, nem sempre há consensos:

Boa parte da sociedade não concorda com as questões sociais e políticas que abrangem surdos, mas eu concordo. As discussões na apresentação de propostas é um tanto conflitante, mas acredito que a política é boa e ela está aí pra ajudar a sociedade. Eu concordo com algumas coisas e discordo de outras, acredito que as manifestações não são benéficas e que a sociedade precisa propor outras estratégias, que não sejam os movimentos, pois, às vezes, surgem algumas confusões, discussões, elas ajudam na ampliação do conhecimento, algumas outras nem tanto, mas, as propostas, as opiniões, elas nos fazem refletir, isso que é o lado bom, mostra que isso é importante nessas relações de concordância ou discordância. (Alberico, entrevista em 06/05/2022)

A respeito da vida social e política, Alberico relatou que ocorrem conflitos em discussões nas propostas para os surdos, mas é importante fazer as propostas para que os surdos possam usufruir de todos os direitos necessários. As questões no movimento surdo não são todas consensuais. Há discordâncias quanto aos conteúdos e às formas de luta. Entretanto, ainda assim, como ressalta o participante, “as propostas nos fazem refletir” e, a meu ver, fazem avançar a luta em uma sociedade ainda tão preconceituosa.

A política precisa refletir sobre as propostas para os surdos, e eles podem fazer a manifestação dos direitos à sociedades, como por exemplo, por acessibilidade à área

profissional, pela formação de surdos, por garantia de empregos, dentre outras reivindicações. Entretanto, a meu ver, a luta principal, de maneira geral, precisa ser pela acessibilidade à vida social, ou seja, qualidade de vida como cidadão que usufrui dos seus direitos, contra o ouvintismo, capacitismo e demais preconceitos que impedem o desenvolvimento da pessoa surda.

Roberta também relata que participou de movimentos a favor da sociedade surda e dos direitos políticos: “Participei de movimentos surdos e isso é bom para debater, pois ainda faltam leis, falta aprofundar em temas que envolvem a acessibilidade, falta mais consciência das necessidades surdas.” De acordo com Albres e Oliveira (2013, p.58), “como a sociedade, em sua grande maioria, é composta por ouvintes desconhecedores da história da comunidade surda e de sua língua de sinais, faz-se importante a organização de programas de educação bilíngue.” A luta pelo direito à língua é muito relevante, pois diz respeito ao surdo poder ter uma vida social digna, sem exclusão, mas com mais pessoas que abracem a sua causa e promovam oportunidades em todas as áreas da vida, sem aprisioná-lo no contexto de deficiência.

O participante Nego relata sobre sua experiência de ter feito parte da FENEIS, participando da luta por direitos e representação política em prol dos surdos:

Tive experiência na Feneis e eu acho que o sistema político não acredita muito na comunidade surda, pois as barreiras e dificuldades que temos não são vistas. A sociedade precisa internalizar isso, principalmente, nós no que se refere à comunicação e acessibilidade, vivemos ainda um atraso nisso, é triste. A sociedade surda precisa de respeito, mas falta também mais iniciativa e movimentação por parte dos professores Surdos, da comunidade, das famílias. Cadê? A política despreza a comunidade, o foco deles são as negociações financeiras. (Nego, entrevista em 09/05/2022)

Como podemos notar no relato de Nego, ele faz um chamado para que não nos esqueçamos, ao olhar para todas as conquistas já realizadas, de que ainda estamos em uma sociedade que desconhece nossa identidade, nossos direitos e capacidades: “vivemos ainda um atraso nisso, é triste”, afirma. Por essa razão, é muito interessante perceber nos relatos dos participantes o engajamento sempre presente – embora já tenham participado das lutas há um tempo, não se cansam, não desistem. Continuam engajados e encorajando outros a não se esquecerem do quanto importa lutar.

João relata acompanhar o movimento surdo no Brasil, em suas lutas e movimentações em prol da sociedade surda e da política em prol dos surdos:

Sobre a política, eu tenho observado algumas palestras, converso um pouco com a sociedade surda, tenho dado a minha opinião de maneira simples sobre a temática, mas não tenho muito interesse em participar dessa temática. Eles debatem sobre política e colocam suas opiniões e eu vou acompanhando e notando a opinião dos surdos brasileiros. Vejo suas lutas nesse contexto político, mas ainda falta acessibilidade, então, imagino que vai demorar um pouco ainda para as coisas mudarem. As lutas vão continuar, vai existir uma expansão de intérpretes, mas nós precisamos persistir e lutar para que a acessibilidade aconteça e todas as demais lutas destacadas em palestras, pois nós não podemos esperar e os surdos precisam participar disso cada vez mais para que, no futuro, escolham candidatos surdos no processo eleitoral, mas é muito difícil ver isso, pois eles não conseguem ainda nem se candidatar. (João, entrevista em 25/04/2022)

Em seu relato, no trecho acima, podemos perceber que, assim como Nego, ele chama a atenção para o fato de as conquistas não serem plenamente suficientes para a garantia dos direitos surdos. Para ele, precisamos “lutar para que a acessibilidade aconteça”, o que mostra que, em seu entendimento, essa acessibilidade é ainda uma sombra à vista de como ela de fato deve ser a fim de garantir vida digna aos surdos. A meu ver, a área de formação de professores surdos precisa constantemente conhecer e se lembrar dessas histórias, pois elas são suas histórias. São todas nossas histórias. Como afirma Nóvoa (1995), a formação precisa conhecer as histórias de vida de seus professores a fim de contextualizar e situar seu trabalho, para que não esteja a fazer formação docente no vazio, para sujeitos idealizados, em um contexto social imaginário.

Os participantes Nego e João relatam sobre as barreiras que os surdos enfrentam em relação à política e à vida social, mas reconhecem que nem sempre essa é uma luta fácil. Os próprios professores passam por desânimo e descrédito – vale a mesma a pena lutar, já que as conquistas são tão demoradas, por vezes tão insuficientes? Isso desmotiva muitos surdos, como o fato de Nego dizer que não acredita na política e João dizer que se envolve pouco com esse tema, mesmo diante de todo o engajamento dos dois participantes ao longo do tempo.

A comunidade surda é uma minoria no meio de uma sociedade majoritariamente ouvinte e, diante desse fato, as lutas não podem parar, pois são elas que promovem os nossos direitos e a nossa cidadania. Segundo Skliar (2001, p. 91), a “política, nesse contexto, assume um duplo valor: como construção histórica, cultural e social, (...) e como relações de poder e saber que atravessam esse processo.” É preciso que os surdos continuem se mostrando aos ouvintes no

universo político e social, não se escondendo, mas se destacando cada vez mais e, assim, a persistência os levará ao êxito.

A história de vida de professores surdos em movimentos da comunidade surda foi fundamental para este estudo, apontando para o seu desempenho na política em prol de conquistar cada vez mais o direito à acessibilidade através da Libras e de outros aspectos. Por isso, é tão importante que a formação de professores surdos conheça e valorize as histórias que envolvem todas as lutas e vivências dos professores surdos, promovendo qualidade para a educação e a vida social.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho é dar espaço para as histórias de vida de professores surdos no Distrito Federal, mostrando a maneira como enfrentam e resistem às opressões da sociedade ouvinte e ouvintista. Através de semiestruturada com professores do Distrito Federal, este estudo discute o caminho que percorreram e o seu esforço para se tornarem profissionais qualificados, mostrando suas lutas e conquistas por igualdade como cidadãos e seres humanos, assim como eu mesma vivenciei e vivencio. Em minha história de vida, eu também fui à luta e sei o quão importante é o aprendizado através das histórias de vida dos professores surdos. Conhecer essas histórias é inspirar-se. Entretanto, mais do que isso, é formar-se, pois as histórias nos situam em contextos sociais, históricos e culturais da luta, das conquistas e das necessidades de pessoas surdas em nossa região e em nosso país.

Neste trabalho, na parte do resultado da análise de dados, apresentei categorias para estudar os pontos mais importantes das histórias de vida de um grupo selecionado de professores surdos do DF, principalmente, sobre o que mais marcou suas vidas e como eles venceram os obstáculos dentro do universo profissional e familiar, destacando a infância e as expectativas em relação ao futuro. Os surdos são seres humanos capazes de ir à luta e quebrar barreiras em busca do desenvolvimento da acessibilidade, do ensino da Libras, da educação bilíngue e da vida em sociedade, buscando garantir seus direitos.

Eu sou professora surda e apoio o povo surdo em suas lutas para educar crianças durante seu processo de aprendizagem linguística com professores surdos, e também apoio a atuação dos professores surdos desde a educação básica até a educação superior. Quando à língua de sinais, se mantém oprimida e limitada a ser considerada um conjunto aleatório de gestos. Ocorrem muitas barreiras linguísticas que dificultam tanto a comunicação quanto a educação dos surdos,

negando-lhes a garantia do direito à língua. Durante muito tempo, e até hoje, a oralização influenciou a metodologia de aprendizagem de línguas para pessoas surdas, tanto que por um período a língua de sinais foi proibida, obrigando surdos a serem oralizados, para que fossem como suas famílias ouvintes e também como as pessoas ouvintes na escola. Entretanto, os surdos lutaram e conseguiram se desenvolver, adquirindo e fortalecendo a língua de sinais e, posteriormente, concedendo à Libras seu legítimo status de língua.

As histórias de vida apresentadas e discutidas neste trabalho, portanto, dizem respeito à chegada dos participantes enquanto ainda bem pequenos em suas famílias e a relação construída com os familiares, bem como a relação construída com amigos surdos e ouvintes ao longo da vida. Além disso, as histórias também enfocam a vida na escola, as relações com colegas e professores e com a aprendizagem de línguas na escola e em casa, com foco sobre a relação com o português e os processos de obrigatoriedade da oralização. No trabalho, os relatos ganham um foco especial sobre a maneira como a Libras passa a fazer parte da vida dos participantes, mostrando os sentidos de tornar-se bilíngue com a língua de sinais como primeira língua. Os relatos dos participantes também dizem respeito às lutas, sofrimentos, conquistas e esperanças dos professores surdos. Além disso, também dão espaço para discutir por que eles, conforme relatam, escolheram ser professores e seus sonhos para o futuro. Por fim, as histórias de vida mostram relatos relevantes sobre o engajamento dos professores participantes com as questões políticas e sociais da sociedade brasileira.

De modo geral, portanto, o material de pesquisa neste trabalho mostra que as histórias de vida dos professores surdos do Distrito Federal apresentam experiências diversas com barreiras na sociedade para o desenvolvimento da identidade surda, a inserção na sociedade e a construção de relações sociais justas. Ainda assim, sobressaem histórias sobre esperança no sentido freireano, isto é, sobre uma esperança que nos mobiliza a avançar em nossas conquistas, jamais nos contentando a simplesmente reproduzir as injustiças presentes em nossa sociedade.

A riqueza das histórias de vida neste trabalho, a meu ver, precisam ganhar espaço nos cenários de formação de professores surdos no Brasil, já que mostram, para além de meras histórias pessoais ou individuais, o cenário social em que nos encontramos. O surdo por enfrentar muitas barreiras de comunicação com a família, acaba se aproximando e criando laços de amizade com demais surdos por viverem as mesmas dificuldades. Muitas famílias não aceitam e não querem conhecer os amigos surdos, pois querem que seus filhos convivam apenas

com pessoas ouvintes, por isso, a cultura surda luta pela igualdade e participam, buscam o direito à educação bilíngue, pois a primeira língua dos surdos é a Libras e português como segunda.

A formação de professores surdos tem uma história de muita emoção e vitórias, porque o movimento dos surdos no Distrito Federal deixou sua marca histórica. A história de luta para formação de professores surdos no DF teve como participantes as escolas de inclusão: escola de ensino especial no DF e o Instituto de surdos de DF. Atualmente existem diversas barreiras e dificuldades no ensino e aprendizagem de surdos durante a infância. Diversas escolas não têm intérpretes de libras e não há relação direta entre professores-alunos pois a barreira da comunicação limita muito. Como mostram os relatos dos participantes, eles começaram a conhecer e conviver, ter interação e sensação de pertencimento com a comunidade surda, pois mais cedo ou mais tarde se inserem na cultura surda e aperfeiçoam-se na língua de sinais, o que os faz ser comunidade surda.

As vitórias dos participantes mostram seu potencial, esforço e luta dos surdos, porque são capazes de desenvolver a profissão e também capazes de lutar pelo movimento. Os participantes decidiram ser docentes, porque querem auxiliar no ensino e aprendizagem das crianças surdas na educação bilíngue. Também querem ser professores(as) de Libras para o desenvolvimento da educação bilíngue e auxiliar no desenvolvimento da comunicação e no aprendizado da língua, desenvolvendo e garantindo o direito à acessibilidade.

As histórias dos professores surdos do Distrito Federal são testemunhos que podem ser levados à reflexão em cursos de formação de professores, a fim de que, sensibilize os futuros professores a tomarem atitudes que possuem contribuir para mudar essa realidade, ainda que essa mudança implique sensibilizar os profissionais de saúde, especialmente otorrinos e assistentes sociais, a darem uma orientação mais aberta aos pais de crianças surdas, que vão aos consultórios desesperados por orientação e acabam sendo orientados a uma caminho que tem levado muitos surdos à privação linguística.

Os relatos mostram sonhos de um futuro em que todos tenham acessibilidade em Libras, com o rompimento com preconceitos linguísticos, liberdade e igualdade de acesso a todos, para os diversos campos sociais.

A fim de concluir este trabalho, chamo, mais uma vez a atenção para a necessidade de que a área de formação de professores surdos abra espaço para as histórias de professores surdos, como mostra esta pesquisa. A meu ver, nessas histórias encontramos perspectivas importantes para entender a sociedade, a luta e os direitos das pessoas surdas, o papel da escola para essas

peças e a maneira como, possivelmente, transformações nesses espaços se fazem necessárias e urgentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBRES, N. de A. **Ensino de Libras: aspectos históricos e sociais para a formação didática de professores**. Curitiba-PR: Appris, 2016
- ALBRES, N. A E OLIVERIA, S. R. N. **Concepções de língua(gem) e seus efeitos nas conquistas políticas e educacionais das comunidades surda no Brasil**. In: ALBRES, N. A; NEVES, S. L. G. (org). **LIBRAS em estudo: Política Linguística**. FENEIS. São Paulo: Editora, 2013.
- ALMEIDA, M. R. P. **Narrativas de sujeitos surdos: relatos sinalizados de uma trajetória**. 2017. Dissertação (Mestrado Profissional em História) – Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2017.
- ARAÚJO, A. A. de; SILVA, J. P. da. **Surdez e Preconceito: uma Análise a partir da Percepção dos Pais de Surdos**. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, n. 14744, 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v13n2/06.pdf>. Acesso em: 25 out. 2021.
- ANDRADE, C. S; PINHEIRO, M. O & LIMA, J. W. **A educação de surdos no contexto da educação especial: reflexão sobre a conjuntura da escolarização nacional**. In: PINHEIRO, M. O; LIMA, J. W. B e SILVA, A de M. (Org.). **Surdez e Inclusão Educacional: diálogos acadêmicos acerca da educação de surdos**. Editora FI: Porto Alegre, 2019.
- AVELAR, T. F. & FREITAS. **A Importância do português como segunda língua na formação dos surdos**. *Revista Sinalizar*, v.1, n.1, p. 12-24, jan./jun 2016. Disponível: [file:///C:/Users/luan/Downloads/admin,+2+Portugues+seg+lingua+OK%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/luan/Downloads/admin,+2+Portugues+seg+lingua+OK%20(2).pdf). Acesso em 14/03/2023.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo-SP: Hucitec, 2006.
- BRASIL. **Constituição da República Federal do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, 2016. Disponível pelo: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 02 mar. 2023.
- BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**: Seção 1. Brasília, DF, p. 28, 23 dez. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 27 ago. 2021.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: Seção 1. Brasília, DF, p. 23, 25 abr. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 27 ago. 2021.

BRASIL. Lei nº. 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**: Seção 1. Brasília, DF, p. 2, 7 jul. 2015. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 19 out. 2021.

BRASIL. Lei nº. 14.191, de 03 de agosto de 2021. **Diário Oficial da União, Brasília, DF**, 04 de ago. de 2021. Disponível pelo:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/Lei/L14191.htm. Acesso em: 9 abr. 2023.

BRASIL. Lei nº. 10.098, DE 19 DE DEZEMBRO DE 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 20 dez. 2000. Disponível pelo: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10098.htm. Acesso em: 9 abr. 2023.

BRASIL, DECRETO Nº 3.298, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1999. Acesso em Disponível pelo: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d0914impresao.htm#:~:text=III%20%2D%20respeito%20%C3%A0s%20pessoas%20portadoras,assegurados%2C%20sem%20privil%C3%A9gios%20ou%20paternalismos.

BRASIL, LEI Nº 13.185, DE 6 DE NOVEMBRO DE 2015. **Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying)**. Presidente da República, 2016.

BRASIL. **Convenção dos direitos das pessoas com deficiência. Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência**. 2008. Disponível pelo: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=424-cartilha-c&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192#:~:text=O%20prop%C3%B3sito%20da%20presente%20Conven%C3%A7%C3%A3o, respeito%20pela%20sua%20dignidade%20inerente. Acesso em: 20 abril. 2023.

BRASIL, Portaria MTP nº1375/2022. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 31 mai.2022. Disponível pelo: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=432129>. Acesso em: 24 abr. 2023.

DODF, Lei. nº 7.181, DE 1º DE DEZEMBRO DE 2022. **DISTRITO FEDERAL**, 2022.

Disponível pelo:

https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/f4236d74dbde4abd82f4f0d5d685171a/Lei_7181_01_12_2022.html#:~:text=%C2%A7%207%C2%BA%20A%20pessoa%20surda,na%20data%20de%20sua%20publica%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 25 abr. 2023.

BRASIL, **Projeto de Lei do Senado nº 640**, 2007.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília, DF, 2018.

BRASIL, **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. –Brasília: MEC, 2008.

BRASIL. Emenda constitucional nº 59, de novembro de 2009. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 12 nov. 2009. Disponível pelo: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc59.htm#:~:text=EMENDACONSTITUCIONAL%20N%C2%BA%2059%2C%20DE%2011%20DE%20NOVEMBRO%20DE%202009&text=208%2C%20de%20forma%20a%20prever,ao%20%20C%20A7%203%20C%20BA%20do%20art. Acesso em: 20 abr. 2023.

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Educação Inclusiva: a fundamentação filosófica**. Brasília: 2004, Disponível pelo: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/fundamentacaofilosofica.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2023.

BRASIL. LDB. 9394/1996, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**.

BARBOSA, R. F. R. **As Emoções na educação de surdos: o que dizem as professoras do Atendimento Educacional Especializado**. V. CONEDU. João Pessoa, 2018.

BRITO, F. B. **O Movimento surdo no Brasil: A busca por direitos**. JORSEN. Lisboa, Portugal: Editora, 04 de agosto de 2016.

BRITO, F. B, NEVES, S. L. G & XAVIER, A. N. **O Movimento surdo e sua luta pelo reconhecimento da LIBRAS e pela construção de uma política linguística no Brasil**. In: ALBRES, N. A; NEVES, S. L. G. (org.) LIBRAS em estudo: Política Linguística. FENEIS. São Paulo: Editora, 2013.

BERTH, Joice. **Empoderamento: Feminismos Plurais**. Sueli Carneiro: Pólen Produção Editorial LTDA, São Paulo, 2019.

CUNHA JÚNIOR, Elias Paulino da. **Surdos Professores: A Constituição de Identidades por meio de Novas Categorias pelo Trabalho em Territórios Educativos**. 2022 Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

CAMPBELL, F. K. K. **Inciting Legal Fictions: Disability's Date with Ontology and the Ableist Body of the Law**. *Griffith Law Review*, v. 10, n. 1, 2001. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10072/3714> Acesso em: 20 fev. 2023.

CARVALHO, V. O. **A história de educação dos surdos: o processo educacional inclusivo**. In: II Seminário Potiguar: Educação, Diversidade e Acessibilidade: Uma Questão de Efetivação de Direitos, volume único, Mossoró-RN, 2015.

CAMPBELL, F. K. Refusing Able(ness): A Preliminary Conversation about Ableism. **Média Culture Journal**, v. 11, n. 3, 2008a.

Campbell Fiona K. **Exploring internalized ableism using critical race theory**. *Disability & Society* 2008b; 23(2):151-162.

CASTRO JUNIOR, G. Cultura surda e identidade: estratégias de empoderamento na constituição do sujeito surdo. *In: ALMEIDA, W. G. (org.). Educação de surdos: formação, estratégias e prática docente.* Ilhéus-BA: Editus, 2015. p. 11-26.

CARNEIRO, B. G. E SILVA, K. M. S. C. **Ensino de língua portuguesa: cultura surda em foco.** Anais do SIELP. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012.

CANDAU, Vera Maria. **Educação em Direitos Humanos: fundamentos teóricos metodológicos.** 2009. Educação e Sociedade. Campinas, jan./mar. 2012, v.33, nº118. Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302012000100015. Acesso em 14/03/2023.

CAMPOS, D. W; STUMPF, M. **Cultura Surda; um patrimônio em contínua evolução.** *In: PERLIN, G; STRUMPF, M.* Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas. Curitiba: CRV, 2012.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza et al. **Carta aberta ao Ministro da Educação: elaborada pelos sete primeiros doutores surdos brasileiros, que atuam nas áreas de educação e linguística.** (8 jun. 2012). Disponível pelo: <http://marianahora.blogspot.com.br/2012/06/carta-aberta-dos-doutores-surdos.html>. Acesso em: 20 abr. 2023.

CLOSS, L. Q & ANTONELLO, C. S. **O uso da história de vida para compreender processos de aprendizagem gerencial.** RAM, REV. ADM. Mackenzie, V. 12, N. 4: São Paulo, 2011.

COUTO, E. K. N. N. do; FERNANDES, E. M. da. F. **Aquisição de língua: perspectiva ecolinguística.** Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 48, n. 3, p. 290-298, jul./set. 2013.

CHAIBUE, K; AGUIAR, T. C. **A Colonialidade sobre o surdo.** Revista Virtual de Cultura Surda Arara Azul, n. 14, set. 2014. Disponível pelo: <https://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/440020Artigo%20para%20Revista%2014%20de%20autoria%20de%20KARIME%20CHAIBUE%20e%20THIAGO%20CARDOSO%20AGUIAR.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2021.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.

DIZEU, Liliane Correia Toscano de Brito; CAPORALI, Sueli Aparecida. **A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito.** Educ. Soc. Vol. 26, Campinas, 2005.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. *In: AUTOR. O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.* Porto Alegre: ArtMed, 2006.

DIAS, A. Por uma genealogia do capacitismo: da eugenia estatal à narrativa capacitista social. *In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A DEFICIÊNCIA, 1., 2013, São Paulo. Anais [...].* São Paulo-SP: USP, 2013.

- DOMINICÉ, P. **Da formação do sujeito...Ao sujeito da formação.** *In:* NOVOA, A & INGER (Org.). O método (auto)biografia. 2^a ed. EDUFN: Natal, RN, 2014.
- DOMINICÉ, P. **L' historie de vie comnee processeus de formation.** Paris: Edition L' harmdfam, 1990
- FIGUEIREDO, F. J. Q. de. **Vygotsky: A interação no ensino/aprendizagem de línguas.** São Paulo: Parábola, 2019.
- FILHO, Genivaldo Santos; OLIVEIRA, Rozilda Ramos dos Santos. **Comunidade Surda: a importância da inserção da libras na sociedade brasileira.** Publicado em fevereiro de 2010. Disponível pelo:
<https://www.linkedin.com/pulse/import%C3%A2ncia-da-inser%C3%A7%C3%A3o%C3%ADb-ras-na-sociedade-wanderley-santos>. Acesso em 23 abr. 2023.
- FRASER, Nancy. **Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era “póssocialista”.** Cadernos de campo, São Paulo, n. 14/15, p. 1-382, 2006.
- FELIPE, T. A. **A função do intérprete na escolarização do surdo falante de Libras.** *In:* Congresso surdez e escolaridade: desafios e reflexões - congresso internacional do INES, Anais. Rio de Janeiro, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: reencontro com a Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRA, Paulo. **A Educação na Cidade.** São Paulo: Cortez, 1991.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- FIGUEIRA, Emílio. **O que é educação inclusiva.** São Paulo: Brasiliense, 2011.
- FERREIRA-BRITO, L. et al. **Língua Brasileira de Sinais.** Brasília: SEESP, 1997. v. 3. (Série Atualidades Pedagógicas, n. 4).
- FERREIRA-BRITO, L. **Integração social & educação de surdos.** Rio de Janeiro: Babel, 1993.
- FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática de língua de sinais.** Rio de Janeiro: Templo Brasileiro, UFRJ, Departamento de Lingüística e Filologia, 1995.
- FERREIRA-BRITO, L. **Desenvolvimento linguístico e deficiência auditiva.** SBPC, Salvador, 1980.
- GESSER, A. **Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- GESSER, A. **Metodologia de Ensino em LIBRAS como L2.** Centro Comunicação e Expressão-CCE. Florianópolis, PR: UFSC, 2010.

- GESSER, M. et al. **Participation, agency and disability in Brazil: transforming psychological practices into public policy from a human rights perspective**. *Disability and the Global South*, v. 6, n. 2, p. 1772-1791, 2019.
- GESSER, A. **“Um olho no professor surdo e outra na caneta”**: ouvintes aprendendo a **Língua Brasileira de Sinais**. 2006. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística Aplicada, UNICAMP, Campinas, 2006. Disponível pelo: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/04/Tesis_Gesser_2006.pdf](https://cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/04/Tesis_Gesser_2006.pdf). Acesso em: 19 nov. 2021.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOMES, M.C. **Lugares e representações do outro a surdez como diferença**. CIIE/Livpsic e Ciências da Educação/ 6: Porto, 2010.
- GOLDFELD, Márcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sóciointeracionista**. Plexus: São Paulo, 1997.
- GOODSON, I. F. **Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional**. In: Nóvoa, A. (Org.). *Vidas de professores*. 2º ed. Portugal: Porto Editora, 1995.
- GROSJEAN, François. **Studying Bilinguals**. Oxford: OUP, 2008.
- GUARINELLO, A. C. **O papel do outro na escrita de sujeitos surdos**. São Paulo: Plexus Editora, 2007.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- HALL, S. et al. **A questão da identidade cultural**. *Modernity and its Futures*. Milton Keynes. Cambridge: Open University Press, 1992.
- HALL, S. **Quem precisa da identidade?** In: SILVA, T. T. da. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 103-133.
- HYPOLITO, A. M.; VIEIRA, J. S. **Reestruturação educativa e trabalho docente: autonomia, contestação e controle**. In: Hypolito, A. M.; Vieira, J. S.; Garcia, M. M. A. *Trabalho docente: formação e identidades*. Pelotas: Seiva Publicações, 2005.
- HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo, SP: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- HUMPHRIES, T. **Communicating across cultures (deaf-/hearing) and language learning**. Doctoral dissertation. Cincinnati, OH: Union Institute and University, 1977.
- JOSSO, M. C. **As narrções centradas sobre a formação durante a vida como desvelamento das formas e sentidos múltiplos de uma existencialidade singular-plural**. *Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 17, n. 29, p. 17- 30, jan./jun. 2008.

- JOSSO, Christine-Marie. **Experiência de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- JOSSO, Christine-Marie. **Da formação do sujeito...Ao sujeito da formação**. In: NOVOA, A & INGER (Org.). O método (auto)biografia. 2ª ed. EDUFN: Natal, RN, 2014.
- LABORIT, E. **O vôo da gaivota**. São Paulo, SP: Best Seller, 1994.
- LADD, P. **Em busca de surdidade 1: Colonização dos Surdos**. Portugal: Surd'Universo, 2013.
- LACERDA, C. B. F. **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos**. caderno CEDES. Centro de Estudos Educação e Sociedade: setembro, 1998.
- LANE, H. **A Máscara da Benevolência: a comunidade surda amordaçada**. São Paulo, SP: Instituto Piaget, 1992.
- LIBÂNEO, José C. **Igualdade e diversidade: qual a proposta da escola inclusiva?** Revista Educativa, Goiânia: UCG, v. 5, n. 1, 2006.
- LODF. Emenda à lei orgânica nº 65, de 2013. **Diário Oficial da União**: 30 ago. 2013. Disponível pelo: <https://www.fazenda.df.gov.br/aplicacoes/legislacao/legislacao/TelaSaidaDocumento.cfmx.txt?Numero=65&txtAno=2013&txtTipo=3&txtParte>. Acesso em: 25. abr. 2023.
- LODI, Ana Claudia Balieiro. **A leitura como espaço discursivo de construção de sentidos: Oficinas com surdos**. 2004, 282f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- LODI, Ana Claudia Balieiro. **Plurilinguismo e surdez: uma leitura bakhtiniana da história da educação dos surdos**. Educação e Pesquisa, São Paulo, set./dez. 2004.
- KELMAN, C. A & MARTINS, L. M. B. **Peculiaridades da significação no letramento de adultos surdos**. In: Estudantes com necessidades especiais – singularidades e desafios na prática pedagógica inclusiva. Walk Editora: Rio de Janeiro, 2012.
- KARNOPP, L. **Literatura surda**. ETD - Educação Temática Digital, v. 7, n. 2, Campinas, São Paulo, 2006.
- KRANER, Sonia et.al. **Leitura e escrita de professores em sua história de vida e formação**. texto apresentado no VIII, ENDPE, 1996.
- MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte, MG:UFMG, 1998.
- MAGNANI, José G. C. **Vai ter música?: para uma antropologia das festas juninas de surdos na cidade de São Paulo**. Ponto. Urbe - Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP, v. 1, n. 1, São Paulo, 2007. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Magnani_JGC_90_1774844_VaiTerMusica.pdf. Acesso em: 04 mar. 2023.

MCLAREN, P. **A vida nas escolas: uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação**. 2. ed. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1997.

MELLO, A. G. de. **Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC**. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 10, p. 3265-3276, 2016.

MELLO, A. G. de. **Gênero, deficiência, cuidado e capacitismo: uma análise antropológica de experiências, narrativas e observações sobre violências contra mulheres com deficiência**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis, PR: UFSC, 2014.

MIGNOLO, W. **A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade**. In: LANDER, E. (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso, 2005.

MIGNOLO, W. **Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n. 94, 2017.

MIGNOLO, W. **Desafios Decoloniais Hoje**. Foz do Iguaçu, PR: Epistemologias do Sul, 2017.

MIORANDO, T. M. **A Edificação da escola no espaço negado do sonho: Um Estudo na Formação de Professores Surdos**. 2004. 176 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2004.

MIRANDA, W. O. **Comunidade dos surdos: Olhares sobre os contatos culturais**. (Dissertação do mestrado). Porto Alegre: UFRGS, 2001.

MOITA LOPES, L. P. **Da aplicada da linguística à linguística aplicada interdisciplinar**. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (org.). *Linguística Aplicada: caminho com diferentes acessos*. São Paulo, SP: Contexto, 2009.

MOITA LOPES, L. P. da. (org.) **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo - SP: Parábola Editorial, 2006.

MOITA LOPES, L. P. da. **Oficina de Linguística Aplicada**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

MOITA LOPES, L. P. da. **Pesquisa interpretativista em linguística aplicada: a linguagem com condição a solução**. *DETLA*, vol. 10. N. 2, 1994, p. 329 – 339.

MOTA, E. B; CONCEIÇÃO, M.M.G, et.al. **A libras como instrumento de inclusão escolar do aluno surdo**. In: PINHEIRO, M. O; LIMA, J. W. B e SILVA, A DE M(Orgs). *Surdez e Inclusão Educacional: diálogos acadêmicos acerca da educação de surdos*. Editora FI: Porto Alegre, 2019.

MULLER, J.I E KIST, K. **Língua Brasileira de Sinais e cultura surda: práticas inclusivas em um Instituto Federal**. *Linguatéc*. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Bento Gonçalves. v. 5, n. 2, p. 62-74, nov. 2020. Disponível

pelo: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/LinguaTec/article/view/4563>. Acesso em: 20 mar 2023.

NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2ºed. Portugal: Porto Editora, 1995.

NÓVOA, A. **Os professores e as histórias da sua vida**. In: Nóvoa, A. (Org.). *Vidas de professores*. 2º ed. Portugal: Porto Editora, 1995.

NÓVOA, A. **Desenvolvimento profissional de professores para a qualidade e para a equidade da Aprendizagem ao longo da Vida**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2007. disponível pelo: www.eu2007.min-edu.p. Acesso em: 18 abr. 2023.

NÓVOA, A. **Concepções e práticas de formação continuada de professores: realidade e perspectivas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

NUNES, SAIA E et. al. **Surdez e educação: escolas inclusivas e/ou bilíngues?** Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional. São Paulo, 2015.

NEVES, B. C.; QUADROS, R. M. **A relação dos surdos com a Língua Portuguesa em um contexto bilíngue**. In: RIBEIRO, Tiago (Org.); SILVA, Aline Gomes. (Org.). *Leitura e escrita na educação de surdos: das políticas às práticas pedagógicas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015, v.1, p. 137-162.

NASCIMENTO, Sandra Patrícia de Faria do. **Representações lexicais da língua de sinais brasileira: uma proposta lexicográfica**. 2009. 290 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

OLIVEIRA, L. F.; CANDAU, V. M. F. **Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil**. Educação em Revista, Belo Horizonte, MG, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/TXxbbM6FwLJyh9G9tqvOp4v/?lang=pt>. Acesso em: 19 nov. 2021.

PÔRTO, W. A. A.; MASTRELLA-DE-ANDRADE, M. R. **Estudos identitários e formação crítica de professores/as de línguas: decolonizando práticas e enfrentando desafios**. Domínios de Linguagem, Uberlândia, v. 14, n. 3, p. 850–878, 2020.

PADDEN, C.; HUMPHRIES, T. **Deaf in America: Voices from a Culture**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1988.

PIZZIO, A. L E QUADROS, R. M. **Aquisição da língua de sinais**. Centro de comunicação e expressão, UFSC, 2011.

PEREIRA, A. M. B. A. **Viagem ao Interior da Sombra: Deficiência, Doença Crônica e Invisibilidade numa Sociedade Capacitista**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) -Faculdade de Economia e Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009.

PENNYCOOK, A. **Critical Appliedlinguistic: a critical introduction**. Mahuch, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2001.

- PERELLO, J.; TORTOSA, F. **Sordomudez**. Barcelona: Científico-Médica, 1978.
- PERLIN, G. **Histórias de vida surda: Identidades em questão**. Porto Alegre, RS: UFRGS, 1998a.
- PERLIN, G. **Identidades Surdas**. In: SKLIAR, Carlos. A Surdez: um olhar sobre as diferenças. 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 1998b.
- PERLIN, G.; MIRANDA, W. **Surdos: o narrar e a política**. Florianópolis, PR: Ponto de Vista, 2003.
- PINAR, W. F. **What is curriculum theory? (O que é teoria do currículo?)** New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2012.
- QUADROS, R. M. de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre, RS: Arte Médicas, 2008.
- QUADROS, R. M. de. **Educação de surdos: Aquisição da linguagem**. Artmed, Porto Alegre: Editora, 1997.
- QUADROS, R. M. de. **Libras: Linguística para o ensino superior**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.
- QUADROS, R. M. de. **Língua de Herança: Língua Brasileira de Sinais**. Porto Alegre, RS: Penso, 2017.
- QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2004.
- QUADROS, R. M. de; STUMPF, M. R. **Reconhecimento da língua brasileira de sinais: legislação da língua de sinais e seus desdobramentos**. In: QUADROS, R. M. de; STUMPF, M. R. Estudos da Língua Brasileira de Sinais. Florianópolis, PR: Editora Insular, 2018. p. 17-36.
- QUADROS, R. M. de, CRUZ, C., PIZZIO, A. L. **Desenvolvimento da língua de sinais: a determinação do input**. In: 8º Congresso Internacional da ISAPL. Porto Alegre, 2007.
- QUADROS, R. M. E SCHMIEDT, M. L. **Idéias para ensinar português para alunos surdo**. MEC, SEESP: Brasília, 2006.
- QUIJANO, A. **Colonialidad del poder y clasificación social**. In: CASTRO GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (org.). El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007a.
- QUIJANO, A. **Coloniality and modernity/rationality**. Cultural Studies, v. 21, n. 2-3, p.168-178, 2007b. DOI: <https://doi.org/10.1080/09502380601164353>

- REBOUÇAS, Larissa. **A prioridade dos docentes surdos para ensinar a disciplina língua brasileira de sinais (libras) nas instituições de ensino superior após o decreto 5.626/2005.** Dissertação (mestrado), Universidade Federal de Bahia, Salvador – BA, 2009.
- RAMALHO, B. L.; NUNEZ, I. B.; GAUTHIER, C. **Formar o professor, profissionalizar o ensino: perspectivas e desafios.** Porto Alegre, RS: 2003.
- REIS, F. **Professor surdo: a política e a poética da transgressão pedagógica.** 2006. 121f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em: http://www.ges.ced.ufsc.br/Dissertacao_Flaviane.pdf. Acesso em: 26 out. 2021.
- REIS, F. **Professores Surdos: Identificação ou Modelo?** In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (org.). Estudos Surdos II. Petrópolis-RJ: Editora Arara Azul, 2007. cap. 3.
- SANTIAGO, V. A. A E ANDRADE, C. E. **Surdez e Sociedade: questões sobre conforto linguístico e participação social.** In: ALBRES, N. A; NEVES, S. L. G. (org.) LIBRAS em estudo: Política Linguística. FENEIS. São Paulo: Editora, 2013.
- SÁ, N. R. L. de. **Cultura, Poder e Educação de Surdos.** São Paulo, SP: Paulinas, 2010.
- SACKS, O. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos.** Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1998.
- SACKS, Oliver. **Vendo vozes: Uma Jornada pelo mundo dos surdos.** Imago Editora: Rio de Janeiro, 1990.
- SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral.** Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.
- SCREMIN, P. X. **A Formação dos professores surdos: verdades produzidas na Revista Espaço.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2012.
- SILVESTRE, V. P. V. **Práticas problematizadoras e de(s)coloniais na formação de professores/as de Línguas: teorizações construídas em uma experiência com o PIBID.** Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal do Goiás, Goiânia-GO, 2016.
- SKLIAR, Carlos. **Perspectivas políticas e pedagogias da educação bilíngue para surdos.** In: SILVA, Shirley e Vizim, Marli (Org.). Educação especial: múltiplas leituras e diferentes significados. Campinas, SP: Mercado de Letras: ALB, 2001.
- SKLIAR, C. **A localização política da educação bilíngue para surdos.** Em C. Skliar (Org.), Atualidade da educação bilíngue para surdos: processos e projetos pedagógicos. Mediação: Porto Alegre, 1999.
- SKLIAR, Carlos (org.). **A Surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 1998a.

SKLIAR, Carlos. A Surdez: um olhar sobre as diferenças. *In:* SKLIAR, Carlos (org.). **Educação & Exclusão: abordagens socioantropológicas em educação especial**. Porto Alegre: Mediação, 1998b.

SKILAR, C. **Bilinguismo e biculturalismo: Uma análise sobre as narrativas tradicionais na educação dos surdos**. Trabalho encomendado apresentado na XX Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, 1997. Disponível pelo: <chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcgclclefindmkaj/http://projetoedes.org/wp/wp-content/uploads/Carlos-Skliar-1998.pdf>

STOKOE, W. C. **Estrutura da linguagem de sinais: um esboço do sistema de comunicação visual dos surdos americanos**. Estudos em Linguística, *Ocasional Papers*, vol. 8, Buffalo, NY: Universidade de Buffalo, 1960.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 4. ed. Florianópolis, PR: UFSC, 2018.

STROBEL, K. **História da educação de surdos**. Licenciatura em Letras-Libras na modalidade à distância: UFSC, 2009.

STROBEL, K. L. **História dos surdos: representações “mascaradas” das identidades surdas**. *In:* QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (org.). Estudos Surdos II. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2007. cap. 1.

STROBEL, K & PERLIN, G. **História cultural dos surdos: desafio contemporâneo**. Educar em Revista: Curitiba: UFPR, 2014.

STUMPF, M. R. **A educação bilíngue para surdos: relatos de experiências e a realidade brasileira**. *In:* QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R. (org.). Estudos surdos IV. Petrópolis-RJ: Editora Arara Azul, 2009.

SUSSEKIND, M. L. **As artes de pesquisar nos/dos/com os cotidianos**. *In:* OLIVEIRA, I. B. De; GARCIA, A. (org.). **Aventuras de conhecimento: utopias vivenciadas nas pesquisas em educação**. Rio de Janeiro, RJ: De Petrus/Faerj, 2014.

SUSSEKIND, M. L.; PELLEGRINI, R. **Os ventos do norte não movem moinhos...** *In:* RIBEIRO, T.; SOUZA, R. de; SAMPAIO, C. S. (org.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro, RJ: Ayvu, 2018. p. 143-152.

SORAES, L.C. F, MENEZE, C.M.A E FRE-IRA, J. L.O. **As histórias de vida na profissão docente: Uma contribuição para a história da educação, itinerâncias formativas e o autoconhecimento**. Educação: Teoria e Prática, Rio Claro, São Paulo, 2016.

TADIF. **Saberes docentes e formação profissional**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

VIEIRA C.R., MOLINA K.S.M. **Prática pedagógica na educação de surdos: o entrelaçamento das abordagens no contexto escolar**. *Educação E Pesquisa*, v. 44, 2018.

VYGOTSKY, Lev. S. **Pensamento e linguagem**. Tradução: Jeferson L. Camargo. São Paulo-SP: Martins Fontes, 1993.

WALSH, C. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: insurgir, ressurgir e reviver. *In*: CANDAU, Vera Maria (org.). **Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro, RJ: 7 Letras, 2009.

WALSH, C. Introducción. Lo Pedagógico y lo Decolonial: Entretejiendo caminos. *In*: WALSH, C. (ed.). **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.

WILCOX, P. P.; WILCOX, S. **Aprender a ver**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Arara Azul, 2005.

ZANCANARO JUNIOR, L. A. **Produções em Libras como segunda língua por ouvintes não fluentes e fluentes: um olhar atento para os parâmetros fonológicos**. 2013. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós - graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

ZOVICO, N. A e SILVA, C. A de A. **Acessibilidade a serviços públicos: direito de igualdade**. *In*: ALBRES, N; NEVES, S. L. G. (org.) **LIBRAS em estudo: Política Linguística FENEIS**. São Paulo: Editora, 2013.

ZYCH, A. C. **Os aportes da educação de surdos, decorrentes do Decreto Federal nº5626/05**. Guarapuava-PR: Analecta, 2008.

ANEXOS

Dados pessoais:

- o Qual a sua idade?
 - o Trabalho em qual escola?
 - o A quanto tempo?
 - o Você é surda profunda, severa ou moderada?
 - o Qual sua raça?
 - o Onde você se formou?
 - o Onde você nasceu?
 - o Onde você mora?
 - o Tem familiares surdos?
- 1- Como foi sua vida escolar na infância, adolescência e juventude?**
 - 2- Em que escola já estudou? O que mais te marcou nessas escolas?**
 - 3- Na sua opinião, o que é uma boa escola para todos? O que é uma boa escola para você e para a comunidade surda? Você encontra essa escola hoje?**
 - 4- Você teve um professor ou professora que te marcou? Como foi? Poderia contar um pouco de suas histórias sobre isso?**
 - 5- Com que idade você começou a adquirir Libras? Como foi? Como você se sentia no início da sua aprendizagem? Você se lembra de algo que te marcou?**
 - 6- Você acha que a história de crianças surdas hoje no Brasil é diferente da sua história de crianças surdas? Por quê? Como?**
 - 7- Você convive na comunidade de surdos? Como foi sua entrada e sua relação com essa comunidade?**
 - 8- Na sua opinião, o que é a identidade surda? Como você se sente em relação á identidade surda e á cultura surda?**
 - 9- O que é uma língua para você? Que línguas você? Como foi sua aprendizagem de línguas? Como foi sua aprendizagem português?**
 - 10- Como foi sua aprendizagem do português? Com que idade iniciou? Como foi o processo?**
 - 11- Como você se vê em relação às línguas Libras e português? Qual a importância dessas línguas sua vida?**
 - 12- Como a Libras chegou até você? Como foi sua história com a Libras?**
 - 13- Perfil do docente de Libras: quanto tempo trabalha como professor? Por que você quis ser um professor? O que te levou a querer ser professor? Você tem outros professores na sua família?**
 - 14- Na sua opinião, o que é ser professor no Brasil?**
 - 15- Como foi sua formação inicial? Que outras formações você teve após sua formação inicial? Você geralmente faz cursos? Quais? Por quê?**
 - 16- Paulo Freire fala que “quem ensina aprende e quem aprende ensina” você concorda? Você vê isso acontecer na sua vida? Como? Por quê?**
 - 17- Ensino de Libras – em que curso, universidade e/ou escola da educação básica você atua?**
 - 18- Como foi o início da sua atuação como professor de Libras? Como você começou?**

- 19- Você já atuou como professor (a) de outras disciplinas? Quais? Como foi? Para você, como foi antes e depois da Lei 10.436/2002 e do decreto 5.626/2005 (que torna possível o ensino de Libras)? De forma a Lei e o decreto mudaram sua realidade?**
- 20- Como seria a formação de professores e/ou instrutores de Libras sem o decreto e a legislação sobre Libras na educação?**
- 21- Você conheceu e já participou da luta da comunidade surda pelos direitos dos surdos? Como foi?**
- 22- Você enfrenta preconceito na sociedade? De que tipo? Como? Como você se sente?**
- 23- Você vê preconceito com outras pessoas surdas na sociedade brasileira? Que história você conhece?**
- 24- O que você faz para ajudar a mudar a sociedade em relação aos preconceitos?**
- 25- O que você acha da presença de professoras (es) surdas (os) na educação básica e superior? Você apoia a luta por professores surdos na educação básica e no ensino superior? Por quê?**
- 26- Sua família tem ouvintes? Como foi a relação de sua família com a Libras?**
- 27- O que você gostaria que fosse diferente na sua história (no passado) ou na sua realidade hoje?**
- 28- O que você espera que mude na história de pessoas surdas no futuro?**
- 29- Qual seu maior sonho hoje? Por que você tem esse sonho?**
- 30- Como você avalia a educação para surdas (os) no Brasil hoje?**
- 31- Você acha que sua história pessoal tem relação com política e sociedade no Brasil? Como? Por quê?**
- 32- O que você acha que a sua história como professor surdo ensina sobre ser professor no Brasil hoje?**
- 33- Como a pandemia afetou sua vida e sua profissão? A pandemia mudou algo em sua rotina de professor? Como?**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DE PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “*Histórias de vida de professoras/es surdas/os no Distrito Federal: implicações para a área de formação docente*” de responsabilidade de Lauana Cristina de Sousa Gadêlha, aluna do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Brasília (UnB), sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Mariana Rosa Mastrella-de-Andrade. O objetivo desta pesquisa é **discutir como as histórias de professores(as) surdos(as) em Brasília – que têm Libras como L1 – mostram lutas para ganhar espaço no uso da língua, na comunicação e interação e também na construção de suas identidades**. Assim, gostaria de consultá-lo/a sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com esse estudo.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo(a). Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários, gravação ou filmagem, ficarão sob a guarda da pesquisadora responsável pela pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de entrevistas filmadas em vídeo a respeito de suas histórias. Os instrumentos utilizados para coleta de dados serão. Sua participação na pesquisa não implica nenhum risco. Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone: (61) 994036060 ou pelo e-mail: lauanacristina@gmail.com

Esse documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o/a pesquisador/a responsável pela pesquisa e a outra com você. Você poderá escolher um nome fictício a ser usado na elaboração do texto da pesquisa, de forma a resguardar sua identidade.

Nome: _____

CPF: _____

Nome fictício a ser usado no lugar do seu nome real: _____

Concordo em participar da pesquisa

Assinatura do/da participante

Assinatura da pesquisadora

Brasília, ____ de _____ de _____

APÊNDICE

Como foi sua vida escolar na infância, adolescência e juventude?



© CanStockPhoto.com - csp7629560

Em que escolas já estudou? O que mais te marcou nessas escolas?



Na sua opinião, o que é uma boa escola para todos?
O que é uma boa escola para você e para a comunidade surda? Você encontra essa escola hoje?



Você teve um professor ou professora que te marcou? Como foi? Poderia contar um pouco de suas histórias sobre isso? O que você lembra?

Com que idade você começou a adquirir Libras? Como foi? Como você se sentia no início da sua aprendizagem? Você se lembra de algo que te marcou?

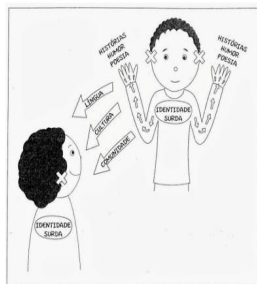


Você acha que a história de crianças surdas hoje no Brasil é diferente da sua história quando criança? Por quê? Como?



Você convive na comunidade de surdos? Como foi sua entrada e sua relação com essa comunidade?

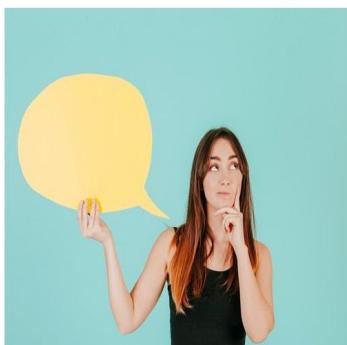
Na sua opinião, o que é a identidade surda?



Como você se sente em relação à identidade surda e à cultura surda?

Como foi sua aprendizagem do português? Com que idade iniciou? Como foi o processo?

Como foi sua aprendizagem do português? Com que idade iniciou? Como foi o processo?



Como a Libras chegou até você? Como foi sua história com a Libras?

Como você se vê em relação às línguas LIBRAS e Português? Qual a importância dessas línguas na sua vida?



Perfil do docente de LIBRAS: quanto tempo trabalha como professor? Por que você quis ser um professor? O que te levou a querer ser professor? Você tem outros professores na sua família?



ras



O que você acha da presença de professoras(es) surdas(os) na educação básica e superior?

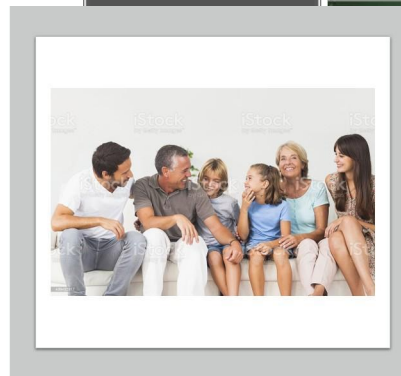
Você apóia a luta por vagas para professores surdos na educação básica e no Ensino superior? Por quê?




Para você, como foi antes e depois da Lei 10436/2002 e do Decreto 5626/2005 (que torna possível o ensino de Libras)? De que forma a Lei e o Decreto mudaram sua realidade?



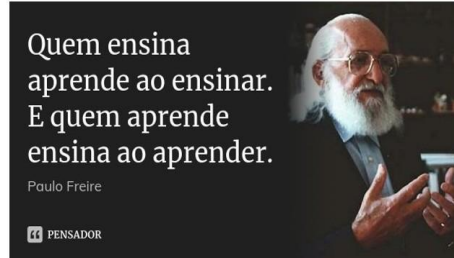
Sua família tem ouvintes? Como foi a relação de sua família com a Libras?



Como foi sua formação inicial?
 Que outras formações você teve após sua formação inicial?
 Você geralmente faz cursos? Quais?
 Por quê?



Paulo Freire fala que “quem ensina aprende e quem aprende ensina”. Você concorda? Você vê isso acontecer na sua vida? Como? Por quê?




Você conhece e já participou da luta da comunidade surda pelos direitos dos surdos?
 Como foi?




Você já atuou como professor(a) de outras disciplinas?
 Quais? Como foi?



Como foi o início da sua atuação como professor de Libras?
 Como você começou?



Você enfrenta preconceitos na sociedade?
 De que tipo?
 Como?
 Como você se sente?



Na sua opinião, o que é a identidade surda?



Como você se sente em relação à identidade surda e à cultura surda?



O que você gostaria que fosse diferente na sua história (no passado) ou na sua realidade hoje?


O que você espera que mude na história de pessoas surdas no futuro?




Qual seu maior sonho hoje? Por que você tem esse sonho?



Como você avalia a educação para surdas(os) no Brasil hoje?



Você vê preconceitos com outras pessoas surdas na sociedade brasileira? Que histórias você conhece?

Você acha que sua história pessoal tem relação com política e sociedade no Brasil? Como? Por quê?



O que você acha que a sua história como professor surdo ensina sobre ser professor no Brasil hoje?

